

BETH FLYNN

nove
minutos

Dea
editora



BETH FLYNN

nove
minutos

Copyright © BETH FLYNN, 2019
Copyright © 3DEA EDITORA, 2019

Título Original:
Nine Minutes
The Nine Minutes Trilogy, Book One

Editor	Patrícia Azevedo
Assistente Editorial	Jhenifer Barroca
Tradução	Carolina Caires
Revisão	Ana Duarte
Ilustrador	Rafael Nicolaevsky
Diagramação	Cris Spezzaferro
Imagem	

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos, e sobre eles não emitem opinião.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão expressa da Editora, na pessoa de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Todos os direitos reservados à 3DEA Editora.

www.3deaeditora.com.br
contato@3deaeditora.com.br

A Jim, minha alma gêmea e
eternamente melhor amigo.
Ele sempre acreditou,
mesmo quando eu não acreditava.



Prólogo

Verão de 2000

Eu nunca tinha assistido a uma execução antes. Bem, pelo menos não uma execução legal. Meu marido estava sentado à minha esquerda. Uma jornalista da Rolling Stone estava à minha direita.

A jornalista, Leslie Cowan, remexia-se com nervosismo, e eu olhei para ela. Tenho plena certeza de que aquela era a primeira execução de qualquer tipo para ela. A Rolling Stone estava preparando uma edição dedicada a motoqueiros tidos como celebridades. Eles acharam que seria interessante incluir uma história real de um líder de Motoclube naquela edição. A história de uma garota que tinha sido sequestrada por uma gangue de motoqueiros em 1975.

Essa garota era eu.

Os vestígios do acidente de Leslie três semanas antes ainda eram visíveis. Os pontos tinham sido tirados de sua testa, mas havia uma linha vermelha e fina no lugar do corte. Ela não estava mais parecendo um guaxinim, mas estava claro que ela havia ganhado dois olhos roxos recentemente. O inchaço do nariz havia desaparecido quase que por completo, e ela havia ido a um cirurgião dentista para substituir os dentes quebrados.

Assim que começamos a entrevista, ela me disse que queria que eu fosse totalmente sincera em relação à minha experiência com o homem que estava prestes a ser executado. Eu havia passado os últimos três meses com ela e não tinha escondido quase nada a respeito de meu relacionamento com ele. Aquele era para ser o clímax conclusivo da entrevista, uma chance de ela entender plenamente o lado real daquela experiência. De ver o desagradável juntamente com o resto.

Claro, a morte de um homem deveria ser mais do que apenas desagradável.

Tanto eu quanto Grizz, sabíamos que ele merecia o que estava levando. Foi estranho. Eu achava que saber disso e acreditar nisso tornariam as coisas um pouco mais fáceis, mas não foi assim. Pensei que sairia da execução dele emocionalmente ilesa, mas eu estava só me enganando.

Só porque eu não estava com ele havia quase quinze anos não significava que eu não tinha sentimentos por ele, que foi meu primeiro amor. Foi um amor real. Na verdade, ele era o pai biológico de minha primogênita, ainda que nunca fosse conhecê-la. Ele queria que fosse assim. E no fundo, no fundo, eu também.

A cortina se abriu e eu não prestei atenção em mais ninguém naquela pequena sala. Olhei pela janela de vidro ampla para uma maca vazia. Eu havia lido a respeito do que esperar em uma execução. Ele deveria estar preso à maca quando a cortina se abrisse, não é? Tenho certeza de que esse era o procedimento. Mas ele nunca foi alguém que obedecesse a regras. Fiquei me perguntando como ele tinha convencido a justiça a deixar de lado esse detalhe importante.

Sobressaltada, notei que alguém havia entrado naquela sala aparentemente esterilizada. Era ele, juntamente com dois policiais, o diretor e um médico. Sem padre nem pastor. Ele não queria nada disso.

Ele.

Seu nome era Jason William Talbot. Um nome que parecia normal. É engraçado. Eu o conhecia havia quase vinte e cinco anos e só quando ele foi preso, quinze anos antes, eu fiquei sabendo quais eram seus verdadeiros nome do meio e o sobrenome. Isto é, se eram verdadeiros mesmo. Ainda não tenho certeza.

Para mim, ele sempre foi Grizz. Uma forma mais curta de Grizzly, um apelido que havia recebido devido a seu tamanho e comportamento agressivo. Grizz era um homem enorme e imponente. Bonito de um jeito meio selvagem, com tatuagens cobrindo todo o seu corpo grande. Com suas mãos grandes, ele era capaz de amassar um pescoço sem fazer muito esforço. Eu sabia disso por experiência própria. Já tinha testemunhado o que aquelas mãos eram capazes de fazer. E não conseguia tirar os olhos delas agora.

Ele não tinha familiares. Só a mim. E eu não era a família dele.

Imediatamente senti quando ele me viu. Desviei o olhar de suas mãos e olhei dentro de seus olhos verdes impressionantes. Tentei analisar se guardavam alguma emoção, mas não soube dizer. Já fazia muito tempo. Ele sempre tinha sido bom nisso de esconder seus sentimentos. Antes, eu costumava entendê-lo. Mas não naquele dia.

Enquanto olhava para mim, ele ergueu as mãos algemadas e usou os dedos da mão direita para envolver o dedo anelar da mão esquerda. Então, olhou para as minhas mãos, mas não conseguiu vê-las, pois estavam em meu colo,

escondidas atrás da pessoa sentada à minha frente.

Eu deveria dar a ele o último consolo? Não queria magoar meu marido, mas, levando em consideração que eu era o motivo para a morte iminente de Grizz, senti o ímpeto familiar de uma obrigação muito antiga de confortá-lo naqueles últimos momentos. Ao mesmo tempo, sentia uma emoção desconfortável por ter algum controle sobre ele. Por ter a capacidade de ter o controle sobre alguma coisa, de ser quem tomaria a decisão, a empoderada. Uma vez na vida.

Talvez eu houvesse sido a empoderada o tempo todo.

Senti a mão de meu marido na minha coxa esquerda, logo acima do joelho. Ele a pressionou com delicadeza. Fui tomada por uma lembrança de quase vinte e cinco anos, de outra mão apertando minha perna. Mão está mais violenta, mais cruel. Eu me virei para olhar para meu marido e, apesar de ele estar olhando para a frente, percebeu meu olhar. Meneou a cabeça quase imperceptivelmente. Ele havia decidido por mim. Eu não tinha problemas com isso.

Tirei minha aliança de casamento grossa do dedo e levantei a mão esquerda para que Grizz pudesse vê-la. Ele esboçou um sorriso. Então, olhou para meu marido, meneou a cabeça uma vez, e disse:

— Vamos acabar logo com essa merda.

O agente penitenciário perguntou se ele tinha algo a dizer. Grizz respondeu:

— Acabei de falar.

Leslie havia notado a troca de olhares entre nós e perguntou, sem emitir som:

— O que foi?

Eu a ignorei. Aquela era uma parte da minha história que não entraria no artigo dela. Apesar de eu ter jurado que seria totalmente sincera, algumas coisas, por mais insignificantes que fossem, tinham que continuar sendo minhas. Aquela era uma delas.

Grizz não era um prisioneiro fácil, então os guardas encarregados dele eram bem grandes, assim como ele. Para a surpresa dos guardas, naquele dia ele não ofereceu resistência. Deitou-se olhando para o teto, enquanto suas algemas eram retiradas e ele era bem preso à maca. Ele não se retraiu quando o médico inseriu as seringas, uma em cada braço. Sua camisa estava desabotoada e havia monitores cardíacos grudados em seu peito. Eu me perguntava por que ele não lutava, me perguntava se ele tinha tomado algum sedativo. Mas não perguntaria

isso a ninguém.

Ele não olhou ao redor, nem de relance. Simplesmente fechou os olhos e morreu. Demorou nove minutos. Parece rápido. Menos de dez minutos. Mas para mim foi uma eternidade.

Uma senhora na primeira fileira começou a chorar baixinho. Disse à mulher sentada a seu lado:

— Ele nem pediu desculpas.

A mulher respondeu aos sussurros:

— É porque ele não se arrependeu.

O médico anunciou oficialmente que Grizz havia morrido à 00h19. Um dos guardas aproximou-se da ampla janela e fechou a cortina. Pronto.

Havia cerca de dez pessoas dentro da pequena sala, e assim que a cortina se fechou, quase todo mundo ficou de pé e saiu sem nada dizer. Eu ainda conseguia ouvir a senhora chorando, e sua amiga a abraçou e a levou em direção à porta.

Leslie olhou para mim e perguntou, um pouco alto demais:

— Você está bem, Ginny?

— Estou bem. — Não consegui olhar para ela. — Mas chega de perguntas por hoje.

— Sim, eu compreendo, claro. Só tenho mais algumas perguntas a fazer para finalizar a história. Vamos nos encontrar amanhã para conversar?

Meu marido pegou minha mão, permaneceu ao meu lado e disse a Leslie:

— Vai ter que esperar até chegarmos em casa. Pode nos telefonar para terminar as perguntas.

Senti as pernas bambas. Eu me sentei de novo.

Leslie começou a fazer uma objeção, mas notou a expressão no rosto de meu marido e não disse mais nada. Acabou sorrindo e falou:

— Claro, então até domingo. Boa viagem de volta.

Ela saiu da sala.

Meu marido e eu fomos os últimos ali. Eu me levantei para sair e não consegui me mexer. Caí nos braços dele, soluçando de tanto chorar. Ele me colocou no chão com gentileza e se sentou ali comigo, me abraçando. Permaneci nos braços dele, chorando, por muito tempo. Por muito, muito tempo.

Capítulo Um

Era 15 de maio de 1975. Uma quinta-feira típica. Um dia como qualquer outro, nada de extraordinário, nem remotamente emocionante. Mas seria o dia que mudaria minha vida para sempre.

Eu me levantei um pouco mais cedo do que o de costume naquela manhã e fiz algumas tarefas antes de ir para a escola. Eu não tinha que fazer as tarefas, mas eu estava acostumada a cuidar de mim, e havia certas coisas que eu queria fazer. Tomei um rápido café da manhã com torradas e um copo de suco de laranja, e depois enfiei meu material na pequena mochila. Não era bem uma mochila, era mais uma bolsa de pano grande com alças que eu podia passar pelos meus ombros e usar nas costas para ser fácil de levar. Parecia pequena, mas era muito espaçosa.

Naquela manhã, eu levaria dentro dela minha carteira de motorista e quatro dólares. Eu ainda não tinha idade suficiente para ter uma carteira de motorista oficial; tinha acabado de fazer quinze anos, três meses antes. Dentro da bolsa também estavam meus óculos de leitura, uma escova de cabelo, gloss com sabor de maçã, dois absorventes internos, uma cartela de anticoncepcional e dois livros da escola: geometria avançada e química. Eu tinha terminado minha lição de casa na noite anterior, dobrei os papéis ao meio e coloquei-os entre as páginas dos livros. Tudo de que eu precisava para minhas aulas eu deixava no meu armário na escola.

Eu usava uma calça jeans de cintura baixa justa com um cinto de macramê, uma blusa florida estilo camponesa e sandálias. Usava as mesmas bijuterias de todo dia: brincos de argola de prata e uma gargantilha de feltro marrom com um sinal de paz pendurado. Apesar de estarmos no sul da Flórida em maio, no auge da primavera, as manhãs ainda podiam ser um pouco frias, então eu usava um poncho vermelho e branco que Delia tricotara.

Naquela manhã, meu padrasto, Vince, havia me levado até o ponto de ônibus. Eu poderia ter ido andando, mas era longe, então pegava caronas com Vince sempre que podia. Ele teria me levado até a escola, mas não era caminho para ele, e eu não tinha nenhum problema com andar de ônibus.

Eu poderia ter pedido carona para Matthew, mas ele andava meio estranho. Matthew era um aluno do último ano para quem eu estava dando aulas,

e tínhamos nos tornado próximos. Nós não estávamos juntos, mas eu sabia que ele estava interessado em mim. Eu também estava me aproximando da família dele. Na verdade, eu passava mais tempo com eles do que com a minha própria família. Menos de uma semana atrás, ele havia me dado um beijo na hora de se despedir na varanda, mas agora ele estava me dizendo que não precisaria da minha ajuda com a matéria e não tinha tempo para ser meu amigo. Antes, ele sempre me oferecia carona até a escola. Não mais, acho. Porém, como eu disse, eu não tinha problemas com pegar o ônibus.

— Até mais, garota — , disse Vince quando eu saí da van meio velha.

— Até depois, Vince.

Aquele foi um dia normal na escola. Fui poupada do constrangimento de encontrar Matthew. Nós não fazíamos as mesmas aulas e não andávamos com a mesma turma, mas, ainda assim, teria sido bom perguntar a ele o porquê da interrupção abrupta de nossa amizade. Eu estava mais curiosa do que chateada. Sei lá, foi só um beijo de despedida.

Eu tinha feito toda a lição de casa quando o plantão terminou, e por isso eu poderia ir à biblioteca pública depois das aulas. Se eu tivesse lição de casa para fazer, teria ido direto para casa ou para o Smitty's. Porém, nos dias em que não tinha lição de casa, eu adorava ir à biblioteca do condado e mergulhar nos livros. Eu frequentava a biblioteca desde o ensino fundamental e fiz amizade com todos que trabalhavam lá. Eu só precisava pegar um ônibus diferente saindo da escola. Nós não podíamos trocar de ônibus sem uma autorização da escola, mas todos os motoristas me conheciam, e Delia tinha dado permissão no início do ano. Peguei o ônibus tantas vezes que eles pararam de pedir a autorização.

— Oi, Gin, pelo visto, não tem lição de casa hoje — disse a Sra. Rogers, a bibliotecária, quando entrei. Apenas sorri e acenei para ela ao me dirigir até o arquivo de cartões. Havia muito tempo que eu estava querendo procurar alguns livros sobre John Wilkes Booth. Estávamos estudando o assassinato do Presidente Lincoln na escola, e eu já havia devorado os livros da biblioteca de lá. Queria ver se a biblioteca local tinha mais alguma coisa a oferecer sobre o assunto. Eu estava com sorte.

Por volta das cinco horas já era hora de começar a arrumar as coisas, então levei meus três livros para o balcão para pegá-los emprestados.

— Precisa fazer uma ligação? — perguntou a Sra. Rogers.

— Sim, por favor — respondi. Eles estavam acostumados a me deixar usar o telefone para ligar para Delia ou Vince, para que um deles me desse carona para casa.

Vince devia estar atrasado com suas entregas e ainda não tinha voltado ao armazém. Deixei uma mensagem dizendo que precisava de uma carona para casa, que estava na biblioteca, mas que tentaria ligar para a Delia também. Fiz isso, mas ninguém atendeu onde ela trabalhava. Isso poderia significar algumas coisas: ela havia saído, estava conversando com um cliente e não queria atender o telefone, ou talvez ela estivesse no quarto dos fundos e não ouviu o telefone tocar. Bem, isso já tinha acontecido antes. Nada de mais.

— Tudo certo, Ginny? — perguntou a Sra. Rogers. — Não quero trancar a biblioteca e ir embora se você não tiver uma carona. Posso levá-la para casa.

Ela era um docinho. Sempre me oferecia carona quando me via esperando.

— Ah, sem problema, Sra. Rogers. Vou até a loja de conveniência para beber alguma coisa. Vince sabe que deve ir até lá se a biblioteca estiver fechada.

E foi o que fiz. Como tinha feito uma centena de vezes antes. Comprei um refrigerante e me sentei na frente da loja, encostada na entrada. Tomei meu refrigerante e me distraí tanto com um dos livros que mal notei quando uma moto barulhenta parou.

Só quando a pessoa desligou a moto e começou a andar na minha direção foi que eu percebi que alguém estava falando comigo. Ouvi uma risadinha e então: — Esse livro deve ser bom, para ter chamado tanto a sua atenção. Desde que desci da moto estou perguntando o que você está lendo, mas você nem me ouviu.

Eu olhei para a frente. Ele parecia um típico motoqueiro. Nem alto, nem baixo. Cabelo castanho desgrehado na altura dos ombros. Usava jeans, botas e uma camiseta branca por baixo da jaqueta de couro. Ele sorriu e eu retribuí, sorrindo também.

— História. Lincoln. — Isso foi tudo que eu disse. Eu não era de ficar paquerando e achei que não era preciso fazer nada além disso. Imediatamente voltei a ler o livro que estava apoiado em meus joelhos.

Minha reação deve ter bastado, porque ele não disse mais nada, só abriu a porta e entrou.

Saiu dali alguns minutos depois com uma Coca-Cola. Agachou-se ao meu lado e olhou para o livro que eu estava lendo enquanto bebia seu refrigerante. De repente, ele começou a puxar conversa sobre Abraham Lincoln e, mais especificamente, sobre Booth. Achei o que ele disse interessante, então fechei meu livro e me virei para dar a ele toda a minha atenção. Ele era legal e parecia ser gente boa — bem diferente do que eu esperava de um motoqueiro.

Depois de alguns minutos falando sobre John Wilkes Booth, a conversa se tornou pessoal, mas não ficou incômoda. Ele perguntou quantos anos eu tinha e pareceu bem chocado quando eu disse que tinha quinze. Ele me perguntou em que ano eu estava na escola, onde estudava, quais eram meus hobbies, coisas assim. Parecia mesmo interessado e até brincou:

— Bem, eu acho que vou ter que voltar em três anos, se eu quiser chamar você para sair ou algo assim.

Ai, meu Deus. Ele estava me paquerando. Os meninos da escola sempre davam em cima de mim. Eles diziam coisas como: “Gin, por que você não está nos jogos, torcendo? Você é tão bonita quanto as líderes de torcida”. Sempre me ofereciam carona para casa ou perguntavam se eu queria sair depois das aulas.

O garoto para quem eu estava dando aulas, Matthew, também parecia interessado em mim. Pelo menos até alguns dias atrás. Ele era um aluno do último ano, popular, e o astro *running back* do time de futebol americano da escola. Seu apelido era Rocket Man. Era bonito, doce e estava precisando de nota em duas disciplinas. Eu estava dando aulas de inglês e matemática para ele. A verdade era que eu gostava de garotos e Matthew estava me encantando. Eu gostei do nosso beijo. Mas eu não estava interessada em um namoro sério, muito menos em namorar alguém que entraria na faculdade no outono. Eu tinha muito a fazer antes de me envolver em um relacionamento.

Mas aquele era um homem que estava me paquerando, não um menino. E percebi que fiquei bem animada com o interesse dele em mim.

Infelizmente, eu não sabia como paquerar, então reabri meu livro e apenas fingi continuar lendo enquanto ele falava.

Quando terminou seu refrigerante, perguntou:

— E aí, o que você está fazendo sentada em frente à loja de conveniência? Está esperando alguém?

— Sim, meu padrasto deveria vir me pegar. Deve estar chegando.

Ele se levantou e olhou em volta.

— Bom, eu posso lhe dar uma carona para casa. Onde você mora?

— Ah, não precisa. Eu não quero que ele apareça e não me encontre. Ele ficaria preocupado.

Na real, isso não era verdade. Vince não me veria ali e pensaria que Delia havia me buscado, e simplesmente iria para casa.

— Você pode ligar para ele pra avisar que vai pegar uma carona. — Antes que eu pudesse responder, ele perguntou: — Você já andou de moto? Vai gostar. Eu piloto com cuidado. Vou bem devagar e deixo você usar meu

capacete.

Novamente eu não respondi, só fiquei olhando para ele.

Ele riu e disse:

— Não vou fazer nada para machucar você enquanto estiver na garupa. Sério, é só uma carona para casa. Se você não quer que eu saiba onde você mora, posso deixá-la em uma esquina perto de sua casa. Vamos lá. Deixe meu dia feliz.

— Por que não? — pensei, enquanto tentava adivinhar mentalmente a idade dele. Ele era mais velho que eu, mas eu não o considerava velho. Fechei o livro e me levantei.

— Bom, acho que tudo bem. Eu moro na Davie Boulevard, a oeste da I-95. Fica fora de mão para você?

— Não, tranquilo.

Ele jogou a Coca-Cola numa lata de lixo, voltou e segurou minha bolsa enquanto eu guardava meu livro da biblioteca. Ele fez algum comentário, dizendo que minha bolsa provavelmente era mais pesada do que eu. Caminhou em direção à moto e pegou seu capacete, que estava pendurado no guidão, e o entregou para mim. Coloquei minha bolsa nas costas, peguei o capacete da mão dele e o coloquei. Estava solto, então ele apertou a alça embaixo do meu queixo.

Ele passou a perna por cima da moto, ligou-a e apoiou os pés no chão. Percebi que ele estava em pé para que ficasse mais fácil que eu me acomodasse atrás dele, o que fiz sem problemas. Ele acelerou e eu senti um pouco de emoção por estar na garupa de uma motocicleta com um cara mais velho. Eu não era do tipo que me importava com esse tipo de coisa, mas por um ou dois segundos torci para encontrar algum conhecido naquele momento. Essa ideia pareceria bem profética muito tempo depois. Eu disse para ele me deixar no Smitty's Bar e perguntei se ele sabia onde o bar ficava, na Davie Boulevard. Ele balançou a cabeça, assentindo.

Acho que foi então que eu fui oficialmente sequestrada.

Nós começamos seguindo na direção que eu disse a ele. Em um sinal vermelho, ele se virou e perguntou se eu estava gostando do passeio. Eu fiz que sim com a cabeça, e ele disse, muito alto, que faria um caminho diferente para eu poder aproveitar mais, porém, ele pediu para eu não me preocupar, pois me levaria com segurança ao Smitty's. Eu não me preocupei. Nem um pouquinho. Eu estava me divertindo demais.

Só quando estávamos na State Road 84, seguindo na direção oeste, e perdemos a curva à direita para a US 441, eu senti a primeira onda de medo. Foi então que percebi que nem sabia o nome dele, e que, com toda a conversa fiada e

as perguntas que ele me fez no 7-Eleven, não perguntou o meu. Isso, de repente, me pareceu muito estranho.

Eu me recostei de modo a aproximar a boca da orelha dele e gritei:

— Ei, esse caminho é bem longo mesmo. Tenho que chegar logo em casa ou meus pais ficarão preocupados.

Ele fingiu que não me ouviu.

Eu voltei o corpo para o encosto da motocicleta. *Não entre em pânico, não entre em pânico, não entre em pânico.* Minha bolsa ainda estava nas minhas costas, e eu podia sentir os livros da biblioteca contra meu corpo através do tecido fino. Só então reparei na jaqueta dele pela primeira vez.

Tinha uma caveira com um sorriso sinistro e o que parecia ser algum tipo de chifre. Uma mulher nua, mas coberta, num desenho de bom gosto, espalhava-se de modo sedutor sobre o crânio. Tinha cabelos castanhos escuros com franja e grandes olhos castanhos. Quando olhei mais de perto, vi que ela usava uma gargantilha marrom com um símbolo da paz. Levei a mão ao pescoço. Era parecido com o meu. Antes que eu pudesse refletir sobre essa estranha coincidência, olhei mais para baixo. Horrorizada, notei o nome bordado em relevo embaixo do desenho mórbido.

Exército de Satanás.

Capítulo Dois

Eu logo descobriria que não passava de um presente de agradecimento, depois de um longo ritual de iniciação.

Sentei-me em uma frágil cadeira de jardim e observei o que me cercava. Eu agarrei minha bolsa junto ao meu peito enquanto tentava ajustar meus olhos sob a luz fraca. Havia uma fogueira e um círculo de pessoas bem diversas ao redor dela. Não lembro agora se não conseguia distinguir seus rostos à luz fraca ou se estava com medo demais para prestar atenção. Eu sabia onde estava, mas não tinha certeza do que fazer em relação àquilo. Comecei a rezar assim que percebi a gravidade da minha situação. Eu deveria ter me arriscado quando havia mais pessoas e carros por perto. Deveria ter me arriscado a saltar da motocicleta em movimento. Teria sido melhor do que o que estava enfrentando agora.

Lembro que comecei literalmente a tremer quando me dei conta de que estávamos seguindo para o oeste pela State Road 84.

Atualmente, a 84 está reformada e modernizada, mas, em 1975, era uma estrada de mão dupla de condições ruins. Hoje, é paralela a uma super rodovia, a I-595, que leva dos Everglades à praia em uma questão de minutos, com muito progresso pelo caminho — casas, escolas, shoppings e postos de gasolina. Em 1975, era a estrada para o inferno, famosa pelas batidas de frente. Quase não tinha pontos de parada, com exceção de um pequeno bar chamado Pete's.

Quando passamos pelo Pete's, senti a náusea subindo em meu estômago. Eu sabia que não havia nada além dali, exceto a entrada da estrada mortal chamada Alligator Alley, que ligava as duas costas da Flórida. Eu achava que a Reserva Indígena de Miccosukee ficasse perto dali, mas não fazia ideia de onde.

Estava escurecendo e não havia outros faróis à vista. Cerca de dez minutos depois de passar pelo Pete's, diminuímos a velocidade e entramos à direita em uma estrada de terra. Eu notei algumas luzes fracas pela primeira vez. Só um pouco além da estrada, e quase invisível devido ao mato alto, havia um antigo motel.

Era um daqueles pequenos motéis de quinze ou vinte quartos com velhas janelas venezianas. Tinha uma placa apagada que o identificava como o Glades Motel. Torci para que ainda estivesse em funcionamento. Um motel em funcionamento poderia ser algo bom. Alguém tinha que estar ali para administrá-lo. Poderia ser a minha chance de explicar que cometi um erro e pedir para usar

o telefone.

Eu acho que foi originalmente construído com a intenção de dar aos viajantes um lugar para parar no meio do nada, mas, por qualquer motivo, não progrediram. Quando entramos no estacionamento mal conservado, vi bombas velhas de gasolina à direita. Era óbvio que não estavam mais em uso. Alguns quartos estavam com as luzes acesas, mas o que parecia ser o escritório não mostrava sinais de vida.

Quando passamos pelas antigas bombas de gasolina, olhei para a esquerda e notei um grupo de pessoas entre nós e o motel. Eles estavam sentados ao redor de uma fogueira quase apagada, entre os velhos balanços enferrujados, escorregadores e um carrossel antigo. Parecia uma área de piquenique e um parque infantil que já tivera um passado mais feliz. Do outro lado do parquinho parecia haver uma área de piscina. Não dava para ter certeza, mas parecia não haver água nela.

Demos a volta à nossa esquerda, e notei cerca de seis ou sete motocicletas espalhadas na frente das unidades. Ele parou ao lado de uma delas e desligou o motor. Foi quando eu os ouvi.

Era uma mistura de risadas, xingamentos e o que parecia ser uma discussão entre duas mulheres. Eu pensei ter ouvido a canção “Magic Carpet Ride”, do Steppenwolf, vindo de algum lugar.

Ele apoiou os pés no chão e disse:

— Desça.

Eu apoiei o pé e desci da moto. Minhas pernas quase fraquejaram, provavelmente tanto pelo tempo passado ali quanto pelo medo, mas eu me controlei. Ajustei minha mochila e me endireitei. Achei que a melhor maneira de lidar com aquele momento seria mantendo a autoconfiança. Eu estava morrendo de medo, mas de maneira alguma deixaria transparecer isso. Ele esticou o pé de apoio da moto e desceu dela.

— Daqui a quanto tempo você pode me levar de volta? — perguntei. Até para mim mesma minha voz soava um pouco insolente demais.

Ele não respondeu. Olhou diretamente para mim e abriu um sorriso maldoso. Foi aquele o sorriso que vi no 7-Eleven? Não lembrava. Como era possível que eu não tivesse notado? Minha ficha caiu como uma bomba e eu me dei conta da situação.

Lembrei-me de uma vez quando Delia e Vince não estavam em casa e um de seus supostos amigos foi até lá. Ele me convenceu a deixá-lo entrar em casa para usar o telefone.

— Você pode confiar em mim, querida. Sou amigo de Vinny, seu padrasto.

Isso deveria ter me deixado em alerta. Ninguém chamava o Vince pelo apelido de Vinny. Eu abri a trava e enquanto o levava para a cozinha, onde nosso único telefone ficava pendurado na parede, ele me agarrou por trás pelos cabelos, e me jogou no chão de linóleo rachado. Foi quando eu soube o que era sentir medo de verdade. Senti um calor subir lentamente pela minha espinha.

Antes que qualquer coisa pudesse acontecer, ouvimos batidas fortes na porta da frente. Era o nosso vizinho, Guido. Esse era o nome verdadeiro dele. Bem, era o que ele dizia ser seu nome. Vince estava convencido de que Guido era um mafioso no Programa de Proteção a Testemunhas. Ele não se encaixava em nossa vizinhança de jeito nenhum. Era um valentão, e naquele momento estava reclamando porque o amigo de Vince havia estacionado em seu gramado.

Era o que Guido fazia. Ficava sentado na varanda da frente esperando que alguém fizesse algo errado para que ele pudesse se afirmar. Normalmente, eu não gostava de Guido, mas, naquele momento, sua boca grande e o sotaque pesado de Nova York soaram como música para os meus ouvidos.

O homem misterioso, que não disse como se chamava, tinha me virado de frente e estava sentado sobre mim com uma mão tampando minha boca e a outra segurando minhas duas mãos sobre a minha cabeça. Ele gritava para Guido ir embora, dizendo que tiraria sua caminhonete dali quando bem quisesse. Foi só quando Guido ameaçou chamar a polícia que o homem soltou minhas mãos e saiu de cima de mim com um movimento rápido.

Ele me disse que se eu contasse a alguém o que tinha acontecido, ele voltaria e terminaria o que começou. Eu disse a ele que seria o nosso segredo. Eu não diria nada. Eu não estava ferida. Não tinha sofrido nenhum dano. Eu não diria nada a ninguém. Ele podia confiar em mim.

Eu disse. Assim que Delia e Vince chegaram em casa, contei a eles o acontecido e eles chamaram a polícia. Depois que descrevi o homem e Guido descreveu sua caminhonete, Vince soube quem era. Um vagabundo sem-vergonha chamado Johnny Tillman, que costumava frequentar o bar local onde meus pais iam com frequência, o Smitty's Bar, na Davie Boulevard. Ele não era amigo de Vince, mas os dois já tinham conversado bastante, por isso Vince sabia seu nome. Eu não fazia ideia de como ele me conhecia. Eu nunca o tinha visto antes, mas talvez ele já tivesse me visto. Quando eu não conseguia pegar carona com meus amigos, às vezes andava do ponto de ônibus da escola até o Smitty's para esperar que Delia ou Vince me dessem uma carona para casa. Eles

passavam ali para tomar uma cerveja quase todos os dias. A dona era uma senhora bem legal. Eu me sentava no canto e fazia a lição de casa, e ela me dava um refrigerante de laranja e batatas fritas por conta da casa.

Naquele momento, parada no meio do nada, ao som de Steppenwolf e o motoqueiro ainda sorrindo com malícia, eu estava tão paralisada de medo que nem conseguia lembrar o nome da mulher. Mas uma coisa de que eu gostaria de poder esquecer foi um comentário de Delia depois daquele incidente: "Como alguém tão inteligente como você pôde fazer algo tão idiota?"

Naquela época, eu tentei me explicar de modo racional: "Mas Delia, ele conhecia Vince." Eu até tentei me convencer de que o homem parecia familiar. Mas era mentira. Ela estava certa. Foi a coisa mais idiota que eu já tinha feito na minha vida.

Até uma hora atrás.

Naquele momento, eu só conseguia pensar: "Você está sozinha, garota. Não tem Guido aqui desta vez."

O sujeito da moto me agarrou pelo braço e me puxou para a frente.

— Vamos lá, hora de conhecer sua nova família.

Família? Eu estava muito chocada para tentar decifrar o que ele quis dizer com aquilo. Nós caminhamos em direção ao grupo de pessoas que estavam sentadas ao redor de uma fogueira, com o barulho do início desaparecendo aos poucos. Quando nos aproximamos deles, ouvi um assobio longo e baixo e comentários vindo de todas as direções.

— Opa, olha o que Monstro trouxe para nós.

— Ei, Monstro, achei que você gostasse de loiras peitudas.

— Essa vai render uma boa grana. Vai ajudar a pagar as contas.

Então uma voz feminina estridente disse, sibilando:

— Não sei onde você está com a cabeça para trazer esse lixo aqui.

Uma voz masculina muito articulada retrucou:

— Qual é o problema, Willow? Está com medo de o Grizz ficar interessado? Todo mundo sabe que ele gosta de morenas, e eu tenho certeza de que ele já se cansou de você.

— Vá se foder, Fess, e fodam-se sua mãe e seu pai também. Ela é muito magricela para Grizz, e feia também.

Bom, que eles pensassem que sou magricela e feia. Qualquer coisa para escapar daqui.

Uma voz masculina grave acrescentou:

— Não, ela não é nada disso, Willow. Mas não se preocupe, querida.

Você está com o Grizz há dois anos. Ele nunca durou tanto tempo com uma mulher. Eu acho que é amor o que existe entre vocês.

Aquilo pareceu aplacar Willow. A conversa era tão rápida entre as pessoas, e o local era tão escuro que eu não conseguia relacionar vozes e rostos. Meu captor meio que me jogou em uma cadeira velha de jardim no meio do grupo, e se sentou ao meu lado. Eu me inclinei para a frente, tirei a mochila das costas e coloquei-a no colo. Percebi que não estava usando meu poncho e o pensamento mais ridículo surgiu na minha cabeça: pelo menos meu poncho estava são e salvo na biblioteca. Abracei a mochila e comecei a olhar ao meu redor, avaliando o meu entorno.

Foi quando meu captor perguntou:

— Onde está o Grizz?

Monstro. Acho que alguém o chamou assim, Monstro. Deus, me ajude!

— Ele está aqui, em algum lugar. Acabou de entrar para fazer uma ligação, eu acho — alguém respondeu.

— Por quê? Para que você precisa do Grizz? — perguntou Willow.

Monstro se inclinou para a frente na cadeira, como se quisesse ser bem enfático.

— Bom, cadela — disse ele. — Eu quero mostrar a Grizz minha gratidão por me deixar ser um membro. Sabe como é, tipo um presente de agradecimento. E isso aqui é um presente — disse, acenando com a mão na frente do meu rosto.

Eu me sentia como um prêmio em algum show de prêmios brega, e Monstro era o modelo que exibia as mercadorias. Mas claro que eu estava mais longe do que nunca de qualquer palco na Califórnia naquele momento.

— Quem é o presente? Ela? — perguntou Willow, rindo.

Meus olhos já tinham se acostumado um pouco com a pouca luz e finalmente vi a fonte da voz irritantemente estridente. Willow escolheu esse momento para se levantar e apontar para mim, iluminada pela luz da fogueira. Ela era pequena. Eu não conseguia adivinhar sua idade, mas provavelmente era mais nova do que parecia. Ela tinha cabelos loiros, que estavam soltos e emolduravam seu rosto. Não havia nada de especial naquele rosto, embora eu achasse que talvez ela já tivesse sido muito bonita no passado. Tinha maquiagem escura e borrada sob os olhos. As sobrancelhas eram finas como traços feitos a lápis, e excessivamente arqueadas, o que intensificava sua aparência sinistra. Mas ela provavelmente não precisava de sobrancelhas expressivas para conseguir esse efeito. Uma vida difícil, provavelmente incluindo vício em drogas, a havia envelhecido. Mesmo na penumbra eu consegui ver vestígios de

leves cicatrizes de acne, e as maçãs de seu rosto eram meio proeminentes demais, e se destacavam em um nítido contraste com o rosto magro, que em algum momento já deveria ter sido mais cheio. Ela estava usando uma blusa roxa e um jeans surrado que marcavam seu quadril ossudo. E ela disse que eu era magricela? Ela tinha várias pulseiras de macramê e miçangas nos dois braços. Quase todas as partes visíveis de seu corpo eram cobertas por tatuagens, com exceção do rosto e das mãos. Eu olhei para baixo e vi que ela estava descalça. Seus pés e as unhas de seus pés estavam imundos.

Ela era a mulher de Grizz? Quem quer que fosse o tal Grizz, fiquei pensando se ele curtia pés sujos.

— Sim, ela, Willow. Eu a vi sentada no 7-Eleven e pensei que ela se parecia com a garota da nossa jaqueta. Então eu vi a maldita gargantilha e me liguei que tinha de trazê-la para o Grizz. Tem algum problema com isso?

— Claro que tenho, cacete! Ele não vai querer ficar com ela e você, idiota, não deveria tê-la trazido aqui.

— Bem, por que não deixamos o Grizz decidir?

— Deixar o Grizz decidir o quê?

Eu estava tão ocupada ouvindo a conversa entre Willow e o Monstro que não notei o homem grande se aproximando. Assustada, virei a cabeça para a esquerda e dei de cara com o zíper de uma calça jeans azul. Lentamente olhei para cima e fiquei sem ar.

Eu pensei que Monstro e seu sorriso maligno eram de dar medo. O homem que estava ao meu lado não só era grande e assustador na aparência, mas eu sentia sua energia intensa e agressiva fortes como a luz de um farol. Ele era uma pessoa de autoridade. Era uma pessoa com quem não se deveria brincar.

Aquele era o Grizz.

Ele foi o motivo pelo qual fui sequestrada e eu temia que agora pertencesse a ele.

Naquele momento, minha mente ficou muito confusa. Lembro-me de ter ouvido trechos de conversas sobre o motivo de eu estar ali. Aparentemente, Monstro, o mais novo membro do grupo ou da gangue, ou o que quer que fosse, acabara de terminar um ritual de iniciação. Aquela parte final não era obrigatória, e pelo que fiquei sabendo depois, raramente era realizada: sequestrar alguém para ser apresentado ao líder como um presente de agradecimento, para fazer o que quisessem com a pessoa.

Eu era o presente de agradecimento. Pensando bem, a jaqueta de couro de Monstro parecia novinha em folha. Ele não teria como estar naquele grupo há

muito tempo.

Só então meus olhos alcançaram Grizz, e ele estava olhando para mim. Eu não consegui entender sua expressão. Ele não tinha uma beleza clássica, mas também não era feio. Era robusto, forte. Mesmo na semiescuridão, pude ver que ele tinha olhos atraentes. Estava vestindo uma camiseta cujas mangas tinham sido cortadas. Ele era musculoso e coberto de tatuagens. Seu cabelo parecia louro escuro ou talvez castanho claro, um pouco comprido e despenteado. Eu não consegui adivinhar a idade dele. Para alguém com tal autoridade, ele devia ser mais velho do que parecia. Mas eu não sabia dizer.

A luz fraca e meu próprio medo me deixaram totalmente sem razão e sem clareza. De repente eu não conseguia pensar nem sentir nada. Estava entorpecida.

Ele não sorriu. Não franziu o cenho. Só ficou olhando para mim com aqueles olhos. A voz de Willow quebrou o feitiço.

— O babaca idiota aqui acha que você vai querer esse pedaço de merda, Grizz. Eu disse a ele que você não ia gostar dela. Certo, baby? Você não quer saber dela. Os caras podem ficar com ela, né? Se ela é um presente para você, você pode fazer o que quiser com ela, como entregá-la aos outros. Certo, baby? E ele deveria saber que não deve trazer ninguém aqui. Você vai acabar com ele, não vai, amor?

Ele olhou para a frente e para Willow sem dizer nada. Eu vi o rosto dela e notei ali um olhar suplicante. Ela não tirava os olhos dele. Apenas olhava para ele com aquela expressão de alguém que sabe que acabou de perder.

Então ela descontou sua raiva em mim. Ela pulou em cima de mim com as mãos estendidas. Pulou em meu pescoço.

Antes que ela me alcançasse, Grizz a segurou pela garganta e a ergueu do chão com uma mão. Ele a manteve suspensa, e ela não parava de chutar o ar com os pés. Ela segurou a mão dele com suas duas mãos e tentava soltar os dedos dele. E emitia sons parecidos com gargarejos. Sem dizer nada, ele a jogou, e ela caiu em uma das cadeiras de jardim meio bamba, destruindo-a na queda.

Alguém se levantou do grupo e foi até ela. Eu reconheci a voz grave de antes.

— Vai ficar tudo bem, Willow, querida. Ele vai brincar com ela alguns dias e voltar para sua cama antes que o fim de semana acabe. — O homem tentou ajudá-la, mas ela o afastou.

— Cala a boca, Froggy, cacete! — gritou Willow. — Você não sabe de nada. Eu deveria me sentir melhor sabendo que meu homem está dormindo com

aquele pedaço de lixo branco? Me deixe em paz. Pare de me tocar! Eu consigo me levantar sozinha.

Ela se levantou e se afastou. Ergueu o nariz como uma rainha e começou a andar em direção ao motel.

— Estarei em nosso quarto, Grizz, querido, esperando por você, amor. Volte para casa quando terminar e eu lhe mostrarei como uma mulher de verdade se sente embaixo de você.

Eu a observei caminhar até o motel, abrir uma das portas e entrar. Olhei para o cara de novo, e ele estava olhando para mim. Sem tirar os olhos dos meus, ele disse:

— Moe, leve-a para o número quatro. Acomode-a. Fique com ela.

Levar quem? A mim?

Uma pessoa minúscula se levantou do chão. Ela estava sentada perto do fogo e ficou olhando para ele o tempo todo. No começo, eu pensei que ela fosse um menino. Eu me lembro de pensar que, se eles tinham crianças aqui, então não poderia ser tão ruim. Mas a esperança havia desaparecido. Ela tinha cabelos curtos e pretos. Vestia uma camiseta do Black Sabbath, jeans pretos e coturnos. Quando ela se levantou e caminhou em nossa direção, pude ver que ela tinha usado uma maquiagem preta bem carregada nos olhos. Ela provavelmente tinha um rosto bonito sob toda aquela maquiagem. Já adulta, eu via garotas jovens maquiadas durante a onda gótica, e eu achava que nenhuma delas ganhava de Moe. A autêntica garota gótica.

Sem dizer uma palavra, ela se aproximou de mim e só ficou ali, parada. Ela não olhou em meus olhos, mas sim para o chão. Eu olhei para a minha direita, onde o Monstro estava sentado. Ele nem olhava para mim. Em algum momento durante os últimos dez minutos (ou será que uma hora havia se passado?), ele pegou uma cerveja e ficou sentado ali, bebendo. À sua direita estava o homem chamado Froggy, aquele que tentou ajudar Willow. Ele estava olhando para a cadeira de jardim quebrada. Talvez estivesse tentando ver se poderia consertá-la. Não me lembro de mais ninguém, embora saiba que estavam todos lá naquela noite. Sentados ao redor da fogueira, observando, esperando, obedecendo.

Levantei-me e Moe caminhou lentamente em direção ao motel. Segurei minha bolsa junto ao meu peito e olhei para a frente enquanto a seguia. Sem me virar, soube com certeza que aqueles olhos hipnotizantes me vigiariam até eu entrar e a porta do quarto de número quatro se fechar.

Capítulo Três

Eu segui Moe quando ela se aproximou da unidade com o número quatro desbotado na porta. Havia um aparelho de ar-condicionado barulhento que fazia sons semelhantes aos de pessoas tossindo e espirrando. Pelo menos estaria mais fresco lá dentro. Eu não tinha percebido, mas tinha sido comida viva por pernilongos.

Quando nos aproximamos da porta, notei dois enormes cães pretos pela primeira vez. Eles estavam deitados na calçada, um de cada lado da porta, e levantaram a cabeça com curiosidade enquanto passávamos por eles. Quando concluíram que não éramos uma ameaça, voltaram a cochilar. Eu não sabia disso naquele momento, mas aquelas duas criaturas se tornariam meus carcereiros e, por fim, meus protetores. Eles eram Rottweilers pretos e grandes chamados Damien e Lúcifer.

Eu fazia uma ideia de como era o interior do quarto quatro, mas estava totalmente enganada. Foi como entrar em um outro mundo. Onde pensei que veria uma cama velha caindo aos pedaços, carpete gasto, móveis antigos e cheiro de mofo, encontrei uma habitação totalmente moderna. Pareciam dois quartos separados por uma cozinha pequena. Era limpo, fresco e decorado com bom gosto. Seria possível que eu estivesse sonhando?

Aparentemente, duas unidades, talvez até três, foram reformadas para oferecer ao ocupante um pouco de conforto. Eu não tive que adivinhar quem era aquele ocupante.

A primeira coisa em que pensei foi procurar um telefone, mas Moe deve ter lido minha mente. Nós duas vimos o telefone no balcão da cozinha e nos entreolhamos ao mesmo tempo. Ela apenas balançou a cabeça lentamente. Eu a analisei. Ela era pequena. Eu também não era muito grande, mas era forte e tinha certeza de que poderia derrubá-la se fosse necessário. Deixaria isso para mais tarde, se precisasse. Decidi tentar fazer amizade. Ganhar a simpatia dela. Fazer com que sentisse pena de mim. Com que quisesse me ajudar.

— Uau! É muito legal aqui. Todos os quartos são tão bonitos assim?

Ela não me respondeu, mas olhou para mim como se dissesse: "Você está brincando?"

Eu me sentei na beirada do pequeno sofá. Ela sentou-se na beirada de uma poltrona reclinável e ficou olhando para mim.

— Então você deve me acomodar? O que exatamente isso implica?

Nenhuma resposta. Ela se levantou e caminhou até a pequena área da cozinha. Abriu a geladeira e pegou uma lata de refrigerante. Abriu o lacre, veio andando e a entregou a mim. Agradei e a coloquei-a na mesinha de centro sem tomar nem um gole. Pensando bem, minha boca estava muito seca. Provavelmente seria bom beber um pouco. Então, tomei um gole da minha bebida.

Acho que ela notou que eu estava coçando as picadas de pernilongo, porque ela se levantou de novo, atravessou a cozinha até o que eu acreditava ser uma suíte. Ela voltou rapidamente e, sem dizer nada, me entregou um frasco de antisséptico e um chumaço de algodão. Meneou a cabeça, indicando meus braços, e percebi que ela estava tentando oferecer algum tipo de conforto para as picadas. A primeira coisa em que pensei foi: “Certo, então ela não é uma pessoa horrível. Só uma boa pessoa ficaria preocupada com algumas picadas de pernilongo.” Acho que nunca me passou pela cabeça que ela estava sendo legal porque enfrentaria um inferno se não o fosse.

Eu continuei com a conversa fiada enquanto cuidava das picadas com o algodão embebido em remédio. Moe ainda se recusava a me responder, por mais que eu tentasse envolvê-la na conversa. Eu nunca vi alguém tão leal ao seu líder. Devia haver alguma regra tácita de não confraternizar com os prisioneiros.

Minha nossa, eu não tinha pensado nessa palavra antes, mas era exatamente isso que eu era: uma prisioneira. Presa contra a minha vontade. Eu tinha que chegar àquele telefone. Tinha um plano. Não era bom, mas se eu agisse de forma casual o bastante, talvez conseguisse. Quem sabe? Talvez eu não seja realmente uma prisioneira, pensei comigo mesma. Talvez eu esteja exagerando. Aquilo não estava acontecendo de verdade. Era o tipo de coisa que vemos nos filmes.

Eu bebi meu refrigerante. Quando a lata estava quase vazia, levantei-me de um jeito casual e disse:

— Tudo pronto, obrigado. A lata de lixo está na cozinha? — Sem esperar pela resposta, caminhei até a pequena área, fingindo procurar o lixo. Fui até a pia e comecei a derramar o pouco de refrigerante que ainda havia na lata. Com a mão esquerda, peguei casualmente o telefone no balcão. Antes que eu pudesse tirá-lo do receptor, eu percebi que ela estava atrás de mim. Parei na hora. Uma mão no telefone, outra ainda suspensa, com a lata de refrigerante, acima da pia. A minúscula e silenciosa Moe segurava uma faca contra meu pescoço.

— Calma, Moe, não há necessidade disso. Eu só queria fazer uma

ligação. Contar a meus pais onde estou. Eles vão ficar preocupados e tudo mais.

Ela afastou a faca, eu me virei e vi que ela estava olhando para mim com a mesma cara de quando perguntei se todos os quartos eram tão bonitos como aquele. Não, a pequena e despretensiosa Moe não era boba. Ela era pequena e calada, mas sabia o que eu queria fazer. Droga, talvez ela já tivesse passado pelo que eu estava passando, mas alguns anos atrás. Eu não sabia.

Pedi desculpas, gaguejando.

— Só estou assustada. Eu não sei o que vai acontecer comigo. Você sabe? Por que você não diz nada pra mim? Se pudesse me dizer o que está acontecendo ou o que posso esperar, acho que eu poderia lidar melhor com isso.

Ela era mais baixa do que eu, mas estávamos tão próximas que consegui dar uma boa olhada em seu rosto. Ela tinha lindos olhos, mesmo com toda a maquiagem, e eu percebi que sua pele era bonita. Eu não a tinha visto sorrir ainda, então não pude comentar sobre seus dentes.

Ela não demonstrou nenhuma emoção enquanto olhava para mim. Fiquei desnorteada. Eu estava sozinha. Aquela amiga em potencial não era uma amiga. Ela estava fazendo seu trabalho.

Ela abriu a boca ligeiramente, como se fosse dizer alguma coisa. Até que enfim, talvez uma resposta. Uma palavra de conforto. Qualquer coisa.

Foi então que percebi que Moe não tinha língua.

Capítulo Quatro

Pela primeira vez na vida, pronunciei uma palavra que nunca havia dito: — Mamãe! — Eu queria minha mãe.

Eu nasci no Dia dos Namorados de 1960. Minha mãe me deu o nome Guinevere Love Lemon. Sim, esse era meu nome verdadeiro. Para entender como eu consegui esse nome, você teria que entender minha mãe hippie, irremediavelmente romântica, Delia. E antes de pensar em julgá-la por me dar um nome tão ridículo, saiba que meu nome é o que acabaria levando à queda do Exército de Satanás.

Delia Lemon ficou grávida de mim enquanto morava em uma comuna e nunca se importou em tentar identificar meu pai. Ela conheceu meu padrasto, Vince, em um protesto contra a guerra quando eu tinha cerca de seis anos de idade, e eles se casaram três anos depois, em Woodstock. Ah, sim, eu fui a Woodstock. Eu digo que eles eram casados, mas não sei se era uma união legal. Ela continuou a usar seu próprio sobrenome, Lemon.

Ela era muito legal para ser mãe, então eu cresci chamando-a de Delia. Delia Lemon era uma figura. Eu gosto de compará-la com a mãe da música de Jeannie C. Riley, “Harper Valley PTA”. Você conhece a música – a Associação de Pais e Mestres envia um bilhete para a mãe da menininha dizendo que eles não concordam com o jeito como ela estava criando sua filha. A mãe vai à próxima reunião de pais e mestres e basicamente dá uma lição em todo mundo.

O problema com essa comparação é que eu acho que a mãe da música se importava mais com sua filha e com sua reputação do que Delia se importava comigo. Delia não era uma pessoa má. Só era indiferente às regras. Ela realmente não se importava com o que as pessoas pensavam. Ela era paz e amor. E só seguia a onda.

Ainda me lembro do horror da minha professora da primeira série quando ela descobriu que eu não chamava a minha mãe de “mamãe”. Eu a chamava pelo primeiro nome. Sempre fiz isso. Lembro que uma vez perguntei a Delia quem era minha mãe, porque todas as minhas amigas tinham mães, e ela deu uma risada, explicando que não acreditava em rótulos. Eu era pequena demais para entender o que isso significava.

Delia trabalhava em uma loja de produtos naturais antes de as lojas de

produtos naturais se tornarem populares. Ela cultivava suas próprias ervas e sua própria maconha. Acolhia animais de rua. Nunca usava sutiã e seu guarda-roupa era formado por tops, blusinhas tomara-que-caia e saias longas e onduladas com cós elásticos. Ela andava descalça sempre que podia. Ela tinha cabelos loiros escuros repartidos ao meio, que ela sempre prendia em duas tranças que quase chegavam à cintura.

Ela cuidava para que eu sempre estivesse alimentada e sempre tivesse roupas limpas para usar na escola. Bem, na maior parte do tempo. Amassadas, mas limpas. Assim era a maternidade para ela.

Nossa casa era cheia de plantas penduradas em cabides de macramê elaborados e feitos em casa. Velas perfumadas e incenso estavam sempre acesos. Apesar de trabalhar em uma loja de alimentos saudáveis, Delia fumava um maço de cigarros por dia até que Vince finalmente a convenceu a parar. Eu costumava acender as velas para encobrir o cheiro. Mais tarde, tornou-se um hábito que continuei tendo por muito tempo depois de ela largar o cigarro.

Vince fazia entrega de cerveja com um caminhão. Ele tinha o mesmo trabalho desde que eu me entendia por gente. Ele era um cara legal. Eu não posso dizer nada de ruim sobre o Vince.

Delia e Vince nunca bateram em mim nem me agrediram. Não me lembro de eles gritarem comigo ou de me punirem. Eles simplesmente não se importavam o suficiente. Eu não fui amada nem amparada emocionalmente.

Eu acho que, na maior parte do tempo, eles me ignoravam. Não tenho lembranças de Delia ou Vince me ajudando com o dever de casa. Não me lembro de eles participarem de nenhum concurso escolar ou de serem voluntários para arrecadar fundos. Lembro-me de que sempre cuidei de mim mesma, desde pequena. Ainda me lembro de subir e ficar em pé em uma cadeira de cozinha para poder alcançar o fogão para ferver a água e fazer macarrão com queijo. Aquela era uma das coisas de que eu mais gostava de fazer. Infelizmente, comi refeições demais do mesmo tipo, e até hoje não suporto macarrão com queijo, sopa de tomate ou qualquer tipo de mistura de bebida com sabor de cereja.

A propósito, Vince e Delia eram muito alcoólatras. Ainda bem que eles não faziam maldades quando bebiam. Esperá-los no Smitty's Bar depois da escola parecia normal para mim na época. Era a rotina. Isso acontecia quando Fort Lauderdale parecia ser menor e as pessoas conheciam umas às outras. Foi onde eu cresci. Fort Lauderdale, na Flórida.

Quando eu estava na escola, eu era o que as pessoas chamavam de criança “largada”. Eu voltava andando para casa, todos os dias, da Escola

Elementar Parkland. Entrava em casa e trancava a porta. Delia nem mesmo pedia para que eu telefonasse para dizer que tinha chegado bem em casa.

Eu ficava na minha, mas nunca solitária, e era uma excelente aluna. Eu me enterrava nos meus livros. Demonstrava um grande talento para lidar com números. Eu amava números. Ainda os amo. Amo que eles nunca mentem. Sempre se encaixam. Há sempre uma constante.

Aos treze anos, eu já tinha assumido completamente as finanças da família. Acredite ou não, tanto Delia quanto Vince recebiam o salário, guardavam o que queriam e me davam o resto. Eu ia de bicicleta amarela de dez marchas para o banco da região toda semana para fazer um depósito. Pagava todas as contas, forjando a assinatura de Delia nos cheques. Eu me deliciava com a sensação de fazer parte de algo. Eu gostava de bancar a diretora financeira da nossa pequena família.

Eu também me sentia muito importante quando Vince me pedia: “Ei, Gwinny, minhas botas estão gastas. Acha que pode me dar vinte dólares para eu comprar um par novo? Você vai ter o suficiente para pagar as contas?”

Era um empoderamento pequeno, mas era melhor do que nada, e o fato de eu estar gerenciando um orçamento familiar me dava confiança e um senso de importância. Eu importava para esta família. Nunca tinha me sentido assim antes.

Eu era Gwinny quando eles estavam bebendo, o que acontecia na maior parte do tempo. Mas, quando eu tinha dez anos, comecei a insistir que, em vez de Gwinny, queria que me chamassem de Ginny. Eu senti que Gwinny era mais adequado para um dos gatinhos perdidos que Delia adotou. Era um nome de bebê e eu não gostava dele.

Por fim, Ginny acabou virando Gin. Sim, Gin, assim como a bebida. Algumas coisas são simplesmente irônicas, não?

Capítulo Cinco

Moe sorriu. Eu não sabia dizer se ela estava se divertindo por eu ter notado que ela não tinha língua, ou se estava envergonhada por isso. Só então a porta se abriu e o homem a quem chamavam de Grizz entrou.

Meu primeiro instinto foi bombardeá-lo com perguntas, mas algo me impediu. Eu não tinha nenhuma experiência com homens, mas minha voz interior estava me dizendo para manter a boca fechada. Eu me perguntei se era por isso que Moe não tinha língua; será que ela havia dito algo errado e teve a língua cortada ou tinha nascido assim? Por mais que tentasse, eu não conseguia me lembrar de ter ouvido falar de alguém que tivesse nascido sem língua.

Sem dizer nada, Grizz foi até a pequena mesa de centro e pegou minha mochila. Ele a virou de ponta cabeça e a esvaziou no sofá. Os pesados livros da biblioteca pousaram em cima de todo o resto, então ele os jogou de lado e pegou minhas pílulas anticoncepcionais, que ele também jogou de lado. Em seguida, passou a mão sobre o resto das coisas. Quando seus dedos roçaram um dos dois absorventes íntimos, eu disse, com a voz atipicamente aguda:

— Estou menstruada. E só tomo pílula porque tenho cólicas fortes. Eles não são para evitar gravidez.

Pronto. Logo expus essas coisas, mas na verdade, eu não tinha certeza se elas me ajudariam ou me prejudicariam. Quem ia querer estuprar uma garota menstruada? Eu não tinha ideia do que motivava um estuprador. Ou, neste caso, o que poderia deter um estuprador. E, segundo, eu tentei dizer que tomava pílula por causa de cólicas menstruais. Era verdade. Eu não era sexualmente ativa. Mas e se ele quisesse uma virgem? Eu não tinha ideia de como agir.

Ele não disse nada, mas pegou minha carteira. Abriu e viu a minha carteira de motorista na Flórida.

— Guinevere Love Lemon? — perguntou, com um sorriso.

— Gin. Eu atendo por Gin — respondi.

Ele não olhou para mim.

— Você nunca mais voltará a usar esse nome. Entendeu? Você não dirá seu nome a ninguém. Nunca. Está claro?

Eu não respondi, e então ele olhou para mim. Eu assenti, concordando, mas não deixaria a chance passar. No fundo, eu era muito desafiadora. Só porque

eu estava indo com calma por estar com medo de meu destino não significava que eu estava de boa com a minha situação. Não queria expor meu lado desafiador, mas acho que fiz isso.

— Bem, agora Moe sabe — falei, com um leve tom desafiador.

Ele jogou minha carteira de volta na pilha de meus poucos pertences e caminhou lentamente na minha direção. *Não trema, não trema, não trema. Olhe nos olhos dele, Gin. Cabeça erguida. Não seja muito ousada, mas também não seja uma medrosa.*

Ele estava tão perto de mim que tive que inclinar a cabeça para continuar olhando em seus olhos. Foi quando notei a cor: um verde claro e brilhante, e ainda mais atraente à luz do quarto do motel do que perto da fogueira. Ele levantou a mão direita e suavemente acariciou meu rosto. Fiquei em choque. Apesar de não ter me retraído, eu estava preparada para um bofetão.

Quase sussurrando, ele disse:

— E pra quem ela vai contar, hein? Da última vez em que ela abriu a boca, pagou por isso. — Após uma breve pausa, ele acrescentou: — Você não parece surpresa, garota. Já descobriu porque Moe não fala?

— Você fez isso com ela? — perguntei em um sussurro.

— Sim, eu fiz isso. Então, mais alguma pergunta sobre o seu antigo nome?

— Como você vai me chamar?

— Nada, por enquanto.

Ele caminhou de novo até minha pilha de pertences pessoais. Pegou minha carteira com minha identidade e quatro dólares e a jogou para Moe.

— Queime isso!

Capítulo Seis

Não demorou muito para eu ganhar um novo nome. De qualquer modo, a gangue não se referia muito a mim; quando acontecia, geralmente era Willow referindo-se a mim como "a vadia feia". Mas isso não durou muito.

Eu estava ali havia apenas alguns dias e estava começando a conhecer alguns deles por seus nomes. Certa tarde, alguns de nós estávamos sentados e comendo em uma das mesas de piquenique velhas. Bem, eu de fato não estava comendo. Eu não sentia fome, por razões óbvias. Estava sentada à esquerda de Grizz, e Willow, à sua direita.

Assim tinham sido os últimos dias. Eu estava sempre com o Grizz. Nunca longe da vista dele, exceto na hora de usar o banheiro. Willow não suportava que eu estivesse sempre com ele e aproveitava todas as oportunidades para ficar perto dele também. Ela teria dormido no chão de seu quarto, se ele deixasse.

Então estávamos comendo e Willow começou a dizer:

— Então, vadia feia, quando você vai...?

Grizz deu um tapa tão forte com as costas da mão nela que ela teria voado longe se Grunt, que estava a seu lado, não tivesse esticado o braço esquerdo para segurá-la.

Grunt era o mais novo do grupo. Ele não costumava falar muito e eu não conseguia determinar sua idade, mas ele só podia ser um pouco mais velho que eu. Eu sempre tinha a impressão de que ele me observava, mas quando eu olhava para ele, via que não estava olhando para mim.

Willow levou a mão à boca. Quando a tirou dali, estava segurando o dente da frente, do lado esquerdo. O sangue escorria de seu nariz e de sua boca. Não foi um tapinha. Grizz fechou a mão para acertá-la, e o golpe foi forte o suficiente para quebrar aquele dente e talvez até seu nariz. Se eu achava que Willow me odiava antes, isso só fez aumentar sua animosidade contra mim.

Alguns dos outros riram. Moe só ficou olhando, inexpressiva, mas acho que a vi esboçar um sorriso antes de abaixar a cabeça e olhar para o prato.

Chicky, que estava sentada em frente a Willow, disse:

— Puxa, Grizz, você está todo sensível, protegendo seu “presente”? Desde quando você se importa com o nome que Willow usa para se referir a ela?

Assim que ela disse isso, vi arrependimento em seus olhos. No entanto, aparentemente Grizz não reagiu do jeito como ela achava que ele reagiria, porque, depois de alguns segundos, ela pareceu aliviada. Ele terminou de mastigar a comida e, depois de engoli-la, casualmente disse:

— Só estou cansado de ouvir isso.

Willow estava tentando não chorar, mas tremia. Levantou-se e rapidamente se esforçou para sair do banco de piquenique. Foi estranho porque ela estava entre Grizz e Grunt, e teve que dar um passo para trás para sair. Grunt tentou ajudá-la, mas como ela era orgulhosa, ela o afastou sem dizer nada e voltou para o motel, pisando duro.

Ela deve ter procurado Froggy, que não estava na mesa de piquenique, porque alguns minutos depois, ouvimos o barulho de uma moto e os dois passando lentamente por nós e entrando na State Road 84.

Foi a segunda vez em que vi a agressão de Grizz a Willow. Eu já sabia que ela estava dormindo com Grizz, ou tinha dormido com ele até a minha chegada, mas eu ainda não tinha precisado dormir com ele. Acho que ninguém sabia disso. Eu ainda não tinha entendido por que ele não tinha me estuprado. Com certeza parecia o tipo de cara que fazia isso. Talvez ele estivesse esperando que minha menstruação acabasse. Eu não sabia. Estava claro que ele era uma pessoa cruel, incapaz de sentir qualquer coisa além de raiva. No entanto, além de sua aparente indiferença quanto à minha situação, ele ainda não tinha encostado nem um dedo em mim.

Eu não sabia se ele se importava com o que os outros pensavam sobre a forma como ele me tratava. Provavelmente era novidade para eles ver seu líder defender uma prisioneira de gangue de quinze anos de idade. Eu tinha a impressão de que ele deixava todo mundo se virar sozinho. Eles poderiam matar uns aos outros e ele provavelmente não faria nada para impedir nem se importaria com isso.

Eu veria sua brutalidade ser descarregada em muitas pessoas nos anos seguintes, independentemente de sexo, idade ou capacidade física. Não importava. Eu ficava tentando entender se ser espancado ou ter a língua cortada eram coisas comuns para as mulheres dele. Mais tarde eu veria que ele nunca abusava de ninguém simplesmente por abusar. Ele não gostava disso. Não lhe agradava machucar as pessoas, mas aparentemente ele nunca demonstrava nenhum tipo de remorso quando o fazia. Para ele, as pessoas ganhavam o que pediam. Elas conheciam as consequências de desafiá-lo, mesmo que pouco. Em todos os anos que passei com Grizz, só uma vez ouvi uma palavra de

arrependimento dita por ele.

Ele exigia obediência, independentemente de qual fosse o problema. Quem não obedecia, pagava por isso. Houve muitos momentos durante o tempo que passei com Grizz em que eu vi muitas pessoas pagando de formas horríveis por desobedecerem a ele ou por simplesmente fazerem algo de que ele não gostava.

Eu veria alguém pagar naquela mesma noite.

O sol estava quase se pondo, então imaginei que alguém havia acendido a fogueira, como nas noites anteriores. Era assim que eles se referiam à área onde eu os encontrei na minha primeira noite no motel: a fogueira.

Eu estava no quarto de Grizz, lendo um dos meus livros da biblioteca. Tinha tentado agir da forma mais casual possível nos últimos dias, mas a verdade era que eu estava apenas olhando para a página. Minha mente vivia em um turbilhão constante, tentando pensar em uma maneira de fugir.

Pela primeira vez desde a minha chegada, Grizz quis que eu saísse do quarto. Havia algo que ele precisava fazer. Talvez um telefonema? Eu não sabia.

Ele caminhou até a porta, abriu-a e gritou:

— Grunt. Venha aqui.

Ele ficou ali com a porta aberta até Grunt aparecer. Grizz fez um gesto na minha direção e disse:

— Leve-a para a fogueira. Eu vou demorar um pouco.

Eu olhei para cima, surpresa. Aquilo era novidade. Fechei meu livro e calcei minhas sandálias. Eu odiava andar descalça. O que era engraçado, já que fui criada por uma mãe que odiava usar sapatos.

Lembrei que costumava esfriar muito à noite, então perguntei:

— Posso pegar um agasalho?

— Sim. Grunt, dê sua jaqueta para ela.

Grunt tirou a jaqueta sem dizer nada e a entregou a mim. Eu a vesti e fui com ele até a fogueira.

Nós nos sentamos lado a lado em duas cadeiras de jardim. Não vi Willow nem Froggy em lugar nenhum. Eu não sabia bem qual era a moto de Froggy para saber se estava estacionada com as outras. Talvez eles ainda não tivessem voltado. Moe estava sentada no chão, em frente ao fogo, como na noite em que cheguei. Alguns outros estavam sentados em cadeiras de jardim, com as pernas esticadas. Todo mundo bebia cerveja.

Grunt me viu olhando para os outros e perguntou se eu queria uma cerveja. Eu disse que não, mas talvez eu devesse ter tomado uma. Provavelmente

teria me feito relaxar, mas eu odiava cerveja e o gosto dela.

Grunt foi até a caixa de isopor, pegou uma cerveja e se sentou ao meu lado. Eu notei que ele deu um tapa no braço. Pernilongos.

— Obrigada por me dar sua jaqueta — eu disse a ele.

— Acho que eu não tive escolha. — Ele não disse isso com grosseria, era apenas uma constatação. Comecei a tirar a jaqueta e ele imediatamente levantou a mão e disse: — Não, fique com ela. É melhor você estar com ela quando ele sair, tá? Pode me devolver amanhã.

— Por quê? Você acha que ele machucaria você se eu lhe devolvesse sua jaqueta?

— Você pediu a jaqueta. Use-a. Ele não vai ficar com raiva de mim. Ele vai ficar bravo com você porque você disse que estava com frio e ele deu um jeito para mudar isso. Então, se ele vier aqui e você estiver com frio, ele provavelmente vai ficar puto.

— Por que ele se importaria com algo tão ridículo?

A essa altura, os outros ao redor da fogueira tinham parado de falar e estavam ouvindo nossa conversa.

Antes que Grunt pudesse responder, uma motocicleta barulhenta interrompeu nossa conversa. Monstro. Fiquei tentando imaginar por onde ele havia andado o dia todo. Não que eu realmente me importasse com isso. As pessoas pareciam ir e vir como bem entendiam. Todos, menos eu.

Depois que Monstro estacionou e desligou o motor, a conversa foi retomada. Mas eu deixei a pergunta da jaqueta pra lá. Estava curiosa em relação a certas coisas, mas também percebi que, quanto menos eu soubesse, melhor. Eu queria minha liberdade. Se fizesse perguntas o tempo todo e soubesse muito sobre aquele pequeno grupo, talvez isso pudesse influenciar a decisão sobre se deveriam ou não me libertar.

Monstro foi até a fogueira e pegou uma cerveja na caixa de isopor antes de se sentar. Ele abriu a tampa e tomou um grande gole. Então, com uma das mãos, ele pegou um maço de cigarros da jaqueta e acendeu um. Ele tomou o resto da cerveja em menos de trinta segundos, arrotou alto, depois se levantou.

— Esqueci, tenho outro presente para o Grizz. Bem, para os cães de Grizz, na verdade.

— Você não tem outra garota escondida em sua moto, né? — alguém perguntou, o que provocou risadas.

Ele não respondeu enquanto voltava para onde havia estacionado sua moto. Todos estavam curiosos, então o seguiram com o olhar. Ele abriu um dos

alforjes, enfiou a mão e tirou algo dali. Era difícil saber o que era, já que estava quase escuro, mas era pequeno, e ele o levava com uma mão.

Ele voltou para sua cadeira de jardim, e nós ainda não sabíamos o que ele estava segurando. Ele se sentou e, com o cigarro pendurado na boca, ergueu o prêmio.

Era um minúsculo gatinho preto. Um gatinho? Grizz queria um gatinho? Então, me lembrei que ele disse que era para os cães de Grizz. Ele daria o gatinho para os cães o esfaquearem até que ele morresse? Ah, não. Eu não conseguiria lidar com isso.

Alguém, e acho que foi Blue, disse:

— Mas pra que Grizz vai querer isso?

— Pensei que ele pudesse querer dar o gato aos cachorros dele — disse Monstro, rindo. Ele ainda o segurava pela pele do pescoço e o coitadinho ficou ali, pendurado, sem soltar nem um pio.

— Eu vou lhe dizer uma coisa agora, você está enganado. Livre-se dele antes que Grizz venha aqui — avisou Blue.

— Por que eu me livraria de um alto-falante tão bom como este? — perguntou Monstro.

— Como assim? — perguntou Grunt.

Sem responder, antes que alguém pudesse detê-lo, se tentasse, Monstro pegou o cigarro aceso e o encostou no corpo do gatinho, que uivou de dor e tentou se libertar. Ele apenas riu.

— Vejam, um alto-falante! Inferno, alguém quer saber se o olho dele vai fazer um barulho como quando você fritar bacon ou coisa assim? — E riu mais.

Ninguém estava achando graça daquela exibição horrorosa, mas eu estava chocada demais para notar. Eu me levantei e comecei a correr na direção do quarto. Grunt foi atrás de mim, mas eu não deixei que me parasse.

— Me deixa em paz! Me deixa em paz! — Eu estava gritando a plenos pulmões. — Vocês são todos doentes. Tem algo de errado com todos vocês se acham aquilo engraçado.

Grunt estava tentando me impedir de chegar ao quarto, e ele estava dizendo algo que eu não ouvi. Eu estava muito histérica.

Naquele momento, a porta do quarto de Grizz se abriu e ele saiu.

— Que porra está acontecendo aqui?

— O que está acontecendo? Eu vou lhe contar o que está acontecendo. Seu amigo doente, o Monstro, está se divertindo torturando um pobre animal indefeso. Vocês são uns doentes. Não acredito que isso esteja acontecendo. Eu

não acredito que as pessoas se divirtam com essas atitudes de merda! Eu tenho que sair daqui!

Nesse momento, Grunt estava atrás de mim, usando as duas mãos para segurar meus braços para baixo. Eu estava esperando pelo soco de Grizz. Eu o vi ficar louco por muito menos. Aquilo certamente garantiria pelo menos um tapa na minha cara. Que não veio. Ele olhou para mim e para Grunt, e depois, na direção da fogueira, e disse:

— Leve-a para dentro. Fique com ela.

— Pra quê? Pra você se divertir com eles? — rebati. — É isso o que você vai fazer? Cara grande e durão, hein? Vai aterrorizar um gatinho. Nossa, que valente!

Enquanto eu gritava, Grizz caminhava em direção à fogueira, então eu não sabia o quanto ele ouvia, graças a Deus. Grunt ficou me mandando calar a boca. Então, com uma força que eu não sabia que ele tinha, ele me pegou e me jogou por cima do ombro. Ele me levou para dentro do quarto e fechou a porta antes de me colocar no chão.

Ele havia me deixado sem fôlego e eu me inclinei, ofegante. Grunt ficava mandando que eu me acalmasse enquanto ele me levava até o sofá. Então ele ligou a TV, aumentou o volume e me encarou.

— Não é o que você está pensando... — disse Grunt. — Vai ficar tudo bem. Procure respirar fundo.

Não consegui responder. Pela primeira vez desde o meu rapto, comecei a chorar.

Ele fez um gesto como se fosse se sentar ao meu lado e me abraçar, mas se afastou logo em seguida. Então, sentou-se à pequena mesa de café e me encarou, apenas me observando enquanto eu soluçava.

Entrou no banheiro, trouxe uma toalha fria, que ele me entregou. Eu cobri o rosto com ela e chorei mais.

Eu olhei para a frente quando a porta se abriu e Grizz entrou. Ele olhou para mim, depois para Grunt.

— Saia.

Grunt assentiu e se levantou, passou por ele e saiu pela porta. Fiquei olhando para baixo. Eu me sentia muito derrotada, e a histeria havia me deixado fisicamente exausta. Eu percebi que Grizz estava andando na minha direção. Antes que eu pudesse olhar para cima, ele delicadamente colocou o gatinho no meu colo.

Eu fiquei chocada. Olhei para ele, e ele deve ter lido a pergunta

estampada no meu rosto.

— Blue me contou o que o Monstro fez. O que estava planejando fazer. Não sabia o que dizer.

— Ele vai precisar de cuidados. Você pode mantê-lo aqui e cuidar dele, mas tem de mantê-lo longe de Lúcifer e Damien. Eu não sei o que eles fariam. É sério. Você deve dar um jeito de cuidar dele. Se eu encontrar um cocô aqui, vou mandar o Grunt jogá-lo na lagoa. Entendeu?

Só consegui assentir.

— Você nunca mais vai falar daquele jeito comigo de novo. Entendeu, Kit?

— Sim. Obrigada — respondi com um sussurro. — Você gritou com o Monstro? Mandou que ele ficasse longe da gata a partir de agora? Disse que ela é minha?

— Não, eu não gritei com o Monstro, e não, ele não vai incomodá-la de novo.

Três coisas aconteceram naquela noite. Foi a noite em que ganhei meu nome. Kit. Foi a noite em que vi um lado diferente do Grizz. E foi a noite em que os outros ao redor da fogueira viriam a discordar sobre o que testemunharam.

Alguns disseram: "Sim, um globo ocular faz um som crepitante como bacon fritando". Outros disseram: "Não, não tem nada a ver."

Mas todos concordaram com uma coisa. Era difícil dizer com certeza o que faziam lembrar os gritos de dor do Monstro.

Capítulo Sete

Naquela noite eu dormi com a gatinha enrolada junto ao meu peito. Como todas as noites que passei ali, dormi em cima das cobertas de uma cama king size extremamente confortável. A cama do Grizz. Ele também dormia em cima das cobertas, de camiseta e jeans. Nossas costas quase se tocavam. Toda manhã, quando eu acordava, eu encontrava um cobertor sobre meu corpo.

Eu não vi o Monstro no dia seguinte. Fiquei surpresa por todos agirem como se tudo estivesse normal. Por mais horrorizada que estivesse com o que Monstro tinha feito com a gatinha, fiquei ainda mais chocada com o que Grizz fez com ele.

Eu estava sentada na cama na manhã seguinte, brincando com minha gatinha, quando Blue entrou. Ele era o segundo no comando daquele grupo e irmão mais velho de Grunt. Ele disse a Grizz que Monstro havia partido e eles não tinham certeza se voltaria. Eu secretamente desejei que ele estivesse bravo o suficiente com Grizz para ir à polícia e falar sobre o meu sequestro. Não tive essa sorte.

Ele chegou mais tarde como se nada tivesse acontecido. A única evidência da noite anterior era um tampão em seu olho.

Eu ainda estava sob o olhar atento de Grizz e nunca conseguia chegar perto do telefone. Ele me viu olhando para o aparelho um dia e disse que eu não devia nem sequer tentar fugir nem pedir ajuda.

— Eu seria idiota se não tentasse sair daqui.

— Não — respondeu Grizz. — Você seria idiota se tentasse.

— É mesmo? Por quê?

— Porque se você for embora, sua família vai ser atingida. Por isso.

Eu já sabia o que Grizz era capaz de fazer. Eu o vi agredir Willow e sabia o que ele tinha feito com Monstro. Ainda assim, não consegui me conter. Eu tive de desafiá-lo.

— O que você sabe sobre a minha família? — perguntei, com certo desdém.

Eu sabia que ele tinha queimado minha carteira de motorista, e não havia como memorizar o endereço naquela noite, quando viu meu nome no documento. E, em relação ao meu nome, Lemon não estava na lista telefônica. Nosso telefone estava no nome do Vince.

— Não insista, Kit — foi tudo o que ele disse.

Eu insisti. E zombei dele. Surpreendentemente, ele não respondeu às minhas acusações de que não havia nenhuma maneira de ele saber alguma coisa sobre mim e, portanto, não tinha como descontar na minha família. Depois de alguns minutos, notei a veia inchada em sua testa.

— Você quer provas, Kit? É isso que você está pedindo?

— Talvez seja exatamente o que eu queira. Sabe por quê? Porque eu sei que você não tem provas. Eu fui só um presente de agradecimento idiota e aleatório que Monstro encontrou na loja de conveniência. Eu não estava nem perto da minha casa.

Ele olhou para mim por alguns minutos sem responder. Por fim, disse:

— Talvez você precise de uma lição para acreditar sem provas. Talvez você precise aprender exatamente com quem está lidando.

Ele disse isso com uma voz tão calma e tranquila que me assustou. Eu desisti.

— Tá, você pode atingir minha família se quiser. — Minha voz estava baixa. — Tudo bem, eu acredito em você. Não vou tentar fazer nada idiota.

A conversa acabou ali. Felizmente, segui meu próprio conselho e não tentei escapar nem usar o telefone. Passei o resto do dia no quarto com minha gatinha e três livros da biblioteca.

Naquela noite, enquanto, com relutância, eu acompanhava Grizz até a fogueira, parei no meio do caminho. O medo percorria minha espinha como a corrente de um rio. Lá estava. A prova que eu disse a Grizz que ele não podia me dar. Ali, encostado no escorregador velho do parquinho, estava meu bem mais precioso: meu violão. Da última vez em que o vi, ele estava apoiado numa cadeira de balanço no meu quarto. Como? Como poderia estar ali? Havia apenas um jeito. Grizz sabia onde eu morava. Ele poderia machucar Delia e Vince. E mesmo que eu não os amasse como a maioria das crianças ama seus pais, eu me importava com eles e não queria vê-los feridos.

Voltei ao quarto de número quatro naquela noite, abalada pelo medo e completamente derrotada. Peguei minha gatinha e abracei-a. Eu me senti muito idiota. Quando Grizz me deu a gata, eu secretamente prometi escapar e levá-la comigo. Eu seria a salvadora daquele bichinho. Quem eu estava querendo enganar? Como eu ia salvar uma gatinha daquelas pessoas sendo que eu não conseguia nem salvar a mim mesma?

Ela precisava de um nome. Isso eu poderia fazer por ela. Já que seu nome já tinha sido dado a mim, eu dei a ela o único nome em que pensei, que

também seria minha última conexão com minha casa. Não era um lar feliz, mas era o único que eu conhecia.

Eu dei a ela o nome de Gwinny.

Capítulo Oito

Minha menstruação terminou alguns dias depois que cheguei, e uma semana depois disso, Grizz ainda não havia tentado nada sexual comigo. Willow continuava me odiando, mas de longe. No final da primeira semana, comecei até a dormir a noite toda. Antes disso, eu tinha dificuldade para adormecer e acordava a noite toda.

Eu temia que Grizz tentasse algo comigo, mas não aconteceu. Eu percebi que depois que eu comecei a dormir a noite toda, ele passou a se levantar enquanto eu dormia para ir a um dos quartos das outras mulheres. Ótimo. Eu esperava que ele estivesse fazendo isso mesmo. Eu com certeza não queria que ele aliviasse seus desejos acumulados comigo.

Eu também consegui cuidar de Gwinny para que ela melhorasse. Não foi difícil. O único resquício daquela noite horrível foi uma bolha horrorosa que desde então tinha estourado e formado uma casquinha. Ela era uma coisinha cheia de vida e não demonstrava medo, mesmo depois de ter sido agredida por Monstro. Eu ainda era uma prisioneira, mas podia vagar livremente pelo motel e sem Grizz. Ele não ficava sempre comigo, como no começo. Obviamente eu não iria a lugar nenhum.

Como mágica, tudo de que eu precisava era fornecido para mim, incluindo cartelas de pílulas anticoncepcionais suficientes para um ano todo. Em minha mente, tentei negar que fosse um sinal de quanto tempo eu ficaria ali. De qualquer forma, eu ainda não sabia por que me mantinham naquele lugar. Eles me explorariam como prostituta? Eu trabalharia em um bar de topless, como Chicky e Willow?

Eu não sabia como o Grizz comprava tudo. Aos poucos, coisas simplesmente apareciam na porta do quarto. No dia seguinte a chegada de Gwinny, encontrei uma caixa de areia, comida e um brinquedo de gato do lado de fora do quarto. Eu mantive a gatinha dentro do quarto comigo e cuidava para que sua caixa de areia fosse limpa assim que ela a usava. Eu não queria dar a Grizz nenhum motivo para levá-la para longe de mim.

Outro dia, cinco conjuntos de roupas íntimas novas, uma escova de dentes, um moletom e um par de tênis apareceram – tudo do meu tamanho. Até então, eu estava lavando a mesma calcinha e deixando-a secar durante a noite.

Dormia vestindo uma das camisetas de Grizz e minha calça jeans, que eu não tinha lavado, e geralmente começava meus dias usando calcinha úmida, mas limpa.

Outro dia, chegaram jeans novos, algumas camisolas e shorts. Dentro de um mês, eu tinha um guarda-roupa completo. Além disso, eram peças boas e elegantes, ainda com as etiquetas da loja. Quase tudo servia perfeitamente. Eu ficava tentando imaginar se eram coisas compradas ou roubadas. Eu nunca perguntei, mas tenho certeza de que eram Chicky e Moe que conseguiam tudo para mim. Se dependesse de Willow, sem dúvidas eu passaria meus dias vestindo um saco de estopa.

Eu sabia com certeza que Moe arranjava meus anticoncepcionais. Moe tinha um amigo que trabalhava para um ginecologista, e esse amigo tinha um problema sério com vício em drogas. Como Grizz cuidava para que todas as garotas tomassem anticoncepcional, Moe levava a droga que seu amigo usava para ele, que fornecia ao grupo as pílulas do estoque de amostras grátis que recebiam regularmente no consultório da médica.

Meus dias seguiam sempre a mesma rotina e eu vivia entediada. Porém, por mais estranho que seja, eu não sentia mais medo. Não sei por quê. Deveria sentir. Mas eu não era obrigada a trabalhar no bar de topless como as outras garotas. Eu não era obrigada a fazer sexo com os caras. Não me pediam para cozinhar, limpar ou lavar roupa. Mas eu tinha que fazer alguma coisa para não enlouquecer. Eu fazia tarefas na minha casa. Decidi tentar fazer algumas ali apenas para me manter ocupada.

Foi assim que fiquei sabendo que Damien e Lúcifer eram meus carcereiros. Como se a ameaça de morte a Delia e Vince não fosse suficiente. Até aquele ponto, os cães tinham deixado minha gatinha em paz. Eles podiam entrar no quarto de Grizz sempre que queriam. Eram cães extremamente bem treinados e nunca subiram nos móveis. Dormiam em camas de cachorro no chão. Comiam seu jantar, percorriam a área do bosque além do motel para fazerem suas necessidades e praticamente entravam e saíam quando queriam.

Um dia, decidi limpar o chão do quarto número quatro. Quando terminei, carreguei o balde de água suja para fora, mas não queria despejá-la onde alguém pudesse andar e sujar tudo de novo. Então fui até a beira do terreno do motel, perto da floresta.

Quando cheguei mais perto, notei que o limite da propriedade era algo parecido com um pântano. Eu tinha me esquecido de que estava em Everglades. Espere aí. Não havia jacarés no pântano? Antes que eu pudesse refletir sobre

essa questão, cheguei à beira do gramado do motel e estava levantando o balde para despejar a água. De repente, os dois cães apareceram – um atrás de mim e um à minha esquerda. Mantive o balde no ar quando ambos se colocaram em posição de ataque e rosnaram. Fiquei paralisada.

Ai, meu Deus! Eles pensaram que eu estava tentando ir embora e estavam me impedindo. Eu não conseguia acreditar naquilo. Como eles sabiam que tinham que me deter ali? Eu já tinha visto alguns dos caras indo direto para a beira do gramado para fazer xixi, e os cachorros nunca foram atrás deles.

Eu fiquei parada, paralisada de medo. Então ouvi Grizz assoviar para eles e gritar uma ordem enquanto caminhava na minha direção. Os cachorros se afastaram alegremente, abanando os rabos como se fossem filhotinhos. Quando Grizz se aproximou de mim, ele pegou o balde e despejou a água.

— Eu não estava tentando sair, você sabe.

— Não achei que você estivesse tentando, mas eles acharam.

— Seus cães são treinados para me atacar se eu tentar sair?

— Não atacar você. Apenas impedi-la. Mas você foi inteligente o bastante para parar. Continue parando e não terá problemas. — O tom da voz dele era tranquilo.

— Você gostaria que eles me machucassem?

— Não, eu não quero que eles a machuquem, e eles não a teriam atacado. Só a impediriam de fugir.

— Eles me impediriam de fugir me atacando? — Comecei a falar mais alto e não consegui me controlar. Eu percebi que estava muito magoada. Eu pensei que Damien e Lúcifer tinham se afeiçoado a mim. Eles certamente tinham se afeiçoado a Gwinny, deixando-a bater neles com a pata e morder as pontas de seus rabos. Às vezes, ela tentava mastigar as orelhas deles enquanto dormiam. Eles não faziam nada de mal a ela.

— Kit, pare de exagerar. Eles também são seus protetores. Se alguém ousar levantar a mão para você, eles vão matar essa pessoa.

— É mesmo? Eles fariam isso?

— Sim. Se eles estivessem por perto naquela noite em que aquele babaca tentou estuprá-la na casa dos seus pais, eles teriam arrancado as bolas dele.

Levantei a cabeça e olhei nos olhos dele. Eu podia ver pela expressão dele que ele não quis dizer aquilo.

— Isso foi há mais de um ano — eu disse, com o coração acelerado. — Como sabe sobre aquele cara?

Ele começou a andar de volta até o motel. Eu estava carregando o balde vazio e tentando acompanhá-lo. Continuei a disparar perguntas para ele, querendo saber como ele tinha conhecimento daquele incidente. Ele não respondeu. Só continuou andando.

Eu o segui para dentro do quarto de número quatro e, quando fechei a porta, pensei: “Por favor. Por favor, diga.”

Grizz virou-se e olhou para mim, como se estivesse tentando decidir se me contaria. Nós não tínhamos conversado muito até então. Ele não falava muito e eu não sabia se ele ia dizer alguma coisa. Os segundos passavam. Por fim, ele apontou para o sofá. Eu me sentei ali e coloquei as mãos no colo. Gwinny pulou em meu ombro e começou a brincar com meu cabelo, o que eu mal notei.

Eu não conseguia acreditar no que veio a seguir.

Fiquei sabendo que o sequestro aleatório de Monstro não foi aleatório. Foi uma ordem direta de Grizz. Até onde o resto do grupo sabia, eu era um “presente de agradecimento”, como disse Monstro.

Tudo começou em outubro de 1973. Eu tinha treze anos. Grizz estava no meu bairro quando me viu sair do ônibus escolar. Eu estava na oitava série e o ônibus me deixou quase na porta de casa.

Ele explicou que estava sentado na entrada da casa de Guido quando passei por ele, caminhei até a minha varanda e entrei em casa. (Guido? Ele conhecia o Guido?)

O nome verdadeiro de Guido era Tony Bono, e ele trabalhou para Grizz. Algo a ver com drogas. Grizz me viu e instantaneamente me quis. Ele não sabia que eu tinha só treze anos, mas quando Guido disse minha idade, ele decidiu criar um plano. Guido deveria me observar e relatar qualquer coisa estranha ou incomum. Era uma ordem e Guido ficou muito feliz em cooperar. Ele relatou o incidente de Johnny Tillman, além de muitos outros detalhes sobre minha vida e minha família.

Enquanto eu o ouvia, algo passou pela minha cabeça.

— Foi você, não foi? — perguntei, entendendo tudo. — Foi por sua causa que Matthew rompeu nossa amizade.

Grizz cerrou o maxilar, sem olhar para mim.

— Ele estava ficando interessado demais em você. Você já ficou com ele? Aquele garoto. Você fez alguma coisa com ele?

— Não que isso seja da sua conta, mas não. Nós nunca fomos além do beijo na minha varanda.

— Que bom para ele.

— Por que isso?

— Porque eu disse a ele que se eu descobrisse que ele tocou em você, eu voltaria para cortar fora as bolas dele.

— Por que você faria isso? — Meu rosto estava quente. — Ele não teria desafiado você. Imediatamente pôs um fim em nossa amizade. Então, por que você mandou o Monstro me pegar?

— Eu não podia correr o risco de você ficar com outra pessoa. Você parece ter bem mais do que quinze anos. Eu não pude arriscar.

Matthew me diria, muitos anos depois, que ele se arrependeu de nunca ter contado o que sabia quando eu desapareci. Ele tinha certeza de que sabia quem era o responsável. Pediu desculpas por não ter ido à polícia contar sobre Grizz. Disse que era só um moleque e realmente acreditava que o cara voltaria para machucá-lo. Eu pedi a ele para não se sentir culpado, e estava sendo sincera.

Ele tinha razão de sentir medo. Grizz teria voltado para pegá-lo.

Agora minha cabeça estava girando. Eu estava com tantos pensamentos descontrolados. Meu sequestro não foi aleatório. Foi bem planejado e cuidadosamente executado. Ele então explicou como meu violão chegou ao motel. Dói muito saber que Guido pagou cinco dólares por ele em uma das muitas vendas de garagem da Delia – e aquela venda, em particular, foi realizada pouco depois do meu desaparecimento.

— Então, naquela primeira noite, quando você olhou para a minha carteira de motorista e riu do meu nome, foi uma encenação. Você já sabia meu nome. — Não era uma pergunta.

— Não foi encenação. Eu não sabia sobre o "Love".

Eu agora não tinha dúvidas de que era a minha imagem no logotipo da gangue deles. Ele estava obcecado por mim havia muito tempo. Acho que fiquei mais assustada quando me dei conta disso do que quando descobri que havia sido sequestrada.

Grizz continuou falando e explicou que, depois de me ver pela primeira vez, decidiu que um dia voltaria para me pegar. Que eu seria dele. Ele admitiu que, mesmo com Guido de olho nas coisas, ele pessoalmente conferia como eu estava, de vez em quando. Ele tinha até mesmo ido até no Smitty's quando eu ia lá. Ele ficou me observando de longe por quase dois anos. Mas insistiu que não era molestador de crianças nem um pervertido e que estava esperando que eu ficasse mais velha.

Eu o interrompi.

— Mas ainda tenho só quinze anos.

— Você tem idade suficiente. E estou cansado de esperar.

Minha mente ficou desordenada e eu lutei para conter as lágrimas.

— Então, por que estou aqui? Eu vou trabalhar como as outras garotas? Como você espera que eu ganhe o meu sustento? O que vai acontecer comigo quando você se cansar de mim?

Os olhos de Grizz ficaram muito sérios.

— Você nunca vai trabalhar. Vai ganhar o seu sustento ficando comigo. E ninguém, quero dizer, nenhum homem, jamais tocará em você. Nenhum homem além de mim.

Então era isso: ele me estupraria. Por que não tinha me estuprado ainda?

Antes que eu pudesse perguntar, ele acrescentou:

— O último homem que tentou tocar em você pagou por isso. Assim como vai acontecer com quem tentar se aproximar de você.

— O último homem? — perguntei. — Não Matthew, certo? Por favor, me diga que você não machucou Matthew.

— O garoto? Não, eu não o machuquei. O cara que tentou estuprá-la.

— Johnny Tillman?

— Sim, Johnny Tillman.

— Ele conhecia meu padrasto do Smitty's. Nós ligamos para a polícia e meus pais iam apresentar queixa, mas ele saiu da cidade tão rápido que a polícia nem chegou a prendê-lo. Encontraram o caminhão dele na frente de um supermercado. Imaginei que ele tivesse pegado uma carona para fora da cidade.

A parte que deixei de fora foi que eu senti que o único motivo pelo qual Vince e Delia chamaram a polícia foi por temerem que Tillman estivesse indo atrás da maconha de Delia. É claro que eles não contaram à polícia essa parte. Eles só queriam que ele fosse preso, para não terem que se preocupar com a possibilidade de que ele fosse aparecer novamente. Acho que se preocuparam um pouco por ele ter tentado me machucar, mas a maconha de Delia foi a preocupação maior.

Grizz olhou para mim e eu vi algo em sua expressão. Eu soube imediatamente.

— Ele não saiu da cidade, certo? Você o espancou e o perseguiu? Foi isso que aconteceu com ele? — Eu estava chocada.

— Não, eu não o expulsei, mas bati nele, e quando terminei, ele estava implorando para que eu acabasse com o sofrimento dele.

— Certo, então onde ele está?

— Eu não sei onde ele está, mas posso lhe dizer onde ele *estava*.
Revirei os olhos.

— Tudo bem, então, onde ele estava?

— Cerca de um metro de onde você estava jogando a água suja.

Capítulo Nove

Eu estava no motel havia cerca de um mês quando Grunt me contou tudo o que aconteceu na noite em que Johnny Tillman foi levado ao motel. Até eu senti pena dele depois de ouvir tudo.

Foi simples e totalmente horrível. Basicamente, Johnny Tillman ficou sem várias partes do corpo. Orelhas, lábios, nariz, até seus testículos. Grizz lentamente o cortou em pedaços até que, como Grizz me disse anteriormente, ele começou a implorar para morrer. Grunt não tinha certeza se ele estava morto ou se desmaiou de dor. Grizz deu a ordem para que ele fosse jogado no pântano e os jacarés cuidaram do resto. Esse foi o fim de Johnny Tillman.

Quando Grunt terminou de me contar a história, eu estava entorpecida pelo choque. Não conseguia acreditar naquilo. Quem era aquela pessoa capaz de cortar um homem em pedaços um dia e salvar uma gatinha no dia seguinte?

Eu estava sentada na cama de Grunt, falando com ele. Ele me convidou para ouvir seus discos. Fiquei um pouco surpresa por Grizz ter deixado. Ele me pareceu muito ciumento quando me perguntou sobre Matthew e me contou o que fez com Johnny Tillman. Eu não sei, talvez eu tenha entendido errado. Ou talvez ele só confiasse em Grunt. Seja como for, eu me sentei na cama de Grunt, de pernas cruzadas, bebendo o refrigerante que ele me ofereceu. No fundo, o Moody Blues fazia uma serenata para nós com “Nights In White Satin”. Era a primeira vez em que eu estava no quarto dele, e fiquei realmente surpresa. Não era tão chique quanto o de Grizz. Na verdade, parecia um quarto de motel, mas estava arrumado e limpo.

O mais surpreendente de tudo, porém, eram os livros. Enquanto um quarto de motel normal poderia ter duas camas de casal, o quarto de Grunt tinha apenas uma cama, e a parede que separava o quarto do banheiro tinha uma estante enorme que estava tão cheia de livros que não dava para ver a parede ao fundo. Os livros ocupavam todo o espaço disponível na prateleira. E eles não estavam abarrotados ali aleatoriamente. Quando ele percebeu que eu não conseguia tirar os olhos da estante de livros, explicou que eram divididos por gênero e depois organizados em ordem alfabética de acordo com o sobrenome do autor dentro de cada gênero. Eu me virei para olhar para ele, surpresa. Quem era aquele jovem motoqueiro? Ele me disse que eu poderia pegar emprestado qualquer livro que quisesse.

Eu notei um jogo de xadrez em uma bandeja no canto.

— Você joga xadrez? — perguntei.

— Jogo, e você?

— Não, mas gostaria de aprender. Com quem você joga?

— Jogo com o Grizz. Às vezes, com o Fess. Mas leva muito tempo entre as visitas do Fess, então não jogamos sempre. Agora estou jogando com o Grizz. Quer que eu ensine você a jogar?

— Com certeza. — Por que não?, pensei comigo mesma. Isso poderia ajudar a passar os dias até que eu pudesse sair daqui. Grunt, por fim, me ensinou a jogar xadrez. Eu me tornei boa o suficiente para às vezes derrotar Grizz. Grizz jogava bem, e acho que o xadrez devia ser sua única paixão além da gangue e de mim. Mas eu nunca derrotei o Grunt.

Grunt me contou tudo sobre si naquela noite, inclusive como passou a fazer parte da gangue. Ele me contou tudo o que eu queria saber, exceto uma coisa. Seu nome verdadeiro. Era o código da gangue: sem nomes reais.

Grunt era o caçula de três filhos. Ele nasceu em Miami, em 1959. Era só um ano mais velho do que eu. Foi criado no que agora seria chamado de uma família disfuncional. Seu pai morreu depois que ele nasceu. Foi um afogamento accidental. Até aquele momento, sua mãe tinha sido dona de casa e, segundo Grunt, ela era um zero à esquerda. Ela se ressentiu por ficar com três filhos para criar. Na verdade, dois filhos, já que Blue não passava muito tempo em casa.

Ela trabalhava como garçonete em uma lanchonete da região. Eles eram famosos por fritarem a salsicha do cachorro quente na cerveja. Depois que terminava seu turno, passava a noite toda num restaurante com suas amigas divorciadas e gastava o dinheiro das gorjetas que recebia em cerveja.

Ela deixou Grunt ser criado pelo irmão e pela irmã mais velhos. Não demorou muito para que Blue entrasse em apuros com a lei, principalmente por roubar. Sua irmã, Karen, não era muito melhor. Ele se lembra de quando ela o trancava dentro do quarto enquanto ela recebia os namorados em casa. Ela deveria estar cuidando dele, e ele podia se considerar sortudo se ganhasse um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia a cada dois dias.

Se não fosse pela merenda escolar, ele provavelmente teria morrido de fome. A negligência à qual era submetido não passava despercebida pelos vizinhos, e assistentes sociais foram chamados várias vezes ao longo dos anos. Às vezes, eles o tiravam de casa e o colocavam para morar com uma família adotiva.

Ele não teve uma experiência horrível com o sistema de acolhimento de

crianças adotivas. O problema era ser posto e tirado do sistema e levado para viver com famílias em diferentes distritos escolares. Tinha que mudar de vida constantemente.

Karen casou-se com seu namorado de vinte e dois anos praticamente no dia em que ela mesma completou dezoito anos e imediatamente solicitou a guarda exclusiva de Grunt. Infelizmente, não foi por bondade e amor pelo irmão mais novo. Ele tinha só nove anos. Ela tinha a impressão de que receberia uma pensão para sustentá-lo. O que ela não sabia era que não estava se candidatando como mãe adotiva; portanto, o Estado não lhe daria ajuda financeira.

Assim que percebeu isso, ela tentou forçá-lo a voltar para a casa da mãe deles. Mas agora, a mãe tinha saído da cidade com um namorado caminhoneiro, alcoólatra e agressivo, que ela conheceu no trabalho. Eles nunca mais tiveram notícias dela.

Grunt não sabia, naquela época, que Blue ainda estava muito presente em sua vida. Ele não sabia que Blue estava sempre dando dinheiro a Karen e seu marido para sustentar Grunt. Blue sempre chegava à noite enquanto Grunt dormia. Blue achava que Karen e seu marido, Nate, estavam cuidando de seu irmão mais novo, e não queria interferir.

Foi apenas por acaso que, certa noite, quando Blue chegou com um pouco de dinheiro para sua irmã, Grunt, então com dez anos de idade, acordou e foi até a cozinha para beber água.

Grunt me disse que se lembra da cara de seu irmão mais velho naquela noite. O que Blue viu foi um garoto de dez anos que parecia ter sete. Grunt estava vestindo apenas a calça do pijama, e ele era tão magro que tinha que segurar a calça na cintura para não cair do corpo mirrado. Mas não foi isso que Blue notou primeiro. O corpo de Grunt estava coberto de hematomas e bolhas de queimaduras de cigarro. Ele era, claramente, uma criança que sofria abusos com regularidade.

A primeira reação de Karen foi se defender. Ela disse que Nate era quem agredia o garoto. Ela nunca tinha batido nele. Isso não importava para Blue. O que importava era que ela nunca impediu Nate de agredir o menino.

Naquele momento, Nate chegou em casa, vindo do trabalho. Se tivesse chegado apenas dez minutos atrasado, sua vida poderia ter sido salva. Aquela foi a noite em que Grunt testemunhou seu primeiro assassinato. Dois assassinatos, na verdade. Sem dizer uma palavra, Blue pegou uma arma e atirou na testa da irmã. Nate se virou na tentativa de sair correndo pela porta da frente, mas Blue era rápido demais. Ele atirou na nuca de Nate antes que este desse dois passos.

Ele olhou para o irmão mais novo e disse para ele não ter medo. Cuidaria dele a partir de então. Grunt disse que não estava com medo. Blue sorriu e tirou a jaqueta. Ele envolveu o corpo machucado de seu irmão caçula com ela e saiu com ele pela porta da frente.

Grunt estava com a gangue no Motel Glades desde aquela noite.

Enquanto eu estava sentada na cama de Grunt no motel, eu não conseguia acreditar que ele tinha me contado aquilo. Percebi que eu não sairia dali depois de ouvir aquelas histórias de brutalidade, e logo deixei esse pensamento de lado.

— Então você ganhou seu nome, “Grunt”, por que era o mais jovem e tinha que fazer todos os trabalhos ruins e pesados que exigiam muito *esforço*^[1]?

Grunt riu.

— Não. O nome é uma versão mais curta do meu apelido original, quando cheguei aqui. Eu era pequeno para a minha idade, então alguns membros da gangue começaram a me chamar de “Nanico”. Era o nanico da ninhada. Com o passar do tempo, o grupo começou a perceber minha inteligência. Alguns diziam que eu era o nanico mais adulto que eles já tinham visto. Eu acho que não estava na altura média para dez anos de idade. *Grown-up Runt*^[2] acabou sendo encurtado para Grunt .

Eu ri dessa descrição. Ele era esperto. Isso era interessante. Fiquei me perguntando se ele tinha a maldade que eu tinha visto nos outros, especialmente em Grizz.

— Então você é o Grunt. Eu gosto desse nome. Principalmente agora que eu sei o que isso significa — eu provoquei.

— Sim, eu acho que é mais fácil do que “Nanico Adulto”, mas é meio que um oxímoro^[3], se é que já vi um.

— Um oxí o quê?

— Um oxímoro. Aqui, procure aqui — disse ele, enquanto me entregava um dicionário.

Eu não sabia naquele momento, enquanto inocentemente lia o dicionário procurando uma palavra que eu não tinha certeza se existia, que não tinha sido convidada para ir ao quarto de Grunt para ouvir discos. Eu tinha sido convidada para ir ao quarto de Grunt para perder minha virgindade.

Capítulo Dez

Grizz estava pronto para dormir comigo. O problema era que ele não queria me forçar a dormir com ele. Ele não queria causar a dor inicial. Eu seria dele, e ele não queria que toda vez que fizesse sexo comigo eu fosse me lembrar de que ele tinha tirado minha virgindade. Então ele deu ordem para que Grunt fizesse isso.

O modo como ele mandou que Grunt fizesse isso me deixou enojada, porém, mais do que isso, fiquei perplexa. Levaria algum tempo para descobrir a lógica por trás do estranho pedido de Grizz, mas, com o passar do tempo, faria mais sentido.

Mais cedo naquele dia, ele havia chamado Grunt ao quarto número quatro. Eu não sei onde eu estava. Provavelmente lá fora, com Gwinny. Ele mandou Grunt me levar a seu quarto naquela noite e me dar algum tipo de droga para me fazer desmaiar e, assim, poder tirar minha virgindade. Mas não com o corpo dele. Ele entregou um tipo de cassetete para Grunt e mandou que ele passasse um pouco de creme ou algo assim para realizar a tarefa. Ele queria que eu estivesse dormindo. Não queria que eu me lembrasse daquilo.

Analisando as coisas em retrospecto agora, faz sentido que Grizz não tenha pedido a uma das garotas para fazer aquilo. Ele não queria que elas soubessem que ele não estava dormindo comigo. Quanto ao comentário de não querer que nenhum homem me tocasse, ele não estava pensando em Grunt como um homem. Grunt estava lá desde seus dez anos de idade. Grizz só não tinha percebido que ele havia se tornado um saudável e viril garoto de dezesseis anos. Ele não via Grunt como uma ameaça. Quanto ao porquê de Grizz não ter feito aquilo sozinho, é simples: ele não suportaria me machucar.

Então eu estava lá para ser drogada e estuprada por alguém que eu pensava ser meu novo amigo.

Eu estava ficando sonolenta. Grunt tinha me oferecido um refrigerante antes e eu estava bebendo enquanto conversávamos e escutávamos os discos dele. Eu não me dei conta de que a sonolência poderia ser algo anormal, então me levantei e disse a ele que tinha que voltar ao quarto número quatro. Eu estava ficando mesmo com muito sono.

Ele se levantou e segurou meu braço com delicadeza.

— Não saia ainda, Kit. Fique aqui comigo.

— Por quê? Acho que o Grizz não gostaria que eu tirasse uma soneca no seu quarto, Grunt.

Ele pareceu desconfortável, e eu imediatamente senti que havia algo acontecendo, mas nunca imaginei que pudesse ser tão deplorável.

— Por favor, sente-se. Na verdade, deite-se. Você pode dormir aqui. Vai ficar tudo bem. Juro.

Meus sentidos estavam em alerta e a adrenalina veio com força, afastando temporariamente o sono.

— O que está havendo? Diga o que está acontecendo, Grunt — pedi. — Você tem que me dizer. Ah! — Minha mente ficou agitada e eu comecei a entrar em pânico. — Você vai me matar enquanto eu durmo, não vai? Ele decidiu que não me quer e não pode me deixar sair. Vou morrer hoje, não vou?

— Kit, eu não vou matar você. Grizz não quer que você morra. Eu quero que você durma porque não quero que você tenha uma lembrança ruim. Por favor, não me pergunte mais, apenas durma. Confie em mim. Você não vai morrer. Grunt cerrou os punhos. — Porra! Eu queria que ele resolvesse isso sozinho.

— Resolvesse o quê? — Pisquei com força para abrir os olhos, me esforçando para me manter coerente. — E não, eu não vou me deitar. Não enquanto você não me disser o que está acontecendo. Eu vou me obrigar a ficar acordada. Você colocou alguma coisa na minha bebida, não foi? Bem, eu não tomei tudo e não vou tomar. Você tem que me dizer.

Ele suspirou e caminhou até a cômoda. Puxou a gaveta de baixo e tirou dali o que parecia ser uma espécie de pau. Ele me disse que era um cassete antigo. Era meio pequeno e tinha uma correia em uma extremidade para que pudesse ficar presa ao pulso.

— Você vai me bater com esse pau? — Se ele ia me matar, precisaria de muitos golpes. Eu senti o estômago revirado.

— Não, Kit. Grizz quer que você perca sua virgindade hoje à noite. Ele não queria fazer isso por conta própria! Ele me disse para fazer isso. Com isto. — Ele olhou para o que estava segurando. Seu rosto estava corado.

— E você tem que fazer tudo o que ele diz? — Minha voz ficou alterada.

— O que você acha? Se você tivesse só adormecido, teria acordado um pouco dolorida. Eu teria feito o melhor possível para não machucar você.

Sentei-me na beirada da cama e olhei para o chão. Ele apenas ficou na

frente da cômoda, ainda segurando o objeto ofensivo. Eu não seria capaz de ficar acordada para sempre. Tinha que tomar uma decisão.

— Quero que você faça. — Eu disse a ele. — Você, pessoalmente, não com o pau. Por favor, Grunt. Eu não posso perder minha virgindade com algo tão horrível. Você faz isso.

— Ele mataria nós dois se soubesse.

— Eu nunca vou contar. Eu juro. Por favor, eu não suporto pensar em você colocando isso em mim. É horrível. Por favor. Nós nunca falaremos sobre isso depois de hoje. Por favor, Grunt.

Ele não disse nada, então eu acrescentei:

— Estou tomando anticoncepcional, então não vou engravidar. Ele nunca terá que saber.

Bem, aquilo com certeza foi algo que eu nunca esperava que fosse acontecer: lá estava eu , implorando para ser estuprada. Até hoje não superei a ironia desse fato, mas aconteceu.

Ele caminhou até mim então, e eu me levantei. Em seguida, ele fez algo que eu nunca esperei. Ele me abraçou. Ele me apertou junto a seu corpo por quase um minuto inteiro. Eu estava tremendo, de pé e, por fim, ele me soltou.

Comecei a abrir minha calça jeans e ele abriu a dele. Deitei de costas na cama e me esforcei para tirar a calça. A onda de adrenalina estava passando e eu estava começando a ficar sonolenta de novo. Ele me ajudou a puxar minha calça jeans e a calcinha para baixo. Eu sabia que ele tinha tirado a calça também, mas não olhei. Ele pegou um creme para as mãos que estava no criado mudo e passou em si. Mais uma vez, não olhei, mas percebi pelos movimentos dele.

Ele estava em cima de mim agora e delicadamente abriu minhas pernas com o joelho. Eu só olhei para ele. Nós nos entreolhamos, e eu disse:

— Pode me chamar pelo meu nome, só uma vez? Você pode me chamar de Ginny?

— Eu vou tentar não machucar você — , e depois de uma pausa, ele sussurrou baixinho: — Ginny.

— Por favor. Por favor, me diga seu nome. Eu nunca contarei a ninguém. Eu juro — implorei.

— Não posso fazer isso. Você já sabe disso. Você nem deveria ter me dito seu nome.

Eu estava começando a desmaiar naquele momento. Eu podia senti-lo entrando em mim lentamente. Fechei os olhos. Eu os abri quando ele me penetrou totalmente. Senti algum desconforto, uma sensação de queimação, mas

nenhuma dor real.

Eu estava começando a perder os sentidos novamente. Rapidamente abri os olhos em uma tentativa de ficar acordada. Mas foi sem sucesso. Eles estavam se fechando lentamente. Quando estavam se fechando pela última vez e eu estava perdendo a consciência, tive a certeza de ter visto lágrimas em seus olhos.

E eu o ouvi dizer:

— Tommy. Meu nome é Tommy.

Capítulo Onze

Eu não sei quanto tempo passou até eu acordar, mas quando acordei, Grizz e Grunt estavam ao pé da cama, conversando.

— Como assim ela estava acordada, porra? Ela não deveria saber de nada. Que droga, Grunt!

— Ela não bebeu o suficiente e queria voltar para o seu quarto para dormir.

— Então ela estava acordada e sentiu. Você a machucou?

— Porra, eu não sei, Grizz. Ela estava começando a desmaiar. Eu não sei do que ela vai se lembrar, se vai se lembrar de alguma coisa.

Eu me mexi e percebi que estava coberta. Percebi que Grunt tinha conseguido vestir minha calcinha em mim. Eles devem ter percebido que eu estava acordada porque os dois pararam de falar e olharam para mim ao mesmo tempo.

— Eu odeio vocês dois — foi tudo o que eu disse.

Quando me levantei da cama e peguei meu jeans, notei que Grunt não olhou para mim. Mas Grizz não teve nenhum problema com isso. Com uma expressão que eu não consegui entender, ele disse:

— Você vai ficar bem — ele disse, e saiu do quarto.

Eu não olhei para Grunt enquanto vestia meu jeans. Enfiei os pés de novo nas sandálias e disse:

— Obrigada pela bebida. — Falei isso com o máximo de sarcasmo que consegui reunir. Saí do quarto. Estava escuro lá fora. Exatamente quanto tempo eu havia passado no quarto do Grunt? Bem, isso não importava mais. Tinha certeza de que era um quarto que eu nunca mais veria.

Eu andei em direção ao quarto número quatro e parei assim que estava prestes a abrir a porta. E se Grizz me quisesse agora? Eu não estava com dor, mas estava dolorida. Fechei os olhos, respirei e abri a porta.

Ele estava ao telefone quando entrei. Vi Gwinny aninhada em um canto do sofá. Fui checar sua caixa de areia e, como não precisava ser limpa, fui até o sofá e a peguei no colo.

Algo passou pela minha cabeça. E se eu estivesse com o cheiro do Grunt? Ele usava algum tipo de colônia. Gostei do perfume dele nas poucas

vezes em que eu estive perto dele o suficiente para senti-lo. Eu precisava tomar um banho, mas a última coisa que queria fazer era tirar as roupas perto de Grizz. Eu teria que fazer isso rapidamente.

Eu corri para o quarto, fechando a porta em seguida. Lá dentro, tirei a roupa o mais rápido que pude, entrei no banheiro e abri o chuveiro. Quando estava quente o suficiente, entrei e comecei a me lavar. Só então a porta do banheiro se abriu e a cortina do chuveiro foi puxada para o lado. Eu tentei me cobrir com minhas mãos. Era Grizz, e ele apenas olhando fixamente para mim.

Até onde eu sei, foi a primeira vez em que ele me viu nua. O que eu vi nos olhos dele me assustou demais. Não foi um olhar violento como eu me lembro de ter visto em Johnny Tillman. Era a cara de um homem que desejava uma mulher. Grizz não queria me machucar como Johnny, mas era óbvio que ele me desejava. Eu só fiquei encarando-o também em resposta.

— Está dolorida?

— Sim, muito. Machucou.

— Você lembra, então? Estava acordada?

— Eu lembro um pouco. Comecei a adormecer enquanto acontecia.

Isso pareceu satisfazê-lo, porque ele não disse mais nada e saiu do banheiro. Eu terminei de me lavar e me sequei. Fui para o quarto com uma toalha enrolada em volta do corpo e peguei algumas roupas da cômoda. Eu comecei a andar de volta para o banheiro para me trocar quando ele disse:

— Você pode se trocar na minha frente a partir de agora. Não precisa ficar escondendo nada.

Ele estava me deixando me vestir. E daí se fosse na frente dele? Eu duvido que ele estaria me deixando me vestir se pretendesse fazer sexo comigo.

Vesti minha calcinha por baixo da toalha. Em seguida, me esforcei para vestir a camisola enquanto tentava manter a toalha ao redor do corpo. Não foi fácil. Eu estava tremendo. Não sei era o nervosismo ou o efeito do remédio passando. Provavelmente as duas coisas. Relutantemente deixei cair a toalha, vesti a camisola o mais rápido que pude e voltei para o banheiro para escovar os dentes e pentear o cabelo molhado.

Quando saí, notei uma pequena mochila na cama. O que era aquilo? Eu podia ouvi-lo falando do lado de fora do quarto. Eu pensei ter ouvido a voz de Blue. Só então, Grizz voltou para o quarto e pegou a mochila.

— Você tem três dias para superar a dor. Eu volto na quarta-feira. Blue está no comando. Eu disse a ele que o Grunt pode levar você para fora daqui. As mesmas regras se aplicam. Se pensar em se afastar dele, saiba que vou encontrá-

la, Kit. Não duvide disso.

Eu nem acreditei. Eu estava recebendo uma folga para não ter que fazer sexo com ele e ainda teria permissão de sair do motel? Era a melhor coisa que tinha acontecido desde que ele me deixou ficar com a Gwinny.

— Aonde você vai?

— Negócios — disse ele, enquanto caminhava até a porta do quarto.

Ele parou e se virou. Ele se aproximou de mim e levantou meu queixo para olhar em meus olhos. Ele não disse nada logo de cara, e eu não tinha certeza se ele ia dizer alguma coisa ou talvez até mesmo me beijar.

— O que eu fiz Grunt fazer foi para o bem. Você nunca deve contar a ninguém o que ele fez com você. Ouviu? E não esqueça, Kit, você é minha. Só minha. E eu vou ter você quando voltar.

Com isso, ele me beijou de leve na testa, virou-se e saiu pela porta do quarto. Quando se aproximou da porta da frente, gritou para mim:

— Não se esqueça de alimentar meus cães. — E foi embora.

Capítulo Doze

Dormi como um bebê naquela noite. Eu já tinha ficado com o quarto número quatro só para mim antes, mas Grizz estava sempre por perto. Agora eu tinha três dias inteiros para mim. Na manhã seguinte, levantei-me e praticamente brinquei de ser dona de casa. Não me permitiria pensar na noite anterior. Fingi que estava em meu pequeno apartamento enquanto fazia todas as tarefas. Eu já tinha começado a fazer a maioria delas de qualquer forma, e acho que Chicky e Moe gostaram disso, mas Willow, não. Cuidar de Grizz era a única coisa que ela gostava de fazer, embora eu achasse que ela estava se sentindo um tanto insegura depois de perder o dente da frente. Ela ia à fogueira regularmente, mas acabou parando de passar pelo quarto número quatro. Eu me ocupei tirando o pó, varrendo, esfregando o banheiro. Um dos banheiros tinha uma lavadora e secadora. Lavei algumas roupas. Até limpei a geladeira.

Depois de uma hora e meia, fiquei entediada. O que faria depois? Eu sabia que Grizz tinha dito que eu poderia deixar a propriedade com Grunt, mas eu não sabia se conseguiria encará-lo. Meus sentimentos estavam muito conflitantes.

Porém, quanto mais eu pensava naquilo, mais brava ficava. Pensei que talvez Grizz só tivesse dito que eu poderia sair com Grunt porque ele não achava que eu faria isso. Afinal, quando acordei, eu tinha dito a eles que odiava os dois. Foi isso. Grizz tinha certeza de que meu ódio não me deixaria aceitar a oferta de sair. Pois eu ia mostrar uma coisinha a ele.

Eu certamente não estava feliz com o Grunt. Afinal, sejamos francos. Eu deveria agradecer a ele por ter “me estuprado com gentileza”? Seria ridículo. Mas meu tédio e minha inquietação prevaleceram sobre a raiva e o orgulho, e eu me vi batendo à sua porta às dez horas naquela manhã.

Ele me atendeu vestindo só uma calça jeans. Eu fiquei sem palavras. Não sei o que esperava, mas não era Grunt só de calça jeans. Eu nunca tinha visto Grunt sem camisa antes, e acho que esperava ver um corpo de criança magricela. Ele não era grande, mas não era magricela de jeito nenhum. Tinha o corpo tonificado e o abdome definido. Seus braços não eram tão gigantescos quanto os de Grizz, mas com certeza eram musculosos.

Eu nunca tinha prestado muita atenção na aparência de Grunt antes,

mas, observando-o naquele momento, percebi que ele era realmente um cara bonito. Media cerca de 1,75m. Eu diria que ele pesava uns 77 quilos. Tinha cabelos escuros e olhos castanhos com manchas verdes. Tinha uma testa alta como a minha, o que sempre foi motivo para que eu usasse franja, mas nele, ficava bom. Pela primeira vez, notei dois pequenos brincos de argola de prata em sua orelha esquerda. Eu tinha certeza de que ele nunca as havia usado antes. Grizz também usava brinco. Eu tinha visto caras com brincos em Woodstock, mas nos anos de 1970 isso ainda não era tão comum. Muito menos dois.

Porém, o que mais me chamou a atenção foi sua tatuagem. Os braços e o pescoço de Grunt não eram cheios de tatuagens como as de todo mundo – até mesmo as mulheres. Grunt tinha uma tatuagem. Era de um pássaro enorme, com a cabeça virada para o lado interno do braço direito, sem chegar ao cotovelo. As asas se abriam pelo interior do braço e do peito. Elas eram enormes e cobriam a maior parte de seu peito de um jeito impressionante. Logo abaixo da asa do pássaro, havia uma grande cicatriz. Fiquei tentando imaginar se era da agressão que ele havia sofrido na infância.

Ele não me disse nada, apenas se virou e voltou para dentro do quarto. Eu o segui e não pude deixar de notar que a tatuagem continuava nas costas. Era como se o pássaro o envolvesse com as asas. Muito bonita.

— Uau! Sua tatuagem é muito legal — eu consegui dizer. Ele não me respondeu, mas foi até o aparelho de som e desligou-o. Eu não tinha notado que havia música tocando. Tinha me distraído com seu corpo e com a tatuagem.

Ele olhou para mim e perguntou:

— Você está bem?

— Sim, estou bem, acho. — Antes que ele pudesse dizer qualquer outra coisa, acrescentei: — Grizz disse que você poderia me levar para fora daqui. Fora da propriedade. Você sabia disso?

— Blue me disse.

— Faria isso? Pode me levar para fora? Para qualquer lugar?

— Sei lá. Poderia ser ruim. Provavelmente não seria uma boa ideia.

— Olha, eu pensei que nós fôssemos amigos. Eu pensei que tínhamos uma conexão.

Ele ergueu uma sobrancelha ao ouvir isso.

— Pensei que você me odiasse.

— Eu também pensei isso quando acordei. Veja as coisas do meu ponto de vista, Grunt. Eu acordei e você e Grizz estavam ali, parados. Eu sabia que você devia ter me vestido e me coberto. Foi humilhante. Mas não podemos

simplesmente esquecer isso e seguir em frente? Estou morrendo de vontade de fazer alguma coisa. Qualquer coisa. Por favor?

Ele sorriu e disse para eu esperar dez minutos para que ele tomasse banho e trocasse de roupa. Disse que eu poderia olhar seus discos e colocar o que quisesse para tocar.

Grunt tinha um monte de discos e eu escolhi um do Fleetwood Mac. Eu me sentei na beirada da cama e comecei a olhar ao redor. Na primeira vez em que estive ali, fiquei fascinada com a estante e não prestei muita atenção em mais nada. No entanto, naquele momento, vi uma pilha de correspondências sobre o criado-mudo. Correspondências? Ele recebia correspondências ali?

Eu ainda podia ouvir o chuveiro aberto, então peguei as cartas. Estavam todas endereçadas a Michael Freeman. Michael Freeman? Era o nome dele? Eu poderia jurar que tinha ouvido um nome diferente quando estava perdendo a consciência. Notei que todas as cartas eram de instituições educacionais diferentes e remetidas a uma caixa postal em Davie, que não era uma cidade muito desenvolvida naquela época. Era mais uma pequena cidade do campo para pessoas que amavam cavalos. Era a coisa mais rural que poderia haver no sul da Flórida, e ficava a leste de onde eu estava naquele momento. Então Davie tinha uma agência dos correios e era lá que ele recebia sua correspondência. Minha mente arquivou a informação. Interessante.

Eu não percebi que o chuveiro tinha sido fechado. Eu nem mesmo o ouvi abrindo a porta do banheiro para sair. Quando percebi que ele estava me observando, dei um pulo e coloquei a correspondência de volta em cima do criado mudo.

— Seu nome verdadeiro é Michael Freeman? Pensei que você tivesse dito que era...

— Não é Michael Freeman — disse ele rapidamente, me interrompendo. — Esse é um pseudônimo, Kit. Eu precisei inventar um pseudônimo para poder continuar existindo. Não poderia usar meu nome verdadeiro porque, bem, você sabe que não usamos nomes reais aqui, mas também porque eu sou o garoto que está desaparecido há seis anos. Provavelmente se supõe que eu tenha sido sequestrado e assassinado pela pessoa que matou minha família.

— Por que você precisa de um pseudônimo, afinal?

— Bem, eu dificilmente poderia me matricular na faculdade com o nome Grunt, certo?

— Faculdade? Vai fazer faculdade? Como vai fazer isso?

— Depois que me tornei Michael Freeman, terminei o ensino médio por meio de um curso por correspondência.

— Como você pôde terminar o ensino médio? Você está em qual ano? Primeiro ou segundo ano, talvez?

— Bem, eu deveria estar no segundo, mas não estou. Estou no primeiro ano da Cole University.

— Você está brincando?! Você está na faculdade? Você já está na faculdade?

— Sim, estou na faculdade, e sim, sou jovem para isso, mas sempre fui muito inteligente e quero ser alguém na vida.

— Como pode ser tão inteligente assim? Você me contou como foi a sua infância. Como você viveu daquele jeito e ainda assim se desenvolveu?

Mais uma vez, ele ergueu a sobrancelha. Ele se aproximou, pegou a pilha de cartas e tirou uma. Abriu o envelope e me entregou uma única página. Tenho certeza de que meu queixo despencou quando li o que foi digitado com precisão. Era de uma instituição de testes, parabenizando Michael Freeman por suas notas no teste de QI.

Aparentemente, meu novo amigo Grunt era um verdadeiro gênio.

Capítulo Treze

Antes de sairmos do quarto de Grunt, ele me perguntou o que eu estava vestindo no dia em que fui sequestrada. Depois que eu descrevi a roupa e ele viu que eu não estava vestindo nada como naquele dia, nem mesmo minha gargantilha com o símbolo da paz, ele pegou um boné que estava na sua cômoda. Ele me fez enfiar a franja para dentro e prender meu cabelo em um rabo de cavalo saindo pela abertura de trás do boné. Em seguida, pegou um óculos de sol e me disse:

— Você pode usar o meu até conseguirmos um para você.

Quando estávamos saindo, notei a jaqueta pendurada nas costas da cadeira da escrivaninha.

— Não vai vestir a jaqueta?

— Não tem motivo para chamar atenção indevida para o grupo. — Ele pegou uma carteira e um molho de chaves da cômoda e então saímos.

Eu o segui até a lateral do motel onde o escritório ficava. Eu nunca tinha estado ali antes. Quando demos a volta, vi dois carros. Carros muito bonitos. Um deles era um Corvette preto, que eu sabia ser do Grizz; provavelmente ele foi de moto em sua viagem de negócios.

Nós fomos em direção ao outro. Era um Camaro azul-claro. Eu não tinha certeza do ano, mas sabia que era um modelo mais antigo. Velho o suficiente para ser estiloso.

— Não vamos de moto?

Eu acho que fiquei desapontada. Por alguma razão, estar na garupa de uma moto atrás de Grunt era atraente. De onde eu tinha tirado essa ideia?

— Não tenho um capacete para você ainda. E não acho que você queira pedir emprestado de alguém. — Ele riu. — Na verdade, isso é algo que podemos fazer. Vamos arranjar um capacete para você.

— Não tenho dinheiro.

— Não precisa.

Ele destrancou a porta do lado do passageiro do carro e me deixou entrar. Depois que entrou e ligou o carro, ligou o ar-condicionado. Então, pegou uma fita cassete e enfiou-a no aparelho. Estávamos ouvindo Simon & Garfunkel quando chegamos à State Road 84. Simon & Garfunkel? Eu ri para mim mesma.

Eu estava começando a achar que Grunt era um nerd.

Não conversamos enquanto seguíamos para o leste na State Road 84. Ele virou à esquerda na US 441 e seguimos para o norte. Eu estava tão perto de casa que quase podia sentir o cheiro. Era muito estranho passar por lugares familiares, mas, depois de alguns quilômetros, estávamos fora do meu território e comecei a me sentir menos ansiosa.

— Aonde vamos? — Eu inclinei a cabeça para trás no banco, tentando relaxar.

— A uma loja perto de Riverview. Eles têm capacetes.

Fiquei observando a paisagem pela janela, me sentindo mais calma a cada minuto.

— Então, só por curiosidade, onde a gangue faz suas reuniões?

Ele olhou rapidamente para mim.

— Reuniões? Você quer dizer quando eles se juntam na fogueira?

— Não. Você sabe, os rituais satânicos e outras coisas. A gangue tem o nome do diabo. Até os nomes dos cachorros do Grizz são muito ruins. Eu imaginei que talvez vocês usassem um dos antigos quartos não utilizados no motel. Sabe como é, para adoção.

Ele jogou a cabeça para trás e riu.

— Kit, não adoramos o diabo.

— Está na jaqueta que vocês usam. — Eu acho que corei.

— Sim, para assustar as pessoas. Não é uma religião.

— Vocês não são adoradores do diabo? — Eu me preocupei com isso por um tempo e até fiquei tentando imaginar se Grizz tinha me deixado ficar com minha gatinha preta por outro motivo, mais sinistro.

— De jeito nenhum! — Ele estava rindo muito agora.

— Mas vocês acreditam no inferno. Quer dizer, está no logotipo e tal.

— Não, Kit. — Ele balançou a cabeça, ainda rindo. — Eu não acredito no diabo nem no inferno. Não acredito em nada, na verdade.

— E em Deus? — Eu me virei para olhar para ele. — Você acredita em Deus, não acredita?

— Não, não sei muito sobre nada que tenha a ver com religião.

— Com todos os seus estudos, você nunca teve uma aula sobre religião?

— Meus olhos estavam arregalados. — Você sabe, religião mundial, filosofia religiosa, qualquer coisa?

— Nada. — Ele fez uma pausa, depois perguntou: — Aquilo que você faz antes de comer é religioso?

— Você se refere ao fato de eu me benzer? Sendo católica, sempre fiz o sinal da cruz antes de agradecer por uma refeição.

— Não sei como se chama.

Foi a minha vez de sorrir.

— Você disse que me ensinaria a jogar xadrez. Você vai me deixar ensinar uma coisa a você?

Ele hesitou.

— Sim, claro. Por que não?

E assim começaram as lições sobre religião de Grunt, especificamente o cristianismo.

Eu me deixei aproveitar o resto do passeio enquanto conversávamos. Eu até o convenci a desligar o ar-condicionado e baixar os vidros. Eu me sentia estranhamente alegre. Chegamos à loja e eu escolhi um capacete bem rápido. O cara que trabalhava lá conhecia Grunt e em nenhum momento fez algum gesto que indicasse que esperava que pagássemos. Saímos da loja menos de quinze minutos depois.

Eu não estava muito familiarizada com aquela parte da cidade. Para chegar à loja, saímos da US 441 e agora estávamos em algumas ruas paralelas sombrias. Era uma mistura estranha de comércio e casas antigas, como se alguém tivesse bagunçado e muito as leis de zoneamento. Ao lado da loja, vi um cara construindo uma cerca de madeira. Fiquei tentando imaginar se a cerca era dele ou se ele era o ajudante contratado. Ele olhou para mim de um jeito perturbador no caminho para a loja.

Agora, quando estávamos saindo, ele gritou:

— Ei, docinho. Quer passar um tempo com um homem de verdade? Por que você não vem até aqui? Diga ao seu irmãozinho que ele pode voltar para buscar você em uma hora. Ou em dez minutos. — Então ele deu uma risada terrível que se transformou em ataques de tosse. Que doente.

Eu olhei para Grunt, que apenas o ignorou. Bom, melhor assim. Se eu estivesse com Grizz, provavelmente veria um assassinato. Mas sinceramente, se eu estivesse com Grizz, aposto que o Sr. Cerca não teria dito uma palavra. Ainda assim, provavelmente foi bom eu estar com o mais novo do grupo. Eu não queria nenhum problema.

Depois que entramos no carro, Grunt disse que queria o ar-condicionado ligado. Nós fechamos as janelas, ele ligou o carro e o ar-condicionado. Tirou a fita de Simon & Garfunkel e colocou uma do Pink Floyd. Depois ele se virou para mim.

— Fique aqui. Não saia deste carro por nada. Entendeu?

Antes que eu pudesse responder, ele aumentou bastante o volume do som e saiu do carro. Começou a andar em direção ao Sr. Cerca. Ah, não. Ai, meu Deus. Grunt vai tentar ser machão e agredir o homem. Eu olhei ao redor, imaginando o que faria se algo acontecesse.

Eles desapareceram atrás de uma parte da cerca que já estava construída, então eu não pude ver nada, e, com a música tão alta, também não consegui ouvir nada. Depois de alguns minutos de nervosismo, decidi que talvez deveria abaixar o volume da música, mas, antes que eu fizesse isso, Grunt saiu de trás da cerca. Ele parecia bem. Não parecia machucado. Talvez ele tivesse dito ao cara que alguém viria acabar com ele. Grunt entrou no carro, e antes que eu pudesse dizer uma palavra, nós partimos. Eu decidi não comentar nada.

Passamos as duas horas seguintes fazendo coisas – fizemos algumas compras, abastecemos o carro, passamos na farmácia. Eu até comprei um novo óculos de sol. Grunt teve o cuidado de escolher lugares mais escondidos. No meio da tarde, voltamos para o motel e ele foi para o quarto dele. Fui ao quarto número quatro para ver como Gwinny estava e dar comida aos cães. Grunt me lembrou de que eu poderia pegar qualquer um de seus livros quando quisesse. Agradei a ele pelo dia e disse que aceitaria a oferta dos livros.

Quando a noite chegou, decidi ficar no quarto. A fogueira não despertava meu interesse, e eu preparei uma tigela de cereal e me sentei no sofá para assistir à TV. Decidi assistir ao noticiário da região. Eu sempre tinha esperanças de ver algo sobre mim, mas muito tempo tinha se passado e eu estava certa de que meu rapto nunca foi notícia de destaque. Eu tinha certeza de que a polícia não levou o caso a sério. Bastaria uma ida à casa de Delia para pensarem que eu tinha fugido. Disso eu não tinha dúvidas.

Passei pelos poucos canais que tínhamos, sem paciência. Ainda não existia TV a cabo, assistíamos aos canais que pegavam. O volume estava baixo e pensei ter visto um repórter parado em frente a um lugar familiar. Aumentei o volume.

— Estamos na casa da Raymond Price — dizia a atraente repórter. — Hoje cedo, o Sr. Price foi resgatado por um casal que passeava com seu cachorro e ouviu gritos abafados. Quando eles foram investigar a origem dos gritos, descobriram que o Sr. Price havia sido brutalmente atacado. Ele foi encontrado em pé, de costas para uma cerca, com as mãos estendidas ao lado do corpo. — a repórter fez uma pausa aqui para causar suspense. — As mãos do Sr. Price foram pregadas na cerca de madeira que ele estava construindo. Havia vários pregos

nas duas mãos, tornando impossível que ele se libertasse sem rasgar as mãos. Um trapo foi enfiado em sua boca, o que tornou difícil para ele pedir ajuda.

A repórter então semicerrou os olhos enquanto ouvia alguém fazer uma pergunta na pequena multidão que se reunia.

— Acabaram de me perguntar se o Sr. Price poderia identificar a pessoa ou as pessoas que o agrediram — disse ela, franzindo a testa. — Em uma estranha reviravolta, o Departamento de Polícia de Riverview nos disse que o Sr. Price se recusou a dizer qualquer coisa. Eles estão preocupados, pensando que ele pode ter sido ameaçado e que esteja com medo de retaliação. A polícia diz que esta área específica é bem conhecida devido às gangues de motoqueiros. Uma gangue em particular é conhecida por frequentar esta loja vizinha.

A câmera passou por trás da repórter, e senti meu estômago se revirar. Eu entendi porque a cena me parecia tão familiar. Bem ali, na TV, pude ver a loja onde tínhamos escolhido meu capacete naquela tarde, e a cerca recém-construída dividindo-a da casa ao lado.

Eu não acreditava no que estava vendo. Meu coração batia forte. Engoli em seco e respirei fundo.

Eu estava enganada em relação a Grunt. Ele não era um carinha indefeso.

Era um deles.

Capítulo Catorze

Naquele momento, a porta se abriu e Blue entrou, andando direto em minha direção.

— Levante-se. Agora. Você vem comigo.

Antes que eu pudesse perguntar qualquer coisa, ele passou por mim, foi para o quarto e encontrou minha mochila pendurada em um gancho atrás da porta. Eu o segui até o quarto, fazendo perguntas para saber o que estava acontecendo. Ele estava muito concentrado para falar. Não parava de olhar ao redor.

— Onde estão as suas coisas, Kit? Você tem algum item pessoal aqui? Tipo... se fosse passar a noite em algum lugar, o que levaria?

Minhas mãos tremiam.

— Aonde estou indo?

— Eu não tenho tempo para explicar nada pra você. O que você gostaria de levar?

Sem responder, fui ao banheiro. Peguei meus anticoncepcionais, minha escova de dentes e a de cabelo. Abri uma gaveta e peguei algumas roupas íntimas e uma camisola. Abri outra cômoda e peguei alguns shorts e umas blusinhas. Eu ainda só tinha um sutiã, o que estava usando. Acho que era uma peça de roupa que precisava comprar. Rapidamente enfiei tudo na bolsa.

— Boa menina. — Ele viu meu novo capacete sobre a mesa de canto e o pegou. — Calce os sapatos. Nós temos que ir. Agora.

Eu corri para o balcão da cozinha e peguei meus óculos de leitura. Eu os enfiei na bolsa junto com uma revista enquanto calçava sandálias. Eu ainda estava usando o que tinha vestido naquele dia. Uma calça jeans e uma blusinha normal. Ele pegou meu capacete e eu o segui para fora.

— Gwinny! — gritei, lembrando-me da gata.

— Ela vai ficar bem. Moe cuidará dela e dos cachorros. Vamos lá!

Estávamos na moto e eu ainda estava prendendo o capacete quando saímos do motel e entramos na State Road 84. Eu me agarrei a ele quando partimos noite adentro. Pegamos a State Road 84 para o leste e viramos à direita no Pete's. Aquela era a Flamingo Road, e como estávamos nos anos de 1970, assim como na State Road 84, estávamos em território totalmente

subdesenvolvido. A Flamingo Road era quase que totalmente formada por pastagem.

O medo começou a desaparecer. Em determinado momento, eu até ri quando passamos por um velho sobrado com uma grande placa na frente. O proprietário havia escrito, com letras grandes e pretas, em um pedaço de compensado apoiado na varanda do segundo andar: “Procura-se esposa. Deve cozinhar e limpar. O marido pagará as contas.” Aquele marido em potencial, desde então, tinha vendido a propriedade. Tenho certeza de que um shopping center ocupa o espaço agora.

Seguimos para o sul na Flamingo até chegarmos a uma pequena cidade chamada Pembroke Pines. Viramos à esquerda na Taft Street e de repente vimos um belo conjunto habitacional de bom gosto. Depois de dobrarmos mais algumas esquinas, chegamos a uma casa muito bonita. Alguém lá dentro deve ter ouvido a moto, porque a porta da garagem se abriu como se estivessem nos esperando. Blue parou a moto e desligou o motor.

Quando saí da garupa, notei uma morena atraente, alta e muito bronzeada em pé na porta que levava da garagem para a casa. Ela mantinha o dedo no botão para abrir o portão da garagem, e enquanto eu esperava Blue descer da moto, o portão se fechou. Ela caminhou na minha direção e estendeu a mão.

— Oi. Eu sou Jan, a esposa de Blue — disse ela, sorrindo calorosamente. — Vocês chegaram a tempo para o jantar.

Só fiquei mais surpresa no dia em que Moe me mostrou o quarto de Grizz. *Esposa* de Blue? Nunca me passou pela cabeça que Blue, ou qualquer outro membro da gangue, pudesse ter se casado ou que de fato morasse em outro lugar que não o motel. Eu não tinha prestado atenção suficiente ao que todo mundo estava fazendo.

Blue e eu seguimos Jan para dentro da casa. Naquele exato momento, dois menininhos correram em direção ao Blue e o agarraram pelas pernas. Ambos vestiam macacões combinando sem camiseta por baixo. Eles eram pequenos, e o menor tinha certa dificuldade para andar. Ele provavelmente tinha pouco mais de um ano de idade. Seu irmão mais velho devia ter uns três.

— Papai! Papai! Brinque com a gente — gritou o mais velho.

— Deixem o papai jantar, meninos, e depois ele pode ficar com vocês — disse Jan, rindo.

— Quem é essa garota? — perguntou o mais velho.

— É a Kit — disse Blue, em um tom gentil. — Ela é minha amiga.

Vocês devem ficar bonzinhos enquanto jantamos e eu volto daqui a pouco.

Eles saíram pulando com alegria em direção ao que parecia ser um quarto familiar muito confortável. A TV estava ligada e os brinquedos estavam espalhados por toda parte.

— Já dei comida para eles — Jan explicou. — Venham, vamos comer.

Como meu jantar de cereais e leite foi interrompido, eu estava ansiosa para comer a refeição servida. Fiz o sinal da cruz e rezei baixinho. Então, enquanto Blue falava, eu me delicieei com bolo de carne caseiro, purê de batatas e ervilhas. Ele explicou o motivo da nossa partida abrupta do motel.

Momentos antes de eu ter visto o noticiário sobre o ataque ao Sr. Cerca, Blue recebia uma mensagem de Grizz no trabalho. Grizz havia sido avisado de que a polícia iria ao motel. Aparentemente, Grizz tinha informantes em todos os lugares, inclusive nas várias delegacias no sul da Flórida.

Nem todo mundo tinha pagers naquela época. Eles eram relativamente novos, mas não fiquei surpresa ao saber que Grizz e alguns de seu grupo tinham pagers. Mas, para se comunicar através de um pager, era preciso encontrar um telefone para retornar a ligação ao número que o pager exibia digitalmente. Foi bastante fácil para Blue retornar a ligação a Grizz. Ele estava em cima de um poste de telefone fazendo um reparo. Ele liberou uma linha e ligou para Grizz imediatamente.

Aquilo também era algo que eu nem imaginava. Blue trabalhava para a companhia telefônica?

— Mas por que a polícia iria ao motel? — perguntei, deixando minhas outras perguntas de lado.

— Depois do que o Grunt fez, com certeza receberíamos a visita da polícia — disse Blue, balançando a cabeça.

— Mas como eles saberiam que foi o Grunt? — perguntei, confusa. — Não estávamos de moto. Ele não estava de jaqueta. Minha nossa, nós nem pagamos pelo meu capacete, então não tem nem um recibo para nos rastrear. E de qualquer maneira, como você sabe que foi o Grunt?

— Grizz tem olhos em todos os lugares — disse Blue. — E não importa se foi Grunt ou não. Só de falar em uma gangue de motoqueiros, certas delegacias usam qualquer desculpa para ir até o motel e tentar agitar as coisas. Eles conhecem nossa sede e Grizz quis que você sáísse de lá.

Jan passou mais purê de batata.

— Eu vi as notícias. Eu poderia ter adivinhado que seu irmão caçula tinha algo a ver com aquilo — disse ela para Blue, com um sorriso. — Grunt é

um arruaceiro bem criativo.

Ela disse isso com um ar de mãe orgulhosa enquanto colocava mais ervilhas no próprio prato. Olhei para ela. Arruaceiro criativo? Que descrição estranha. Olhei para Blue, que observava Jan com uma expressão que não consegui decifrar. Antes que um de nós pudesse dizer alguma coisa ou questionar o comentário dela, Jan começou a falar sobre algo fofo que uma das crianças tinha feito mais cedo naquele dia. Eu olhei para o quarto da família onde os dois docinhos de meninos estavam brincando. *Sim, Sra. Orgulhosa Maluca, seu filho é o responsável por explodir aquele prédio. A senhora deve estar muito orgulhosa.* Aquelas pessoas eram um mistério.

Balancei a cabeça sem acreditar.

— Grunt vai ter problemas com a polícia?

— Não — disse Blue de modo casual. — Não há dúvida de que o cara não vai identificá-lo. Não há nada para ligá-lo à cena. Mesmo que seu carro fosse identificado, não importaria. Eles nunca pensariam que um garoto conseguiria fazer aquilo com um homem adulto. Eles só irão ao motel com o mandado para dar uma olhada e tentar conseguir o que puderem sobre Grizz. É ele que eles querem, de qualquer forma.

— Mas e o Grizz? Grunt ficará em apuros com ele?

— Não sei. Ele vai ter que dar umas explicações. Depende do Grizz.

Eu não entendi.

— Mas você não está com medo nem preocupado com ele? Sei lá, ele é seu irmão.

Blue apenas deu de ombros e colocou mais feijões verdes em seu prato.

— Grunt tem idade suficiente para enfrentar as consequências. Ele sabe do que pode e do que não pode se safar. Em algum momento, é preciso deixar que as pessoas se virem e assumam a responsabilidade por suas escolhas.

Naquela noite, enquanto me acomodava na cama do quarto de hóspedes de Jan e Blue, não consegui não me preocupar com Grunt. Meu amigo.

A polícia acabou invadindo os quartos de Grizz naquela noite. Se as circunstâncias fossem diferentes, eu poderia ter sido resgatada. Se alguém tivesse se lembrado da garota que desapareceu e que estava conversando com um motoqueiro na frente do 7-Eleven. Se alguém tivesse se lembrado de me ver subir na moto do Monstro, mesmo que não tivesse visto a jaqueta dele, isso poderia ter despertado uma lembrança nos policiais que vasculhavam os quartos do Grizz. Se houvesse ao menos um indício de que eu poderia ter sido sequestrada por uma gangue de motoqueiros, então os policiais que revistaram

os quartos de Grizz poderiam ter notado algumas pistas.

Como os três livros da biblioteca, em cima da cômoda, e a minha gargantilha marrom com o símbolo da paz em cima deles.

Capítulo Quinze

Mas eles não notaram nada disso. Eles não estavam procurando uma vítima de sequestro. Estavam procurando drogas ou algum outro tipo de conexão com os negócios ilícitos de Grizz. Eu nem mesmo estava no radar deles.

Na manhã seguinte, Blue me disse que me levaria de volta ao motel antes de ir trabalhar. Foi claro. A polícia tinha ido embora.

Jan fez uma contraoferta.

— Olha, Kit, gostaria de passar o dia conosco? Afinal, Blue tem que trabalhar, mas os meninos e eu estamos em casa sozinhos. Nós poderíamos ficar na piscina enquanto Timmy e Kevin brincam. Só um tempinho de descanso para as meninas, se você quiser.

Eu olhei para Blue para pedir permissão. Antes que ele pudesse dizer alguma coisa, Timmy começou a pular e gritar:

— Kit! Kit pode ficar com a gente. Kit pode nadar na piscina, ficar aqui e ser amiga da mamãe!

Timmy parecia uma versão em miniatura de Blue. Eu olhei para o mais novo, Kevin. Imaginei que, na idade dele, Grunt devia ser como ele. Eu via uma semelhança familiar clara neles.

Sorri para eles. Grunt nunca me disse que tinha dois sobrinhos adoráveis. Por ser filha única, fiquei ansiosa para aceitar a oferta de Jan, mas dependeria de Blue.

Blue pareceu hesitante no início, mas depois disse:

— Claro. Eu posso trazer você de volta hoje à noite ou mandar alguém vir pegá-la. Mas não saia da casa, está bem? Nós já tivemos problemas o suficiente.

Ele beijou Jan nos lábios, depois se abaixou e beijou os dois meninos na cabeça. Então bagunçou seus cabelos e saiu pela porta. Não ouvi o barulho da moto e fui até a janela da frente.

— Você ficou surpresa, não é? — perguntou Jan. Ela deve ter lido minha mente. — Nem tudo gira em torno da gangue, sabe? Muitos deles têm famílias, como o Blue. Nem tudo tem a ver com as motos, também.

Ela meneou a cabeça, mostrando algo pela janela, e notei Blue dentro de uma pequena caminhonete dourada. Eu não tinha notado a presença do veículo

quando chegamos no dia anterior.

Ela sorriu para mim e perguntou:

— Quer me ajudar a alimentar esses monstrinhos? Tenho algumas coisas para fazer em casa e depois podemos passar o resto do dia na piscina.

Eu estava muito ansiosa para ajudar, e quando nos demos conta, já tínhamos alimentado os meninos e limpo a cozinha. Ela me disse para assistir à TV ou relaxar enquanto fazia algumas tarefas. Ela levou as crianças para a sala de TV e foi até um armário.

— Certo, meninos, hora do brinquedo especial — disse ela, enquanto puxava o que parecia ser uma grande sacola de lavanderia do armário. Começou a despejar uma pilha enorme de blocos no chão. Timmy e Kevin estavam animados. Obviamente eles adoravam brincar com aqueles blocos, e não paravam de pular e bater palmas. Jan sorriu para mim. — É incrível como esconder uma coisinha deles faz com que ela se torne mais especial. Eles vão passar horas montando esses blocos, derrubando-os e, em seguida, começando tudo de novo.

Concluí que gostava muito de Jan. Perguntei se poderia ajudar a fazer qualquer coisa. Já tinha visto muita TV. Eu queria passar um tempo com uma amiga. Passamos a manhã conversando. Nós nos revezamos entre pequenas tarefas e cuidando das crianças. Eu dobrei a roupa enquanto ela passava algumas camisas de Blue. Varri o chão da cozinha enquanto ela esvaziava a lava-louças. Eu reguei as plantas da casa enquanto ela tirava as roupas de cama dos meninos. Foi uma manhã bacana e confortável. Ela compartilhou algumas coisas comigo que eu deveria saber, mas nas quais nunca tinha pensado.

Por exemplo, eu não tinha prestado muita atenção nas atitudes das pessoas da gangue. Supunha que quase todos viviam no motel e o trabalho deles era qualquer atividade de gangue da qual participassem. Eu estava errada. Os únicos residentes em tempo integral do motel eram Grizz, Grunt, Moe e Chowder.

Eu a interrompi.

— E Willow? Na primeira noite em que estive lá, ela disse algo a Grizz sobre esperar por ele no quarto deles. — Jan explicou que Willow não morava no motel o tempo todo, mas usava os quartos vazios sempre que queria. Todos eles faziam isso.

Chowder era um cara tranquilo e despretensioso da gangue. Eu nunca havia pensado muito nele. Acho que nunca nem tinha ouvido a voz dele. Não, eu não estava preocupada com a língua dele. Tenho certeza de que ele era apenas

um cara quieto. Ele era carpinteiro e foi o responsável pela reforma dos quartos de Grizz. Ele era o faz-tudo do motel e a pessoa da manutenção. Ele cuidava do quintal e de qualquer outra coisa que precisasse de conserto – banheiros entupidos, janelas quebradas, caixas de fusíveis. Ele até cuidava para que as lâmpadas fossem substituídas quando queimavam. Claro, era um velho motel decadente, e só havia algumas coisas que ele podia fazer. Não era necessário que ele se ocupasse de coisas como os brinquedos do parquinho, as velhas bombas de gasolina ou a piscina de cimento vazia.

Jan não me disse muito sobre Moe. Tentei conseguir informações sobre o motivo pelo qual ela havia perdido a língua. Eu não ia perguntar diretamente, então tentei dar dicas sutis sobre a minha curiosidade. Ou ela não mordeu a isca, não sabia ou decidiu que não seria ela quem me contaria. Ela desviou do assunto sobre Moe e foi direto para seu favorito do grupo: seu cunhado, Grunt.

Jan gostava muito de Grunt. Ela me contou que ele poderia morar com ela e Blue, mas decidiu não fazer isso. Ele era muito pequeno quando Blue o levou para o motel. Blue costumava morar lá, na época. Grunt estava lá havia apenas um ano quando Blue conheceu Jan e se mudou.

— Ele não ficou preocupado em deixar o irmão mais novo com Grizz?

— Não, nunca — disse Jan, com os belos olhos castanhos pensativos. — O Grizz sempre foi bom e justo com o Grunt. Acho que o Grizz não tem família, e assim como a sua gatinha, que ele resgatou, ele cuidou de Grunt quando Blue não estava por perto. Sim, eu soube do que aconteceu com a gatinha — disse ela, quando percebeu meu olhar curioso.

E continuou:

— Grunt sempre foi um menino com alma velha. Acho que ele estava desiludido com a vida devido à experiência que teve com sua família e, depois, com os pais adotivos. Acho que ele gosta mesmo de ficar sozinho. Mas ele é e sempre foi bem-vindo aqui. Eu sempre o adorei, desde o começo.

Pelo pouco que eu conhecia sobre Grunt, tive que concordar com ela. Alma velha? Delia disse uma vez que eu tinha alma velha. Eu nunca tinha ouvido alguém dizer aquilo antes.

As tarefas foram finalizadas e os pequenos se deitaram para tirar uma soneca. Jan me disse que eles tinham apenas treze meses de diferença. Eles eram umas fofuras, com certeza. Ela me levou para o quarto principal, abriu uma gaveta e começou a tirar as roupas de banho dali.

— Vamos encontrar algo para você vestir — disse ela. — Escolha o que quiser e experimente. Deixei minhas peças preferidas secando no banheiro. Volto

já, já.

Ela entrou no banheiro e fechou a porta. Eu olhei para a pilha de roupas de banho e escolhi um biquíni amarelo de amarrar. Era ajustável, por isso serviria. Jan era alta e esguia. Eu era baixa e magra, mas talvez um pouco mais curvilínea. Vesti o biquíni. Eu estava amarrando o lacinho no lado esquerdo do quadril quando ela chegou.

Jan parou e olhou para mim.

— Quantos anos você tem mesmo?

— Quinze, por quê? — Eu estava começando a me sentir um pouco envergonhada.

— Você não parece ter quinze anos.

Eu me virei e me olhei no espelho sobre a cômoda. Entendi por que ela disse aquilo. A parte de baixo do biquíni me serviu perfeitamente. A de cima, no entanto, ficou um pouco pequena. Eu acho que eu tinha peitos maiores do que os dela e meus seios pareciam estar se esforçando para se libertar do tecido amarelo.

— Você fica melhor com esse biquíni do que eu. Pode ficar com ele.

Agradei enquanto pegávamos algumas toalhas e nos dirigíamos para o quintal. Ficamos deitadas ao sol o resto da tarde. Jan deixou a janela do quarto dos meninos entreaberta, e quando ouvimos Timmy e Kevin acordarem da soneca, entramos e preparamos algo para eles comerem. Então, nós vestimos calções de banho neles e os levamos para fora. Eles eram pequenos demais para entrarem sozinhos na piscina, então brincaram em uma piscina de plástico na grama ao lado do concreto. Quando Jan e eu queríamos nos refrescar, levávamos um deles para a piscina conosco.

Eu me diverti muito e lamentei quando Blue chegou em casa. Eu acho que Jan não tinha visto o tempo passar, porque não parava de pedir desculpas, dizendo que lamentava não ter pensado em preparar um jantar para mim antes de eu ter que voltar para o motel. Eu disse a ela que não havia problema nisso. Que eu tinha muito o que comer lá. Então, ela disse a Blue que o jantar estaria pronto quando ele voltasse do motel.

Fui para o quarto de hóspedes para me trocar. Eu estava arrumando minha bolsa quando Jan bateu levemente à porta e entrou. Sorri para ela e disse que achava que tinha pegado tudo, mas se eu esquecesse alguma coisa, talvez pudéssemos passar outro dia juntas e eu pegaria o que tinha esquecido. Fiquei sorrindo e esperando que ela dissesse alguma coisa.

Mas Jan apenas ficou ali, parada, com a toalha enrolada no corpo.

— Blue me disse que ele vê Grunt observando você. — Um olhar gelado combinava com o tom de sua voz. — É melhor que você não esteja tentando seduzi-lo. Se você fizer qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, que faça Grizz pensar que há alguma coisa entre você e Grunt, e se ele machucar o Grunt de alguma maneira, eu mesma cuidarei para que você pague por isso.

Fiquei tão chocada com a mudança de personalidade nela que nem consegui responder.

Ela continuou:

— Eu sei o que você pensa. Conheço pessoas como você. Se acha que porque está com aquele gorila, você pode se safar de qualquer coisa, saiba que não é bem assim. Não demorará muito para que o Blue esteja no comando e então você vai se ferrar. E se estiver pensando em dizer ao Grizz que nós tivemos essa conversa, bem, vamos apenas dizer, Kit — ela praticamente cuspiu o meu nome — , que acidentes acontecem o tempo todo. Você entendeu? Entende agora com quem está lidando?

Sim, eu sabia com quem estava lidando. A mulher mais psicopata do século, claro.

Aquilo era drama suficiente para um mês. Eu peguei minha bolsa e a joguei sobre o ombro. Então, eu olhei bem nos olhos dela e, com um tom que deixava claro que eu não tinha medo dela, falei:

— Vá se foder, Jan.

Passei por ela e, enquanto seguia pelo corredor em direção à porta da frente, não consegui resistir e disse, antes de ir embora:

— Olha, Jan — com a voz mais doce possível. — Se Blue se atrasar para o jantar, tenho certeza de que é porque ele está recebendo um daqueles fantásticos boquetes pelos quais a Chicky é famosa.

E com isso, peguei meu capacete no banco perto da porta da frente e saí.

Capítulo Dezesseis

Blue estava acelerando a moto na entrada da garagem. Eu coloquei o capacete e subi na garupa. Partimos. Não olhei para trás.

Levamos quase trinta minutos para voltar ao motel, e eu lutei contra meus demônios internos o tempo todo. Quem era aquela garota que havia dito aquelas obscenidades a Jan? Jan mereceu aquilo? Com certeza. Eu era o tipo de pessoa que dizia aquelas coisas? Não mesmo. Eu nem mesmo *pensava* em palavrões. Não me reconheci.

Quanto ao comentário sobre Chicky, não fazia ideia de suas especialidades dentro ou fora do quarto. Eu inventei aquilo. Se estar com Grizz há um mês havia causado aquele efeito em mim, como seria passar a vida com ele...? — algo que, mais de uma vez, ele disse que aconteceria — , em que eu me transformaria?

Não importava. Eu tive um lapso de comportamento causado pelo choque com a mudança repentina na personalidade de Jan. Com certeza eu não era especialista em saúde mental, mas obviamente ela tinha problemas. Coitadinhos do Timmy e do Kevin. Coitado do Blue. Não deixei de notar a ironia no fato de estar sentindo pena de um homem que havia matado a irmã e o cunhado sem pensar duas vezes.

Mas talvez Jan não sofresse de nenhuma doença mental. Talvez ela fosse apenas uma bruxa. Bem, ela escolheu a garota errada para vitimizar com sua malícia e com suas ameaças. Eu não era vítima. Nunca fui. Nunca seria.

Tenho certeza de que alguém olharia para a minha situação e discordaria disso. Eu tinha duas grandes indiscrições em meu passado. Uma delas tinha sido deixar Johnny Tillman entrar na minha casa. A outra tinha sido pegar carona na moto do Monstro. Mas nas duas vezes, eu conhecia o risco e tinha feito uma escolha consciente. Em ambas as vezes, meu cérebro calculou as chances de algo ruim acontecer como resultado da minha escolha. Não estou dizendo que foram escolhas certas ou inteligentes, mas estou dizendo que sabia dos riscos que estava correndo na época. E as situações tinham sido desfavoráveis. Aceito isso.

Eu também não era a virgem ingênua que alguém poderia achar que eu fosse. Era sexualmente inexperiente por escolha, sim, mas definitivamente tinha conhecimento dos detalhes mais íntimos de um relacionamento sexual. Afinal,

eu vivi com Delia. Eu estive em Woodstock. Eu tinha visto coisas lá que fariam até mesmo Grizz corar.

Delia havia me incentivado, muito antes de Grizz aparecer, a explorar minha sexualidade. Ela achava que eu deveria ter um namorado. Ela insistiu para que eu comesse a tomar anticoncepcional. Sim, a pílula anticoncepcional realmente melhorava as cólicas, mas esse não foi o motivo de Delia. Eu acho que o que ela realmente queria era que eu saísse de casa. Quanto mais cedo eu tivesse um cara na minha vida, mais cedo eu deixaria de ser problema dela. Bem, acho que ela conseguiu realizar esse desejo.

Algo mais me passou pela cabeça enquanto Blue e eu percorríamos a Flamingo Road de volta para o motel. Eu me perguntei se Grizz havia aparecido e me levado quando me levou não por causa de Matthew, mas sim por causa de Delia. Será que ele percebeu que ela era muito volúvel e que minha virgindade poderia estar em perigo?

Bem, eu sabia que não estava em perigo. Pode ser surpreendente descobrir que eu tinha planejado esperar até o casamento. Eu queria uma vida completamente diferente da que tive com Delia.

Além disso, eu era cristã. Também não foi graças à Delia. Comecei a ir à igreja com uma amiga da vizinhança, Cathy, quando eu estava na segunda série. Delia adorava porque isso dava a ela e a Vince as manhãs de domingo para ficarem na cama, chapados, fazendo amor e o que mais quisessem. Não se engane, eles faziam isso quando eu estava lá também, mas talvez ela apenas gostasse da liberdade das manhãs de domingo. Minha ausência fazia com que ela esquecesse por algumas horas que eu era responsabilidade dela.

Depois de alguns anos, Cathy se mudou. Comecei a ir de bicicleta até a igreja mais próxima do bairro, a Sagrado Coração. Era uma igreja católica grande e impressionante perto da minha escola primária. Eu assistia à missa todo domingo sozinha até o dia em que o Monstro me levou.

Não, eu não era o tipo de garota que atacaria a esposa louca de alguém. Mas acabei fazendo isso.

Voltei ao presente quando Blue entrou no motel. Procurei a moto do Grizz. Ainda não estava ali. *Ainda é terça à noite. Eu acho que ele estará de volta amanhã, como disse quando se foi.* Acho que fiquei desapontada por ele não ter voltado mais cedo.

Blue me deixou descer da moto primeiro. Ele também desceu e estava me levando em direção ao quarto número quatro quando parou.

— Ah, merda. — Ele estava olhando para o pager.

Eu continuei andando. Ele me seguiu até o quarto número quatro e pegou o telefone, discando um número. Eu podia ouvir o que ele dizia na conversa enquanto ia para o quarto para começar a tirar as coisas da bolsa.

— Calma, Jan. Não, ela não disse nada para mim. O que você disse a ela? Cala a boca e me diga o que você falou. — Uma pausa. — Porque eu não tenho dúvida de que você abriu a porra da sua boca primeiro. — Uma pausa mais comprida. — Não, a Chicky *não* vai me chupar.

Eu me movimentei de modo a ficar na porta do quarto de frente para ele. Ele olhou para mim enquanto falava; eu não sabia se ele estava bravo com a esposa ou comigo. Não me importava. Passei por ele e entrei na pequena sala de estar para começar a recolher os restos do meu jantar, que eu havia deixado na mesa de café havia menos de vinte e quatro horas.

Depois de mais alguns gritos, Blue desligou. Eu senti que ele me observava.

— Você quer me contar alguma coisa? — foi tudo o que ele disse.

— Quero. — Eu coloquei minha tigela no balcão da cozinha. — Vou contar.

E contei. Eu contei a ele tudo o que foi dito, palavra por palavra. Pedi desculpas pelo comentário sobre a Chicky, porque senti culpa por envolvê-la sem o conhecimento dela.

Blue suspirou e passou a mão pelos cabelos.

— Bem, eu acho que agora você sabe a verdadeira razão pela qual o Grunt não mora com a gente.

Não respondi.

— Você vai contar ao Grizz?

— Por que não contaria? Me parece que com todas as precauções que esse grupo toma para permanecer anônimo, sua esposa é a maior ameaça a isso.

— Bem, você não estaria dizendo algo que ele já não saiba.

Isso me surpreendeu.

Naquele momento, Moe bateu à porta e entrou. Ela estava segurando Gwinny, e Damien e LúCIFer estavam atrás dela. Ela fez sinal para mim, indicando que já havia dado comida a eles. Agradei e tirei Gwinny dos braços dela. Ela saiu tão rapidamente quanto havia entrado e os dois cachorros se foram com ela.

Damien e LúCIFer amavam Moe. Ela sempre os levava para o quarto e os mimava com petiscos. Eles até dormiam com ela, às vezes. Ela deixava que eles se deitassem na cama com ela, o que eles adoravam.

Depois que Moe saiu, voltei a olhar para Blue. Eu não sabia qual era a minha situação com ele. E quando olhei para ele, decidi que, sinceramente, não me importava.

Pedi licença para ir tomar um banho e o ouvi sair quando entrei no quarto. O banho foi longo e quente, e eu tentei aproveitá-lo bem, fazendo o melhor para apagar as lembranças dos últimos dias: a perda da minha virgindade, o ataque de Grunt ao cara da cerca e a esposa psicótica de Blue.

Quando a água quente acabou, saí do chuveiro, relutante. Eu me sequei e enrolei os cabelos em uma toalha. Enrolei outra toalha no corpo ao entrar no quarto.

E parei de repente.

Grizz estava lá. Sentado na cama. Estava encostado na cabeceira, me observando, sem camisa. Na verdade, eu tinha certeza de que ele não estava usando nada. O lençol branco estava puxado o suficiente para cobrir seu quadril.

Observei seu físico. Ele era tão grande e musculoso, e seu peito e seus braços eram cobertos por várias tatuagens. Ele tinha um pouco de pelos loiros no peito. Sua pele era bronzeada. A luz da luminária de cabeceira reluzia na argola de ouro em sua orelha esquerda. A expressão era a mesma da primeira vez em que o vi: ele não sorria. Não estava carrancudo. Só olhava para mim com aqueles olhos verdes.

— Kit, chegou a hora. Venha aqui.

Com um nó na garganta, respondi com um sussurro:

— Não.

Capítulo Dezessete

— Não é pelo motivo que você está pensando — acrescentei rapidamente, com o rosto corado. — Acabei de menstruar e não tenho absorvente. Eu ia procurar a Moe, para ver se ela tem algum.

Antes que ele pudesse responder, eu levantei uma ponta da toalha com a qual estava enrolada e mostrei a mancha rosa-clara. Eu não sangrava muito no primeiro dia de menstruação, mas ainda precisaria de algo.

— Droga! — Grizz arrancou o lençol e deu um pulo, me impedindo. — Você não pode sair procurando Moe enrolada em uma toalha.

Eu desviei o olhar quando ele vestiu a calça jeans e a puxou para cima. Mas antes eu notei o que havia embaixo do lençol. Eu acho que era verdade, pelo menos no caso de Grizz. Grande homem, grande... bem, você sabe. O pequeno cassetete era na verdade menor do que ele. Estremeci.

Ele logo voltou com uma embalagem aberta de absorventes e eu fui ao banheiro. Inconscientemente, eu sabia que minha menstruação estava para vir. Eu tinha terminado uma cartela de anticoncepcional, então sabia que estava chegando. Mas com toda a emoção dos últimos dias, foi a última coisa em que pensei.

Saí do banheiro vestindo minha camisola. Felizmente, Grizz não estava me esperando na cama. Bom, o fato de eu estar menstruada não era atraente para ele. Esperava que isso significasse mais uma semana de descanso.

Eu o encontrei na pequena sala de estar. Ele estava sentado na poltrona, zapeando pelos poucos canais de TV disponíveis.

— Você voltou cedo. Como foram os negócios? — perguntei, me apoiando em um braço do sofá.

Ele desligou a TV e olhou para mim.

— Ouvi dizer que você teve uns probleminhas enquanto eu estava fora.

— Sim, sobre isso. Eu quero lhe dizer por que Grunt...

— Não importa. Eu falei com o Grunt. O cara mereceu.

Eu fiquei aliviada. Ainda estava um pouco zangada com Grunt por causa da forma como ele lidou com a situação. Foi uma coisa cruel, o que ele fez. Mas Grizz parecia achar que aquilo estava certo, então eu deixei pra lá.

— Eu conheci a esposa de Blue — falei, mudando de assunto, olhando

para ele. — Uma querida. Obrigada por pedir ao Blue que me levasse à casa dele. Acho que teria sido melhor se ele tivesse me trancado na jaula do leão no zoológico.

Grizz começou a rir e, de repente, não pude evitar. Eu ri com ele. Eu me sentei no sofá, e depois de alguns minutos, ele me contou coisas sobre Jan.

Blue havia conhecido Jan cerca de cinco anos antes. Ele estava envolvido com outra mulher na época, mas ela era "louca", de acordo com Grizz, e Blue terminou o relacionamento. Coitado do Blue. Por que ele se envolvia com mulheres com problemas emocionais? Ele conheceu Jan em um bar alguns meses depois, e foi amor à primeira vista. Eu conseguia entender isso. Blue não era tão atraente quanto ela, mas acho que ela achou o cara durão atraente.

Eles namoraram por pouco tempo e se casaram logo depois. Eles compraram uma pequena casa em uma parte mais antiga de Pembroke Pines. Eu sabia onde era. Chamava-se Summer Wood. Eram casas mais antigas e menores, mas era um bairro agradável que atraía jovens que estavam começando a formar famílias.

Não muito depois de se casarem, Blue percebeu a mudança no comportamento dela e imediatamente se arrependeu da decisão precipitada de se casar. Ela perdia a paciência depressa. Brigava com ele. E o desafiava a bater nela. Ela sempre o provocava, até que ele fosse embora. Quando ele voltava para casa, ela tinha crises de choro histérico e implorava por perdão.

Por fim, ela começou a brigar com os vizinhos. Ficou ainda pior quando ela começou a ameaçar os vizinhos, dizendo que o marido era o segundo no comando de uma gangue de motoqueiros.

Grizz ficou sabendo disso, e ele mandou Blue cuidar da situação. Eu não sabia ao certo o que ele quis dizer com isso. Mas não importava. Ela puxou uma carta da manga bem a tempo. Estava grávida.

Então, Blue resolveu transferi-la para uma parte mais agradável de Pembroke Pines. Eu não era especialista em imóveis, mas tinha certeza de que o salário de um funcionário de companhia telefônica não era condizente com a casa de luxo que visitei. Acho que é aí que sua atividade extra com a gangue entrava, permitindo que ele bancasse aquilo. Ela foi ao médico e estava tomando remédios que pareciam ajudar. A única vez em que tiveram problemas com ela foi quando ela engravidou novamente e parou de tomar os medicamentos. Blue praticamente tinha que monitorar Jan o tempo todo, e Chicky, Willow e Moe passavam muito tempo com ela quando Blue estava trabalhando.

— Então ela surtou com você, foi? Será que ela está grávida de novo e

sem tomar os remédios? — Grizz ficou pensativo.

— Sei lá. Ela não disse nada e não parecia grávida. — Eu disse a ele tudo o que ela disse para mim e o que eu respondi.

Ele riu.

— Você disse mesmo isso a ela?

— Sim, e não posso dizer que me sinto orgulhosa por isso. Você obviamente está sendo uma péssima influência para mim.

Ele só riu.

— Bem, se as coisas forem como antes, ela vai ter um treco e vai começar a chorar e querer ver você para implorar por seu perdão. — Ele não parecia nem um pouco preocupado com seu status de líder da gangue nem com as ameaças feitas a mim.

Grizz e eu passamos o resto da noite assistindo à TV e fomos para a cama. Eu não dormia mais em cima das cobertas, mas continuava dormindo de costas para ele. Ele também não dormia mais em cima das cobertas.

Mas ele também nunca mais dormiu de calça jeans. Eu sabia que ele estava nu, e antes daquela noite, eu nunca tinha olhado. Eu fazia questão de fingir estar dormindo se ele se levantasse antes de mim. Se eu me levantasse antes dele, tomava o cuidado de não estar no quarto quando ele acordava.

Capítulo Dezoito

Acordei na manhã seguinte molhada de suor. Minha nossa, como estava quente!

Grizz não estava perto de mim, então me levantei e fui procurá-lo. Espiei pela porta e o vi conversando com Chowder no corredor, alguns quartos mais para baixo. Ele me ouviu abrir a porta e gritou:

— O ar-condicionado está quebrado.

Então isso explicava o calor. Era junho no sul da Flórida, começo do verão, e não importava que fossem nove horas da manhã. Estava muito quente. Só a umidade deixava o quarto sufocante.

Voltei para o quarto e vesti a roupa mais legal que eu tinha: um short jeans que tinha sido cortado de uma calça, a parte de cima do biquíni amarelo de Jan e minhas sandálias. Fiz uma torrada e sentei no sofá para comer. Tinha acabado de comer e estava terminando de tomar o suco de laranja quando Grizz voltou.

— Vamos, vamos — disse ele, de pé à minha frente.

— Aonde?

— Não pergunte, só pegue seu capacete e os óculos de sol.

Nós andamos até uma das várias Harley-Davidsons estacionadas em frente ao motel. Ele pegou uma bandana azul escura do guidão e envolveu a cabeça com ela, então montou na enorme moto e a ligou. Colocou os óculos de sol e olhou para mim. Com o olhar fixo nele, eu tinha que admitir que ele era um homem lindo. Ele estava usando a mesma roupa que vestia no primeiro dia em que o vi – jeans, botas de motoqueiro e uma camiseta com as mangas cortadas. Seus cabelos tinham crescido no último mês. Coloquei meu capacete e o óculos de sol e subi na garupa.

Grizz me levou até a praia. A State Road 84 era uma estrada reta até o mar. Entramos à esquerda na Federal Highway, então seguimos até a 17th Street Causeway. Entramos à direita na Causeway, e então passamos por uma ponte grande que cruzava a costa. À nossa direita na Causeway, havia muitos navios enormes, de cruzeiros e militares, atracados. À esquerda, havia iates privados.

Eu adorava aquela parte de Fort Lauderdale. Seguimos a Causeway em direção à praia, onde se encontra com a A1A. Seguimos lentamente para o norte

na A1A, que é paralela à praia de Fort Lauderdale. Era verão e a praia estava lotada.

Imediatamente percebi que éramos notados, especialmente pelas garotas. Tenho que admitir que me endireitei na garupa e abracei Grizz um pouco mais forte. Apoiei o queixo em seu ombro. Nunca fui o tipo de pessoa que ansiava por chamar atenção. Antes, eu gostava de ficar nas sombras e cuidar da minha vida discretamente. Eu acho que é porque eu me conhecia muito bem. Não tinha nenhuma busca a fazer. Eu sabia quem eu era e o que eu queria da vida.

Até agora.

Estar na garupa da moto do Grizz era uma experiência nova para mim. Eu já tinha andando de moto uma vez com Monstro e duas vezes com Blue. Não foi nem um pouco parecido com aquele momento com Grizz. Todo o meu comportamento mudou. Eu gostei de ser invejada. Eu gostei de como ele gentilmente apertou minha coxa logo acima do joelho quando paramos em um cruzamento. Eu gostei de ele ter levantado uma das minhas mãos para beijar a parte interna do meu pulso delicadamente. E gostei mais ainda de ver a cara de “queria que fosse comigo” de todas as mulheres que passavam.

Passou pela minha cabeça que vários dias tinham transcorrido sem que eu pensasse em ir para casa. Eu me lembrei da primeira noite em que o Monstro me levou ao motel. Ele me disse:

— Hora de conhecer sua nova família. — Talvez ele estivesse certo. Talvez eu devesse ficar com o Grizz.

Isso me surpreendeu.

Nós finalmente viramos à esquerda na Sunrise Boulevard, passamos pelo Birch State Park, atravessamos a intracosteira de novo e seguimos para o sul pela Federal Highway. Grizz parou em um velho estúdio de tatuagem. Nós estacionamos e saímos da moto, e eu pendurei meu capacete no guidão. Ele me disse para ficar de óculos escuros até entrarmos. Ainda bem que pude tirar os óculos quando entramos, porque estava tão escuro que eu não consegui ver que Grizz, que andava na minha frente, havia parado. Trombei com suas costas. Ele se virou e segurou meu braço para me firmar.

— Você pode tirar os óculos agora, Kit. Eddie? Cadê você?

Um homem pequeno e tatuado saiu do quarto dos fundos.

— Grizz, meu querido — disse Eddie, enquanto caminhava em nossa direção. Eu pude sentir o cheiro do álcool nele antes de Grizz falar.

— Precisa de um documento — disse Grizz, fazendo um gesto para

mim.

— Claro, cara. Dados?

Grizz me pediu para dizer a minha altura e quanto eu pesava.

Então, Eddie perguntou:

— Quantos anos?

Eu abri a boca para responder quando Grizz me cortou.

— Ela acabou de fazer dezoito anos em março.

— Certo, Grizz. Vamos para os fundos.

Nós o seguimos até um quarto dos fundos. Eddie me pôs de pé contra uma parede vazia. Ele estava se preparando para tirar uma foto minha quando Grizz o deteve.

— Sem franja.

Eddie foi até uma gaveta da escrivaninha e tirou dali uma faixa para prender meus cabelos. Em silêncio, agradei a Deus por ele não ter tirado dali uma tesoura. Eu coloquei a faixa na cabeça, para que minha franja fosse puxada para trás. Eu me olhei rapidamente no espelho e vi que estava meio diferente. Parecia outra garota. Uma garota mais velha. Diferente. O tipo de garota que gostaria de ficar sentada na garupa da moto de Grizz, com a mão dele em minha coxa.

Eddie tirou a foto e disse:

— Me dê uma hora.

Quando saímos, Grizz pegou uma bandana rosa de uma pilha ao lado do caixa.

— Vamos almoçar — disse ele, quando chegamos perto da moto. — Quando chegarmos ao restaurante, quero que você troque o capacete pela bandana o mais rápido possível. Fique de óculos de sol, mesmo dentro do restaurante. Entendeu?

Entendi.

Fomos a um lugarzinho chamado Southside Raw Bar. Nós nos sentamos do lado de fora, nas docas que davam para a água. Eu me lembro de não entender bem a cara dele depois que me benzi e fiz uma prece antes de comer. Ele já tinha me visto fazer isso antes e nunca comentou nada. Não me lembro do que comemos. Conversamos tranquilamente sobre um monte de coisas diferentes, deixando de lado, de propósito, meu sequestro e qualquer coisa a ver com o motel.

A conversa só se tornou pessoal em relação às coisas de que gostávamos e de que não gostávamos. Coisas normais. Música, filmes e livros. Foi uma

conversa despreocupada e casual.

Então pensei.

— Ei, nós não dissemos meu novo nome a Eddie.

— Não podemos — Grizz me informou. — Eddie está neste negócio há anos. Ele é muito organizado e tem a própria lista de nomes pré-aprovados.

— Sério? Isso me faz lembrar daquelas pessoas que dão nomes aos furacões.

Ele sorriu para mim. Meu estômago se revirou. Ele tinha um sorriso lindo.

— Sim, eu nunca pensei sobre isso, mas eu acho que é meio isso mesmo.

— Estou curiosa para saber o nome que ele vai me dar.

— Não se preocupe, Kit. Nada poderia ser tão ruim quanto seu nome verdadeiro.

Capítulo Dezenove

Grizz estava enganado.

— Priscilla Renee Aipo? — gritei. — Você não pode estar falando sério. Não há a menor possibilidade de eu usar o nome Priscilla Aipo.

Eu olhei para Grizz, que estava sorrindo. Que nome horrível – e sair de uma fruta para uma planta? De jeito nenhum.

— Ela está certa, Eddie, é muito ruim. Dê outro nome a ela.

Menos de trinta minutos depois, eu era a orgulhosa proprietária de uma carteira de motorista da Flórida que me identificava como Ann Marie Morgan, de dezoito anos de idade. O endereço físico da minha carteira de motorista ficava em Pembroke Pines. Fiquei tentando imaginar se seria o endereço do Blue.

Gostei do nome e disse a Grizz que achava que Annie era um apelido fofo. Ele me disse que ninguém nunca me chamaria de Annie. A carteira de motorista era apenas uma formalidade para um caso de necessidade. Mais cópias de segurança seriam enviadas para o correio em Davie. Uma certidão de nascimento falsa e um cartão do Seguro Social chegaram naquela mesma semana.

Perguntei se ele tinha uma identidade e ele me disse que era Rick O'Connell. Claro, eu nunca ouvi alguém se referir a ele como Rick, então entendi o que ele quis dizer sobre eu nunca ter um apelido diferente. Eu era a Kit.

Quando voltamos ao motel, Chowder tinha consertado o ar-condicionado. Eu achei que ficou um pouco mais barulhento do que antes, mas estava fresco dentro do quarto e eu queria tomar um banho. Meus ombros estavam queimados de sol e a água fez com que eles ardessem, mas eu estava estranhamente exultante. Acho que ainda estava tomada pela adrenalina do passeio.

Os dois dias seguintes transcorreram sem novidades. Minhas idas à fogueira à noite eram raras. Eu sinceramente não tinha nada a ver com ninguém da gangue, isso sem falar dos olhares malignos que recebia das outras mulheres. Sempre havia mulheres andando pra lá e pra cá. Com exceção de Grunt e Moe, eu ainda não tinha feito amizade com ninguém. Além do mais, não queria ver Willow. Ela ainda aparecia bastante, mas felizmente, ficava longe de mim.

Eu me peguei começando a fantasiar sobre minha vida com Grizz. Acho

que aquela tarde na moto teve algo a ver com isso. Eu ainda estava menstruada e Grizz ainda não havia tentado nada comigo na cama. Tudo bem. Eu sabia que precisava de mais tempo.

Certa noite, uma pequena multidão se reuniu ao redor da fogueira. Eu estava entediada. Saí e vi Grunt.

— Você se importa se eu for ao seu quarto ouvir alguns discos? — perguntei.

Eu só tinha visto Grunt algumas vezes desde o dia em que pegamos meu capacete. Tive algumas aulas de xadrez com ele que ficou impressionado com o quão rapidamente eu aprendi a jogar. Ele estava sempre indo e vindo. Era verão, então eu não tinha certeza se ele estava tendo aulas. Grunt olhou para Grizz, que meneou a cabeça, concordando. Quis fazer cara de tédio, mas me contive. Grunt se levantou e disse:

— Claro, vamos lá.

— Eu não queria tirar você de perto da fogueira — gaguejei, enquanto nos afastávamos. — Você não precisa vir comigo se achar que posso ficar sozinha no seu quarto.

— Sem problemas. Os pernilongos estão me comendo vivo mesmo. Vamos lá.

Eu segui Grunt até seu quarto e passei as duas horas seguintes ouvindo seus discos e continuando com as aulas de xadrez. Enquanto conversávamos e jogávamos xadrez, eu olhei para sua estante de livros e escolhi dois livros para levar de volta ao quarto número quatro comigo.

Grunt era o cavalheiro perfeito, e fiquei um pouco desapontada por ele não flertar comigo. Eu também não flertava com ele. Não sei se eu estava sendo fiel ao Grizz ou se ainda estava constrangida depois de nossa noite juntos, ou as duas coisas. Eu disse a mim mesma que estava feliz por ele não gostar de mim como algo mais do que amiga, porque isso certamente complicaria as coisas.

Estava começando a ficar tarde. Fiquei surpresa por Grizz não ter ido me procurar. Eu bocejei e peguei meus livros.

— Obrigada pelos livros e por aguentar minhas escolhas musicais hoje.

— Você pode pegar emprestado qualquer livro que quiser, a qualquer momento. E lembre-se de que você pegou meus discos, então eu gostei de ouvir tudo o que você escolheu. Precisa que eu a leve para casa? — disse ele, brincando.

— Não, acho que consigo chegar lá sozinha — respondi. Nós dois rimos e eu ainda estava sorrindo quando ele fechou a porta depois que saí.

Cheguei ao quarto número quatro e entrei.

Eu quase deixei cair meus livros com o que vi. Grizz estava deitado de barriga para cima no sofá, com os olhos fechados.

E Willow estava agachada entre as pernas dele, e sua cabeça fazia um movimento de subir e descer, freneticamente.

Capítulo Vinte

Nenhum deles me ouviu abrir a porta. Eu acho que é porque o ar-condicionado estava mais barulhento do que antes. À minha direita havia uma estante sobre a qual ficava a TV. Coloquei meus livros com muita força nela.

Grizz abriu os olhos e Willow parou e se virou para olhar para mim. Grizz agarrou-a pelos cabelos e disse:

— Termine.

Ela abriu um sorriso desdentado para mim e voltou para o que estava fazendo.

Eu me virei e saí correndo porta afora, e quando me dei conta, estava batendo à porta do Grunt. Ele abriu e eu me joguei contra ele, abraçando seu corpo. Eu não estava chorando, mas estava à beira das lágrimas. Não sabia por quê.

Por que eu me importava com o que Grizz e Willow estavam fazendo? Com certeza eu não tinha feito nada parecido com ele, e havia passado o último mês dizendo a mim mesma que não queria. Então, por que aquela sensação de traição? Independentemente do que dissesse a mim mesma, a verdade era que aquilo tinha doído.

— Ei, ei, ei, o que foi? — Grunt perguntou, enquanto me abraçava. — Kit, o que há de errado, o que aconteceu?

De repente, algo passou pela minha cabeça. De jeito nenhum eu diria a Grunt, ou a quem quer que fosse, que pegar Willow fazendo sexo oral com Grizz tinha me incomodado. Absolutamente. De jeito nenhum! Então, eu me controlei e me afastei dele. Graças a Deus ainda não estava chorando. Ele apoiou as mãos em meus ombros.

— Não há nada errado — gaguejei. — Eu entrei, peguei Grizz com Willow e fiquei com vergonha, só isso.

Ele olhou para mim como se dissesse que sabia que eu estava mentindo, mas por ser o cavalheiro que era, não insistiu.

— Você sabe, ele está esperando por você há algum tempo. Eu sou o único que sabe disso. Acho que nem o Blue sabe. Grizz é muito orgulhoso. E ele é apenas humano e tem desejos. Além disso, ele estava bebendo antes mesmo de você ir à fogueira. Ele provavelmente está bem bêbado a essa altura.

— Eu sei. Como eu disse, estou apenas envergonhada. Vamos esquecer que eu vim até aqui. — parei. — Bem, quanto tempo você acha que eu devo esperar para voltar?

Minha inexperiência estava ficando evidente e comecei a corar. Antes que Grunt pudesse responder, sua porta se abriu e Grizz entrou.

— Achei que a encontraria aqui. Vamos lá. — Grizz meneou a cabeça em direção à porta.

Eu imediatamente me recompus e disse, com certa arrogância:

— Só queria dar um pouco de privacidade a vocês.

Com isso, passei por ele e me lembrei da minha primeira noite no motel. A noite em que tomei o lugar de Willow e ela havia se afastado da fogueira, com o orgulho ferido.

Voltei para o nosso quarto e vesti a camisola. Lavei o rosto, escovei os dentes e os cabelos e subi na cama. Eu havia levado os livros emprestados para o quarto comigo. Peguei um e fingi que estava lendo. Desviei o olhar quando Grizz se despiu e se deitou ao meu lado.

— Aquilo não deveria ter incomodado você, Kit.

— Não me incomoda — respondi muito rapidamente. — Só fiquei com vergonha por ter interrompido, só isso.

Eu estava deitada de costas e ele estava de lado, de frente para mim, com a cabeça apoiada na mão direita. Ele levantou uma sobrancelha.

— Não a incomoda, né? Então eu acho que eu poderia estar fazendo sexo oral com Willow esse tempo todo e isso não a teria incomodado?

Eu olhei diretamente para ele.

— Como é que eu vou saber se você não tem feito isso com ela esse tempo todo? O que eu tenho a ver com isso? Nada. Tenho certeza de que você faz o que quer de qualquer maneira.

— Com certeza eu faço o que quero.

Eu não disse nada e continuei fingindo interesse em meu livro.

— Olha, ela me seguiu até o quarto número quatro e pediu para usar o telefone. Você sabe como a Willow é. Eu acho que ela tinha algo a provar e eu estava com tesão suficiente para permitir. Aquela puta não significa nada para mim.

— Não me importa se ela significa alguma coisa para você. — Olhei para as páginas do meu livro com frieza. — Claro, foi muito rude da sua parte deixar que ela fizesse aquilo enquanto eu estava no outro quarto.

— Mas eu sabia que você não entraria. Eu observei o quarto de Grunt a

noite toda. Eu sabia que você não tinha saído de lá.

— Que conveniente para vocês dois. — Não alterei o tom da voz. — Bem, como eu disse, não importa. Então continue fazendo o que você quer. Não tem importância.

Voltei a ler o livro e tentei me concentrar nas páginas.

— Não a incomoda, né?

— Não. Não me incomoda em nada.

— Você tem certeza disso?

— Sim, tenho certeza, Grizz. Por que você acharia que algo assim me incomodaria? — perguntei, com um pouco de presunção.

— Porque o seu livro está de cabeça para baixo.

Com isso, fechei o livro e me sentei para encará-lo.

— Meu Deus, Grizz, de todas as garotas, tinha que ser *a Willow*? Sei lá, teria sido mais fácil para mim se fossem Chicky e Moe, porque elas não me odeiam. Tenho certeza de que ela acha que está ganhando de mim agora. Não que eu me importe com isso. Sei lá. Eu acho que é coisa de mulher. Não espero que você entenda.

— Então não teria problema se você tivesse entrado e visto Chicky ou Moe?

Não respondi. Eu não conseguia entender meu próprio raciocínio. Eu estava chateada por ele estar fazendo sexo com outra mulher, ou eu estava chateada porque a outra mulher era Willow, uma mulher que se tornou minha inimiga logo que cheguei?

— Você quer que Willow vá embora? Se você quiser que ela desapareça, só precisa dizer. Você nunca mais a verá.

— Sim, Grizz — falei baixinho. — Eu quero que ela vá embora.

A conversa acabou ali. Nós dois caímos no sono e, quando acordei na manhã seguinte, ele estava me abraçando. Eu estava de costas para ele e comecei a levantar delicadamente um de seus braços pesados de cima de mim, mas parei. Fechei os olhos e voltei a dormir.

Grizz foi fiel à sua palavra. Eu nunca mais vi Willow.

Capítulo Vinte e Um

Grizz ficou um pouco mais ousado no quarto depois daquela noite, mas ainda assim, nunca me pressionou. Também começou a insistir para que eu dormisse nua, como ele. Eu sempre enrolava uma toalha no corpo ao subir na cama e, assim que me cobria, eu a tirava. Mas isso não o provocou nem o enfureceu. Ele achava graça e apenas balançava a cabeça quando me envolvia com os braços, e puxava meu corpo para deitarmos de conchinha.

Eu dormia muito à vontade nos braços de Grizz. Talvez um pouco à vontade demais. Certa noite, pouco depois do incidente com Willow, eu acabei tendo um sonho erótico.

Eu estava sonhando com a noite em que perdi a virgindade com Grunt. A única diferença era que eu não estava drogada e estava gostando muito de fazer amor com ele. "Nights in white satin" estava tocando ao fundo. Ele estava em cima e dentro de mim, e seus movimentos eram rítmicos. Senti sua respiração no meu ouvido e ele estava me dizendo para aproveitar, para deixar rolar. Tive um orgasmo rápido e poderoso. Tão intenso que acabei acordando.

Eu estava desorientada a princípio, não me lembrando de onde eu estava nem com quem. Estava de costas e olhei para a esquerda. E lá estava Grizz, sorrindo como o gato que comeu o canário. Estava com a mão entre minhas pernas e ainda me tocava.

Eu empurrei a mão dele e me sentei, horrorizada.

— Pare. O que acha que está fazendo?

— Calma, Kit. Não é o fim do mundo se você se deixar aproveitar um pouco. Esse foi o seu primeiro?

— Isso não é da sua conta! — rebati, enquanto me deitava de novo e rolava para o lado.

Ele me puxou contra si, e eu pude ouvi-lo rindo enquanto tentava voltar a dormir. Mas eu estava preocupada. Por que estava sonhando com Grunt?

Passei o resto da semana pensando naquilo. Não conseguia esquecer aquele sonho. Eu me pegava inventando desculpas para poder ficar perto de Grunt. Continuei pegando livros emprestados, jogando xadrez e pedindo para ouvir seus discos. Ele me deixava ficar sozinha em seu quarto, e uma ou duas vezes eu vesti sua jaqueta e me olhei no espelho do banheiro.

Foi engraçado. Eu me sentia tão diferente da primeira noite em que vesti a jaqueta do Grunt. A noite em que peguei Gwinny. Era diferente agora. Eu gostava de como ficava com a jaqueta dele, e me perguntava se algum dia conseguiria andar na garupa de sua moto. Eu até comecei a fantasiar que estava ali para ficar com ele, não com Grizz.

Depois de alguns dias inventando desculpas para estar no quarto de Grunt para ouvir música, encontrei um novo aparelho de som instalado no quarto número quatro. Grizz me disse para pegar alguns dos discos do Grunt emprestados até ele comprar alguns para mim. Seria de esperar que eu ficasse animada por ter meu próprio aparelho de som, mas fiquei desapontada por não ter mais a desculpa para ficar no quarto de Grunt.

A confusão logo passou. Numa manhã de sábado, alguns dias depois. Grizz me disse que tinha que passar o dia longe do motel. Disse que eu poderia sair da propriedade novamente com o Grunt, mas não para lugares familiares e para não me esquecer de usar o boné e os óculos escuros.

Fiquei exultante. Era perfeito. Eu pediria ao Grunt para me levar para a praia. Com as milhares de meninas da minha idade, eu tinha certeza de que iria me misturar, mesmo que não usasse o boné de beisebol e o óculos de sol. Vesti meu biquíni amarelo e shorts, calcei sandálias e preendi meu cabelo em um rabo de cavalo alto. E fui para o quarto de Grunt.

Eu estava com a mão levantada para bater à porta quando ela se abriu. Eu fiquei ali com a minha mão ainda levantada. Grunt estava saindo do quarto e parou quando me viu.

— Oi, Kit. Você está aqui para pegar livros, discos ou para ter aulas de xadrez? — perguntou ele, rindo.

Grunt não estava sozinho e ficou claro que eu tinha interrompido uma piada particular. Ele estava abraçado a uma garota.

Antes que eu pudesse responder, ele disse:

— Kit, essa é Sarah Jo. Jo, esta é a Kit, que mora aqui com Grizz.

Eu pensei ter percebido que Sarah Jo me reconhecia. Será que ela me reconheceu como a garota que tinha desaparecido em maio?

Ela estendeu a mão para apertar a minha e disse:

— É um prazer conhecer você, Kit. Estou surpresa ao ver que você se parece muito com minha amiga Kelli. Ela acabou de se mudar para Dakota do Norte. Eu devo ir visitá-la em algum momento neste verão. Você poderia ser irmã gêmea dela.

Enquanto ela falava, eu a avaliei. Ela era pequenina. Quero dizer, todas

as mulheres no motel pareciam ser pequenas, exceto Chicky, que era mais voluptuosa, mas aquela menina não era pequena. Ela era minúscula. Ela devia medir 1,50m. Ela tinha um corpo bonito e muito proporcional para alguém tão pequeno. Tinha cabelos castanhos com reflexos dourados, olhos azuis, um belo bronzeado e um pouco de sardas no nariz.

Ela era adorável. Foi ódio à primeira vista.

— Jo é filha de Fess — Grunt estava dizendo. — Ela tem a sua idade. Vocês devem ter muito em comum.

Ela deu uma risadinha e olhou com adoração para Grunt.

— Kit pode ir conosco para a praia? Não precisamos ir de moto. Podemos pegar o seu ir de

— Sim, claro. Kit, quer ir? Parece que você já até vestiu o biquíni.

— Sim, claro. Eu estava vindo só para pegar alguns livros, se não tiver problema — gaguejei.

— Ah, vamos, Kit. Vai ser divertido — Sarah Jo implorou.

Ela era realmente tão doce assim ou seria só encenação? Eu já tinha sido enganada pela esposa de Blue, Jan. Não tinha certeza de como estava me sentindo e não sabia bem se queria passar o dia com eles.

— Talvez outro dia. Estou com uma dor de cabeça forte e o sol provavelmente só pioraria as coisas — menti.

— Bem, não leia muito, então. — Grunt me lançou um olhar engraçado, como se dissesse não ter certeza se acreditava em minha desculpa. — Ler não vai melhorar sua dor de cabeça. Mas eu não deixo a porta trancada. Fique à vontade.

Então, ele se virou para Sarah Jo.

— Vamos, pequena. Está com seu capacete?

— Está aqui — disse ela, enquanto o segurava com a mão esquerda. Ela abraçava Grunt pela cintura com o braço direito. Ela acenou para mim quando começaram a se afastar. — Sinto muito que você não esteja se sentindo bem. Talvez outro dia?

— Sim. Claro. Sem dúvida — eu respondi quando eles saíram, deixando a porta de Grunt aberta.

Definitivamente nunca, pensei, olhando fixo para eles pela porta aberta sem entrar, enquanto tentava descobrir o que estava sentindo.

Eu não estava de fato incomodada com a gentileza dela. Eu também era fofa. Seus olhos azuis e sua personalidade alegre também não me incomodavam de verdade. Eu sempre recebia elogios pelos meus grandes olhos castanhos. As

peessoas sempre diziam que eu era inteligente. Eu fechei a porta do Grunt e continuei a pensar sobre isso enquanto voltava para o quarto número quatro. Ouvi quando Grunt deu partida em sua moto.

E parei de repente. O que me incomodava tanto era o fato de Sarah Jo estar vestindo a jaqueta dele.

* * * * *

Passei o resto do dia me mantendo ocupada, grata por não ter feito papel de boba na frente de Grunt. Ele tinha namorada. Não sei por que nunca tinha pensado nessa possibilidade.

Pedi para o Chowder me ajudar a ligar algumas mangueiras, depois levei Damien e Lúçifer para a piscina vazia e dei banho neles. Eles adoraram. Moe apareceu por volta de uma da tarde e eu perguntei se ela poderia me levar às compras. Ela olhou para mim com um ar de dúvida e eu disse a ela que Grizz tinha me dado permissão para ir com Grunt. Não haveria problema se ela me levasse para alguns lugares. Ela fez sinal dizendo que iria e me pediu para esperar dez minutos. Isso foi tempo suficiente para eu voltar ao quarto número quatro, ver como Gwinny estava, trocar de roupa, pegar meu chapéu, o óculos de sol e um pouco de dinheiro.

Grizz recentemente me mostrou onde guardava dinheiro, caso eu precisasse de grana. Foi a primeira vez em que peguei um pouco. Meus olhos se arregalaram quando percebi a quantia que eu estava segurando e não tive escolha senão pegar uma nota de cem dólares. Não havia notas menores.

Encontrei Moe no carro dela. Ela dirigia um Beate, da Volkswagen. Naturalmente, era preto. Eu disse a ela que precisava de sutiãs. Essa foi uma peça de roupa que não apareceu no motel. Eu também queria mais roupas de banho. Seguimos para o norte até o Pompano Square Fashion Plaza, que ficava ao norte de Fort Lauderdale e não era muito familiar para mim.

Eu fui à JC Penney para comprar sutiãs e fiquei surpresa quando encontrei roupas de banho lá também. Era fim de junho, e a seção de biquínis e maiôs costumava estar vazia nessa época. Escolhi um biquíni cor de laranja e turquesa que acomodou meus seios melhor do que o amarelo que Jan tinha me dado. Eu encorajei a Moe a experimentar algumas coisas também. Eu nunca a vira usar nada além de camisetas pretas e jeans pretos. Ela apenas sorriu e balançou a cabeça, recusando.

Perguntei se havia um mercado no caminho de volta e ela assentiu e me

levou a uma pequena loja familiar. Não estávamos em uma parte muito boa da cidade, mas eu não estava com medo, apenas preocupada com o que Grizz poderia pensar se soubesse onde estávamos. Eu estava inconscientemente tentando agradá-lo? Mas nossa passagem pelo mercado foi rápida e tranquila, e antes que eu percebesse, estávamos voltando para o motel.

Estávamos de volta na State Road 84 em direção ao oeste quando ela virou à esquerda. Percebi que estávamos indo para a pequena cidade de Davie. Perguntei para onde estávamos indo e Moe enfiou a mão no porta-treco, pegou uma chave pequena dali e me mostrou. Então, eu me dei conta de que estávamos indo até os correios para pegar as correspondências. Eu achei isso muito interessante. Eu estava curiosa para ver se alguém tinha recebido cartas além de Grunt.

Logo nós paramos e estacionamos em um pequeno prédio. Perguntei se poderia entrar também. Ela encolheu os ombros como se dissesse "por que não?", e eu a segui. Estávamos em uma pequena área de vestíbulo onde ficavam as caixas. Eu me inclinei contra um balcão que havia ali para os clientes usarem. Eu me virei e notei que havia um quadro de avisos acima dele. Vi anúncios de cães perdidos, cavalos à venda, babás e faxineiras para contratação.

Eu ouvi Moe se aproximando e já ia me virar para segui-la quando algo chamou minha atenção. Era um velho panfleto de pessoas desaparecidas, amarelado pelo tempo. A garota da foto parecia familiar. Tinha longos cabelos negros, repartidos ao meio. Fora isso, eu não sabia dizer o que me fez pensar que eu a conhecia. Então a ficha e meu queixo caíram quando li:

RECOMPENSA DE US \$ 25.000
Pessoa desaparecida
Vista pela última vez: 12 de novembro de 1969
Miriam Parker
Com 20 anos

Era Moe.

* * * * *

Eu esqueci completamente de ver as correspondências que Moe havia pegado. Eu a segui até o carro e entrei. Devo ter ficado estranhamente quieta porque ela ficou olhando para mim quando ligou o carro. Eu estava sem palavras. Não conseguia pensar no que dizer. Aquele cartaz tinha sido impresso

há seis anos e dizia que ela tinha vinte anos naquela época. Então, ela tinha vinte e seis agora. Seu nome verdadeiro era Miriam Parker. Eu acho que o nome e a idade eram o que eu sabia sobre Moe, além do fato de não ter língua.

Ofereciam uma enorme recompensa por seu retorno. Aquela quantia é muito hoje. Era ainda mais naquela época. Isso me dizia que ela era amada. Que alguém sentia sua falta. Quantas vezes ela já tinha ido àquele correio para receber as correspondências? Certamente ela sabia que o cartaz estava lá. Ou talvez não. Estava exposto entre muitos panfletos diferentes. Fiquei me perguntando se ela era da cidade de Davie. Se fosse, se sentiria confortável para ir à agência dos correios da região? Claro, com o cabelo curto e a maquiagem pesada, eu duvidava que ela fosse reconhecida. Ela havia sido sequestrada? Sua família foi ameaçada como a minha?

Eu queria muito perguntar isso a Grizz, mas não tinha certeza se deveria. Eu podia perguntar a Grunt, mas ainda estava lidando com a mistura de emoções que eu sentia em relação a ele. Se ela estivesse com a gangue desde seu sumiço, isso significava que ela teria chegado ao motel mais ou menos na mesma época que Grunt. Fiquei tentando imaginar o que ele sabia.

Nós partimos de carro. Ela pegou algumas estradas secundárias. Nós estávamos no centro de Davie naquele momento, e entramos em uma estrada não pavimentada. Seguimos uma cerca pelo que pareceu muito tempo. Do outro lado dela havia belas pastagens verdes. Notei cavalos no campo.

Nós paramos em um local escuro. Havia uma gigantesca figueira do outro lado da cerca e dois cavalos embaixo dela. Ela sorriu e apontou. Eu olhei para os cavalos e depois para ela.

— Você gosta de cavalos?

Ela assentiu e sorriu. Então seu sorriso desapareceu e ela não parecia triste, mas sim melancólica. Como se estivesse pensando no passado.

— Você costumava ter cavalos? — perguntei, pressionando ainda mais.

Um pequeno aceno dessa vez. Ela não parava de olhar para o cavalo grande e marrom.

— Você tinha um cavalo parecido com aquele?

Eu olhei para ela e para o cavalo marrom e de novo para ela e imediatamente soube. Ela não tinha um cavalo parecido com aquele. Aquele cavalo tinha pertencido a ela. Nós tínhamos acabado de entrar em seu passado e fiquei honrada e entristecida ao mesmo tempo por ela me deixar fazer parte daquilo. Mais uma vez, eu não soube o que dizer. Ela engatou a primeira marcha e fez um retorno. Voltamos para o motel.

Enquanto eu levava minhas compras para o quarto número quatro, eu disse a ela que estava preparando o jantar e que ela estava convidada. Ela carregou minhas sacolas da JC Penney para mim e as deixou no sofá. Eu não a ouvi sair.

Coloquei o troco sobre a cômoda e fui alimentar os animais. Depois disso, guardei meus novos sutiãs e o biquíni e comecei a trabalhar na cozinha.

Não sei se comentei que sabia cozinhar. Na minha casa, fui aprendendo sozinha. Eu era muito boa. Eu acho que foi instinto de sobrevivência. Vince e Delia costumavam comer alguma coisa no Smitty's ou levavam coisas prontas para casa. No começo eu estava cansada de macarrão com queijo, sopa de tomate e comida pronta, então eu experimentei. Sabia que cozinhasse bem porque às vezes Vince e Delia pediam para eu preparar algumas coisas.

Aquela foi a primeira vez em que me vi querendo fazer algo de bom para alguém no motel. Até aquele momento, eu fazia pequenas refeições para mim, às vezes para Grizz. Ele nunca me pedia para cozinhar para ele e vivia à base de comida pronta de um dos muitos bares que possuía. Eu entregava uma pequena lista de compras a Moe e ela me fornecia o básico toda semana. Eu estava vivendo de cereais, queijo grelhado e hambúrguer. Eu estava preparada para cozinhar de novo.

Então eu estava ali, no motel, preparando espaguete e almôndegas. Eu fiz tudo, exceto a massa. Eu não tinha observado muito bem a cozinha de Grizz, então percebi tarde demais que não tinha escorredor para o macarrão. Encontrei Chowder e ele rapidamente fez para mim um escorredor com sobras de tela. Era rústico, mas funcionou. Agradei e disse que o jantar seria servido às sete.

Foi assim que Grizz nos encontrou. Moe e eu estávamos sentadas no sofá. Chowder estava na poltrona reclinável. Nós estávamos segurando os pratos, comendo e rindo de algo que Chowder tinha dito.

— O que é esse cheiro tão bom? — perguntou Grizz, enquanto colocava alguns papéis na mesa.

— O melhor espaguete com almôndegas que já comi na minha vida é o que cheira tão bem — respondeu Chowder.

— De onde? — perguntou Grizz.

Chowder agora estava com a boca cheia de comida e apontou para mim com o garfo vazio.

Grizz olhou para mim.

— Você pediu para alguém sair com você para comprar comida pronta? Espero que tenha guardado um pouco para mim.

— Eu fiz a comida. Moe me levou para fazer compras. Tem bastante. Fique à vontade.

— Ótimo, porque eu estou morrendo de fome — disse ele, enquanto se dirigia até a cozinha.

Chowder começou a se levantar para deixar Grizz se sentar, mas Grizz fez um sinal para ele e pediu para Moe e eu nos afastarmos. Nós abrimos espaço para ele no sofá. Nós quatro ficamos lá sentados, em silêncio, fazendo companhia uns para os outros e saboreando a refeição caseira.

Chowder e Moe voltaram para seus quartos, e eu comecei a lavar os pratos. Pensei ter ouvido Grizz mexendo no aparelho de som. Eu tinha razão. Quando me dei conta, a voz sexy de Barry White estava cantando uma música. Grizz queria ouvir Barry White? Fiquei tensa por um segundo e então relaxei. Estava com as mãos dentro da água quente com sabão e estava curtindo a música quando senti que Grizz apareceu atrás de mim. Ele passou os braços em volta da minha cintura e beijou suavemente a lateral da minha testa.

— Kit, não sei por mais quanto tempo vou aguentar esperar por você, linda. Tentei ser paciente, lhe dar espaço. Saiba que não sou assim.

Minhas mãos pararam.

— Estou com um pouco de medo, Grizz. Na verdade, mais nervosa do que assustada. — Inclinei minha cabeça para ele, com as mãos úmidas. — Eu sei que você tem experiência. Eu não tenho nenhuma. Temo que você tenha formado em sua cabeça um ideal da minha pessoa que não vou poder satisfazer. Não quero decepcioná-lo.

Até aquele momento, eu nem sabia a extensão dos meus sentimentos, mas reconheci que havia verdade no que eu disse.

Eu estava me apaixonando por Grizz.

Eu ainda não consigo explicar o lance do Grunt. Talvez não fosse real. Talvez tenha sido coisa da minha cabeça por causa do sonho. Não sabia. E não importava.

Porque, enquanto eu estava falando, Grizz beijava meu pescoço e eu estava me deixando aproveitar. Fechei os olhos e me inclinei para junto dele.

— Você nunca poderia me decepcionar, linda, e eu não quero que você tenha experiência. Tudo o que você precisa saber, vai aprender comigo — disse ele, quando me virou e me beijou. — Só comigo.

Eu também não tinha muita experiência com beijos, mas peguei o jeito dele e retribuí como ele queria. Eu estava encostada nele, e se o que sentia pressionando minha barriga pudesse ser sinal dos sentimentos dele por mim,

então eu deveria estar fazendo algo certo.

— Vou muito devagar com você, linda. Juro.

Eu estava tomada de emoção. Não pensei em Grunt. Não pensei em Sarah Jo. Não pensei sobre o sequestro, Johnny Tillman, sobre o cara da cerca, Moe. Eu estava perdida no homem que estava me abraçando e me beijando.

Eu o interrompi, peguei sua mão e o levei para o quarto. Ele estava certo.

Já era hora.

Capítulo Vinte e Dois

Minha experiência com Grizz foi melhor do que eu esperava. Ele era gentil, cuidadoso, paciente. Tão diferente do homem que eu via liderando uma notória gangue de motoqueiros.

O resto do verão passou sem novidades. Eu me inscrevi no mesmo curso do ensino médio por correspondência que o Grunt tinha feito. Entrei em uma rotina doméstica de cozinhar e limpar. Eu mimava os animais. Todas as noites, depois do jantar, Grizz e eu jogávamos xadrez com um pequeno tabuleiro que comprei em um dos meus dias de compras. Depois, ele ia para a fogueira enquanto eu lia, fazia lição de casa ou tocava meu violão.

Eu nunca perguntava a Grizz sobre seus negócios e ele também nunca me dava nenhuma informação a respeito. Eu raramente ia até a fogueira à noite, mas sabia que ele precisava ir. Além de ele gostar de ficar ali, muitos negócios eram realizados em volta do fogo. Sempre havia pessoas indo pra lá e pra cá.

Duas ou três vezes eu fui com Moe pegar a correspondência em Davie, e fizemos a mesma parada sob a figueira, todas as vezes.

Acho que eu estava feliz, mas inquieta. Algo estava me incomodando. Estava entrando em conflito com a minha fé. Sentia muita culpa por fazer sexo sem ser casada. Só percebi o quanto isso me incomodava em uma noite de agosto.

Grizz e eu estávamos na cama e nos preparávamos para fazer amor. Ele estava em cima de mim e me beijava. Lentamente, começou a descer pelo meu corpo, me provocando com a língua e com beijos leves. Toda vez que ele descia mais, eu me abaixava mais, fazendo com que ele tivesse que inclinar o corpo para baixo. Quando estava descendo mais para baixo do umbigo, parou o que estava fazendo e olhou para mim.

Eu estava apoiada nos cotovelos, com os olhos arregalados. Eu o observava.

— Droga, Kit, o que você está tentando fazer?

— Como assim? Eu não estou fazendo nada. O que você está fazendo?

— Estou tentando chegar na sua buce...

— Opa, pare! Não diga isso. Eu odeio essa palavra. É muito vulgar. Apenas não diga, por favor.

— Kit, eu estou deitado aqui com a bunda pendurada pra fora da cama. Pode me dizer por que não vai me deixar ir lá embaixo?

— É íntimo demais.

Ele olhou para mim com uma cara estranha e começou a engatinhar na cama para olhar para mim.

— Como assim?

— Olha, eu só acho que você ficar com a cara na minha... na minha...

— Percebi que ele estava se preparando para terminar a minha frase. — Não diga!

Com a mão direita, brinquei distraidamente com o brinco na orelha esquerda dele e continuei.

— Ter sua cara ali é a coisa mais íntima em que consigo pensar entre um homem e uma mulher. Nem mesmo o coito é tão íntimo quanto isso.

Pronto, falei.

Eu evitava fazer sexo oral com ele desde aquela primeira noite, depois do jantar em que fiz macarrão. Nunca foi um problema. Ele era fiel à sua promessa de levar as coisas com calma comigo, e nunca me pressionou. Quando pensava que ele poderia tentar algo assim, propositalmente o distraía. Quando ficava menstruada e achava que ele poderia querer receber sexo oral, eu o evitava. Eu acho que foi um milagre ter conseguido escapar por tanto tempo. Eu era muito boa nisso de criar distrações. Até aquele momento, não conseguia entender o motivo. Tentei explicar da melhor maneira possível.

— Olha, Grizz. Graças ao Grunt, eu não serei virgem na minha noite de núpcias.

Ele me interrompeu antes que eu pudesse continuar.

— Kit, nunca lhe disse que sinto muito por isso. Eu nunca deveria ter feito o Grunt fazer aquilo com você. Eu não pensei direito. Você sabe, eu sou maior que o objeto usado. Eu pensei que aquilo a machucaria menos e não queria machucá-la nem um pouco. É por isso que deixei o Grunt cuidar do assunto. Eu nunca me importei com uma mulher antes.

Ele desviou o olhar e então percebi como foi difícil para ele dizer aquilo. Foi a primeira e última vez em que ouvi Grizz expressar arrependimento por alguma coisa.

— Não é o que estou tentando dizer — falei, com o rosto corado. — Estou tentando dizer que preciso guardar algo de mim para quando finalmente me casar um dia. Tem que haver algo que eu possa dar ao meu futuro marido que seja só dele. Isso faz sentido?

Eu olhei para ele de um modo suplicante e ele não disse nada. Uma emoção surgiu em seu rosto, algo que eu ainda não tinha visto e que não consegui decifrar. Ele encostou a testa na minha. Eu o abracei e comecei a beijá-lo.

Fizemos amor naquela noite e eu adormeci, grata por ele não ter insistido no assunto.

Eu pensei que o assunto tinha sido deixado de lado, até dois dias depois. Ele me disse que me levaria a um lugar especial e pediu para que eu escolhesse uma roupa bonita.

Eu não tinha roupas de sair, então usei um vestido leve e sandálias. Ele vestiu uma calça jeans nova e uma camisa social. Entramos no Corvette e fomos para a praia. Eu o perturbei com perguntas o caminho todo. O que estávamos fazendo? Por que a surpresa?

Fiquei um pouco desapontada quando paramos em frente ao estúdio de tatuagem de Eddie. Eu disse a ele que não me importava de esperar no carro, mas ele disse para eu entrar. Seus negócios ali tinham a ver comigo.

Tinham a ver comigo, certo. Aparentemente, Eddie também era um ministro ordenado.

Naquele dia eu me tornei a Sra. Richard David O'Connell. Faltavam seis meses para meu décimo sexto aniversário.

Capítulo Vinte e Três

Havia dois clientes na loja que serviram como testemunhas. Ann Marie Morgan tinha dezoito anos e não precisava da permissão dos pais para se casar. Eu estava chocada demais até mesmo para me lembrar da cerimônia.

Lembro-me de dizer a ele que não havia uma aliança para ele e ele me disse para não me preocupar com isso, que estava sendo providenciada. Observei com nervosismo enquanto Eddie usava sua pistola para tatuar uma linda aliança de casamento de tinta no dedo anelar esquerdo de Grizz. Era o meu nome, Kit, e havia vinhas enroladas nele. Depois, foi a minha vez.

— Eu não posso, Grizz — foi tudo que eu consegui dizer.

— Como assim “não pode”?

— Não posso. — Minha voz falhou. — Eu odeio agulhas. Desmaiei quando furei as orelhas. Duas vezes! Delia fez cada furo com um cubo de gelo e uma agulha de costura e eu desmaiei depois de cada um.

Eddie me interrompeu.

— Não é tão ruim assim, Kit. O que acha de eu desenhar primeiro para ver se você gosta? Hein? Que tal? — perguntou ele, enquanto segurava uma caneta de tinta. — Seu dedo é tão pequeno que não vai precisar de muita tinta.

Relutante, eu me sentei. Grizz segurou minha mão direita e ficou dizendo que não seria tão ruim assim.

Cumprindo a promessa, Eddie usou uma caneta com ponta muito fina para começar a desenhar o nome de Grizz no meu dedo. Ele ficou falando comigo enquanto me tatuava, tentando aliviar minha ansiedade.

— Então nós vamos para a direita aqui e vamos fazer a ponta deste “z” como uma vinha, para combinar com o dedo de Grizz, e então nós vamos...

Eu não ouvi o resto. Desmaiei. Quando acordei, Grizz estava de pé ao meu lado, com um grande sorriso.

— Não sentiu nada, não é?

Eu me senti muito humilhada. Eu desmaiei antes mesmo de usarem a agulha. Nunca tinha me acontecido antes. Eu fiquei desmaiada durante todo o processo de tatuagem. Devia estar corada como um pimentão e só queria me enfiar em um buraco.

— Vamos, Sra. O'Connell, vamos para casa.

Nós paramos em um restaurante italiano muito agradável a caminho de casa. Ele me perturbou o tempo todo, rindo do meu desmaio. Eu acabei achando graça e ri junto.

— Não consigo entender — eu disse a ele, enquanto aguardava nosso jantar.

— O que, linda? O que você não consegue entender? — perguntou ele, enquanto passava manteiga no pão.

— Por que eu? É óbvio que você pode ter qualquer mulher que quiser. Por que você quer *a mim*, Grizz? Sério mesmo. Por quê?

Ele ficou muito quieto e colocou o pão, agora com manteiga, no prato de novo. Eu não achei que ele fosse me responder. Eu não conseguia entender a profundidade de seus sentimentos por mim. Eu não fiz nada para chamar atenção quando era vizinha do Guido. Aquilo simplesmente não fazia sentido.

Eu perguntei novamente:

— Por que eu? Sei lá, eu digo que não me sinto à vontade para fazer sexo oral e você se casa comigo. Quem faz isso?

Foi então que Grizz me contou uma história. Fiquei em silêncio, atordoada, enquanto ele me contava sobre um motoqueiro solitário e uma menina pequena e negligenciada com um rabo de cavalo desleixado sem dois dentes da frente.

Eu não entendi completamente, mas, sim. Agora fazia algum sentido.

* * * * *

Quando voltamos para o motel, havia uma multidão maior do que o normal ao redor da fogueira. Comecei a caminhar até o quarto número quatro, mas Grizz me pediu para ficar com ele por alguns minutos.

Quando ficamos de frente para o grupo, ele disse:

— Tenho um anúncio para fazer.

Exatamente naquele momento, Grunt saiu do seu quarto e veio andando até nós. Ele estava de pé, ao lado de Grizz, esperando pelo anúncio.

— Acabei de oficializar. Conheçam a nova Sra. Grizz.

Quando disse isso, Grizz levantou minha mão esquerda, mostrando a tatuagem da minha aliança com o nome dele. Era tão pequena e difícil de ver que algumas pessoas se levantaram e se aproximaram para ver melhor. Fiquei impressionada com os gritos e com as comemorações e olhei para Grizz para indicar que voltaria para quarto número quatro. Ele acenou para que eu fosse.

Eu me virei para ir andando em direção ao nosso quarto quando vi Grunt parado perto da porta de seu quarto. Fiquei repassando a cena, e me dei conta de que ele tinha sido uma das pessoas que não nos parabenizaram. Eu mudei de direção e comecei a andar na direção dele. Eu não sei o porquê, mas senti a necessidade de explicar aquilo para ele. Eu estava olhando para baixo e tentando decidir o que ia dizer e me perguntando por que eu sentia que precisava dizer alguma coisa. Eu estava chegando, mas quando olhei para a frente, ele havia desaparecido.

* * * * *

Eu bati na porta do Grunt e entrei quando ele gritou:

— Está aberta. — Ele estava de pé perto do aparelho de som, mexendo nos discos.

— Oi — falei.

— Oi. — Sua voz era casual, indecifrável.

Eu comecei a falar logo de uma vez:

— Grunt, eu não sei por quê, mas sinto que lhe devo uma explicação sobre mim e Grizz.

— Não, não me deve não, Kit. — Grunt balançou a cabeça. — Você não me deve nada.

— Bem, então por que me sinto assim?

— Não sei. Talvez por causa do nosso segredo?

— Talvez seja isso. Sei lá. Foi uma surpresa, sabe? Ele não me disse aonde estava me levando. Não sei por que isso me incomoda, mas você está bem com isso?

— Sim e não.

Lancei a ele um olhar como se implorasse para ele continuar.

— Não sei pra que ele se casou com você. Você é muito nova. Mas não é só isso. Estou preocupado com sua segurança.

Eu comecei a interrompê-lo, mas ele levantou a mão para me impedir.

— Grizz tem muitos inimigos, Kit. Sim, também há muitas pessoas que têm medo dele, que fazem o que ele manda. Mas sempre haverá aquela pessoa procurando uma maneira de atingi-lo. Ao anunciar seu casamento com você, ele abriu esse caminho. A notícia vai se espalhar, sabe? As pessoas vão ficar sabendo que ele se importou o suficiente com uma mulher para se casar com ela. Estou surpreso de que ele tenha feito esse anúncio. Estou preocupado com você,

só isso.

Eu não soube o que dizer. Ele não falou que estava chateado porque eu me casei com Grizz, tornando-me indisponível para ele. Qual era o meu problema? Eu estava dormindo na cama de Grizz havia meses. Eu havia dito a mim mesma que Grunt estava com Sarah Jo, e que, se eu tivesse algum sentimento por ele, precisava acabar com isso. Então, por que estava agindo daquele jeito?

— Agradeço pela preocupação. De verdade. Não sei se faz diferença ou não, Grunt, mas me sinto segura com Grizz.

— Apenas me faça um favor, Kit. Fique esperta. Nunca baixe a guarda. Nunca se sabe, com esse tipo de estilo de vida, o que pode bater à sua porta.

— Pode deixar. Obrigada.

Nós dois nos abraçamos. Pareceu durar um pouco mais do que deveria. Eu olhei para cima e ele estava olhando para mim. Ficamos ali, parados por alguns segundos que pareceram horas. Ele se afastou primeiro e voltou para perto do aparelho de som. Saí e voltei para o quarto número quatro.

Capítulo Vinte e Quatro

O Dia de Ação de Graças estava se aproximando, e percebi que nunca havia participado de um jantar tradicional de Ação de Graças com peru e todos os acompanhamentos.

Grizz estava sentado à mesa, cuidando de alguns papéis, e eu estava sentada na poltrona reclinável, costurando a barra de uma de minhas blusas. Provavelmente estávamos parecendo um casal de comercial de margarina. Verdade seja dita, eu realmente estava feliz. Eu estava falando sobre o cardápio e sobre preparar um peru assado pela primeira vez quando Grizz disse:

— Não vou estar aqui. Você pode ir para a casa do Blue com o Grunt.

— Como assim você não vai estar aqui? Por que não?

— Não. Negócios. — Ele se virou para olhar para mim e descansou o braço no encosto da cadeira. — Desculpe, gatinha, eu tenho que me ausentar, e não posso levar você comigo. Jan faz um grande jantar todos os anos. Você vai gostar.

— Ai. Sério? Jantar com Jan? Melhor não. — Eu sei que minha decepção ficou evidente.

— Olha, ela tem perturbado o Blue há meses para levar você de novo lá. Eu lhe disse como ela é. Ela está tão cheia de remorso pelo modo como tratou você que provavelmente vai estender o tapete vermelho pra você e se comportar da melhor maneira para reconquistá-la. Você deveria ir. Moe e Chowder vão todos os anos.

— De jeito nenhum. Eu prefiro ficar aqui sozinha a ir àquela casa novamente. Não mesmo. Não vou.

Eu fui. Grunt me persuadiu a ir, dizendo que precisava de mim para lhe dar apoio moral. Ele odiava ir à casa do irmão, mas a verdade era que ele amava as crianças, e Jan sempre se comportava muito bem quando ele estava lá.

Eu estava na porta da Moe, batendo para ver se ela estava pronta. Chowder já havia implorado. Ele tinha sido convidado para ir à casa de Chicky e disse que não queria ferir os sentimentos dela. Fiquei em dúvida se isso era verdade ou não.

Moe abriu a porta e me deixou entrar em seu quarto. Eu nunca tinha entrado no quarto dela antes. Fiquei encantada. As paredes estavam cobertas por

lindas imagens de cavalos. Eu notei um cavalo marrom familiar.

— Uau! Moe, você desenhou isso?

Ela respondeu que "sim", mexendo os lábios, e sorriu para mim.

— Não sabia que você era tão talentosa. Eles são lindos. Posso levar um para pendurar no quarto número quatro?

Ela sorriu ainda mais e gesticulou com a mão para eu escolher uma. Escolhi a imagem com um cavalo marrom pastando sob uma árvore familiar.

— Obrigada. Mas vou deixá-lo aqui, até que voltemos do jantar. Pronta para ir?

Ela negou, balançando a cabeça.

— Não? Como assim? Você tem que ir. Não pode me deixar enfrentar Jan sozinha.

Ela apenas deu de ombros e disse “desculpe”.

— Não acredito que você não vai. Você vai ficar me devendo — provoquei.

Ela sorriu para mim e me acompanhou até a porta. Eu disse que traria um prato de comida para ela, que fez um sinal de positivo.

Eu encontrei Grunt no carro dele. Expliquei que Moe não iria e não sabia por quê.

— Sem problemas — disse ele. — Ela é imprevisível. Parece que somos só você e eu. Pronta?

— Fazer o quê?

Fomos para Pembroke Pines e percebi que não ficava sozinha com Grunt desde o dia em que Grizz e eu nos casamos. Não foi nada estranho, e eu conversava naturalmente com ele, que me contou sobre seus cursos universitários, e eu disse a ele como estava meu curso por correspondência do ensino médio. Não perguntei sobre Sarah Jo, e ele também não falou nada sobre ela.

Fomos recebidos na porta por Timmy e Kevin, dando pulos de alegria e gritando:

— Tio Grunt, tio Grunt, me pega, me pega no colo! — Eles também se lembraram de mim e logo estavam me abraçando e me beijando.

Assim como Grizz disse que seria, Jan estava mais do que boazinha e agradável. Ela se preocupou comigo como se eu fosse uma irmã que ela não via há muito tempo. Eu me permiti aproveitar a simpatia, mas tomei o cuidado de não chegar perto demais. Eu ainda tinha reservas em relação a sua sinceridade. Até me permiti tomar alguns goles de vinho no jantar e me senti um pouco mais

solta. Nunca tinha bebido álcool antes e estava me sentindo meio alta, mas bem. Jan e eu estávamos na cozinha, lavando os pratos.

— Kit, esperei muito tempo para lhe dizer como estou arrependida por causa da última vez em que você esteve aqui.

— Está tudo bem, Jan. Não se preocupe com isso — falei, enquanto raspava a sobra de comida no lixo.

— Não. Não está bem. Eu sei que você deve ter ouvido algo sobre os motivos pelos quais às vezes eu faço as coisas que faço. Quando você estava aqui, pensei que poderia estar grávida, então tinha parado de tomar meus remédios. Você sofreu com isso. De verdade, sinto muito. Se houver algo que eu possa fazer para compensar, por favor, é só dizer. Eu gostaria muito de ser sua amiga.

Hum. Eu pensei naquilo por um minuto.

— Sim, na verdade, há algo que você pode fazer — falei.

— Qualquer coisa. É só pedir.

— Me fale sobre Moe.

* * * * *

Moe foi criada em Davie. Seu padrasto, que se casou com sua mãe quando a menina tinha cerca de dez anos de idade, era rico e gostava de mimar sua nova enteada. Isso explicava a recompensa altíssima. A mãe de Moe trabalhava para uma grande companhia aérea na época e, apesar de ter uma boa vida, ela pôde largar o emprego e ficar em casa criando Moe. Com o casamento, ela ganhou três enteadas. Todas meninas.

Moe recebera toda a atenção por cerca de quatro anos até sua primeira meia-irmã nascer. Ela tinha quatorze anos e se rebelou completamente. Ela começou a andar com um grupo de desajustados, a usar drogas e a fazer sexo com qualquer um. Ela perdeu o interesse em seus amados cavalos. Ganhou um carro novinho em folha em seu décimo sexto aniversário, mas o veículo acabou dentro de um lago. Dois meses depois de seu aniversário de dezesesseis anos, ela abandonou o ensino médio. E acabou sendo pega pela polícia por furtos em lojas.

Seus pais não conseguiam entender por que ela estava agindo daquele jeito. Por que ela precisava roubar, sendo que eles lhe davam tudo?

Jan não sabia dizer por que a vida de Moe tinha saído dos eixos. Coisas que acontecem. Teoricamente, ela ainda morava com os pais quando tinha vinte

anos, embora passasse a maior parte do tempo fora de casa. Ela dormia no sofá das casas de amigos e só aparecia em casa para pedir dinheiro emprestado. Quando seus pais finalmente pararam de ceder, ela começou a invadir a própria casa e a roubar. Eu ainda estava curiosa para saber como ela entrou em contato com a gangue.

De acordo com Jan, Moe foi pega por um dos membros da gangue. Jan acha que ele se chamava Chip. Não estava mais com a gangue. Ela andava em um dos bares da gangue, trocando favores sexuais por drogas. Chip levou-a ao motel e a compartilhou com os caras. Eu olhei para Jan. Ela sabia o que eu estava pensando.

— Sim, tenho certeza de que Grizz e Blue ficaram com ela — disse Jan.

Jan continuou explicando que Moe era praticamente a puta do motel. Havia outras mulheres que iam e vinham, mas Moe era permanente.

Eu não conseguia mais conter minha curiosidade.

— Por que Grizz cortou a língua dela? — Eu precisava saber.

— Parece que Moe era muito respondona — disse Jan em voz baixa. — Ela nunca aprendeu a deixar de ser a princesinha mimada e ficava se gabando, dizia que não tinha que viver no motel como prostituta. Que sua família era rica e ela poderia ir para casa quando quisesse. Havia só um problema nisso. Ela não era confiável. Ela havia ficado no motel por tempo suficiente para ouvir muitos segredos trocados. Testemunhou coisas demais. Ninguém realmente a levava a sério, mas, ainda assim, era muito arriscado.

Jan disse que Moe era constantemente ridicularizada e agredida por alguns dos clientes. E como alguém lida com o abuso? Neste caso, Moe descontava sua frustração na única pessoa que percebeu ser mais fraca do que ela: Grunt. Ele tinha apenas dez ou onze anos na época.

Blue tinha acabado de conhecer Jan e não ficava muito no motel, então Grizz estava protegendo Grunt. Não tinha ficado exatamente claro, mas Jan tinha certeza de que, embora Moe nunca tivesse machucado Grunt fisicamente, ela era má com ele. Enquanto os outros o provocavam com carinho, fazendo brincadeiras sobre o tamanho dele, ela era cruel e lhe dava ordens. Ela o tratava como um escravo, fazendo-o servi-la e fazer suas tarefas. Ela tomava muito cuidado para não fazer isso quando Blue ou Grizz estava por perto.

Mas o que Moe não imaginava era que Grizz sabia de tudo. Apenas algumas semanas depois que ela começou a abusar de Grunt, Grizz ficou sabendo de tudo.

Mais tarde, Grizz disse a Blue que chamou Moe para ir até seu quarto

fazer sexo. Ela estava sempre disposta a satisfazer Grizz. Jan acha que ela estava secretamente apaixonada por ele. Quando entraram no quarto, Grizz abriu o zíper da calça jeans e mandou que ela se ajoelhasse. Ela ficou ofendida por ele não querer ter relações sexuais com ela. Ele só queria um boquete. Ela fez um comentário dizendo que “boquetes eram trabalho para o nanico”. Ela provavelmente achou que estava sendo fofa e engraçada, mas Grizz não gostou disso.

Fiquei chocada. Eu não conseguia relacionar Moe, humilde e despretensiosa, com a garota mal-humorada, respondona e desagradável que Jan estava descrevendo. Entendi por que Grizz ficou bravo com o comentário, mas a ponto de cortar a língua dela?

— Isso não a deixaria com mais raiva e ressentimento em relação ao Grunt?

— Seria de se pensar que sim — respondeu Jan. — Mas as coisas nem sempre acabam do jeito como achamos que vão acabar.

— Como assim?

— Bem, Grizz a deixou no quarto, sangrando e chorando histericamente. Ninguém realmente se importava por ela estar ferida. Por ela ter sido mutilada. Bem, exceto por uma pessoa.

— Quem? — Mas eu soube antes que ela me contasse.

— Grunt. Ele cuidou dela sozinho. Ele era apenas um rapazinho e nunca saiu do lado dela. Mesmo depois de ela ter sido tão má com ele.

Eu conseguia imaginar Grunt cuidando de Moe. Eu o vi mais de uma vez no motel cuidando de gente que tinha se metido em brigas. Eu sabia que Grizz tinha um médico em sua folha de pagamento, e que o médico notou que Grunt se interessava quando ele ocasionalmente ia ao motel para prestar cuidados médicos. Ele havia ensinado Grunt a cuidar de alguns ferimentos básicos e deixou suprimentos médicos para ele usar. Grunt era esperto. Ele certamente se daria bem estudando medicina.

Naquele momento eu entendi a insistência de Grizz para que Grunt tirasse minha virgindade naquela noite. Ele via em Grunt uma pessoa carinhosa e atenciosa que faria o máximo possível para não me machucar. Mas eu ainda não conseguia entender como Grunt podia ser a mesma pessoa que pregou um homem em uma cerca.

Voltei ao presente e à minha conversa com Jan. Senti que havia uma ligação especial entre Grunt e Moe, mas não sabia o que era. Para ser sincera, pensei que poderia ter sido algo sexual, mas estava enganada. Era estranho

pensar que o comentário dela sobre Grunt foi o que causou sua mutilação. Ela poderia ter justificado um ódio ainda mais intenso por ele depois disso. No entanto, o simples ato de preocupação de uma criança mudou tudo.

Fiquei emocionada.

Eu estava pensando nisso e fiquei observando Grunt enquanto ele dirigia de volta para casa. Eu estava levando um prato de papel cheio de comida embrulhada em papel alumínio para Moe no meu colo. Estava um pouco alta por causa do vinho e mantinha a cabeça repousada no encosto do assento, mas encarando Grunt.

Nós paramos em um sinal fechado e ele olhou para mim. Eu levantei a mão e acariciei seu rosto.

— Você é uma pessoa tão boa, Grunt. Fico feliz por ter sido você.

Ele olhou para mim como se estivesse confuso e então percebeu que eu estava falando sobre a noite em que ele me drogou em seu quarto. Ele pegou minha mão e a beijou.

— Também fico feliz por ter sido eu, Kit.

Nós estávamos perdidos naquele momento, e então notamos o que estava acontecendo. Eu puxei minha mão e me endireitei no assento.

— Espero que não tenha causado um problema com você e Sarah Jo — falei baixinho. — Bom, acho que ela não sabe, e não sei se você se sente culpado por tê-la traído daquele jeito. Sabe? Sinto muito se você se sente culpado.

Ele não disse nada imediatamente, mas olhou para a frente e começou a dirigir.

— Sarah Jo não é minha namorada, Kit.

Aquilo chamou minha atenção e olhei para ele.

— O quê? Como assim, ela não é sua namorada? Eu vi vocês dois juntos. Para mim, vocês parecem um casal, com certeza.

— Bem, mas não somos. Nós somos melhores amigos há muito tempo. Fess não gostava de levá-la ao motel, mas gostava de mim e me levava para a casa dele de vez em quando. Ela tem dois irmãos mais novos também. Eles perderam a mãe um ou dois anos antes. Câncer de mama.

Eu fiquei chocada.

— Pode parar. Pare aqui, Grunt. Quero falar com você e quero sua atenção.

Ele fez o que eu pedi e entrou à direita na Griffin Road. Não havia nada ali além de laranjais nos anos de 1970, e ele facilmente entrou em uma das fileiras.

Ele desligou o motor e se virou para mim.

— Ela não é minha namorada, mas ela é muito especial para mim.

— Você sempre age de forma tão amorosa com alguém que não é sua namorada? — Nas poucas ocasiões em que os vi, eles estavam de mãos dadas ou abraçavam-se, mas, pensando bem, nunca tinha visto os dois se beijando.

— Jo e eu somos carinhosos um com o outro, mas não há nada além disso. Ela namora um cara da escola dela há dois anos. Stephen alguma coisa.

— Você sabe que eu pensei que vocês fossem um casal, certo? Grunt. Me responda. Você queria que eu pensasse que vocês eram um casal, não queria?

Ele não disse nada, apenas olhou para baixo.

— É melhor assim, você não acha? — sussurrou ele.

Eu não conseguia acreditar no que estava ouvindo! Grunt tinha sentimentos por mim e estava tentando escondê-los? Ele sabia que eu tinha sentimentos por ele naquele verão e, de propósito, deu um jeito de acabar com eles levando Sarah Jo ao motel?

Eu toquei em seu rosto e o virei para mim. Nós estávamos encarando um ao outro. Eu queria muito beijá-lo, mas não podia trair Grizz. Eu não sabia o que fazer. Minha mente estava a mil. Lembrei-me do quanto eu havia tentado ficar por perto de Grunt depois daquele sonho. Foi quando Sarah Jo apareceu. Será que ele tinha feito aquilo de propósito para me dissuadir?

— O que foi, Grunt? — As lágrimas estavam fazendo meus olhos arderem.

— Não importa. — A voz dele estava seca. — Nunca vai acontecer e nós dois sabemos disso.

Eu não podia deixar isso passar.

— Se pudesse, você quereria? Você me deseja?

— Kit, eu a quis desde a primeira noite em que a vi. Você ficou lá naquela noite na fogueira, tão corajosa e tão bonita de calça jeans e camisa florida. Eu ia cuidar de você. Eu não sabia o que o Monstro ia fazer com você, mas eu teria ido contra ele por você. Isso foi antes de eu saber que ele a levou lá para o Grizz.

Eu me lembrava vividamente daquela noite. Lembrei-me da sensação de estar sendo observada. De imediato eu me lembrei da manhã depois que perdi minha virgindade. De eu ter ido ao quarto de Grunt para pedir que ele me levasse para passear. Ele me perguntou o que eu estava vestindo naquela primeira noite, para não usar a mesma roupa enquanto estivesse com ele. Eu poderia ser reconhecida. Agora eu sabia que era encenação. Ele sabia exatamente o que eu

estava usando naquela minha primeira noite no motel.

Minha mente estava uma confusão. Eu não sabia o que dizer.

Não precisei dizer nada. O feitiço foi quebrado quando ele ligou o carro. O motor alto me trouxe de volta à realidade, e nós, sem dizer nada, voltamos para o motel.

Capítulo Vinte e Cinco

Nunca mais voltamos a falar sobre aquela noite. Retornamos a nossas rotinas normais como se nada tivesse acontecido – sem olhares disfarçados nem roubados. Nós dois provavelmente tomamos a mesma decisão: isso nunca aconteceu. Não poderia acontecer. E foi apagado da memória.

No entanto, uma coisa positiva surgiu dessa conversa: Sarah Jo. Saber que ela não estava romanticamente envolvida com Grunt abriu um caminho que eu queria explorar: amizade. Eu estava começando a adorar a Moe, mas para ser sincera, a comunicação era difícil. Grizz e Grunt eram homens. O lance com Jan foi um desastre. Eu queria uma amiga.

Eu pedi a Grunt o número do telefone dela. Grunt e eu tínhamos voltado a nos sentir à vontade um com o outro como estávamos no caminho para a casa do Blue naquele Dia de Ação de Graças. Eu fiz o primeiro contato com Sarah Jo, e rolou uma química instantânea.

Mas não começou fácil. A princípio, o pai dela resistiu à nossa amizade. Eu acho que Fess se sentia desconfortável com isso de ela ser amiga da esposa menor de idade de um notório líder de gangue. E não dava para julgá-lo.

O pai dela não era o criminoso durão que se esperaria encontrar em uma gangue de motoqueiros. Ele realmente tinha entrado naquilo por acidente. O apelido de Fess vinha de professor. Ele dava aulas em uma faculdade da região. Naquela época, ele estava equilibrando a carreira de docente, três filhos pequenos e uma esposa moribunda. Foi demais para ele.

Três meses após a morte de sua esposa, ele foi abordado pelos pais de um de seus alunos. O aluno estava quase sendo reprovado em sua matéria, o que o impediria de se formar.

Fess não precisou ser subornado. Ele já tinha a sensação de ter decepcionado seus alunos por não estar perto deles durante a doença e morte da esposa. Ele disse ao pai para não se preocupar; o filho dele passaria de ano.

Aquele pai era um detetive do departamento de narcóticos. Ele disse a Fess que compensaria pelo que ele estava fazendo, custasse o que custasse. Sempre que Fess precisasse de um favor, independente do que fosse, poderia contar com ele. Fess teve a nítida impressão de que quando ele disse que não importava o que fosse, estava sendo sincero.

Menos de um mês depois, Fess estava afogando as mágoas em um bar e conheceu um jovem e promissor líder de uma gangue de motoqueiros. Grizz.

Fess não estava apenas sentindo falta de sua esposa, tentando criar três filhos pequenos e manter um emprego, mas também estava muito endividado. A esposa havia passado muito tempo doente e, apesar de ter a assistência médica graças a seu emprego, não era suficiente para todos os cuidados de que ela precisava. Ele precisava de dinheiro. Acabaria perdendo sua casa.

Foi assim que começou. A rede de informantes de Grizz. Fess pediu esse favor e o pai ficou muito feliz em ajudar. Grizz pagou bem. Era isso que Fess fazia. Ele mantinha uma relação de informantes para Grizz, e de outras pessoas que trabalhavam para ele em outras funções. Fess manteve registros de quem fazia o quê e de quanto eles cobravam. Nunca entregava dinheiro. Nunca fazia contato. Nunca usava seu nome verdadeiro. Nunca houve nada que o ligasse a Grizz.

Ele acabou comprando uma Harley e às vezes aparecia no motel, mas nunca vestia a jaqueta. A única razão pela qual Sarah Jo era amiga de Grunt era porque Fess sentia pena do garotinho no motel. Mais tarde, Grunt se tornou muito querido para ele. Grunt tinha potencial, e Fess viu isso.

Sarah Jo me contou que Fess sempre ia ao quarto de Moe quando ele estava lá. Jo sabia o quanto ele sentia falta da mãe dela, e ele era um ser humano. Ela pensou que o pai poderia ter sentimentos por Moe, porém, se os dois se gostavam, escondiam isso bem do resto de nós.

Sarah Jo me disse que me reconheceu quando me viu pela primeira vez. Mas, claro, ela sabia que não deveria dizer nada. Ela estudou na escola concorrente da minha, a Fort Lauderdale High School. Minha escola, Stranahan, e a escola dela eram arqui-inimigas desde sempre. Mas ela tinha vários amigos em Stranahan para saber sobre mim: a excelente aluna que havia desaparecido. Pensaram que eu tinha fugido.

Ela me contou tudo sobre o namorado dela, Stephen. Estava com ele havia dois anos e atualmente estava dividida entre seu amor por ele e o interesse que um novo garoto mostrava por ela.

Nossa amizade foi difícil para nós no começo porque eu não sabia bem quais eram minhas limitações, até onde eu podia ir, e nenhuma de nós tinha uma carteira de motorista. Tivemos que contar com Grunt, Moe, Grizz, Fess ou em quem estava disponível para nos levar ao cinema de vez em quando, à praia ou a um shopping mais afastado.

Ainda assim, apesar dos obstáculos, a amizade floresceu. Ela foi minha

dama de honra quando me casei. Eu fui a dela quando ela se casou. Ela estava por perto quando dei à luz aos meus dois filhos. Eu estava perto quando ela teve seus três filhos. Ela estava me esperando do lado de fora da sala de execução no dia em que Grizz morreu.

Ela era, e é até hoje, uma das minhas melhores amigas.

* * * * *

O Dia de Ação de Graças tinha passado. Agora faltavam apenas algumas semanas para o Natal. Eu tinha saído algumas vezes com Sarah Jo para fazer compras, já tinha decidido qual presente de Natal dar para Grizz, mas ia levar algum tempo. Eu avisei que chegaria tarde. Acho que ele acreditava que era algo que eu estava fazendo para ele, já que eu não tinha dinheiro e não ia tocar no dele para comprar um presente para ele, que estava mais preocupado em me dar um presente.

Certa noite, eu estava sentada de pernas cruzadas na cama, fazendo lição de casa. Grizz, que tinha acabado de sair do banho e estava se enxugando, insistia para saber o que eu queria de Natal. Disse-lhe várias vezes que não precisava de nada. Eu tinha tudo de que poderia precisar ou querer.

— Deve haver algo, Kit. Qualquer coisa que você quiser — disse ele, com uma toalha branca enrolada na cintura enquanto atravessava a sala e se sentava na cama ao meu lado, com o corpo ainda úmido.

— É só dizer. É seu. Não tem problema se for caro. Não tem problema se for algo que você acredite ser difícil de encontrar. Qualquer coisa, linda. Qualquer coisa.

Eu fechei meu livro, tocando seu braço levemente.

— Grizz, estou falando sério. Não quero nada.

Ele empurrou meus livros para fora do caminho e me deitou com delicadeza na cama. Então, em um movimento rápido, ele se pôs em cima de mim e aproximou seu rosto do meu.

— Está bem — disse ele, sorrindo para mim e beijando minha testa suavemente. — Que tal uma viagem? Podemos alugar uma casa em Keys por algumas semanas. Só nós dois.

Eu só olhei para ele e sorri, passando os braços em volta de seu pescoço e beijando-o. E depois de alguns segundos, algo me veio à mente: uma coisa que eu estava querendo fazer.

— Sim, tem um lugar para onde você poderia me levar.

— Pode falar, linda. Posso pedir para o Eddie lhe dar um passaporte. Nós poderíamos ir ao México, Paris, qualquer lugar. Você decide.

— Quero ir à igreja.

Por mais difícil que seja acreditar, sentia mais falta da igreja do que da minha casa. Eu tinha passado a contar com a minha fé para sobreviver desde pequena. Sentia falta da sensação de paz que me envolvia quando eu estava lá — o fato de saber que eu era amada incondicionalmente, que não precisava fazer nada para ganhar esse amor. Eu não era obrigada a cozinhar nem a pagar as contas. Era obrigada a fazer apenas uma coisa: aceitar Jesus Cristo como meu Senhor e Salvador. Eu fiz isso quando tinha nove anos de idade.

Grizz coçou o queixo e se sentou.

— Eu estava esperando que você fosse me pedir isso.

Eu olhei para ele sem entender.

— Eu sei que você ia à igreja todos os domingos.

Claro que ele sabia.

— Kit, eu não posso levá-la à sua igreja. Eu nem acho que seria uma boa ideia levá-la a qualquer igreja aqui na costa.

Anos mais tarde, descobri que as conexões de Grizz haviam lhe dito que tinha sido minha igreja e uma freira em especial que forçaram os investigadores a me procurar. A irmã Mary Katherine tinha um interesse especial em mim. Ela estava preocupada com a jovem que ia à missa todos os domingos sozinha. Ela se tornou minha amiga e minha confidente. Eu sentia mais falta dela do que de Delia.

Quando pensava bem, não sentia falta de Delia. Eu só sentia falta da familiaridade de uma casa. Eu sabia o que esperar naquela casa. Viver no motel era assustador, pois era um ambiente repleto de incertezas. Eu raramente me permitia pensar sobre o que estava acontecendo do lado de fora do quarto número quatro.

Foi assim que consegui lidar, durante anos, com a realidade do comportamento criminoso do meu marido: ignorei isso. Fingia que não existia. Claro, havia algumas coisas que eu não podia evitar nem ignorar, então eu fazia um jogo mental comigo mesma. Eu o chamava de “isso não aconteceu”.

Quando os investigadores se recusaram a cooperar com a irmã Mary Katherine, ela usou igrejas católicas em toda a costa leste da Flórida como forma de manter meu desaparecimento no centro das atenções. Mesmo que fosse apenas dentro do círculo da igreja, foi gentil da parte dela fazer isso.

— Por que não? — perguntei a ele. — Se formos um pouco para o norte

ou até para o sul em direção a Miami, acho que seria seguro.

— Eu acho que há mais risco de você ser reconhecida. Mas tenho uma ideia. Confie em mim. Vou cuidar disso.

E ele cuidou. Por muitos anos depois dessa conversa, todas as manhãs de domingo, Grizz me levava ou mandava alguém me levar pela Alligator Alley até a costa oeste da Flórida. Ficava a cerca de uma hora e meia de lá. Às vezes, ele me levava na sexta ou no sábado e ficávamos em um hotel. Ele nunca foi à igreja comigo, mas sempre estava me esperando quando eu saía. Por fim, comecei a frequentar a igreja na minha própria região, conforme as coisas foram avançando para o oeste. Mas ele manteve sua palavra naqueles primeiros anos.

O Natal e o Ano Novo logo passaram, e eu estava prestes a fazer dezesseis anos. Eu não tinha certeza se Grizz sabia o dia certo. Eu estava enganada. Grizz sabia de tudo. Bem, de quase tudo.

Acordei naquela manhã e me ocupei, como costumava fazer. Grizz estava do lado de fora fazendo alguma coisa com Chowder. Ele espiou dentro do quarto número quatro e me pediu para sair. Quando cheguei do lado de fora, havia um novo Trans Am reluzente estacionado em frente ao motel. Grizz estava sorrindo para mim.

— Gostou?

— Você comprou um carro novo? Claro que eu gostei! Adorei! Me leva para dar uma volta.

— Não, você me leva para dar uma volta — ele sorriu. — É seu. Feliz aniversário, Gatinha.

Ele me abraçou e me beijou no topo da cabeça. Eu não sabia o que me surpreendeu mais — o fato de ele lembrar que era meu aniversário de verdade, ou o fato de ele ter comprado um presente tão inesperado e caro.

— As chaves estão dentro dele. Vamos — disse ele. — Você dirige.

— Não posso.

— Por que não?

Eu corei.

— Porque não sei dirigir.

* * * * *

Para alguém que conhecia todos os detalhes da minha vida, aquela era uma informação importante que ele não sabia.

— Eu sei que você não tem uma habilitação de verdade, mas Ann Marie

O'Connell tem — disse ele. Eddie fez uma nova carteira de motorista para mim depois que nos casamos.

— Mas, Grizz, eu não sei dirigir de verdade. Você sabe, guiar, acelerar, tudo o mais.

— Como assim? Eu vi a sua carteira de motorista no ano passado.

— Sim, fiz um teste escrito para conseguir uma carteira de motorista em fevereiro passado, mas as aulas de direção seriam dadas no verão. Eu não preciso lhe dizer por que não fiz as aulas.

Sua reação foi cômica e ele começou a rir muito.

— Como eu não soube disso?

Eu comecei a rir também.

— Não sei, mas não sabia.

— Entre. Vamos embora. Você vai aprender a dirigir.

Durante o resto do mês, fiz aulas de direção com Grizz, Grunt, Chowder e Moe. Quem estava disponível me dava aulas, mas foi com Grizz que passei a maior parte do tempo. Havia certas regras nas quais ele insistia. Pelo menos no começo, eu não deveria ir a lugar nenhum sozinha. Eu nunca deveria chegar nem perto do meu antigo bairro. Eu poderia viver com essas regras, mas ele fez uma exceção que me irritou: eu não podia ir a lugar nenhum sozinha com Sarah Jo.

Argumentei quando ele me disse que eu não poderia ir a nenhum lugar sozinha, mas se Sarah Jo estivesse comigo, eu não estaria sozinha. Além disso, ele mesmo nos deixou no cinema algumas vezes. Mas não teve jeito — ele não gostou. O problema não era Sarah Jo; ele simplesmente não gostava de pensar em duas meninas andando por aí em um Trans Am^[4].

— Então você deveria ter me comprado um cacareco velho e feio — eu gritei.

Foi nossa primeira discussão de verdade, e eu lutei pela minha opinião com unhas e dentes, mas claro que não venci. Fiquei brava com ele por dias, e o ignorei. Não cozinhei e definitivamente não dormi com ele. Tranquei-me em um dos quartos sem uso no motel e fiquei fazendo a lição de casa e lendo meus livros, só saindo para comer e ver como Gwinny estava. Ele me deixava em paz, o que só me deixava mais furiosa.

Então aconteceu algo que eu não esperava: percebi que sentia falta dele.

Acho que isso acontecia por ter sido tirada de uma casa onde eu praticamente era ignorada. Ali, Grizz me enchia de atenção e presentes. Naquele momento do nosso relacionamento, ele nunca me negava nada além da minha liberdade. Sem contar minha primeira experiência sexual com Grunt, ele nunca

tinha me machucado.

Na verdade, ele me mimava pra caramba.

Grizz era quieto. Ele não falava muito, mas era carinhoso. E nem sempre era afeto relacionado a sexo. Ele era delicado, sempre segurava minha mão em público ou quando caminhávamos até a fogueira. Quando eu chegava sozinha na fogueira, ele me puxava para que eu me sentasse no colo dele. Eu acordava todas as manhãs envolvida no calor e na proteção de seus braços.

Tentei pensar no que eu havia lhe dado em troca. Bem, eu me dei a ele, se isso contasse. Eu dei a ele minha lealdade. Eu certamente poderia ter descoberto uma maneira de escapar e avisar Delia e Vince. Mas a lealdade era suficiente? Àquela altura, comecei a me sentir culpada, então voltei ao quarto número quatro. Eu não sabia se ele estaria lá ou não.

Ele estava lá, relaxando, na poltrona, com os olhos fechados. Eu sabia que ele não estava dormindo. O aparelho de som estava ligado. Ele ouvia um dos meus discos. Seals & Crofts. “Summer Breeze” estava tocando.

Eu já tinha montado minha coleção de discos. Era raro que Grizz e eu concordássemos em ouvir a mesma música. Ele gostava de hard rock e, embora eu gostasse um pouco, também gostava de ouvir coisas leves: Loggins & Messina, Bread, Paul Davis, ABBA.

Parei na frente dele.

— Desde quando você gosta de Seals & Crofts?

— Não gosto — disse ele, com os olhos ainda fechados.

— Então por que você está ouvindo isso?

— Porque você adora e eu adoro você e senti sua falta.

Ele tinha acabado de dizer que me amava? Meu coração se acelerou.

Grizz abriu os olhos e olhou para mim.

— Isso a surpreende, Kit? — havia intensidade em seus olhos verdes.
— O fato de eu amar você?

Eu não sabia o que dizer. Mesmo depois da explicação do ano passado sobre a razão de sua obsessão comigo, nunca tinha ouvido Grizz falar de amor.

Então, fiz a única coisa em que consegui pensar. Eu puxei a cadeira — e ele — para que ele ficasse sentado, não deitado. Então, eu me sentei em seu colo e o abracei.

— Eu também te amo, Grizz — falei.

Estava sendo sincera. Provavelmente foi mais um choque para mim do que para ele.

Ele me beijou.

— Você pode me fazer um favor, linda?

— Sim, Grizz, qualquer coisa — respondi, sorrindo. Eu sabia o que ele ia pedir, e estava disposta.

— Estou com uma dor de cabeça forte. Você pode me dar uma aspirina?

Eu me afastei e olhei para ele, surpresa.

— Claro. O que foi? — perguntei, voltando com a aspirina e um pouco de água. — Você ficou ao sol por muito tempo? Você nunca fica com dor de cabeça.

— Não. Eu acho que é por ter escutado essas músicas que você ouve.

Capítulo Vinte e Seis

Era março e eu finalmente estava pronta para dar a Grizz seu presente de Natal. Nós tínhamos acabado de jantar, e ele se sentou a sua mesa para fazer alguma coisa do trabalho. Fui para o quarto e peguei o presente dele. Era pesado.

Eu me sentei à pequena mesa de centro e sorri para ele.

— Feliz Natal atrasado!

Ele se virou e viu o presente. Eu devo tê-lo chocado. Ou ele não estava acostumado a receber presentes ou achava que eu tinha esquecido que lhe devia um. Ele só ficou olhando para mim.

— Você vai ficar sentado aí, olhando para mim, ou vai abri-lo? — eu o provoquei.

Sem dizer nada, ele se levantou e começou a pegá-lo com uma das mãos só, mas acho que o peso da caixa o surpreendeu.

— Nossa! O que é isso?

— Você tem que abrir para descobrir.

Ele o pegou com as duas mãos e sentou-se no sofá. Eu me sentei ao lado dele, flexionei as pernas e descansei o queixo sobre os joelhos. Ele lentamente começou a desembulhá-lo. Era uma caixa marrom simples. Ele abriu a caixa e tirou dali uma das muitas peças embrulhadas individualmente. Observei seu rosto com atenção quando ele desembulhou a primeira delas.

Era um jogo de xadrez personalizado, todas as peças artesanais de marfim — com caveiras e outros símbolos.

Ele pegou a primeira peça e olhou para mim.

— Como? Como você conseguiu isso para mim, Kit? Se o resto das peças for tão intrincado como esta, deve ter custado uma fortuna.

— Não importa. Você gostou? — Eu abracei os joelhos com mais força. — Apenas me diga se gostou. Ah, e o tabuleiro de xadrez está debaixo da nossa cama! Era pesado demais para embrulhar. Você gostou, não é? — De repente, não sabia se tinha escolhido o presente certo.

— Como você pagou por isso? — Ele ficou sério.

— Essa é uma pergunta terrivelmente indelicada, Grizz. Não se preocupe, eu não usei seu dinheiro, se é isso que você está pensando.

— Eu não estou pensando nada disso. Eu só não consigo imaginar como

você conseguiu tanta grana. — com cuidado, desembalhou todas as peças, colocando-as todas em linha reta na mesa de centro.

Eu soube no minuto em que ele descobriu. Percebi pela cara dele. Foi uma das duas únicas vezes em que vi algo próximo a lágrimas em seus olhos. A segunda vez foi quando mostrei a ele uma foto de nossa filha quando o visitei na cadeia.

Em um sussurro, ele disse:

— Você penhorou seu violão.

* * * * *

Ele estava certo. Eu havia penhorado meu violão. Era um violão especial e eu recebi uma quantia boa por ele. Graças a Deus, Guido pegou o violão na venda do quintal de Delia antes que ela o vendesse. Ela nunca acreditou em mim quando eu dizia que ele valia muito dinheiro.

Eu ganhei o violão de presente em 1969. Eu tinha nove anos e ia a Woodstock com Delia e Vince. A única coisa que Delia me deixava levar para me manter ocupada eram umas canetinhas e livros para colorir. Nós montamos nosso pequeno acampamento ao lado de um jovem casal. Eu gostaria de conseguir lembrar seus nomes. O cara tinha um violão que ele tocava quando ninguém estava se apresentando. Ele me pegou olhando para ele no primeiro dia. Acho que os dois sentiram pena de mim, já que Delia e Vince estavam sempre chapados ou dormindo. Ele me deu aulas de violão. Ele me mostrou as notas básicas e me deixou praticar com o violão dele.

Choveu naquele fim de semana, as apresentações atrasaram e o local ficou cheio de lama. O jovem casal foi para casa no fim da noite de domingo. Enquanto a esposa estava fazendo as malas, ele me chamou de lado e me disse que queria que eu ficasse com seu violão, desde que eu continuasse aprendendo a tocar. Eu já tinha aprendido a tocar “Jingle Bells”, e ele disse que era bom aprender isso, mas que eu precisava praticar as notas que ele tinha me ensinado também. Ele disse que era um violão antigo, mas que afinava bem, e eu conseguiria mantê-lo. Eu fiquei muito feliz.

Na manhã seguinte, a maior parte das pessoas tinha ido embora. Eu acordei com música alta e tão boa que fiquei hipnotizada. Era Jimi Hendrix tocando “The Star-Spangled Banner” na guitarra. Tentei acordar Delia e Vince, mas eles estavam totalmente desmaiados. Antes de Jimi terminar seu show, eu peguei uma das canetinhas e meu violão recém-adquirido e subi na lateral do

palco.

— Desculpe, menina, não posso deixar você aqui — disse um cara no portão, que tinha um passe que parecia oficial. Ele teve que gritar mais alto do que a música.

— Meus pais estão trabalhando aí e eu estou andando por aí com o violão do meu pai. Ele vai ficar bravo comigo por fugir. Por favor, me deixe voltar para lá antes que eu tenha problemas. — Eu menti, gritando para ele.

Ele acreditou em mim ou imaginou que uma criança não causaria grandes danos. Ele me deixou entrar. Eu estava esperando por Jimi Hendrix quando ele finalmente desceu do palco. Eu fui direto até ele e o interrompi.

— Você poderia autografar meu violão, Sr. Hendrix, por favor? — E antes que ele pudesse responder, continuei: — Aprendi a tocar esse fim de semana.

Acho que ele achou graça, porque abriu um grande sorriso. Seu rosto brilhava de suor e ele passou o braço nele.

— Claro, tem uma caneta ou algo assim?

Entreguei minha canetinha. Ele escreveu “Olhos ciganos, Jimi Hendrix, WS, 18/8/69” bem na parte de trás do violão.

— O que são olhos ciganos? — perguntei para ele enquanto tentava distinguir as palavras de seu rabisco apressado.

— Qual é seu nome?

— Gwinny.

— Bem, Gwinny, é uma música que eu gravei no ano passado, mas como você tem os maiores olhos castanhos que eu já vi, acho que isso se aplica a você hoje.

Eu abri um enorme sorriso para ele.

— Obrigada.

Ele não respondeu. Só sorriu e começou a andar. Peguei meu violão recém-autografado e voltei para o caminho pelo qual entrei.

— Ei, seus pais vão ficar bravos se você levar o violão do seu pai para fora de novo — disse o cara no portão para mim.

— Não, está tudo bem, meus pais estão lá fora acampando — falei, enquanto passava.

— O quê? Pensei que você tivesse me dito que seus pais eram da equipe.

— Eu disse. Me desculpe por mentir, mas consegui fazer Jimi Hendrix autografar meu violão! — Eu levantei o violão para ele ver.

— Muito bem — disse ele com um sorriso.

Quando Delia e Vince finalmente ficaram sóbrios o suficiente para que fôssemos embora, mostrei meu violão autografado. Eles não acreditavam que fosse um autógrafo verdadeiro. Eu acho que, por ter sido feito rapidamente, sem cuidado, eles acharam que eu mesma tinha assinado. Ou isso ou eles estavam de ressaca demais para se importarem.

— Sim, penhorei meu violão — eu respondi a Grizz, olhando para o chão. — Você me deu tanto, e eu só queria retribuir. Sinto muito por ter demorado tanto, mas é feito à mão e não havia como consegui-lo a tempo para o Natal.

Ele se levantou e olhou para mim. Então, pegou minha mão, me levantou e me envolveu em um abraço de urso que quase me tirou o fôlego.

— É o melhor presente que alguém já me deu, Kit. Obrigado. Eu amei o presente e amo você. — Ele beijou minha cabeça. — Agora vamos recuperar seu violão.

Capítulo Vinte e Sete

Naquele momento eu quase já tinha me esquecido de que era vítima de um sequestro. Continuava a me disfarçar quando saía do motel, mas na maioria das vezes eu supunha que as pessoas tinham se esquecido de mim. Eu estava bem com isso. Não queria ser encontrada.

Havia sempre novas pessoas indo e vindo, e eu fazia o melhor que podia para evitá-las. Eu sabia o que Grizz era: um criminoso. Assim como a maioria das pessoas com quem ele se associava. Eu odiava o fato de que o homem que eu amava ganhava a vida ilegalmente. A única maneira como eu sabia lidar com isso era ignorando. Nem sempre foi fácil.

Eu morava no motel havia quase um ano. Certo dia, ouvi um barulho alto na fogueira —. gritos e berros. Lúcifer e Damien latiam. Grizz saiu para ver o que estava acontecendo. As coisas não se acalmaram, e eu saí também. Demorei alguns minutos para avaliar o que estava acontecendo e, quando consegui, fiquei horrorizada.

Era um jovem casal. Ele estava sendo espancado e ela estava sendo estuprada. Grizz estava parado ali, conversando com algum cara e ignorando tudo o que estava acontecendo. Os cachorros pararam de latir porque Grizz havia dado a ordem, mas fora isso, a confusão e os gritos continuavam. Eu quase não conseguia acreditar no que estava vendo.

Aparentemente, aquele jovem casal tinha sido atraído ao motel. Os caras que fizeram isso não queriam o casal; eles queriam a moto do casal. E eles usaram o cara e a namorada dele por diversão.

Fui até Grizz e o interrompi.

— Você pode acabar com isso, por favor? Não está vendo o que está acontecendo?

Ele me olhou com firmeza.

— Não é da sua conta, Kit. Volte para dentro.

Procurei alguém que eu reconhecesse, mas não havia ninguém. Onde estavam Grunt, Chowder, Moe? Eu vi Monstro, mas ele estava se divertindo demais. Ele devia ter estuprado a garota antes de eu sair, porque estava subindo o zíper da calça enquanto chutava o cara nas costelas. Eu fiquei indignada. Não é da minha conta? Eu estava testemunhando um estupro, pelo amor de Deus!

— Grizz, por favor, acabe com isso. Eu estou pedindo para você colocar um fim nisso, por mim.

Grizz acenou com a cabeça para o cara com quem ele estava falando. Eu o reconheci. Seu nome era Chico. Eu o havia visto no motel uma ou duas vezes antes. Ele não usava uma jaqueta de gangue.

— Miguel, acabe com isso agora — disse Chico para um dos caras sentados em uma cadeira de jardim. Grizz e Chico voltaram a conversar.

Graças a Deus, pensei, tentando fazer minhas mãos pararem de tremer. Antes que eu pudesse agradecer, vi o homem chamado Miguel caminhar até a garota que estava deitada no chão e soluçando. Eu me sobressaltei. Miguel então caminhou até o jovem que acabara de ser espancado no chão.

Sua maneira de acabar com tudo foi atirando na cabeça de cada um. Eu havia acabado de testemunhar minhas primeiras execuções.

* * * * *

Aconteceu tão rápido que nem consegui reagir. Estava em choque, mas sabia que não deveria deixar a histeria tomar conta de mim, para não envergonhar Grizz na frente daquelas pessoas.

Voltei rapidamente até o quarto número quatro e fechei a porta depois de entrar. Eu me apoiei nela e estava respirando fundo e lutando contra a náusea quando ela se abriu e caí de costas nos braços de Grizz. Ele me pegou e me levou para dentro.

— Você não deveria ter saído.

— Sério? Sério, Grizz? Que merda foi aquela? Você ficou parado ali enquanto um cara estava sendo torturado e sua namorada foi estuprada? — Eu lutei para controlar minha voz. — Como você pôde deixar isso acontecer?

— Não era problema meu, Kit.

— Esta é sua casa, Grizz. Eles trabalham pra você.

— Chico e sua equipe não têm nada a ver comigo. Miguel é um cara dele. Eles estavam preparando uma entrega. Aquele casal era um lance dele. Não é da minha conta. Também não é da sua. — Ele passou por mim em direção ao sofá e se sentou.

Eu o acompanhei, com as mãos no quadril.

— Então o que você está me dizendo basicamente é que não teve nenhum problema em bater no Monstro para salvar um gatinho, mas não impediria a execução de dois inocentes? Grizz. — Fiz uma pausa dramática, com

o coração batendo forte. — Você fez um sinal e duas pessoas foram *executadas*.

— Kit, eles não eram problema meu — disse ele, e ligou a TV. — Você me pediu para colocar um fim naquilo. Não é problema meu como ele escolheu fazer isso. Você não gosta do que acontece lá fora, então fique aqui dentro. Entendeu?

Eu não conseguia acreditar naquilo. Eu pensei que tinha visto um Grizz diferente. Um Grizz empático que resgatava gatinhos e escutava as músicas que eu ouvia. Alguém que cuidava para que sua jovem esposa fosse à igreja todos os domingos.

Eu não conseguia acreditar na minha ingenuidade. Ele era todas essas coisas, mas eu esquecia que ele não conseguiria ser o líder da gangue se fosse bonzinho. Ele era durão. Tinha sangue frio. Era implacável na busca pelo que queria.

Segui seu conselho. Ficava dentro do quarto o máximo possível.

* * * * *

Fiquei quebrando a cabeça por dias, tentando descobrir se eu poderia ter feito algo diferente. Claro que eu poderia ter feito. Eu poderia ter entrado naquele quarto de motel e chamado a polícia. Mas isso teria salvado aquelas duas pessoas? Não.

Mais provável seria que Grizz tivesse recebido informações antes que a polícia chegasse, e eu poderia ter acabado no pântano com os outros. Eu realmente não achava que isso aconteceria, mas não conseguia imaginar o que Grizz faria comigo se eu realmente o deixasse furioso.

Fiquei repassando tudo aquilo na minha mente. Se eu falasse, impediria que outras pessoas fossem assassinadas a sangue frio? Talvez. Mas o que mais aconteceria? Eu queria voltar para a minha antiga vida com Delia e Vince? Eu queria ver Grizz, Moe, Chowder ou Grunt na prisão? Eu queria ver Blue ir para a cadeia e sua família desmoronar? E quanto a Fess?

A verdade é que eu não sabia a extensão da atividade criminosa que acontecia ali, mas não podia ser pior do que assassinato. Poderia?

Tentei puxar assunto com Grizz sobre aquilo, mas ele não falava nada. — É melhor para você não saber de certas coisas — era só o que ele dizia.

Após o incidente com Chico e sua turma, notei que Grizz estava tentando ser mais flexível comigo, se isso fosse possível. Ele já me mimava. Mas havia algo diferente na maneira como ele me tratava depois daquele dia. Eu não

sei explicar, mas senti. Eu acho que mesmo que ele tenha batido o pé no chão e se recusado a discutir, ele secretamente temia que o que eu vi naquele dia pudesse ter sido demais para mim. Talvez ele temesse que eu parasse de amá-lo. Eu não sabia ao certo.

Mas então algo aconteceu e eu soube que minhas suspeitas estavam corretas.

Era uma tarde de sábado, uma semana depois daquilo. Nós estávamos nos preparando para partir para a costa oeste para ir à igreja. Eu estava arrumando uma mala de viagem. A previsão indicava que o clima estaria bom, e Grizz queria levar sua moto. Ele estava de pé ao pé da cama e acabara de me perguntar se eu preferia ir com meu carro. Eu disse a ele que não. Eu amava meu carro, mas adorava andar de moto com ele ainda mais. Isso pareceu deixá-lo feliz, mas sinceramente, era verdade.

Naquele momento, a porta se abriu e Moe entrou correndo, desesperada. Lágrimas escorriam pelo rosto dela. Ela agarrou Grizz pelo braço e o puxou para a porta. Ela não teve que insistir muito. Nós dois estávamos em alerta máximo e corremos para fora o mais rápido possível.

Quando saímos, nós a seguimos até a beira do motel, e foi lá que o vimos – Damien. O cachorro grande estava deitado de lado, e Lúcifer andava ao redor dele, chorando e choramingando. Ouvimos o que estava acontecendo antes de ver.

Uma enorme cascavel estava enrolada e deu o bote em Lúcifer. Lúcifer conseguiu evitá-la e continuou latindo e andando de um lado para o outro. Assim que chegamos perto o suficiente, Grizz levantou a mão esquerda e acenou de volta. Antes que eu percebesse, ele puxou uma arma que tinha sido enfiada no bolso de trás de seu jeans. Ele matou a cobra com um único tiro.

— Provavelmente protegendo seu ninho — disse ele. — Caso contrário, ela o teria picado e rastejado para longe. Não teria ficado aqui.

Eu não sabia nada sobre cobras, então apenas assenti como se soubesse do que ele estava falando.

Ele me disse para pegar meu carro. Eu corri para o quarto número quatro e peguei minhas chaves. Corri até o meu carro e entrei. Comecei a dirigir em direção a ele. Ele estava carregando Damien. Ele me disse para ir para o banco do passageiro. Desengatei a marcha do carro, pulei para o outro banco e esperei que ele colocasse Damien no meu colo. Só então Chowder saiu e perguntou o que estava acontecendo.

— Chame o veterinário, diga a ele que o cachorro levou uma picada de

cascavel. Duas picadas, talvez. Eu estarei lá em dez minutos. — Grizz virou-se para Moe e disse: — Você não pode vir.

Eu acho que ela já estava esperando por isso, mas percebi que ela estava triste e preocupada com Damien. Fez mais sentido para mim quando chegamos ao veterinário em Davie. Claro que Moe não poderia ir. Se ela já tinha feito parte de uma comunidade rural e criava cavalos, era provável que alguém no consultório do veterinário a reconhecesse.

Chowder deve ter falado com alguém, porque eles estavam esperando por nós quando paramos. Grizz estacionou e deu a volta para pegar Damien do meu colo. Eles estavam esperando com uma maca, mas Grizz os ignorou. Depois de perceber que Grizz não colocaria Damien na maca, eles subiram correndo os degraus da frente e abriram a porta. Nós seguimos os dois veterinários e passamos pela sala de espera para dentro de uma das salas de tratamento, onde Grizz colocou Damien em uma mesa. O veterinário estava lá e nos disse para esperar lá fora.

Nós não voltamos para a sala de espera, mas nos sentamos em duas cadeiras do lado de fora do consultório. Eu não percebi se havia outros pacientes esperando quando entramos, mas não importava. Eu acho que uma picada de cobra mortal seria mais urgente do que os outros casos.

Esperamos pelo que pareceu uma eternidade, mas não demorou muito. O veterinário saiu e explicou que ele estava tratando Damien por via intravenosa com veneno antiofídico e altas doses de antibióticos. Damien teria que ficar na clínica por pelo menos uma semana. Eles observariam a área em torno das marcas da picada e cuidariam para que ele continuasse a responder bem ao tratamento. Ele esperava que Damien se recuperasse completamente, mas ainda era cedo para dizer. Ele nos disse para irmos para casa e ligar para ele no dia seguinte. Seria uma longa semana.

Grizz apertou a mão do médico e abriu a porta para eu sair para a sala de espera. Ele parou na recepção e disse à garota que acertaria a conta no dia seguinte. Ela piscou com cílios cheios de rímel para ele e disse que tudo bem. Nós entramos na sala de espera, sem ver direito quem estava lá.

Grizz estava segurando a porta aberta para eu sair, quando ouvi uma voz.

— Ginny? Ginny Lemon, é você?

Capítulo Vinte e Oito

Sempre ouvimos histórias sobre pessoas que pensam que estão morrendo e veem a vida passar diante de seus olhos. E pensamos: como é possível? Uma vida inteira em uma questão de segundos? Já ouvimos pessoas que testemunharam um acidente dizendo que tudo aconteceu em câmera lenta, sendo capazes de contar cada detalhe.

Eu nunca acreditei nessas histórias até aquele dia.

Naquele dia, ouvi o nome que não ouvia havia quase um ano.

Vi a cara do Grizz imediatamente. Naquele instante, eu sabia que ele achava que tinha me perdido. E eu também sabia que estava certa em pensar que algo havia mudado nele desde as execuções.

Grizz sabia que não haveria como voltar no tempo para evitar que eu visse o que vi aquele dia na fogueira. Ele temia que eu poderia querer deixá-lo, e agora ele se deparava com essa possibilidade. A ameaça de machucar Delia e Vince não mais teria efeito. Eu não estaria tentando fugir se alguém me reconhecesse. Tudo o que eu tinha que fazer era me virar para a pessoa que estava falando comigo e dizer: — Sim, sou eu— , e pronto. Haveria muitas testemunhas naquela sala de espera.

Grizz teria duas escolhas: agarrar-me e arrastar-me para o carro, ou sair sozinho e fugir dali. Uma escolha significava que ele se arriscaria a me perder; a outra, que ele se arriscaria a não poder voltar para ver Damien.

Foi quando o tempo parou. Foi quando, não toda a minha vida, mas o último ano, surgiu diante dos meus olhos. Eu encontrei o olhar de Grizz e soube instintivamente o que fazer.

De pé na porta, me virei para ver quem estava falando comigo. Eu a reconheci imediatamente: Diane Berger. Ela não era uma amiga íntima, mas nós tínhamos feito algumas aulas juntas. Ela era uma garota legal. Meio como eu. Não muito popular, mas também não uma pária.

Com um sotaque britânico extremamente convincente, eu respondi:

— Eu, amor? Você está falando comigo?

Isso a surpreendeu.

— Hum, sim. Você parece uma garota com quem eu estudei. Ela está desaparecida. Vai fazer um ano no próximo mês, eu acho. Você poderia ser a

irmã gêmea dela.

— Meu nome é Amelia. Estou visitando minha prima — menti, com meu falso sotaque britânico.

— Desculpa. Não consigo acreditar que você não seja a Gina. As semelhanças são inacreditáveis!

— Não, amor, eu sinto muito. Eu queria ser a sua amiga. Espero que você a encontre um dia.

Grizz me pegou pela mão e me levou até o carro. Não disse nada. Nós voltamos ao motel e eu fui a primeira a falar.

— Você acha que ela acreditou em mim? — Minha voz estava baixa.

— Acho que sim. Minha nossa, acho que até eu acreditei em você — disse ele, incrédulo. — Onde você aprendeu a fazer um sotaque assim?

— Oh, você sabe o quanto eu amo o Masterpiece Theater.

— Eu não tinha certeza do que você ia fazer — disse ele, olhando para mim de soslaio enquanto dirigia.

Eu não disse nada.

— Você sabe que eu não deixaria você partir, não é? Eu teria levado você para o carro e fugiria dirigindo. Eu teria levado você para outro lugar. Ninguém nos encontraria.

Aquilo me surpreendeu.

— E o motel? Seu carro, suas motos, seu dinheiro, seus cachorros?

— Não importa. Eu tenho um jeito de recuperar todas as minhas coisas, se precisar.

— Você está me dizendo que, se por algum motivo eu fosse reconhecida e houvesse uma chance de eu ser resgatada ou encontrada, você não desistiria de mim?

— Nunca, Kit. Nunca.

Nós seguimos de carro pelo resto do caminho de volta para o motel em silêncio. Quando chegamos lá, ele perguntou se eu queria alguém para me levar à igreja no dia seguinte de manhã. Ele ia voltar ao consultório do veterinário para ver Damien, mas achava que eu não deveria ir com ele.

— Não, eu posso faltar à missa amanhã. Quero ficar aqui com você.

Eu sei que isso o deixou feliz. Preparei um jantar rápido e ele foi para a fogueira por um tempo. Quando voltou, eu já estava na cama. Ele subiu na cama ao meu lado e me puxou para seus braços.

— Você está acordada? — perguntou ele.

— Agora estou.

— Que bom — respondeu ele, beijando meu pescoço.
— Em que está pensando?
— Quero que você fale sacanagem comigo.
Isso era novidade e eu ri.
— Ah, você quer? E o que quer que eu diga, exatamente?
— Ah, não sei. Use sua imaginação.
— Não tenho experiência falando sacanagem, mas vou tentar —
provoquei-o, sentindo meu rosto ficar quente no escuro.
— Pode me fazer um pequeno favor?
— Claro.
— Fala sacanagem comigo com aquele sotaque britânico?

* * * * *

A recuperação de Damien foi mais rápida que o esperado e sem complicações. Antes da cobra, eu nunca tinha pensado nos perigos que se escondiam no pântano. Além de ficar de olho em jacarés que pudessem aparecer, nunca pensei muito em outras criaturas nocivas. Estava pensando nisso agora.

Nós retomamos uma rotina, e eu me mantive ocupada com o meu curso por correspondência. Quando me dei conta, estávamos em 1977 e Ann Marie Morgan O'Connell era a orgulhosa detentora de um diploma do ensino médio. Ginny Lemon só se formaria no ano seguinte. Eu dirigia bem e estava indo para a maioria dos lugares que escolhia, mas eu ainda tinha que seguir as regras de Grizz, algo que mudaria em alguns meses.

Ainda assim, não foi o suficiente. Eu precisava de mais. Estava entediada. Precisava de um desafio mental. E achei isso por acaso.

Eu morava no motel havia quase dois anos. Um dia, eu estava sentada no sofá pintando as unhas dos pés. Grizz mexia numa papelada em sua mesa. Eu nunca me preocupei com o tipo de trabalho que ele fazia. Achava que tinha a ver com sua atividade criminosa e, como ele havia me dito mais de uma vez, quanto menos eu soubesse, melhor. Acabei de pintar minhas unhas e estava fechando o vidro de esmalte quando Grizz deu um soco na mesa. Eu me sobressaltei.

— Droga! — ele gritou.

— O que foi? O que aconteceu? — eu estava feliz por ter terminado de pintar as unhas. Sua explosão foi tão alta que eu poderia tê-las estragado.

— Só tentando fechar essas contas, só isso. Números não são minha especialidade.

— Bem, o que exatamente você está fazendo com números?

— Analisando este maldito extrato bancário. Não consigo fechar as contas há três meses e não sei por quê.

Eu logo me animei.

— Extrato bancário? Por que você não me deixa ver isso? Posso ajudá-lo. Eu amo trabalhar com números.

— Não. Eu vou dar um jeito.

— Sério, Grizz. Eu adoraria ajudar. Aposto que posso descobrir o problema.

Ele se virou e olhou para mim. Percebi que ele estava considerando a possibilidade. Só estava bem frustrado para me deixar ajudar, mas ele também tinha sido muito cuidadoso me mantendo longe de seus negócios.

— Eu poderia ser uma secretária ou contadora. Eu não preciso saber de nenhum detalhe nem de onde esses números vêm. Acredite, estou interessada apenas nos números, Grizz. Eu gostaria de ter esse desafio.

Eu sabia que tinha ganhado porque ele não disse nada imediatamente. Eu me levantei e caminhei até ele enquanto me equilibrava, tentando não estragar minha pedicure.

— Tá, Kit — disse ele finalmente. — Todo seu. Mas não faça perguntas. Você só cuida das contas. Os extratos antigos estão bem aqui. — ele abriu uma gaveta.

Eu me sentei e comecei a trabalhar. Descobri o problema muito rapidamente. Uma entrada antiga foi calculada com um sinal de menos em vez de um sinal de mais. Além de cerca de US \$ 21,65 em outros erros de entrada, pude ver por que ele estava tendo dificuldade para encontrar o problema. Teria encontrado facilmente, se tivesse mais paciência.

Foi assim que comecei a cuidar das finanças de Grizz. Logo fiquei sabendo que ele tinha mais de um pseudônimo. Cada um deles tinha um saldo substancial em sua conta.

Comecei a ir um pouco mais fundo e casualmente perguntei a ele certa tarde:

— Por que você deixa todo esse dinheiro ficar parado e não dá a ele um retorno decente? Por que não o investe?

No decorrer do ano, Grizz e seus muitos nomes já tinham um portfólio decente de ações. Eu estava ganhando uma boa grana para ele. Eu secretamente esperava que, se conseguisse ajudá-lo a ganhar dinheiro de outra maneira, ele interromperia a atividade criminosa.

Mais uma de minhas ideias ingênuas.

Capítulo Vinte e Nove

Um dia se transformou em outro, e quando me dei conta, eu morava no motel havia quase três anos. Não que esses anos tivessem sido calmos, sem acontecimentos. Eu me lembrava de um dia do verão anterior. Foi alguns meses depois que eu comecei a cuidar das contas do Grizz. Sarah Jo e eu havíamos planejado um dia na praia. Eu dirigi até a casa dela e iríamos em seu carro. Grizz tinha negócios no Eddie's, então ele me acompanhou até chegar lá. Segui sozinha pelo resto do caminho. Não era longe, mas, ainda assim, considerei isso uma pequena vitória, e esse dia foi o começo do fim das regras de Grizz em relação ao carro.

Sarah Jo morava em um bairro muito legal no lado da praia da Federal Highway. As casas ali eram mais antigas, mas bem cuidadas. Eu cheguei por volta das onze horas da manhã e estacionei meu carro na garagem ao lado do dela. O portão da garagem estava aberto. Eu saí e coloquei minhas coisas de praia em seu carro, que estava destrancado. Fui até a porta da frente e bati. Este em particular era um dia de semana e seus irmãos menores estavam no acampamento. Fess estava dando aula no curso de verão na faculdade. Ela estava sozinha em casa.

— Está pronta? — perguntei, assim que ela abriu a porta.

— Sim. Eu só preciso tirar as cadeiras de praia da garagem.

Eu disse a ela que precisava usar o banheiro, e ela me disse que ia começar a carregar o carro. Era um pequeno carro. Um Ford Pinto, eu acho. Perfeito para ela. Quando saí, ela estava em pé na frente do carro com o capô levantado, e dois caras que não reconheci falavam com ela.

— O que foi? — perguntei, quando me aproximei deles.

— Não quer pegar — respondeu ela, olhando para o motor. — Sam acha que ele pode conseguir me ajudar.

— Quer que eu ligue e veja se talvez só dessa vez podemos ir com o meu carro?

Antes que ela pudesse responder, um deles falou:

— Eu acho que posso consertar — disse o mais jovem dos dois. Era Sam, seu vizinho. Eu o reconheci naquele momento. Era um cara legal. Um pouco mais velho do que Jo, e lembrei que ele tinha se metido em alguns

problemas recentemente. Ele se formou no ensino médio e começou a andar com uma galera barra pesada. Eu acho que Jo me disse que ele tinha sido pego por vandalismo, drogas, o de sempre. Sua mãe solteira, Vanessa, pediu ajuda a Fess para tirá-lo da prisão. Jo tinha certeza de que Vanessa sabia sobre a gangue de motoqueiros e o possível envolvimento de Fess, mas ela era uma mulher bacana. Cuidava da própria vida, não se intrometia na vida dos outros, mas não era reservada. Ela tinha sido muito gentil com a família de Jo quando sua mãe faleceu anos antes, e eles continuaram tendo um relacionamento legal e amigável desde então. Parecia natural que ela procurasse Fess para pedir ajuda.

Fess tirou Sam da prisão e o ajudou a se matricular em um curso de administração. Eu não tinha ouvido mais nada a respeito desde então e pensei que ele estivesse se dando bem. Ainda morando com a mãe, mas eu esperava que estivesse se mantendo longe de problemas. Eu não reconheci o cara com quem ele estava.

— Kit, você se lembra de Sam do outro lado da rua?

Eu sorri e disse:

— Oi, Sam. Como estão as coisas? Tudo bem, espero. — Ele olhou para mim e abriu um largo sorriso. Caramba. Eu não me lembrava de ele ser tão fofo. Mas na verdade eu não me lembro de ter reparado em muitos outros homens durante aquele período da minha vida.

— Kit. — Seu sorriso ficou mais caloroso. — Bom te ver. Sim, as coisas estão bem. E com você?

— Tudo muito bem. Ficarei ainda melhor se você puder resolver o problema do carro de Jo.

— Você não vai me apresentar?

Eu não estava prestando atenção no outro cara e agora olhava para ele. Não gostei do que vi. Para começar, ele estava encostado no meu carro e tomando uma cerveja. Ele provavelmente tinha trinta e poucos anos, era um pouco velho para sair com Sam, e tinha uma péssima aparência. Eu não disse olá, só assenti e voltei a olhar sob o capô com Sam e Jo.

— Este é Neal — disse Sam, sem olhar para cima.

— Meninas, não parece que vocês fazem parte de uma gangue de motoqueiros — disse Neal, com um sotaque sulista exagerado e falso.

Antes que pudéssemos responder, Sam disse:

— Cale a boca, Neal.

— Ah, para com isso, Sam, você foi quem se gabou na prisão de que motociclistas o tirariam de lá. Que você tinha contatos. — Neal riu para Jo e

disse: — Parece só um homem velho e algumas crianças. Seu pai já montou naquela coisa? — perguntou ele a Sarah Jo, fazendo um gesto para a moto de Fess na garagem aberta.

Sem esperar que ela respondesse, Neal começou a andar em direção à garagem. Sam a essa altura estava totalmente envergonhado e não parava de se desculpar com Sarah Jo enquanto implorava a Neal que calasse a boca e fosse embora.

Agora tudo fazia sentido. Neal deve ter conhecido Sam durante sua curta passagem pela prisão há alguns meses, mas não consegui descobrir a conexão atual. Eu pensei que Sam tivesse parado de fazer coisas erradas e estivesse se cuidando. Eu me perguntava como Neal se encaixava naquele quadro.

Eu sussurrei para Jo:

— Ligue para Grizz no Eddie's.

Sam me ouviu e eu vi uma expressão no rosto dele que não consegui decifrar. Seria medo? Alívio? Jo foi direto para a porta da frente. Neal sentou-se na moto de Fess, fazendo sons de motocicleta. No meio do caminho, ele gritava com Jo enquanto ela andava até a porta da frente:

— Você vai ligar para o seu pai, o grande membro da gangue? Bem, vá em frente e faça isso, garotinha. Aposto que posso convencê-lo a me deixar levar essa beleza para dar uma volta. Sabe de uma coisa? Não vamos esperar você perguntar a ele. Me dê a chave.

Sarah Jo o ignorou e entrou na casa. Eu estava rezando para que Grizz ainda estivesse no Eddie's. *Por favor, permita que ele esteja lá. Por favor, permita que ele esteja lá.* Isso foi muito antes dos telefones celulares. Enquanto isso, eu mentalmente tentava elaborar um plano B, caso ele não estivesse lá.

Eu me virei para Sam.

— Qual o problema com esse cara?

— Não consegui fazer com que ele parasse, Kit — disse Sam, baixinho. — E nunca falei nada a ele sobre a gangue. Eu juro. Ele deve ter ouvido coisas na cadeia. Ele apareceu agindo como se fosse meu melhor amigo cinco dias depois que eu saí. Não sei o que ele quer comigo e, sinceramente, não sei como me livrar dele. Ele não disse nada diretamente, mas insinuou que pode machucar minha mãe. Eu tenho dado dinheiro a ele apenas para me livrar dele, mas ele volta inesperadamente e sem ser convidado, como hoje cedo. Não quero confusão.

— Vai ficar tudo bem. Não se preocupe, Sam.

— Kit, eu não quero nenhum problema com a gangue.

— Eu disse para não se preocupar.

Foi quando Sarah Jo abriu a porta da frente e acenou para mim. Eu soube então que a ajuda estava a caminho.

Eu me virei para Sam.

— Você precisa ir para casa agora. Você precisa entrar e não sair mais. Está bem?

— Eu não posso deixar você e Jo com esse louco — disse ele. — Não seria certo.

Ficamos ali mais alguns minutos ouvindo Neal tagarelar na garagem. Eu sinalizei para mostrar a Jo que eu estava bem e que ela deveria fechar e trancar a porta da frente. Ela sabia que eu ficaria bem, então fez isso sem hesitar.

Neal escolheu esse momento para começar a gritar com Sarah Jo. Havia uma porta na garagem que dava para a cozinha e, embora estivesse fechada, ele sabia que ela conseguiria ouvi-lo.

— Traga a chave, cadelinha, eu vou sair daqui e nada de ruim vai acontecer — gritou Neal, cantarolando. — Gangue da moto, o meu cu.

Eu ouvi uma moto. *Até que enfim!* Demorou menos de dez minutos, mas pareceu uma hora.

— Vá agora, Sam — eu disse a ele, com a voz baixa e urgente. — Agora. Feche a porta e não saia. Vai! Por favor. Estamos bem. Você sabe quem está vindo, certo?

Ele apenas balançou a cabeça e sussurrou:

— Sinto muito, Kit.

Então ele atravessou a rua e entrou em casa, fechando a porta em seguida.

Eu estava encostada na traseira do carro de Sarah Jo. Grizz parou no meio-fio como se não estivesse nem um pouco preocupado com nada. Neal deve tê-lo ouvido porque a garagem ficou em silêncio de repente. Grizz desligou a moto e desceu. Ele subiu na calçada.

Quando ele chegou perto de mim, eu perguntei:

— Você trouxe reforço? Você quer esperar a ajuda chegar?

Ele apenas revirou os olhos e disse:

— Espere aqui, querida.

Eu tinha certeza de que Grizz poderia lidar com Neal, mas temia que Neal tivesse uma arma que eu não tivesse notado. Ele poderia puxar uma arma a qualquer momento e simplesmente atirar em Grizz.

Mas Grizz sempre andava armado. Eu provavelmente não tinha com o que me preocupar.

Eu não segui Grizz até a garagem. Só fiquei na frente do carro de Jo com os braços cruzados na frente do peito. O capô do carro ainda estava levantado, e meu carro estava estacionado ao lado do dela, bloqueando a visão do que estava acontecendo lá dentro. Eu fiquei aliviada. Não queria que um vizinho intrometido chamasse a polícia. Eu ainda não sabia como Grizz lidaria com Neal. Não tive que esperar muito.

Durante o tempo que Grizz levou para entrar na garagem de Jo, Neal saiu da moto de Fess. Eu podia vê-lo tremer quando Grizz entrou na garagem.

— Ah, porra, cara. Desculpa. Eu não sabia que era você, eu juro — disse Neal, com a voz trêmula. — Só estava enchendo o saco delas.

Ele sabia quem era Grizz. Interessante.

Grizz só ficou parado ali, com os braços estendidos ao lado do corpo, e deixou Neal falar.

— Eu ouvi uns caras na cadeia falando que o garoto tinha amigos de uma gangue. Não sabia que era a sua gangue, cara. Eu juro. Eles não deram nomes. Vou ficar na minha, como se nada tivesse acontecido.

Olhei além de onde Neal estava e vi o rosto de Jo espiando pela porta que ligava a garagem à casa. Ela tinha o sorriso mais largo que eu já vi. Eu sorri de volta para ela.

— Fique de joelhos.

— O quê? O que você vai fazer comigo, cara? Cara, por favor, não me mate.

— Fique de joelhos agora, filho da puta.

Chorando alto, Neal se ajoelhou. Ele estava tremendo mais do que antes. Grizz estava de costas para mim. Ele caminhou lentamente em direção a Neal e eu o ouvi descer o zíper da calça.

O quê? Por que ele estava abrindo o zíper?

Neal começou a choramingar de novo:

— Ah, cara, eu não sou bicha. O que tá fazendo, cara?

É! O que você está fazendo?

— Abra a boca — Grizz rosnou.

— Ah, cara, não me obrigue a fazer isso, por favor.

Sarah Jo e eu nos entreolhamos. Seus olhos estavam bem arregalados.

— Abra a porra da sua boca agora! — Grizz gritou.

Neal fez o que Grizz mandou, mas Grizz não se aproximou dele.

Quando me dei conta, ouvi Neal começar a engasgar. Então entendi o que Grizz estava fazendo. Ele estava urinando na boca de Neal.

Naquele momento, Neal vomitou. Grizz recuou e fechou o zíper. Neal estava de quatro e vomitava no chão da garagem de Jo. Quando terminou, ele se sentou e fechou os olhos.

— Sarah Jo, querida, pode me fazer o favor de pegar uma colher?

— Claro, Grizz.

Jo voltou com uma colher e contornou Neal e seu vômito para entregá-la a Grizz, que entregou a colher a Neal e disse:

— Coma. Tudo.

Enquanto fazia o possível para ignorar o que Neal estava fazendo, e não com muito sucesso, eu contei a Grizz que o carro de Jo não estava pegando e como conhecemos Neal. Que ele tinha conhecido Sam na cadeia e falei sobre suas ameaças a Vanessa.

Grizz levou Jo e eu até o meu carro.

— Vá com seu carro para a praia. Vou ficar e lidar com o idiota.

— Não acredito que você fez xixi na boca do cara. Eu pensei que você fosse mandá-lo fazer sexo oral em você.

Ouvi Jo rindo quando ela tirou as coisas de praia do carro e começou a colocá-las no meu carro.

Ele revirou os olhos de novo.

— Depois de todo esse tempo comigo você não consegue nem falar... boquete .

— Eu disse uma vez. Para Jan — murmurei baixinho.

Ele só riu e segurou meu queixo.

— Ainda é a minha gatinha. Te amo, linda.

— Eu também te amo — falei para ele. — E me prometa que depois que ele limpar tudo, você vai deixá-lo ir embora. Prometa. Nada de violência nem nada assim. Por favor?

— Eu prometo, linda. — Ele me beijou enquanto eu tentava bloquear os sons de engasgos que vinham da garagem.

Sarah Jo e eu saímos no meu carro e notei que a porta da garagem foi fechada quando nos afastamos. Eu rezei para Grizz cumprir sua palavra e não fazer mais mal ao cara. Minha nova banda predileta estava tocando no rádio. Boston cantava “More Than a Feeling”. Jo esticou o braço e abaixou o volume.

— Puxa, Kit. Eu pensei que nós fôssemos melhores amigas.

Eu olhei para ela, surpresa.

— Nós somos! Por que está dizendo isso?

— Porque, desde que começamos a ter amizade, você nunca me disse que seu marido tinha um pau enorme.

Capítulo Trinta

O tempo foi passando. Eu raramente via o Grunt. Ele ainda estava na faculdade, fazendo dois mestrados. Ele estava interessado em arquitetura. Ele ainda ia ao motel, mas havia levado a maioria de seus pertences para fora do motel. Ele estava morando com uma garota, Cindy, no apartamento dela na praia.

Sentia falta da amizade dele, estava feliz com Grizz, mas estava me cansando do motel. Eu disse ao Grizz que estava pronta para algo novo. Eu queria muito fazer faculdade. Acho que estava com inveja do sucesso e da felicidade de Grunt. Eu queria ser mais do que a mulher de Grizz. Não me entenda mal – Grizz ainda era muito bom para mim. Porém, havia limites no relacionamento. Eu precisava de um propósito.

Eu me lembrei de quando fui sequestrada. Eu tinha apenas quinze anos e minha vida estava toda planejada. Eu sabia o que queria. Eu perdi a noção disso na atenção cheia de romance que Grizz me dava. Estava começando a sentir aquela agitação de querer algo mais.

Grizz percebeu isso antes de mim e tentou me distrair. Pediu para Grunt projetar uma casa para nós. Passávamos os fins de semana dirigindo e admirando as paisagens.

Isso significava que ele abriria mão do motel por mim? Desistiria da gangue? Não. Ele ainda continuaria com suas atividades e eu me tornaria Jan. Vivendo em uma bela casa. Dando à luz a dois filhos. Eu estava arrasada.

Eu não tive que pensar nisso por muito tempo. Algo aconteceu que tirou minha atenção do meu crescente descontentamento. Algo que ninguém percebeu. Algo sobre o que Grunt havia me alertado anos antes.

Foi no verão de 1978. Era uma noite quente de terça-feira, em julho, no auge do verão. Grizz tinha partido em uma de suas viagens de negócios. Ele ficaria apenas dois dias fora e me chamou para ir com ele. Eu não estava a fim. Estava entediada e deprimida e queria só ficar sozinha. E era só o que eu andava fazendo. Ficava deitada na nossa cama olhando folhetos da faculdade. Eu queria muito fazer faculdade.

Já passava das onze e eu não conseguia dormir. Damien e Lúcifer estavam no quarto de Moe com ela. Eu estava distraidamente acariciando a

cabeça de Gwinny.

Eu ouvi nossa porta se abrir. Que estranho. Era Moe? Será que ela precisava pegar alguma coisa para um dos cachorros? Talvez Grizz tivesse chegado cedo. Pulei para fora da cama na hora.

De repente, vi uma pessoa bem grande na minha frente. Não era Grizz. O homem estava vestido todo de preto e usava uma máscara de esquí. Antes que eu até mesmo pudesse sentir medo, ele me deu um soco no rosto e eu caí de costas na cama.

Ele me deu um soco forte o suficiente para me desacordar, mas isso não aconteceu. Eu gostaria que tivesse acontecido. Por duas horas, ele ficou me torturando e me estuprando. Ele falava comigo com desdém o tempo todo, com uma voz que eu não reconheci.

— A mulher do Grizz, hein? Vamos ver se ele vai querer você depois de eu terminar o que vim fazer com você.

Isso é um resumo de como foram as duas horas. Bom, pelo menos eu só consigo me lembrar de duas horas daquilo. Ele continuou me batendo a ponto de me fazer perder a consciência, apenas para se certificar de que isso não aconteceria. O primeiro soco me deixou tão desnorteada, além da brutalidade que ele continuava a usar comigo, de modo que eu não tive a menor chance. Eu não conseguia pensar com clareza suficiente para criar um plano para escapar dele.

Por que eu não tranquei a porta? Eu me repreendi. Mas eu nunca tranquei a porta. Eu nunca precisei fazer isso.

Quem estava no motel? Bem, Moe estava, e meus protetores estavam trancados no quarto com ela. Chowder havia saído do motel, o que raramente acontecia, para visitar uma irmã que estava morrendo. Sem o Grizz ali, a fogueira estava vazia.

Eu estava sozinha.

As palavras ditas por Grunt anos antes me assombravam:

— Apenas me faça um favor, Kit. Fique esperta. Nunca baixe sua guarda. Você nunca sabe, com esse tipo de estilo de vida, o que pode bater à sua porta.

Bem, aquele cara não bateu à minha porta. Simplesmente entrou. Abaixei minha guarda. Eu me permiti acreditar que estar com Grizz me tornava intocável.

Eu não poderia estar mais enganada.

Moe me encontrou na manhã seguinte. Eu não estava consciente e só

consigo imaginar o pânico dela. Ela não podia pedir a ajuda de ninguém. Então, mandou mensagem a todos que tinham pager. Ela digitou o código e o número da emergência.

Blue foi o primeiro a chegar. Ele não podia chamar uma ambulância. Apesar de eu estar desaparecida havia anos, um hospital público ainda era arriscado demais. Então ele ligou para o médico que estava na folha de pagamento de Grizz. Eu comecei a recobrar a consciência quando o médico chegou lá. Não consegui ver ninguém. Meus dois olhos estavam inchados. Eu ainda tinha todos os dentes, mas precisei de pontos nos lábios e bochecha. Eu estava quase irreconhecível. Meu rosto estava inchado, com o dobro do tamanho normal. Eu tinha marcas de mordidas em meus seios, na barriga e na parte interna das coxas. Eu tinha costelas quebradas e o pulso esquerdo também estava quebrado, pois tinha erguido minha mão para tentar me proteger.

Recebi medicação para dor suficiente para não sentir mais nada e não mais lutar para ficar acordada. Não sei quanto tempo se passou até que eu o ouvi. Grizz. Ele entrou no quarto gritando e xingando. Eu não podia vê-lo por causa dos meus olhos inchados.

Enquanto eu mergulhava num sono indolor, eu o ouvi dizer:

— Deus ajude o filho da puta que fez isso. Ele vai sofrer como nenhum ser humano já sofreu antes.

Eu quase senti pena do cara. Mas não por muito tempo.

Eu não sabia, naquele momento, que ele tinha matado minha gata.

Capítulo Trinta e Um

Minha recuperação foi lenta. Eu estava sentindo muita dor e não queria reduzir as doses da minha medicação para a dor de jeito nenhum. O médico me visitava regularmente. Depois de alguns dias, consegui abrir um olho.

Durante a minha recuperação, Grizz me importunou muito. Ele estava obcecado para encontrar o cara que tinha feito aquilo. Ele me interrogava constantemente sobre qualquer coisa que eu pudesse lembrar, qualquer detalhe. Eu me lembrava de ter ouvido uma moto parar? De que cor eram os olhos do cara? O cabelo dele estava comprido e ficou exposto sob a máscara de esqui? Que outras coisas ele disse para mim?

Eu não fui a única pressionada. Coitada da Moe. Ela sofreu com a raiva de Grizz.

— O que meus cães estavam fazendo com você no seu quarto enquanto a Kit estava sendo atacada, porra? Eu tenho esses cachorros para a proteção dela quando não estou aqui, não a sua!

Eu implorei para ele não ser tão duro com ela. Estava óbvio que ela se sentia horrível e um pouco responsável. Ele a repreendia implacavelmente. Eu fiquei muito triste por ela, e quando finalmente consegui me locomover, fiz o que pude para intervir. Mas, como eu disse, ele estava obcecado. E por não saber quem fez aquilo comigo, Moe era seu saco de pancadas. Eu sinceramente não sei se ele a machucou fisicamente. Espero que não. A verdade era que não havia nada que ele pudesse fazer ou dizer para fazê-la se sentir pior do que ela já sentia.

Grizz entregou temporariamente a operação dos negócios ao Blue. Ele empregaria todos os esforços para descobrir quem fez aquilo. Todos os informantes ficaram sabendo que haveria uma polpuda recompensa por informações que levassem Grizz ao cara responsável.

Nos meses seguintes, surgiram algumas pistas falsas. Eu não tenho como descrever o medo que eu vi nos rostos dos homens que Grizz desfilou na minha frente. Ele fez com que falassem para ver se eu reconhecia suas vozes. Ele os fez usar uma máscara de esqui para ver se alguma coisa me parecia familiar. Eu tinha certeza de que reconheceria a voz e a aparência física do meu agressor. Nenhum daqueles caras estava nem perto disso.

Por fim, eu me recuperei muito bem fisicamente, mas não posso dizer o mesmo da parte emocional. Tinha a sensação de ter sido violada, e tinha certeza de que Grizz não me desejaria depois daquilo. Mas eu estava muito enganada. Ele ficou hesitante depois que eu contei que estava curada. Eu não percebi que era por ele estar com medo de me machucar. Quando o convenci de que ele não me machucaria, nós retomamos nosso relacionamento físico.

Foi difícil para mim no começo. Eu não conseguia fechar os olhos. Eu tinha de mantê-los abertos o tempo todo, e precisava da luz acesa. Tinha que ver que era Grizz. Levei muito tempo para deixá-lo beijar meu corpo. Ficava tensa, esperando pela dolorosa mordida. Saber que eu ainda estava sofrendo por causa daquilo só aumentou sua raiva. Ele começou a descontar em Moe novamente.

Eu gostaria de ter notado a mudança nela. Eu estava muito envolvida no que aconteceu comigo e com a minha própria recuperação. Analisando agora, eu deveria ter ligado para o Grunt e pedido para ele voltar para o motel para passar um tempo com ela. Tenho vergonha de dizer que só percebi a profundidade de seu desespero e de sua solidão quando já era tarde demais.

Era 1979 e perto do quarto aniversário do meu sequestro. Alguns meses antes do aniversário de um ano do meu ataque, depois do qual Grizz propositalmente manteve Damien e Lúcifer longe de Moe. Eu acho que isso a machucou mais do que tudo, e eu me senti péssima com isso. Péssima o suficiente para desafiá-lo e deixar que ela os visse quando sabia que Grizz não estaria por perto.

Foi assim que Chowder a encontrou. Grizz saiu, e eu deixei que ela levasse Damien para seu quarto certa noite. Eu mantive Lúcifer comigo. Chowder ouviu Damien chorando na manhã seguinte e entrou no quarto de Moe.

Ele encontrou Moe pacificamente deitada na cama com um frasco vazio de comprimidos ao seu lado.

Morta.

Eu não consigo expressar como fiquei arrasada. Senti todas as emoções possíveis: tristeza, raiva, desespero, depressão, culpa. Muita culpa. Eu sempre me imaginei como uma pessoa carinhosa. Como foi que eu não percebi como a depressão de Moe era profunda?

Foi então que me lembrei de pequenas coisas. Eu me lembrei de quando Grizz me levava para procurar um terreno para a nossa futura casa. Moe nunca foi incluída. O que teria acontecido com ela se nós tivéssemos nos mudado do motel? Ela ficaria lá para sempre? Fiquei horrorizada por não ter dado muita atenção ao futuro dela. Lembrei-me das minhas queixas e reclamações sobre

estar insatisfeita com a minha vida. O que Moe pensava sobre a vida dela? Que tipo de vida ela de fato teve? Não foi muito boa não.

Chowder fez os telefonemas necessários e, pouco depois, Grunt, Blue e Grizz apareceram no motel.

Grizz me encontrou sentada na beirada do sofá olhando para a TV desligada. Eu me levantei e voei para cima dele. Ele pensou que eu estava querendo um abraço e não esperava que eu ficasse com raiva dele. Eu bati nele com toda a força que eu tinha em mim, e ele ficou parado, aceitando.

O esgotamento finalmente foi maior do que minha força e caí em seus braços. Ele me pegou e tentou me abraçar, mas eu o empurrei para longe. Voltei a me sentar no sofá.

— O que você vai fazer com ela? — minha voz estava fria. Distante.

— O mesmo que fiz com todos os outros.

— Não. — fui tomada pela raiva e me levantei. — Não! De jeito nenhum Moe vai ser descartada e se tornar comida de jacaré. De jeito nenhum, Grizz.

— Acho que podemos levá-la mais longe e enterrá-la. Se é o que você deseja, Kit.

Eu pensei um minuto.

— Não. Isso não é bom o suficiente. Eu conheço um lugar. Mas só hoje à noite. E preciso de um tempo sozinha no quarto dela.

Ele me seguiu até lá fora. Eu andei em direção ao quarto dela. Grunt estava sentado em uma cadeira de jardim na calçada do motel. Com as mãos na cabeça. Quando ele olhou para mim, pude ver que tinha chorado. Fui até ele e me joguei em seus braços quando ele se levantou. Eu não sei quanto tempo ficamos lá chorando nos braços um do outro, mas Grizz nos deixou sozinhos.

Pedi que Grunt entrasse no quarto dela comigo. Eu queria encontrar algo pessoal com o qual a enterraria. Quando entramos, Moe ainda estava deitada em sua cama. Ninguém se deu ao trabalho de cobrir seu rosto. Pensando bem agora, ainda bem que pude vê-la.

Moe estava mais bonita e serena do que nunca. Não estava usando a maquiagem pesada de sempre. Estava deitada em cima da colcha do motel, vestindo uma camiseta branca que era muito grande para ela. Foi a única vez em que vi Moe vestindo algo que não fosse preto. Fiquei me perguntando se ela havia planejado aquilo.

Olhei dentro de suas gavetas e descobri que realmente não havia muita coisa na vida de Moe. Além de suas roupas pretas, maquiagem, utensílios de

desenho e petiscos de cachorro, não havia nada lá. Grunt e eu estávamos nos preparando para sair quando eu pensei em olhar embaixo da cama. Havia uma caixa de metal. Não consegui pegá-la. Grunt se ajoelhou ao meu lado e foi capaz de alcançá-la. Ele a puxou para fora.

Nós a abrimos. Havia dois itens ali dentro. Um era um recipiente de comida de plástico. Grunt o abriu e vimos o que parecia ser um pedaço de carne velha embrulhada em papel celofane. Era a língua de Moe.

O outro item eu reconheci imediatamente. Era minha carteira.

* * * * *

Grunt e eu nos olhamos com a mesma expressão. Nós dois podíamos entender por que Moe tinha guardado sua língua. Era pessoal. Se isso tivesse sido alguns anos antes, eu provavelmente teria vomitado, mas acho que morar no motel me tornou mais durona. Eu tinha visto pessoas serem assassinadas, então uma língua cortada não era nada perto daquelas coisas.

Mas minha carteira? Ela desafiou uma ordem direta de Grizz. Por quê?

Nós achávamos que ela havia guardado a carteira para mim. Sua vida e sua identidade lhe foram tiradas. Talvez ela não tivesse tido coragem de destruir a minha identidade como Grizz mandou naquela noite.

— Obrigada, Moe — eu sussurrei.

Peguei a carteira e a enfiei no bolso de trás. Eu sabia sem perguntar que Grunt nunca diria nada sobre isso.

Quando voltei para o quarto número quatro, encontrei a bolsa que eu estava carregando na noite em que Monstro me sequestrou. Eu não a havia usado mais. Estava enrolada em uma prateleira de canto no meu armário. Eu coloquei minha carteira lá dentro e me esqueci dela.

Mais tarde naquela noite, Chowder e Blue cuidadosamente envolveram Moe em sua colcha e a levaram para a traseira da caminhonete de Blue. Eu fui na frente com Blue e Grizz, e Grunt foi atrás com Chowder, Moe e as pás.

Eu os direcionei para o único lugar que parecia apropriado. Estava escuro lá fora, mas era noite de lua cheia. O suficiente para eu encontrar a figueira sombria em uma estrada rural erma em Davie.

Eu escolhi um lugar, e Chowder e Grunt cortaram meticulosamente a grama. Então eles começaram a cavar. Eu falei para que cavassem fundo. Eu não queria correr o risco de permitir que animais selvagens chegassem até ela. Grizz gentilmente a entregou por cima da cerca baixa para Blue, que a levou para a

beira da sepultura recém-cavada. Antes de abaixá-la, coloquei o recipiente de comida de plástico com ela.

Depois que eles encheram a cova, colocaram o gramado de volta. Mal parecia que alguém havia mexido no chão. Eu tinha certeza de que ninguém notaria.

Enquanto nos afastávamos, tive que olhar para trás. Ele estava lá e era magnífico — o belo cavalo marrom de Moe, que estava de pé ao lado da cova.

Anos mais tarde, quando eu estava sendo interrogada pela polícia sobre o que sabia a respeito das pessoas que haviam morado no motel, não consegui revelar o local do descanso final de Moe. Contei com sinceridade como ela morreu. Pelo menos essa informação a família dela teria. Mas eu não consegui dizer a eles que ela tinha sido enterrada em sua propriedade. Eu não tinha certeza de que eles não iriam desenterrá-la e levá-la para um cemitério, dar a ela um enterro apropriado. Eu sabia no fundo do coração que aquele era o único enterro que Moe desejaria ter.

Grunt parou na casa do Fess quando estava voltando para casa e contou a ele o que tinha acontecido. Sarah Jo me falou depois que seu pai chorou como um bebê naquela noite. Ficou triste por não ter conseguido se despedir de Moe, mas ele também entendeu que quanto menos barulho, melhor para todos. Ele perguntou se poderia fazer uma homenagem. Grizz não contou onde ela foi enterrada, mas acho que Grunt pode ter feito isso.

Dirigiria por aquela figueira muitas vezes nos anos seguintes apenas para dizer olá à minha velha amiga Moe. A área ainda era subdesenvolvida e nunca havia ninguém por perto, mas, em algumas ocasiões, vi flores secas e mortas ao pé da árvore. Eu tinha certeza de que Fess estivera lá.

Subconscientemente, culpei Grizz pela morte de Moe. Droga, eu poderia até ter culpado a mim mesma. Entrei em conflito com a minha vida. Que direito eu tinha de ter uma vida feliz sendo que Moe estava morta e nunca viveria de novo?

Comecei a questionar minhas crenças. Quem eu era? Eu me lembrei de que havia testemunhado assassinatos. Então entrei em conflito com as lembranças que iam desaparecendo. Um assassinato não era algo trágico? Como eu conseguia não pensar naquilo todos os dias da minha vida?

E talvez pior, eu estava apaixonada por um criminoso terrível. Nesse ponto, acho que eu estava começando a despertar da ilusão da minha vida aparentemente perfeita com Grizz. Como eu poderia me convencer de que nosso estilo de vida era certo? Em quem eu havia me transformado? Eu via um futuro

com ele? Eu teria filhos dele?

Afundi mais na depressão, e as coisas só pioraram naquele verão, quando Grizz finalmente encontrou o cara que me atacou.

Capítulo Trinta e Dois

Posso dizer com sinceridade que nunca deixei de amar Grizz, mas depois do que ele fez ao homem que me atacou, fiquei com medo dele como nunca antes. Não do que ele faria comigo — eu sabia que no fundo Grizz nunca me machucaria. Mas eu estava com muito medo do que Grizz era capaz de fazer aos outros.

Acontece que foi um ataque muito pessoal. O nome do cara era Darryl Hines. Ele estava apaixonado por uma prostituta loira em Miami.

Uma prostituta loira chamada Willow.

Darryl Hines tinha ouvido falar muito, graças a Willow, que Grizz a expulsara da gangue anos antes por minha causa. Então ele decidiu fazer algo a respeito. Darryl era louco por Willow e queria mostrar seu amor por ela.

Foi por pura coincidência que ele escolheu aquela noite, quando eu estava mais vulnerável, para ir ao motel. Ele estava drogado e nem ao certo sabia se eu estaria no quarto quando entrasse. Ele devia saber que se entrasse e Grizz estivesse lá, na certa ele teria morrido. Mas naquela noite ele estava tão doido que simplesmente não se importava. Ele se arriscou e deu certo para ele.

Bem, não estava dando certo agora.

Eu acreditava que Darryl Hines precisava pagar pelo que fez comigo. Mas nunca vou aceitar o que Grizz fez com ele.

No dia em que o levaram para o motel, identifiquei sua voz imediatamente. Era uma voz que eu nunca esqueceria. Fiquei no quarto número quatro enquanto Grizz o levava para a fogueira. Chowder me contou que ele ficou ajoelhado na fogueira, chorando. Ele confessou tudo. Estava mais chateado porque Willow o havia largado depois que ele contou a ela o que fez. Ela o usou para se vingar de mim, e depois de conseguir sua desforra, ele não tinha mais serventia para ela.

— Me parece que você deveria estar mais preocupado com o que eu vou fazer com você — Grizz disse a ele.

Darryl estava soluçando.

— Você não pode fazer nada comigo que vá doer mais do que o que Willow fez.

— Então vamos ver.

Era julho, auge do verão no sul da Flórida. Estava insuportavelmente quente. Naquela noite, Grizz me levou para Naples, na costa oeste. Ele nos hospedou em um hotel caro de frente para a praia. Ele me disse que ia lidar com Darryl e não me queria por perto. Disse que eu deveria relaxar e me divertir, não me preocupar. Como se isso fosse possível. Ele me deixou com muito dinheiro e voltou para o motel.

Chicky apareceu depois de dois dias e passou um dia comigo. Eu nunca tinha tido muito contato com a Chicky, e foi legal conversar com ela. Passamos o dia em um local isolado na praia. Ela me contou sobre sua vida.

Chicky tinha quarenta e seis anos. Fiquei chocada. Eu pensei que ela era muito mais jovem. A maioria das mulheres parecia mais sofrida e velha devido às drogas e à vida das gangues. Ela, não. Ela me disse que havia se juntado à gangue apenas alguns anos antes de eu aparecer.

— Sim — respondeu ela, sem eu ter que perguntar. — Eu também já fui apaixonada pelo Grizz. Quem não foi?

Então ela riu e acenou como se não fosse nada. Ela me disse que era garçonne em um bar local popular pelo frango a passarinho. Grizz se aproximou dela e a convidou para trabalhar para ele. Ela disse que tinha sido uma stripper quando mais jovem, então ser garçonne fazendo topless não era nada demais, e rendia uma grana. Além disso, ela tinha uma filha para sustentar e manter na escola.

Aquilo me chocou. A filha dela estava no último ano da faculdade. Chicky sabia que tinha me surpreendido.

— Só porque tive uma vida dura e nem sempre tomei as decisões certas não significa que eu não queira o melhor para minha menina.

Eu mexi com os dedos dos pés na areia.

— Como você lida com isso, Chicky? Como você lida com as coisas horríveis que viu no motel e em outros lugares?

— Só lido. Até onde sei, não fiz nada de mal a ninguém. A menos que amar alguém seja algo ruim.

Eu olhei para ela. Antes que eu pudesse falar, ela disse:

— Não, não Grizz, querida. Eu fico por perto esperando que Fess possa me notar algum dia. Sei que ele tinha olhos para Moe, mas acho que posso ser muito boa para ele.

Eu sorri.

— Sim, eu também acho que você poderia ser, Chicky — nós duas nos deitamos nas cadeiras de praia e fechamos os olhos.

Depois de um minuto, ela disse:

— Ele está mesmo apaixonado por você, sabe? O Grizz. Eu o vi com todo tipo de mulher — ela parou e disse, depois de refletir: — Desculpe, não quis dizer isso. Só que ele poderia muito bem ter qualquer mulher que quisesse e teve, até você aparecer. Eu nunca vi nada igual. Muitos caras colocam suas mulheres para trabalhar e as dividem com outros caras. É uma coisa normal. Mas não foi assim com você.

Eu me apoiei nos cotovelos e olhei para ela.

— Chicky, eu amo Grizz do fundo do coração. De verdade. Mas você sabe, eu não vou a todos os encontros de motoqueiros e reuniões diferentes com ele. Ele poderia ficar com qualquer uma e eu nunca saberia.

— Sim, mas ele não fica — ela se sentou direito e olhou para mim. — Eu estive em alguns desses encontros. Essas reuniões. Eu vi mulheres tirarem as roupas e se esfregarem nele. Ele apenas as empurra para longe.

— Sério? — fiquei surpresa. Isso era algo em que eu não tinha pensado muito.

Mas agora, pensando bem, evitava a fogueira o máximo possível por alguns motivos, e um deles era os olhares de reprovação das outras mulheres. Elas nunca foram más nem desrespeitosas comigo. Grizz não teria permitido isso. Mas às vezes eu via um olhar torto. Era por Grizz ser fiel a mim? Fiquei um pouco chocada.

Então me lembrei da noite em que o peguei com Willow.

As palavras saíram antes que eu pudesse detê-las.

— Eu tive certeza, depois que eu o peguei com a Willow, que ele faz o que quer, sem pensar em mim.

— Ah, eu me lembro daquela noite — Chicky suspirou. — Você foi ao quarto do Grunt para ouvir os discos. Sim. Eu me lembro bem disso. Ele fez aquilo de propósito para deixar você com ciúmes.

Aquilo chamou minha atenção.

— Como ele poderia ter feito aquilo de propósito? O momento tinha que ser certinho para eu pegá-lo.

— Ele apenas deu a Grunt o sinal de que queria saber, alguns minutos antes, quando você saísse do quarto.

— O quê? — eu me endireitei na cadeira de praia.

— É um sistema de sinal que eles montaram. — Chicky sentou-se direito também e acenou com a mão distraidamente. — Me surpreende que você não saiba disso. Eles estavam usando isso havia algum tempo. Pensando bem,

desde aquela noite não vi mais o sinal acontecer, mas era uma coisa normal...

— Que tipo de sistema? Com que propósito?

— Um tempo atrás, quando alguém vinha ao motel, alguém que não era familiar ou conhecido para ser confiável, era levado para um dos quartos e recebidos com hospitalidade, se entende o que quero dizer. Isso dava à gangue a oportunidade para analisá-los. Para vasculhar o carro ou os alforjes se eles estivessem de moto. Quem estava do lado de dentro sabia que deveria acender a luz do lado de fora duas vezes para sinalizar que a pessoa sairia em breve. Foi o que o Grunt fez antes de você sair. Acendeu a luz da varanda. Você deveria ter visto Grizz arrastar Willow como um morcego saindo do inferno para o seu quarto.

— Grunt sabia disso?

— Não, Grunt só viu Grizz dar a ele o sinal de que, por algum motivo, queria saber quando você saísse do quarto dele. O garoto não sabia do porquê.

Eu ri. Ri muito. Grizz estava tentando me deixar com ciúmes? Olha, pensando bem, funcionou. Na verdade, se eu tivesse espiado pela fenda entre a cortina e a janela do quarto número quatro em vez de voltar correndo para o quarto do Grunt, aposto que teria visto Grizz empurrar Willow para longe dele, levantar as calças e mandá-la sumir dali.

Tudo com um grande, um gigantesco sorriso no rosto.

Reclinei-me na minha cadeira de praia.

— Obrigada, Chicky. Obrigada por me contar isso.

Um dia depois de Chicky partir, recebi a visita de Anthony Bear e sua mulher, Christy. Anthony era amigo de Grizz. Ele era como Grizz, o líder de sua própria gangue de motoqueiros, mas na costa oeste da Flórida.

Eu me lembro da noite em que conheci Anthony. Tinha sido um ou dois anos antes, em uma de nossas viagens à igreja na costa oeste. Nós tínhamos parado antes de entrar no Alligator Alley para ir para casa. Tenho certeza de que fiquei boquiaberta ao ver um dos homens mais bonitos que eu já tinha visto. Grizz era grande e definitivamente bonito, de um jeito bem másculo. Mas enquanto Grizz tinha olhos e cabelos claros, Anthony era moreno. Ele era um índio americano e tinha uma bela aparência exótica, de traços marcados. Ele era a prova viva daquela música – moreno, alto, bonito e sensual. Olhos pretos, cabelos pretos e, pelo menos em uma ocasião que eu vi, de humor negro. Ele era maior que Grizz, tinha pelo menos 1,92m de altura, era musculoso e tatuado. E usava uma única trança que descia pelas costas até a cintura.

Christy era uma loira natural baixa e bronzeada, com cabelos lisos na

altura do queixo e grandes olhos azuis. Ela não era pequena, mas tinha corpo violão, com curvas em todos os lugares certos. Ela foi sequestrada, como eu. Eu a havia conhecido recentemente, e quando a conheci, ela deixou óbvio que não estava feliz com sua situação. Ela até tentou me convencer a ajudá-la a escapar.

Nós três passamos um dia agradável juntos, relaxando na praia. Era o fim do dia e estávamos de volta ao meu quarto de hotel. Christy estava usando o banheiro.

— Me desculpe por não tê-la deixado vir sozinha visitar você. As coisas ainda estão um pouco instáveis. Eu acho que ainda não estou completamente confortável com isso de deixá-la longe dos meus olhos — disse Anthony baixinho.

— Não precisa se desculpar. Compreendo. Eu me lembro de como foi comigo e com Grizz no começo. Estou feliz por ter visto vocês dois hoje — respondi.

— Você está feliz com ele? Você não quer deixá-lo? — ele me perguntou.

— Eu amo o Grizz. Não amo o que ele faz. Eu estaria mentindo se dissesse a você que não sonho com um futuro em que ele esteja longe desse estilo de vida.

Ele olhou para o chão.

— Eu desistiria por ela. Tentei dizer isso a Christy, mas não sei se ela acredita em mim.

Uau, pensei. Foi uma declaração que eu não esperava, especialmente de Anthony. Para ser sincera, acho que fiquei com um pouco de inveja da declaração dele.

— Ela tentou sair recentemente?

— Não, não nos últimos meses. Não sei se é porque ela finalmente está feliz comigo ou se está esperando que eu baixe a guarda.

Refleti sobre as últimas horas. Se Christy estava planejando fugir de Anthony, não ficou óbvio para mim. Ela saiu do banheiro naquele momento e me envolveu em um abraço que durou mais do que eu esperava. Não disse adeus. Ela só olhou para Anthony, e ele a pegou pela mão e a levou para a porta do quarto do hotel. Eu a fechei silenciosamente quando eles saíram. Fiquei triste em vê-los partir.

Fui até minha varanda e olhei para a praia. Não demorou muito para que eu notasse movimento à minha esquerda e percebi que a moto de Anthony estava estacionada na pequena calçada. Antes de subir, Anthony se virou para encarar

Christy. Ele pegou o rosto dela e inclinou-se para beijá-la suavemente nos lábios. Foi um momento de ternura e quase me senti culpada por testemunhar aquilo.

Ela vai ficar bem. Voltei para dentro e fechei a porta da varanda.

Grizz me ligava todas as manhãs e todas as noites, e depois de uma semana eu comecei a ter uma sensação muito desconfortável. Eu não tinha dúvidas de que ele ia matar Darryl, mas será que ainda não tinha feito isso? E mais uma vez, por que eu não ligava para a polícia? Qual era o meu problema?

Eu não conseguia entender meu próprio coração.

* * * * *

Após oito dias, Grizz apareceu e me levou de volta para o motel. Darryl não estava lá e tudo parecia ter voltado ao normal. Eu tinha certeza de que Darryl estava morto, mas não sabia nenhum detalhe. Eu não sabia se queria saber mais detalhes.

Por fim, Grunt me contou algumas coisas. Eu queria que ele não tivesse contado. Foi minha culpa, eu pedi. Ele não ficou presente o tempo todo, mas sabia o bastante.

Enquanto Grizz me deixava em um hotel chique em Naples, os caras procuravam Willow. Eles a encontraram e a levaram de volta ao motel. Quando Grizz voltou, ele imediatamente ordenou que seus rapazes tirassem todas as roupas de Willow e Darryl. Então, ele os fez caminhar até a piscina vazia de cimento. Mandou que eles descessem os degraus da piscina e ficassem lá.

E eles obedeceram. Ficaram presos na piscina de cimento sem comida nem água, expostos às intempéries por dias. Dias quentes e escaldantes de julho, no auge do verão, sem brisa nem abrigo. Em pouco tempo, a pele deles ficou vermelha e cheia de bolhas. As noites eram mais frias, mas era quando eles ficavam expostos a pernilongos e outros insetos.

Como se isso não fosse ruim o bastante, Grizz jogou duas cobras corais venenosas lá dentro com eles. As cobras estavam sempre procurando sombra durante o dia, então Willow e Darryl mal conseguiam ficar parados enquanto o sol brilhava no céu. As cobras estavam sempre tentando se enfiar embaixo dos corpos desidratados dos dois à procura de sombra.

Para piorar a situação, Grizz os aterrorizava. Não com palavras, mas com ações. Ele colocou Lúcifer e Damien para proteger os degraus da piscina por onde eles poderiam tentar sair. Ele colocou um guarda-sol aberto para seus cães e mandou Chowder levar uma extensão para ligar alguns ventiladores, para

que os cachorros se refrescassem. Teve o cuidado de deixar lá grandes tigelas de água que ficassem fora do alcance de Willow e Darryl. Se Willow ou Darryl tentassem sair da piscina, Damien e Lúcifer recebiam ordens para atacá-los. Essa era a escolha deles. Morrerem atacados pelos cães ou de inanição.

Em vez de se sentar ao redor da fogueira à noite, Grizz se divertia com eles. Quem chegava ao motel se sentava ao redor da piscina e não na fogueira para rir dos prisioneiros. Mas Grizz nunca ficava ali. As pessoas podiam fazer o que quisessem com Willow ou Darryl, desde que não os ajudassem nem os matassem. Desnecessário dizer que alguns dos membros mais jovens e mais novos do grupo de Grizz gostaram muito disso. Eles jogaram pedras pesadas, fogos de artifício e os queimaram com cigarros. Na única noite em que Grunt esteve lá, alguns dos caras estavam cuspidos neles. Eles estavam com tanta sede, que tentavam beber o cuspe. Grunt já tinha visto o suficiente e foi embora.

Willow morreu primeiro. Depois foi a vez de Darryl. Foram mortes lentas e agonizantes que levaram dias e foram levemente prolongadas por algumas chuvas à tarde. O pouco de água que eles conseguiam beber fez com que suas mortes demorassem mais. Grizz mandou seus homens jogá-los no pântano e não restou nenhuma prova de que algum dos dois havia existido.

Eu ouvi, incrédula, quando Grunt me contou o que aconteceu. Ele esteve lá apenas uma vez e não aguentou. Chowder contou o resto para ele. Por mais que Chowder repudiasse o que Darryl tinha feito, ainda assim achava que a retaliação tinha sido exagerada. Até mesmo para o Grizz.

Froggy não conseguiu nem ficar lá.

Eu me senti mal. Vazia.

Para onde eu iria depois dali? Eu tinha dezenove anos de idade. Faria vinte em seis meses. Eu ainda não tinha um plano para a minha vida. Eu não tinha testemunhado o que havia acontecido com Darryl e Willow, mas aquilo me assombrava. Eu me pegava olhando para Grizz e me perguntando quem era aquele cara tão mau. Não ajudava que ele tivesse feito o que fez como vingança pelo que foi feito comigo e com a Gwinny.

Porém, por mais que eu quisesse, ou dissesse a mim mesma que queria, não fiz nenhuma tentativa de mudança. Estava apaixonada pelo Grizz. Eu odiava o que ele fez, mas o amava.

Infelizmente, meu amor por ele estava me levando a me odiar.

Capítulo Trinta e Três

Em janeiro de 1980, finalmente convenci Grizz a me deixar fazer faculdade. Eu teria me formado no ensino médio em 1978 com o resto de meus colegas, e estava realmente me arriscando a encontrar algum ex-colega de classe. Mas expliquei a Grizz que apenas negaria, como tinha feito no veterinário alguns anos antes, quando uma colega me reconheceu. Eu já estava quase dois anos atrasada para conquistar um diploma universitário. Sarah Jo estava na Florida State University, no norte da Flórida, desde que se formara no ensino médio. Eu me matriculei na Cole Southeastern University e comecei a cursar administração de empresas com ênfase em contabilidade. Reconheci uma ou duas pessoas do ensino médio, mas elas não me reconheceram. Eu mantive minha franja porque Grizz a adorava, mas eu tinha o hábito de mantê-la presa quando saía do motel. Eu também havia adotado um novo estilo. Gostava de usar roupas bonitas, trajes de negócios, na faculdade. Se alguém me reconheceu, com certeza não deixou transparecer. A garota que supostamente fugiu em 1975 havia sido esquecida havia muito tempo.

Eu estava indo para o meu carro um dia e ouvi alguém chamar meu nome. Não meu nome verdadeiro nem nada. Meu nome na gangue.

— Kit, Kit! Espere.

Eu me virei e vi um cara muito bonito correndo em minha direção e sorrindo. Eu o reconheci imediatamente. Era Sam, o vizinho de Sarah Jo. Eu não o via desde aquele verão e do incidente com Neal na garagem de Jo.

— Sam! Como você está? Quanto tempo!

Ele me abraçou e perguntou:

— Você está com fome? Quer almoçar?

Eu não tinha percebido até aquele momento como seria bom conversar com outra pessoa. Alguém que soubesse um pouco sobre o meu passado. Eu estava começando a perceber que segredos podiam ser exaustivos. Todo aquele tempo eu estava vivendo em meu próprio mundinho e só tinha feito duas amigas, além de Sarah Jo: Carter e Casey. Elas tinham a minha idade e estudavam comigo, e apesar de termos passados diferentes e estudarmos em cursos bem diferentes, rolou uma conexão instantânea. Claro, eu não poderia levá-las para o motel, e nossa amizade no começo ficou limitada à faculdade. Mas até aquele

momento, eu não tinha contado minha história real a minhas novas amigas. Com Grunt e Moe fora, éramos só eu, Grizz e Chowder agora morando no motel. Chicky nem aparecia mais. Desde a morte de Moe, Fess aparecia com menos frequência também. Eu percebi que estava solitária.

Imediatamente aceitei a oferta de Sam e fomos para um restaurante em Davie.

Nós conversamos por horas. Foi estranho porque eu não conhecia Sam tão bem, e não tinha ouvido nada sobre ele dito por Sarah Jo nos últimos anos. Sam explicou que tinha visto de sua janela da sala de estar, naquele dia de verão em 1977, quando Grizz puniu Neal. Ele me viu partir e o portão da garagem ser fechado. Ele me disse que menos de trinta minutos depois, um carro apareceu. Dois brutamontes entraram na casa e saíram, escoltando Neal, choroso, até o carro. E foram embora. Grizz pegou sua moto e saiu, e Neal nunca mais incomodou Sam nem sua mãe novamente.

— Você sabe, eu sempre me senti mal por não ter podido fazer nada para ajudar você e a Jo naquele dia. Eu me senti um verdadeiro covarde, Kit. Me desculpe.

— Por favor, não se desculpe. — eu olhei para Sam com gentileza. — Pelo amor de Deus, você era um menino, Sam. Ele era um valentão que estava ameaçando sua mãe. Você não fez nada de errado. Não se desculpe. Eu nunca o vi como um covarde. Eu não achava isso antes e não acho agora. Agora, me diga, o que você está fazendo na Cole?

Ele me contou que a primeira faculdade não deu certo. Descobriu que tinha um talento especial para habilidades sociais e adorava trabalhar com jovens problemáticos. Agora estava trabalhando em período integral em uma Associação Cristã de Moços da região e estudando em meio período para se formar. Ele queria ser assistente social.

— E aí, Kit, você ainda está com Grizz? Você ainda é namorada dele, ou algo assim?

Sorri para ele.

— Na verdade, Sam, sou casada com Grizz.

Eu sei que isso o chocou.

— Uau, casada. — Sam recostou-se na cadeira. — Não esperava por isso. Seria rude da minha parte perguntar se você é casada e feliz? Só estou curioso.

— Não, não é rude. E sim, estou feliz. Eu amo o Grizz. Não preciso dizer que não amo o estilo de vida dele, mas sim, amo o homem que ele é.

Ele assentiu.

— Mas eu meio que não entendo isso. Sei lá, eu sei quem ele é e o que ele faz, e você parece ser uma garota muito doce e esperta. Não consigo imaginar você com alguém como ele. Desculpe... eu sei que você o ama. Só que é difícil entender.

— Não se sinta mal. Às vezes eu também não consigo entender. Eu sei que não deveria estar falando sobre isso, mas tentei compensar, pelo menos em minha mente, vendo se há vantagem em estar com ele. Para ver se há coisas ruins que podem ser transformadas em boas.

— Como assim?

Então eu contei a ele uma história. Ela tinha se tornado motivo de irritação no meu casamento. Grizz tinha me alertado mais de uma vez, mas eu não pude evitar.

— Porra, Kit. Não posso levá-la a lugar nenhum — disse ele, um dia, frustrado.

Eu revirei meus olhos.

— Eu pedi a você para não ser tão boca suja.

— Bem, eu pedi para você não intervir em tudo o que vê.

— Eu faço isso porque quando eu peço para você ajudar, você não ajuda. Você não se importa! Então você não me dá escolha senão me envolver. Além disso, se não estivéssemos em uma parte ruim da cidade para começo de conversa, graças às suas atividades, eu não veria metade das coisas que tive que ver.

— Você quer que eu seja preso? É isso?

— Não seja ridículo. Estou falando de ajudar alguém, não de você se meter em encrencas.

— Sim, mas você percebe que sou capaz de matar por você? Se eu matar alguém, vai pesar sua consciência.

Essa conversa aconteceu muito antes da história de Darryl e Willow. Eu sabia como Grizz havia matado Johnny Tillman, mas me convenci de que aquilo era diferente. Uma circunstância isolada que não se repetiria. Afinal, ele não tinha matado Neal depois do incidente da garagem.

Grizz e eu estávamos discutindo sobre algo que havia acontecido naquele dia. Grizz havia me levado quando foi se encontrar com um de seus sócios. Estávamos em seu carro e chegamos a um armazém decadente em uma região ruim de Pompano Beach. Eu me lembrava de ter estado ali antes. Havia um carro estacionado na frente.

Grizz deixou o carro ligado e disse:

— Vou demorar menos de cinco minutos. As pessoas conhecem meu carro, então ninguém vai incomodá-la. Além disso, posso ver o carro daquela janela.

Ele apontou para uma janela no segundo andar.

Eu tinha ido a muitas visitas de negócios com Grizz e ouvi a mesma coisa muitas vezes. Eu sabia que ele tinha razão. Eu não queria entrar e conhecer ninguém. Peguei um livro e imediatamente comecei a ler.

Ainda não tinha lido duas páginas quando um carro em alta velocidade parou atrás de mim. Eu olhei no espelho retrovisor e vi um lampejo de cor. Olhei para a esquerda, acima do banco do motorista, e vi de onde vinha a cor.

Era um Mustang amarelo novinho. O motorista deve ter pensado que poderia dar a volta no prédio, mas quando dobrou a esquina, ouvi o barulho dos freios. Eu já havia estado naquele prédio. Eu sabia que dava num muro de cimento. Não havia estacionamento nos fundos. Ele rapidamente engatou a marcha à ré e estava recuando quando outro carro estacionou e o bloqueou.

Observei horrorizada quando dois caras saíram de um carro verde normal. Um carregava um taco de beisebol e o batia na palma da mão aberta. Eles pareciam criminosos da pesada.

Consegui ver um único cara falando, mas não conseguia ouvi-lo. Eu me inclinei sobre o banco do motorista e desci o vidro de Grizz. Em um inglês com sotaque carregado, eles estavam mandando o cara sair do carro. Se ele saísse e entregasse as chaves, nada de ruim aconteceria. Era um roubo de veículo.

Eu olhei para a frente para ver se conseguia encontrar Grizz na janela. Não consegui. Certamente ele tinha ouvido o pneu guinchar e desceria em um segundo. Esperei. Nada.

Saí do carro e entrei pela mesma porta que Grizz havia entrado dois minutos antes. Subi o único lance de escadas e o vi conversando com um senhor. Eu não prestei atenção e não pedi desculpas por interromper.

— Por favor, chame a polícia — falei, ofegante tentando recuperar o fôlego. — Há um carro sendo roubado lá embaixo.

O velho começou a dizer algo, mas Grizz levantou a mão e o interrompeu.

— Sim, vamos ligar. Vá esperar por mim lá embaixo. Não volte a sair do carro.

— Está bem — falei sem fôlego. — Obrigada.

Desci as escadas e olhei pela janela de vidro da porta pela qual eu havia

entrado. Era só um garoto. Ele havia saído do carro como eles mandaram, mas devia ter feito alguma coisa para deixá-los bravos. Um cara o empurrou contra o carro enquanto o outro cara, com o taco de beisebol, o usava para vasculhar alguns arbustos. Então me dei conta do que havia acontecido. O garoto deve ter desligado o carro e saído como eles mandaram, mas jogou as chaves no mato.

Naquele momento, o cara que o segurava contra o Mustang agarrou o garoto pela nuca e começou a marchar com ele em direção aos arbustos. Abri a porta para poder ouvir o que eles estavam dizendo. Ele estava dizendo a ele, com um inglês ruim, que seria melhor encontrar as chaves ou ele ia morrer.

Morrer? Por causa de um carro? Ele empurrou o garoto para o chão, de quatro, e o fez vasculhar os arbustos. Dava para ver que o garoto estava começando a entrar em pânico. Tenho certeza de que ele se arrependeu de não ter entregado as chaves e chamado a polícia. Ele tentou enganar criminosos da pesada e agora ia pagar por isso. O cara começou a chutá-lo nas costelas enquanto ele se arrastava pelo mato.

Eu fechei a porta.

— Grizz? — gritei. — A polícia está vindo? — Sem resposta. Na mesma hora me dei conta de que ele não tinha ligado para a polícia. Era o Grizz. Grizz não se importava com o que acontecia com as outras pessoas. Eu sabia o que tinha que fazer. Calmamente saí de onde estava e me aproximei do trio.

— Com licença. Com licença, rapazes. Acho bom que saibam que a polícia está a caminho. Eu acho que se vocês se forem agora, conseguirão fugir antes que eles cheguem.

Os três pararam o que estavam fazendo, e os dois criminosos se viraram para olhar para mim. Eu podia ver lágrimas escorrendo pelo rosto do garoto. Ele havia encontrado as chaves e as segurava em uma das mãos, ainda de joelhos, e apoiava todo o seu peso na outra. Eu parei de andar. Estava agora perto deles, mas não tão perto que eles pudessem me bater.

— Só achei que deveria avisar — acrescentei. Minha voz saiu rouca.

Eles não partiram para cima de mim nem reagiram à minha declaração. Eu me virei e comecei a caminhar de volta para a porta do armazém.

Eu ouvi um deles pigarrear e cuspir. Senti o catarro na minha nuca. Ouvi risadas.

Naquele exato momento, a porta do galpão se abriu com tanta força que o vidro se quebrou. Grizz veio andando a passos largos na minha direção. Ele deve ter me visto do segundo andar andando em direção aos bandidos. Tinha visto o cara cuspir em mim pela porta de vidro antes de abri-la.

Os homens atrás de mim começaram a falar rapidamente em espanhol. Eu tinha estudado espanhol na escola, o suficiente para saber o que eles estavam dizendo.

— Porra, Manny! Viu o tamanho daquele filho da puta vindo aqui? Por que você cuspiu na menina? Vá se foder, seu idiota! Deixe o moleque e a porra do carro. Vamos embora. Agora!

— Entre no carro, Kit — Grizz praticamente berrou.

— Não os machuque. Por favor, não quero que ninguém se machuque, Grizz.

— Eles terão sorte se eu deixá-los viver.

Eu não entrei em mais detalhes com Sam. Grizz não os matou. E isso basta.

— Então, basicamente, você sabia que, se interviesse, ele viria em seu socorro e, com isso, resgataria a outra vítima? — os olhos de Sam estavam arregalados.

— Sim, era exatamente isso o que eu estava fazendo. Eu já tinha feito isso antes, mas nunca foi tão ruim como no dia do cuspe. Normalmente, as pessoas se afastavam depois de ver o Grizz. Aquela foi a primeira vez em que ele teve que usar a força física, e tenho certeza de que ele não teria feito aquilo se o cara não tivesse cuspidido em mim.

— Mas você sabe que ele estava certo, não é?

Aquilo me surpreendeu. Eu tinha acabado de tomar um gole do meu chá gelado e olhei para Sam.

— Certo sobre o quê?

— Certo sobre não chamar a polícia. Não se envolver. Talvez você inconscientemente quisesse que ele fosse pego.

Fiquei chocada.

— Não, de jeito nenhum. Não quero que ele seja preso. Amo o Grizz.

— É isso, Kit. Você o ama e se sente culpada por amá-lo, então tenta usá-lo para melhorar as situações em que você mesma não consegue. Você fica fazendo isso e é só uma questão de tempo até deixar de dar certo. Você tem sorte de ele não ter matado aqueles caras.

Sam estava certo.

Fui para casa naquele dia e pedi desculpas a Grizz por envolvê-lo nos problemas de outras pessoas. Eu jurei naquele dia que nunca mais tentaria ser a salvadora. Ótimo. Agora eu teria que descobrir outro jeito de aliviar minha consciência.

Sam não só se tornou um assistente social, mas também psicólogo. Anos depois, após ficar sabendo que eu havia sido sequestrada por Grizz, ele escreveu um livro sobre a síndrome de Estocolmo — a síndrome em que a cativa começa a gostar de seu sequestrador.

A garota de seu livro era assustadoramente parecida comigo. Eu tinha feito amizade com Sam ao longo dos anos, e aquele livro quase destruiu nossa relação.

Capítulo Trinta e Quatro

Continuei a encontrar Sam na faculdade e às vezes almoçávamos juntos. Eu não sabia se deveria contar isso ao Grizz ou não. Eu não achava que estava fazendo algo errado, mas ele era tão protetor que eu temia que ele afastasse Sam de mim.

Só mais tarde eu descobriria que ele sabia sobre meus almoços com Sam. Claro que ele sabia. Sabia de tudo. Mas nunca menti. Se ele me perguntasse o que eu fiz depois da aula, eu contava: eu almocei com um amigo. Eu acho que depois da primeira vez em que ele mandou alguém me vigiar, e quem me vigiou deve tê-lo convencido de que era um almoço inocente, ele entendeu. Talvez não tivesse incomodado Sam porque relacionou meu primeiro almoço com ele ao mesmo dia em que eu voltei para casa e me desculpei. Talvez ele estivesse grato por Sam ter colocado um pouco de juízo na minha cabeça.

De qualquer forma, Sam acabaria sendo sempre bem-vindo em nossa casa.

Eu estava num curto recesso entre as aulas de primavera e de verão, quando Blue ligou para o motel pedindo um favor. Eu continuava me dando bem com Jan depois daquele primeiro Dia de Ação de Graças. Nós nunca nos tornamos muito próximas, mas eu adorava os filhos dela e cuidava deles sempre que podia. Eles estavam em idade escolar, e Jan estava trabalhando em um escritório de advocacia. Ela parecia gostar muito de seu trabalho e, até onde eu sabia, evitava seus problemas mentais tomando remédios e realizando um trabalho que amava.

Blue disse que os dois meninos estavam com catapora e não poderiam ir ao acampamento de verão. Jan estava numa fase bem ocupada no trabalho. Havia deixado de ser recepcionista em meio período e passado a ser recepcionista em tempo integral e depois, assessora jurídica. Queria saber se eu poderia ficar com os meninos por alguns dias. Talvez a semana inteira?

Nem precisei pensar. Eles eram garotinhos ótimos e eu fiquei grata pela oportunidade de passar um tempo com eles. Além disso, eu podia me sentar à beira da piscina e ler enquanto eles cochilavam. Fiquei tentando imaginar se eles ainda tiravam cochilos durante o dia. Provavelmente não. Mas isso não importava. Seria uma fuga da rotina para mim também. Blue perguntou se eu

poderia passar na farmácia e comprar uma pomada. Era para diminuir a coceira.

Eu contei isso a Grizz, e ele concordou. Estaria ocupado, de qualquer maneira. Nós finalmente tínhamos escolhido um terreno em uma região a sudoeste de Davie chamada Shady Ranches. Uma casa estava sendo construída e estava na fase de planejamento. Grizz havia contratado um empreiteiro, mas teve dificuldade em entregar o controle do projeto. Passava todo o tempo que podia ali. Eu sei que ele não queria intimidar o cara; só estava mesmo gostando do processo de construção. Chowder passava muito tempo com ele lá também.

Fui ao nosso quarto e procurei um lugar onde colocar minhas coisas. Eu me lembrei da minha velha mochila de pano. Eu a encontrei enrolada em um canto do nosso armário, onde a havia jogado havia mais de um ano. Enfiei nela meu maiô, protetor solar, dois livros e a escova de cabelo. Não precisava levar coisas para passar a noite, pois não passaria a noite lá.

Eu passei numa farmácia e comprei a pomada. Joguei o produto dentro da minha mochila e fui dirigindo até a casa do Blue. Quando cheguei lá, Jan me encontrou na porta e me abraçou.

— Você está nos ajudando a resolver um problema, Kit. Blue e eu tentamos dividir os dias para cuidar dos meninos... eu ficaria com as manhãs e ele, com as tardes, mas estamos começando a receber reclamações do trabalho. Você está salvando nossas vidas.

— Fico feliz em ajudar. Eu adoro seus meninos. Você já sabe disso. Onde eles estão? — perguntei, quando coloquei minha bolsa no banco ao lado da porta da frente.

— Estão na sala.

Eu fui até a sala e fui recebida com um grande abraço de Kevin. Ele era o mais novo. Timmy olhou para mim com timidez. Acho que ele já estava grandinho e sentia vergonha por precisar de uma babá.

Jan gritou do vestíbulo:

— Você se lembrou de comprar a pomada?

— Sim, está na minha bolsa, perto da porta da frente.

Se eu não estivesse tão envolvida com os garotos, teria notado quanto tempo demorou para que Jan levasse a pomada até a sala. Eu poderia ter me lembrado daquele dia, mais de um ano antes, quando encontrei minha carteira no quarto de Moe. Poderia ter me lembrado de tê-la deixado dentro da mochila velha.

Porque enquanto eu dava toda a minha atenção a Kevin e Timmy, a mãe deles estava memorizando um nome bem estranho. Um nome que eu não ouvia e

sobre o qual nem pensava havia mais de cinco anos.
Guinevere Love Lemon.

* * * * *

A construção da casa seguia num ritmo extremamente rápido. Tenho certeza de que o empreiteiro estava morrendo de medo de Grizz e queria acabar logo o projeto. Não que Grizz fizesse alguma coisa de propósito para assustar o cara. Grizz só estava sendo ele mesmo.

Um sábado, no final daquele verão, enquanto ela ainda estava de férias da faculdade, Sarah Jo e eu passamos o dia na praia. Fiquei com muita dor de cabeça e perguntei se ela poderia me levar para casa. Estávamos com o meu carro. Pedi a ela que me deixasse no motel e levasse meu carro para sua casa. Eu tinha certeza de que Grizz o buscaria.

Ela me deixou e me ajudou a descarregar minhas coisas. Por ser a melhor amiga do mundo, ela guardou minhas coisas, ficou no banheiro enquanto eu tomava um banho rápido e me colocou na cama depois de me dar duas aspirinas. Fechou as cortinas do quarto e deu um beijo em minha testa.

— Vou ligar mais tarde para saber como você está, Kit. Tente dormir. Talvez a dor de cabeça tenha passado quando você acordar.

Minha cabeça doía tanto que não me lembro de ter respondido. Eu acabei adormecendo e acordei mais tarde, desorientada. A dor de cabeça agora era apenas um latejar. Ouvi vozes. Deve ter sido o que me acordou. Era Grizz, e ele estava discutindo com uma mulher cuja voz eu não reconheci.

— Não entendo por que não posso vê-lo. Não que eu lhe deva uma explicação, mas mudei de vida. Eu tenho coisas para resolver com ele.

— Ele não está aqui, Candy.

— Pare de me chamar desse nome de gangue idiota, J...

— Cala a boca! — vociferou Grizz. — Não me chame por esse nome. Ninguém me chama por esse nome, nunca!

Quem era aquela mulher? Ela começou a chamar Grizz por um nome que começava com J. Ela sabia o nome verdadeiro dele? Estava óbvio que Grizz não sabia que eu estava lá. Meu carro não estava, então ele deve ter imaginado que eu ainda estava com Sarah Jo. Eu ponderava se deveria ou não deixar que ele soubesse que eu estava ali. Eu quase podia imaginar seus olhos se revirando enquanto ele gritava com ela.

— Você e seus malditos códigos de gangue. Eu juro, Grizz, você é tão

exagerado. Não atendo mais por Candy.

— Estou pouco me fodendo para o nome que você usa agora. Você não vai vê-lo. Ele não mora aqui, de qualquer modo. Ele está feliz e resolvido. Não há razão para você tentar entrar na vida dele de novo só por estar com a consciência pesada.

— Você é um idiota arrogante. Você não estaria onde está hoje se não fosse por mim. Não se esqueça de que encontrei você, aos quatorze anos de idade, vivendo atrás de um posto de gasolina. Eu sou aquela que o apresentou para as pessoas que o colocaram onde você está hoje. Eu!

— Ninguém me colocou onde estou hoje além de mim mesmo. Além disso, quando você supostamente me encontrou, já era uma prostituta viciada em drogas e tinha apenas dezessete anos. No mínimo, você me deve por eu ter cuidado para que você não morasse na rua.

Então aquela era uma mulher que conhecia Grizz quando ele ainda era adolescente. Eu não pensei que encontraria alguém que o conhecesse há tanto tempo.

— Bem, com certeza não preciso da sua permissão para vê-lo. Eu posso encontrá-lo sozinha e você não pode me impedir.

— Sério, Candy? Não posso impedi-la de fazer isso?

Eles ficaram quietos e eu sabia que ela estava avaliando suas opções. Finalmente, ela falou com uma voz mais calma.

— Bem, pode me fazer um favor? — sem esperar que ele respondesse, ela continuou. — Pode pelo menos dizer a ele que eu vim aqui procurá-lo? Diga a ele que estou limpa. Diga a ele que eu só quero vê-lo para me desculpar por todas as coisas ruins que aconteceram. Eu não quero perturbar nem interferir na vida dele. Eu só quero dizer que sinto muito.

Grizz disse alguma coisa, mas não consegui ouvir.

Eu ouvi a porta se abrir e depois se fechar. Saí da cama e fui para a pequena sala de estar. Grizz não estava lá. Devia ter saído com ela. Percebi que já passava da hora do jantar, então fui até a cozinha e comecei a tirar algumas coisas da geladeira para cozinhar. Se eu tivesse a menor curiosidade sobre a aparência de Candy, poderia ter pensado em ir até a janela para espiar.

Pensando bem, que bom que não fiz isso. Eu teria visto meu marido fazer algo horrível. Eu teria visto Grizz acompanhá-la até o carro dela, e, quando ela levou a mão à maçaneta da porta, eu o teria visto agarrá-la por trás e quebrar seu pescoço. Eu teria visto Grizz jogá-la por cima do ombro, de qualquer jeito, sinalizar para três homens desconhecidos na fogueira para que se livrassem do

carro, e caminhar tranquilamente para a parte de trás do motel para apagar evidências de sua existência.

Mas não vi nada e só ficaria sabendo disso muitos anos depois.

Grizz voltou para dentro menos de dez minutos depois e parou de repente.

— Quando você chegou em casa? Eu não vi você subir.

— Jo me trouxe para casa mais cedo. Eu estava com enxaqueca. Dormi para ver se passava.

— Dormiu? Já passou?

— Quase totalmente. Agora virou só um incômodo. Bem melhor do que antes. Ela ficou com meu carro. Você pode pedir para alguém trazê-lo para casa? — vi pela expressão dele que ele sabia que eu estava no quarto quando ele discutiu com Candy. Ele estava tentando descobrir se eu tinha ouvido alguma coisa. Eu decidi facilitar as coisas para ele.

— Então, quem é Candy? — perguntei tranquilamente enquanto refogava uns cogumelos no fogão.

Antes que ele pudesse responder, acrescentei:

— Você vai contar para ele? Vai contar para o Blue?

Ele olhou confuso para mim.

— Era a ex-namorada maluca de Blue, não era? Aquela sobre a qual você me contou? Com quem ele terminou antes de conhecer Jan?

— Sim, era ela.

— Você não parece muito seguro de si, Grizz.

— Não é isso, linda. Eu só não me lembro de ter lhe contado sobre ela.

— Bem, você contou. Você não me disse o nome dela, mas comentou sobre ela depois que conheci Jan.

Ele veio atrás de mim e me abraçou. Ele descansou o queixo no meu ombro esquerdo. Ele deve ter ficado bem curvado porque eu era muito mais baixa do que ele.

— Acho que você está certo, Grizz. Fez certo em não deixar que ela visse Blue. Isso pode fazer com que Jan tenha um colapso. — antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, acrescentei: — Ela começou a chamar você pelo seu nome verdadeiro. Algum dia você vai me dizer qual é?

— Kit, já falamos sobre isso um milhão de vezes — disse ele, e se afastou para olhar para mim. Eu me virei e o encarei. — É para o seu próprio bem. Para você, meu nome verdadeiro é Rick O'Connell.

— Sim, Grizz, só que não é. — desliguei o fogão e o afastei de mim.

Fui para o nosso quarto e fechei a porta.

Ele nunca se abriria? Eu era casada com ele e não sabia praticamente nada a seu respeito. Não sabia seu nome, não sabia nada sobre seu passado. Bem, mas agora eu sabia que ele vivia atrás de um posto de gasolina quando tinha quatorze anos.

Ele entrou e me viu sentada na cama, fingindo estar vendo as paletas de cores do empreiteiro. Eu não olhei para ele.

— Jason. Meu verdadeiro primeiro nome é Jason. Tudo bem? Eu não vou dizer mais nada. Algum dia, talvez quando tivermos filhos, eu conte mais. Mas não vou deixar que eles usem meu sobrenome. Eles serão O'Connell.

Então ele me contou um pouco sobre si. Nasceu na Flórida, em West Palm Beach. Não conheceu seu pai, e o sobrenome que ele não queria contar era, aparentemente, o sobrenome de sua mãe. O primeiro nome dela era Ida, e ela o teve com apenas quinze anos. Isso certamente explicava por que ele acreditava que eu tinha. “idade suficiente” quando me sequestrou.

Sua mãe era empregada de uma família rica. Ele disse que ela era uma ótima empregada doméstica, mas sua própria casa sempre foi um desastre. Ela o negligenciava. Ela nunca bateu nele nem abusou dele, apenas o ignorava. Aquilo me pareceu familiar. Ele fugiu quando tinha quase quatorze anos. Ele teve certeza de que ela ficou aliviada e que nunca o procurou. Ele não estava morando atrás de um posto de gasolina quando Candy o encontrou. Estava, na verdade, vendendo peças de carro roubadas.

Perguntei por que ele fugiu, já que era negligenciado, não agredido. Por que ficar na rua? E como ele conseguiu chegar à área de Fort Lauderdale em West Palm Beach?

— Eu comecei a andar com uns caras mais velhos e abandonei a escola porque estava ganhando muito dinheiro — disse ele. — Por fim, o grupo foi para o sul e eu fui também.

Ele não morava na rua, mas sim em um pequeno apartamento na garagem de um cara que pagava para que ele arranjasse peças especiais de automóveis. Eu disse que ele era bem esperto para um garoto que havia abandonado a escola tão jovem.

— Eu sabia ler e tinha habilidades matemáticas básicas, e isso foi tudo de que precisei — disse Grizz, dando de ombros. — Além disso, minha educação nas ruas me ensinou mais do que qualquer diploma que eu poderia ter conquistado.

A essa altura, Grizz estava sentado ao meu lado na cama. Eu me sentei

em seu colo.

— Por que temos que ter filhos para você me dizer seu nome verdadeiro? — perguntei, enquanto acariciava seu pescoço, brincando com o brinco na orelha esquerda. Era um dos meus hábitos favoritos.

Eu senti seu corpo tremendo. Ele estava rindo. Olhei para ele. Com um grande sorriso, ele disse:

— Eu não sei. Achei que assim ganharia algum tempo. Imagino que teremos um bebê daqui a alguns anos.

— Bem, Sr. “Não terá como fugir da pergunta por muito tempo”, acho que posso fazer você me dizer mais cedo do que planejou.

— Ah, é? — ele encostou o rosto no meu pescoço. — Como vai me seduzir para conseguir isso?

Antes que eu pudesse responder, o telefone tocou. Ele me colocou na cama e se levantou para atender.

— Oi? — uma pausa. — Espere um segundo, querida. Kit, é Sarah Jo — ele gritou da cozinha.

Eu entrei e peguei o telefone da mão dele.

— Sim, passou quase tudo. Ainda sinto um pouco de dor. — Fiz uma pausa enquanto Jo me fazia outra pergunta. — Não, eu não contei a ele ainda.

— Contar o quê? — perguntou Grizz, enquanto tirava uma cerveja da geladeira.

Eu me virei para olhar para ele.

— Eu acho que posso estar grávida.

Capítulo Trinta e Cinco

Grizz me levou ao médico no dia seguinte e confirmou que eu estava grávida. Mas fiquei confusa. Eu tomava pílulas anticoncepcionais religiosamente, nunca pulei nem uma vez. Mas eu tive uma infecção de garganta no mês anterior, e o médico explicou que os antibióticos às vezes podem interferir na pílula. Eu era um desses casos.

Eu disse ao médico que ainda estava tomando a pílula e só tinha suspeitado da gravidez porque minha última menstruação tinha sido muito curta e fraca, não o sangramento intenso que durava uma semana. Ele me disse para parar de tomar a pílula e não me preocupar. Algumas mulheres engravidavam mesmo tomando a pílula. Não era inédito, e nós detectamos a gravidez cedo.

Eu olhei para Grizz, que sorria. Ele estava feliz com a gravidez. Se tivesse que ser agora e não alguns anos mais para a frente, então que assim fosse.

Grizz me levou para almoçar e imediatamente começou a sugerir nomes de meninos e meninas. Minha cabeça estava girando. Eu estava sobrecarregada. E a faculdade? Seria possível estudar e ser mãe? Eu estava tonta pensando no futuro e em como tudo seria. Fiquei mais consolada sabendo que o bebê nasceria quando já estivéssemos em nossa nova casa. Eu teria odiado trazer um bebê para o mundo enquanto ainda morássemos no motel.

Grizz me surpreendeu com outra coisa. Ele me disse que levaria cerca de seis meses para encerrar alguns negócios e acabaria com a gangue. Para sempre. Fiquei exultante. Jan finalmente realizaria seu sonho: Grizz estava entregando o controle da gangue para o Blue.

Decidimos manter a gravidez em segredo por um tempo. Ainda era cedo. Sarah Jo era a única que sabia, e eu não tinha dúvidas de sua lealdade e capacidade de guardar segredo.

Passei a ter muito enjoo de manhã. Nem dava para chamar de enjoo matinal, pois eu passava mal o dia todo, tanto que não conseguia comer nada, e Grizz queria me levar de novo ao médico para ver se ele poderia receitar algo para ajudar. Eu me recusei. Lidaria com aquilo. Eu não tomaria nenhum remédio enquanto estivesse grávida. Nada além de vitaminas pré-natais, e isso só se eu conseguisse mantê-las no estômago.

Eu estava com cerca de dez semanas de gravidez quando Grizz me disse

que tinha que falar comigo sobre uma coisa. Eu estava sentada no sofá folheando revistas de design de interiores. Eu já havia escolhido uma cor neutra para o quarto do bebê, verde-claro. Agora estava pensando no tema. Arca de Noé, talvez. Ou ursinhos de pelúcia.

Ele pegou a revista das minhas mãos e a colocou na mesa de canto. O papo parecia sério.

— Kit, preciso lhe contar uma coisa.

— O que é?

— Não quero que você fique chateada, principalmente agora que está grávida, mas eu te amo e tenho medo que, se eu não disser e você descobrir mais tarde, não vai gostar.

Ele estava começando a me assustar.

— Diga logo. Seja o que for, não esconda de mim. — Alguma coisa havia acontecido com Sarah Jo, Fess ou Grunt? Grizz estava em apuros? Nós estávamos em apuros?

— Falei com o Guido — disse ele, segurando minhas mãos com força. — Ele me disse que seus pais morreram em um acidente de carro anteontem. Ele achou que deveríamos saber.

Eu fiquei chocada. Não esperava aquilo. Eu não pensava muito em Delia nem em Vince havia anos. Não posso dizer que sentia falta deles. De que sentiria falta? Desde muito nova eu tinha sido sozinha. Mas Grizz estava certo. Ainda bem que ele me contou. Fui tomada por lembranças.

— O que aconteceu? — perguntei baixinho.

— Colisão de frente. Com um caminhão. O motorista dormiu ao volante, cruzou a estrada. Foi instantâneo.

Fiquei aliviada por eles não terem sofrido e por não terem causado o acidente. Eu não odiava Delia e Vince. Também não sentiria falta deles. Mas eu queria fazer o que era certo.

— Grizz, não há outra família. O que vão fazer com eles?

— Provavelmente serão enterrados em um cemitério público. Talvez sejam cremados. Sinceramente, não sei. — Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele acrescentou: — Você quer que eu cuide disso, Kit? Quer? Para dar a eles um enterro apropriado?

Aquilo me surpreendeu, mas acho que ele se lembrou de como era importante para mim que Moe fosse enterrada do jeito certo. Pelo menos tão certo quanto poderia ser.

Concordei, balançando a cabeça.

— Sim, acho que quero. Não precisa ser chique, Grizz. Apenas um cemitério decente e talvez, em vez de uma lápide, uma daquelas placas que ficam no chão. Algo que mostre o nome, a data de nascimento e de falecimento.

— Escreva tudo para mim, linda, e eu vou cuidar disso.

E cuidou mesmo. Ele era ótimo em me dar tudo o que eu queria. Nunca me passou pela cabeça que aquela fosse outra chance de eu ter minha liberdade. Claro, houve muitas vezes ao longo dos anos em que eu poderia ter conseguido minha liberdade. Certamente, a morte dos meus pais teria sido uma delas, mas isso não importava. Eu não deixaria o Grizz. Pelo menos não de propósito.

Algumas semanas depois, comecei a sangrar um pouco. Liguei para o médico em pânico, mas ele disse que não havia nada que pudesse ser feito. Podia não ser nada. Pedi que eu esperasse e não fizesse esforço. Grizz me fez ficar de repouso por três dias. O sangramento continuou e ele insistiu em me levar ao médico.

Eu estava sentada na mesa de exame coberta de papel quando senti algo. Eu não me mexi, apenas olhei para Grizz com lágrimas nos olhos.

— Eu acho que acabei de perder o bebê.

Capítulo Trinta e Seis

Ambos estávamos tristes por perder aquele bebê, mas também concordamos em voltar à pílula. Ainda haveria filhos no nosso futuro. Nós nos mudaríamos para nossa nova casa. Eu conseguiria me formar. A vida continuaria.

E continuou. Eu nunca voltei para o motel depois de me mudar para a nossa casa, mas é claro que Grizz teve que voltar. Chowder agora vivia em nossos antigos aposentos. O Monstro também havia se mudado para um dos quartos.

Eu decorei nossa nova casa. Cuidava do Damien e do Lúcifer. Eles já estavam começando a ficar velhinhos, e claro que estavam ficando mais lentos. Convidávamos amigos para jantar. Grunt e Cindy apareciam com frequência. Ele agora era um arquiteto de sucesso com uma firma de ponta no Las Olas Boulevard. Grunt e eu nos aproximamos um ano ou pouco mais depois que ele foi morar com Cindy. Por mais estranho que pareça, passávamos muito tempo juntos. Eu acho que foi porque Grizz não sentia ciúmes, já que Grunt estava com Cindy havia muito tempo. Eu acho que foi difícil para Grizz, mas ele sabia que o segredo para me manter feliz não seria me mantendo isolada. Minha amizade com o Grunt era legal, confortável e segura. Eu também me tornei mais próxima das minhas amigas da faculdade, Carter e Casey. Passava muito tempo com elas também. Sarah Jo estava sempre jantando conosco depois que se formou na faculdade e se estabeleceu em Ft. Lauderdale. Ela também estava casada e mantinha amizade com seu antigo namorado, Stephen, e a esposa dele, April. Eles eram todos convidados frequentes em nossa casa. Assim como Anthony e Christy, nossos amigos da costa oeste da Flórida. Até Sam e sua namorada do mês nos visitavam de vez em quando.

Chowder só aparecia no Dia de Ação de Graças. Eu finalmente consegui fazer aquele peru, e Jan não pareceu se importar em entregar as rédeas para mim. Ela estava tão ocupada com o trabalho que, na verdade, parecia aliviada e feliz por deixar alguém fazer a comida.

E foi assim que os anos seguintes passaram. Eles foram cheios de amigos, viagens, shows, cuidados com a nossa casa e com os animais, longos passeios de moto e o mais próximo que podíamos chegar da felicidade plena no

lar. Nossa casa tomava alguns acres e tínhamos vizinhos, mas eles não eram próximos. Ainda assim, não queria que as pessoas tivessem medo de nós. A única regra que eu tinha, e com a qual Grizz concordou, era: nenhum assunto de gangue em nossa casa.

Claro, nosso estilo de vida era baseado em uma ilusão. Analisando friamente, eu nem mesmo era casada com o Grizz. Ann Marie Morgan era, mas convenhamos, eu não era Ann Marie. Nossas rendas, que haviam crescido muito com investimentos bons e honestos, ainda tinham base em dinheiro ganho com atividades ilegais. Muitas atividades ilegais. Grizz mexia com tudo no sul da Flórida naquela época: prostituição, drogas, roubo de carros, jogos de azar, extorsão, agiotagem. Ele tinha sido sincero sobre entregar a gangue para Blue quando eu engravidei, mas com o aborto logo depois, ele não teve pressa em se aposentar. E assim o dinheiro entrava. Eu nunca perguntava, mas não há como estar com alguém por tantos anos e não ter uma noção do que essa alguém faz. Eu pegava as coisas aqui e ali. Eu não era ingênua, mas me permitia fingir que era.

Eu sabia que nosso estilo de vida era construído sobre um alicerce de empreendimentos criminosos, mas desde que eu não estivesse envolvida, fui capaz de esquecer isso. Eu tinha parado de controlar os talões de cheques e monitorar os investimentos alguns anos atrás. Foi tudo entregue a um contador. Fingia, quando meu marido saía para o trabalho pela manhã, que seu trabalho não envolvia crime. Eu havia conseguido um emprego de meio período numa pequena firma de contabilidade em Miramar. Eu não tinha que trabalhar, e tive muita dificuldade em convencer Grizz a me deixar trabalhar, e ele acabou cedendo. Eu precisava trabalhar apenas para ter algum propósito na vida.

Assim que terminei a faculdade, disse a Grizz que queria engravidar. Se ter filhos influenciaria Grizz a desistir da vida de gangue, eu queria ter um bebê assim que terminasse os estudos. Ele concordou, e assim eu parei de tomar o anticoncepcional. Infelizmente, não aconteceu tão rápido quanto eu esperava. Um ano depois de me formar na faculdade, eu ainda não tinha tido filhos ainda.

O que eu não sabia durante esse tempo era que o casamento de Blue e Jan estava desmoronando. Ele havia descoberto uma traição, mais de uma, com advogados que ela conheceu no trabalho. Jan era atraente e sempre procurava melhorar a si mesma. Ser casada com o segundo em comando de uma gangue de motoqueiros não era tão atraente quanto antes. Ela queria mais. Fiquei surpresa por ela ter traído Blue. Pensei que ela teria medo de traí-lo, mas ela não o temia.

Blue foi à nossa casa um dia e nos contou a história. Eu estava certa em

pensar que ela deveria ter sentido medo. Lembrei-me de um incidente de atropelamento e fuga, cerca de quatro meses antes. Jan estava caminhando em direção ao carro no estacionamento de uma mercearia. Ela dirigia um bom carro e sempre estacionava longe da entrada da loja para evitar batidas descuidadas de porta de alguém que pudesse ter estacionado ao lado do carro dela. Ela estava carregando duas sacolas e pegando as chaves, olhando para baixo enquanto andava, quando um carro, do nada, a atropelou. O motorista fugiu e ela ficou inconsciente, sem se lembrar de nada. Foi um milagre a batida ter sido simples e ela não ter quebrado nenhum osso. A julgar pela velocidade do carro, era um milagre que ela ainda estivesse viva.

Blue não encarou as atitudes dela numa boa. Percebi enquanto Blue nos contava sua história, que o atropelamento tinha sido muito mais do que isso: ele havia encomendado um acidente. Eu também sabia que ele precisaria de aprovação do meu marido antes de fazer o que fez. Estremeci.

Blue continuou a contar sua história e disse que acabou se cansando e a expulsou de casa. Disse a ela que pediria a guarda dos meninos. Grizz interrogou Blue a respeito do quanto Jan sabia sobre a gangue. Blue disse que nunca contava nada a ela. Ela nem sabia sobre a noite em que ele levou Grunt.

Grizz assentiu.

— Certo. Ela pode nos causar algum mal?

A pergunta real, claro, era:

— Ela pode relacionar o atropelamento ou qualquer outra coisa ilegal a nós?

— Acredito que ela poderia mandar alguém investigar nossas finanças pessoais, mas acho que ela só estaria se complicando — disse Blue. — Além do fato de eu ter uma moto e uma jaqueta, todo o resto é apenas especulação da parte dela. Acho que ninguém mexeria nisso. No que diz respeito à custódia, ela pode estar recebendo direcionamento legal gratuito, mas a empresa em que ela trabalha é especializada em impostos imobiliários e coisas do tipo.

Eu o interrompi aqui.

— Blue, Jan sabe algumas coisas. Ela me contou em detalhes sobre o início da vida de Moe e como ela veio para o motel. Como ela perdeu a língua. Ela me contou quem morava no motel, quem não morava lá. Ela até sabia da noite em que ganhei Gwinny. Se você não contou a ela, quem foi?

— Não sei — Blue olhou para nós dois, perplexo. — Juro, Grizz. Talvez quando Chicky ou Willow apareceram quando ela estava grávida e sem tomar os remédios? Vocês lembram que as meninas ficavam com ela de vez em

quando? Eu acho que ela pode ter ouvido coisas nessa época. Mas eu não contei a ela de onde a Kit surgiu nem nada assim. Caramba, ela nunca nem foi ao motel. Não sabe nenhum nome real. Nem o meu. Eu me casei com ela com um pseudônimo.

Grizz olhou em minha direção. Olhei para baixo. Ele sabia o que eu estava pensando. Usei um pseudônimo para me casar com ele. Pelo menos Jan havia se casado com Blue usando seu nome verdadeiro.

Grizz não disse nada por um minuto. Eu percebi que ele estava pensando seriamente sobre aquilo. Ele então perguntou a Blue:

— Você acha que ela falou com Willow, além de quando Willow estava lá para ficar de olho nela?

— Eu acho que é possível. Porra, eu sinceramente não sei. — Blue me deu um olhar de soslaio. — Desculpa, Kit, sei que você não gosta de palavrão. É costume.

Grizz continuava calado. Eu sabia que Grizz confiava em Blue implicitamente e estava tentando descobrir se ele tinha um informante. Mas com o ódio intenso de Willow por mim, era muito possível que ela tivesse se comunicado com Jan. Talvez ela achasse que Jan seria sua aliada. Não havia como ter certeza. Jan certamente nunca diria, e Willow estava morta havia anos.

— E você quer a guarda de Timmy e Kevin? — perguntou Grizz.

— Sim, eu quero meus meninos, Grizz. Eu não posso desistir dos meus meninos.

— Tudo bem, então. Eu confio em você. Vá em frente e lute pelos seus pequenos. Se o assunto da gangue vir à tona de algum jeito, quero ficar sabendo imediatamente. Entendeu? Diga isso a ela. Explique bem o que isso significa.

— Farei isso. Eu vou dizer a ela e ela vai entender. Eu lutarei por meus meninos, sem dúvida. A gangue fica fora disso. Você tem minha palavra.

A conversa terminou, e foi a última vez que ouvi sobre o divórcio de Blue e Jan e a briga pela guarda por algum tempo. Ela tentou manter a amizade comigo, mas não consegui continuar a vê-la. Suspeitava de que ela queria ser minha amiga por outras razões. Talvez ela temesse mais retaliação por parte de Grizz e soubesse que uma amizade comigo a favoreceria. Talvez ela só quisesse saber o que eu sabia, que era nada. Se Blue estava dizendo coisas a Grizz sobre as audiências de divórcio e custódia, Grizz não me dizia nada. Percebi que era do interesse de todos que eu ficasse longe dela.

Foi assim que eu lidei com tudo isso. Como eu sempre tinha feito. Eu me mantinha afastada, tanto física quanto emocionalmente.

* * * * *

Só na audiência da guarda as coisas começaram a ficar bem desagradáveis. O divórcio tinha sido finalizado meses antes, e Blue e Jan tinham a guarda compartilhada dos meninos. Blue disse a Grizz que parecia que as coisas acabariam a seu favor. A gangue de motoqueiros foi citada nas audiências de guarda, mas sem provas, praticamente riram de Jan no tribunal. O advogado de Blue não deu trégua, abordando os problemas de Jan com doenças mentais e adultério.

Eu acho que isso deixou Blue e Grizz com uma falsa sensação de segurança no que dizia respeito à gangue. Eles achavam que ela não seria capaz de fazer nenhum mal agora.

Mas eu acho que Jan não aguentava mais. Ela finalmente tirou um ás da manga como fizera tantos anos antes, quando Blue ia deixá-la e de repente ela ficou grávida.

Mas desta vez foi diferente. Desta vez, seu ás teria um efeito cascata que não poderia ser mensurado. Destruiria as pessoas. Muitas pessoas.

Jan decidiu que era hora de contar ao mundo sobre Guinevere Love Lemon.

Capítulo Trinta e Sete

Não sei como ela conseguiu. Como ela conseguiu investigar o meu nome sem chamar a atenção da rede de informantes, policiais e outros, do Grizz. Tenho certeza de que ela não sabia se eu era uma fugitiva ou se tinha sido sequestrada, mas de alguma forma descobriu que eu tinha desaparecido sem deixar rastros em 1975.

Aquele foi seu primeiro passo para conseguir a guarda dos filhos. Derrubando a gangue, ela faria o mesmo com Blue. Derrubando Grizz.

Eu tinha que admitir que ela era uma mulher corajosa. Estava negociando com autoridades para entrar no Programa de Proteção a Testemunhas. Blue estava enganado. Jan sabia muito, muito mais do que ele pensava.

Eu nunca soube como ela tinha rastreado Froggy sem chamar atenção para si. Froggy nunca havia superado o que Grizz fez com Willow. Ele começou a se retirar lentamente do grupo após a expulsão dela, e ainda mais depois de sua morte. Ficou óbvio, por seu testemunho no tribunal, que ele desprezava Grizz totalmente pelo que ele fez com ela. Froggy estava mais do que disposto a contar às autoridades tudo o que sabia em troca de sua proteção.

A polícia apareceu em nossa casa em Shady Ranches com um mandado e prendeu Grizz. Ele não resistiu quando eles o algemaram e leram seus direitos. Estava calmo. Tinha certeza de que seu advogado o libertaria mediante o pagamento de fiança dentro de horas.

Grizz já havia sido preso. Nunca tinha sido nada demais no passado, sempre pequenas acusações que eram uma tentativa de acoossá-lo. Ele nunca foi preso por nenhum crime grave. Mas aquela foi a primeira vez em que ele foi preso na minha presença. Ele olhou para mim e ouviu calmamente enquanto liam seus direitos e começava a descrever a lista de acusações.

— Jason William Talbot, você tem o direito de permanecer em silêncio.

Foi a primeira vez em que ouvi seu nome completo.

Eu havia vencido minha obsessão para saber seu nome verdadeiro anos antes. Eu nunca vi o uso de nomes fictícios por membros da gangue como algo além de um meio para causar confusão. Eu nunca achei que isso fosse lá grande coisa, como eles achavam que era.

Mas, de repente, conforme eles relacionavam as acusações, o

comportamento de Grizz mudou. Ele ficou revoltado, mesmo com as mãos algemadas nas costas, quando me chamaram pelo meu nome verdadeiro e começaram a me fazer perguntas.

— Você é de fato Guinevere Love Lemon, que desapareceu de Ft. Lauderdale, Flórida, em 15 de maio de 1975?

Eu não consegui responder. Estava em choque.

— Você fugiu de casa ou foi sequestrada por este homem?

Grizz soube, então, que sua prisão não se devia a uma lista de crimes pequenos. Agora seria diferente. Eles sabiam quem eu era. A grande questão foi definir se eu tinha sido sequestrada ou se tinha apenas fugido. E até que ponto eu havia me envolvido na atividade criminosa de Grizz.

Um dos oficiais disse para mim:

— Responda com muita cautela, Guinevere. Se você foi sequestrada por este homem em 1975 contra sua vontade, isso é uma coisa. Mas se você fugiu de casa e quis fazer parte da gangue do Exército de Satanás, as coisas mudam totalmente de figura.

— Não responda nenhuma merda de pergunta sem antes falarmos com o nosso advogado — gritou Grizz. — Não diga uma palavra, Kit. Nada. Fiquem longe da minha esposa.

Ele deu uma cabeçada em um dos homens e o lançou para trás em nossa lareira de pedra. O homem ficou aturdido, mas não parecia estar ferido.

Eu comecei a chorar e, embora os homens fossem gentis comigo, senti medo. Dois deles começaram a agredir Grizz. Ele quase nem se encolheu.

— Parem com isso — gritei. — Por favor, todos. Parem. Nós vamos com vocês. Por favor, parem.

— Você não podem levá-la para a cadeia — Grizz rosnou. — Ela não pode ir para a cadeia. Ela não tem nada a ver com isso. Fiquem longe dela.

— Nós não estamos prendendo a moça, só você, imbecil. — isso foi dito pelo cara que havia dado uma coronhada em Grizz. Claro, ele disse isso de uma distância segura.

— Tudo vai ser resolvido na delegacia — disse o mais velho dos homens.

Era uma frase tirada de um filme policial antigo, em preto e branco. O detetive me lembrava um avô bondoso. Ele provavelmente estava perto de se aposentar e queria estar em qualquer lugar, menos ali.

Ele acrescentou:

— Ela vai ficar bem. Ela não vai se machucar. Acalme-se. Isto é apenas

um procedimento. Você sabe como é, Jason. — ele se virou para mim e tocou no meu braço com gentileza. — Sou o detetive Banner, e tudo ficará bem, Guinevere. Nós só precisamos fazer algumas perguntas. Tudo faz parte do processo. Seu marido está exagerando.

Eu olhei para ele com tristeza.

— Ele só está preocupado comigo porque estou grávida.

* * * * *

Eu havia acabado de descobrir, uma semana antes, que estava grávida de novo. Eu não estava grávida de muitas semanas, mas Grizz e eu já estávamos animados.

— Ligue para Mark. Ele vai me fazer sair até a noite — disse Grizz, enquanto eles o levavam até a porta da nossa casa.

— Não desta vez, Talbot — disse um dos oficiais, um jovem. — Eu não acho que um juiz lhe dará uma opção de fiança. Sequestro é um crime federal. Você ficará preso até o julgamento.

— Basta ligar para ele, Kit.

— Não, Grizz — falei atrás dele. — Ele não é bom o suficiente para isso. Eu tenho outra pessoa em mente.

Eu andava acompanhando a carreira de um advogado de defesa muito poderoso e bem conhecido. Ele era jovem, mas estava ganhando fama no sul da Flórida.

— Quem? — perguntou Grizz, berrando, enquanto olhava para trás. Eu estava seguindo atrás dele com o Detetive Banner ao meu lado.

— Matthew — falei a ele, com a voz firme.

— Que Matthew? — perguntou ele, enquanto era colocado dentro do camburão.

— Matthew Rockman. O garoto da minha varanda.

A porta da viatura foi fechada e ele se foi.

Eu não tinha contado a ninguém, nem mesmo a Sarah Jo, que eu estava em contato com meu amigo do ensino médio. Simplesmente não parecia necessário.

Matthew me encontrou de novo em 1980. Não foi difícil. Foi durante a época em que eu morava no motel e descobri que estava grávida pela primeira vez. Não era segredo que o líder do Exército de Satanás vivia no Motel Glades.

Matthew chegou um dia fingindo ser um motorista perdido. Chowder

disse que ele havia passado muitos quilômetros da Flamingo Road. Ele teria que fazer o retorno. Ele havia perguntado casualmente a Chowder se o motel estava funcionando. Chowder o observou com cautela e não respondeu, apenas apontou para a estrada. Mas não antes de Matthew me ver.

Eu saí, peguei meu carro e, sem saber o que estava fazendo, fui atrás dele na State Road 84. Munido de informações, de que eu morava lá e do carro que dirigia, agora ele podia planejar um jeito de me ver.

Matthew poderia ter me seguido no primeiro dia em que me viu, mas temeu ter despertado as suspeitas de Chowder. Então ele deixou o carro no estacionamento de Pete, de frente para a estrada, e ali ficou por dois dias até me ver dirigindo meu Trans Am. Ele me seguiu até a mercearia e esperou que eu saísse do carro para me abordar.

Eu o reconheci imediatamente. Ele me disse que não queria causar problemas, só queria conversar. E fizemos isso. Eu contei quase tudo a ele, tudo, menos o que sabia das atividades criminosas de Grizz.

— Você não precisa tentar esconder o que o cara faz, Gin. A gangue dele é notória. Eu só quero saber como você está.

— Estou bem, Matthew. Eu sei que Grizz ameaçou você naquela noite. Sinto muito por isso. Mas sinceramente, estou feliz com ele. Ele é bom para mim. Estou grávida dele.

Aquilo o surpreendeu.

— Eu só precisava conversar com você antes de fazer qualquer coisa. Eu não sou mais aquela criança. Não tenho medo dele.

— Bem, você deveria ter medo dele. Só porque você é um adulto não significa que ele não possa atingi-lo. Isso não é uma ameaça, Matthew. Eu estou apenas afirmando um fato. Estou falando para um amigo, com quem eu me importo, ficar longe. Por favor, simplesmente nos deixe em paz.

— Você tem certeza disso, Gin? Vou ficar na minha, se você estiver me contando a verdade.

— Tenho certeza, Matthew.

Eu tinha dado uma longa explicação dizendo que não aprovava nem participava das atividades de Grizz, mas me vi apaixonada por ele mesmo assim. Matthew não conseguia relacionar a garota de boas maneiras com a mulher adulta que era casada com o líder brutal de uma gangue de motoqueiros. Mas ele também se lembrava da minha vida familiar negligenciada, e o quanto eu amava a atenção que sua família dedicava a mim.

Nossa conversa começou comigo pedindo para que ele nos deixasse em

paz e logo se tornou um papo de dois amigos contando as novidades da vida um do outro. Eu estava sentada dentro do carro dele conversando, e de repente ele ficou muito quieto e ficou olhando por cima do volante. Eu acho que ele simplesmente não podia deixar de falar.

— Olha, seu sequestro influenciou minha decisão de fazer a faculdade de Direito. — ele olhou para mim antes de continuar. — Eu não gostei de ser ameaçado, de me sentir impotente. Eu sabia que o cara que a levou era um criminoso. Eu fiz faculdade de Direito para derrubar canalhas como ele.

Notei que os nós dos dedos de sua mão esquerda estavam brancos. Ele apertava o volante com força.

Lágrimas brotaram dos meus olhos.

— Por favor, não diga isso dele. — ele começou a me interromper, mas eu levantei a mão. — Ele me tratou melhor do que qualquer pessoa. Eu o amo, Matthew. Eu estou fazendo tudo o que posso para afastá-lo desse estilo de vida. Por favor, nos deixe em paz. Ele me prometeu que largaria essa vida quando o bebê chegasse. Acredito nele.

Ele suspirou e olhou para o volante outra vez. A conversa se tornou leve de novo. Ele me contou que adorava a faculdade de Direito. Eu brinquei, dizendo estar feliz porque o fato de nossas aulas terem sido interrompidas não o impediu de entrar na faculdade. Foi uma conversa legal.

Não vi nem falei mais com Matthew desde aquele dia, mas li os jornais e assisti ao noticiário. Ele era jovem, mas estava abrindo caminho através do sistema judiciário, vencendo casos impossíveis. Não pense que não achei irônico que, apesar de ele ter me dito, anos atrás, que estava fazendo faculdade de Direito para colocar os bandidos na cadeia, agora ele era o melhor no negócio de libertá-los.

Refleti sobre tudo isso enquanto esperava no escritório do detetive Banner, tomando café aguado e esperando Matthew aparecer. Quando ele finalmente chegou, Matthew trouxe consigo um homem que eu não conhecia.

— Gin, este é Cary Lewis. Ele não representa minha empresa. Eu não posso representar o Jason por causa da nossa história. Mas estou colocando você nas mãos de alguém que é melhor nesse trabalho do que qualquer um que eu conheça. Espero que você confie em mim.

Eu olhei para ele de onde eu estava sentada.

— Se você me disser que não tem ressentimentos contra ele, se puder olhar nos meus olhos e me dizer isso, então, sim. — respirei fundo. — Eu confio em você.

Capítulo Trinta e Oito

Não é necessário entrar nos detalhes dos anos seguintes. Além disso, achei os procedimentos legais e o jargão difíceis demais de assimilar. Abordarei os fatos conforme for lembrando.

Eu nunca mais vi Grizz em liberdade. Ele não pôde sair sob fiança e ficou preso na cadeia do condado por quase dois anos, enquanto Cary Lewis negociava com os promotores. Eu me aproximei muito de Matthew durante esse tempo. Mesmo que fosse extraoficialmente, eu precisava que ele me explicasse tudo o que estava acontecendo.

Cary fez o máximo que pôde comigo, mas entre a gravidez e a imprensa, eu precisava de Matthew e Sam. Eles foram fundamentais para que meus diplomas de ensino médio e superior fossem transferidos para o meu nome verdadeiro. Eles me protegeram da imprensa. Eles ficaram comigo desde o começo deste pesadelo. Eles até conseguiram um lugar para que eu morasse com Stephen e April.

Stephen, que era o namorado do ensino médio de Sarah Jo, continuou sendo um amigo próximo e, o mais importante, ele e April não tinham nenhuma associação com a gangue. Eles me receberam em sua casa até o frenesi da mídia passar. Minhas amigas da faculdade, Carter e Casey, se revezaram para ficar em minha casa para cuidar de Damien. Nós perdemos Lúcifer um ano antes, ele teve câncer ósseo. Quando finalmente consegui me mudar para a minha casa, Carter foi morar comigo.

Uma coisa em que Grizz insistiu desde o começo foi me deixar fora de tudo. Ele disse que me sequestrou. Contou sobre as ameaças logo no início para impedir minha fuga e como ele me enganou para que eu me casasse com ele.

A história virou manchete:

— Menina desaparecida encontrada casada com o líder de famosa gangue de motoqueiros . — as pessoas começaram a se revelar.

— Sim, eu acreditava tê-la reconhecido, mas ela parecia tão feliz, eu tinha certeza de que ela não tinha sido raptada.

— Aquele desgraçado ameaçou minha vida se eu não devolvesse o violão da moça — disse o dono da casa de penhores, onde eu vendi meu violão no primeiro Natal que passei no motel.

— Você diz que ele ameaçou sua vida? — Cary perguntou a ele. — Você não foi compensado financeiramente para recuperar o violão?

— Bem, sim, mas com dinheiro ou não, ainda assim não tive escolha. Minha vida estava em jogo.

Até Diane Berger, a garota do consultório do veterinário, provavelmente pensou que estivesse ajudando, mas, na verdade, as coisas não ficaram boas pra mim.

— Eu perguntei logo de cara se ela era Ginny Lemon e ela disse que não. E também tinha um sotaque estranho. Ela provavelmente sofreu uma lavagem cerebral.

— Não se preocupe com isso — Cary e Matthew me disseram. — Não dá para provar que ela realmente viu você. Talvez fosse uma pessoa muito parecida, com sotaque diferente.

Mas não foi. A acusação conseguiu puxar registros do veterinário e mostrar que Rick O'Connell tinha um cachorro internado lá naquela época, e que o animal estava sendo tratado por causa de uma picada de cobra.

Toda vez que pensávamos que algo estava a nosso favor, outra pessoa se apresentava para falar. E com as declarações de Jan e Froggy, sabíamos que seria uma batalha difícil. Froggy, cujo nome verdadeiro era Larry Most, declarou sob juramento que viu Grizz assassinando mais de uma pessoa. Mesmo com os detalhes, não encontraram corpos para sustentar as afirmações. Eles teriam que conseguir mais testemunhas. E conseguiram.

Uma coisa que me surpreendeu desde cedo foi que nunca falaram sobre Grunt nem sobre Fess. Jan e Froggy nunca os citaram. Eu acredito que isso se devia ao fato de Jan se importar muito com Grunt, e eu acho que ambos sentiam pena de Fess. Ele era só um cara normal tentando ganhar a vida e criar três filhos sozinho. As autoridades acabaram chegando até eles por meio de outras testemunhas, mas até isso acontecer, Grizz tinha feito um acordo.

Nos dois anos até o julgamento ser preparado, também me casei e tive nossa filha. Nós demos a ela o nome de Miriam. E a chamamos de Mimi.

Pode ser difícil de acreditar, mas Grizz praticamente me forçou a me casar novamente. Eu me lembro bem do dia. Eu estava com apenas dois meses de gravidez e o estava visitando na cadeia.

— Kit, você me ama, não é? — perguntou ele.

— Você sabe que eu te amo, Grizz. Nós vamos passar por isso. Você vai sair. Vamos recuperar nossas vidas.

— Gatinha, eu nunca vou sair daqui. Você precisa saber disso e

entender isso agora.

— Pare com isso! Não fale assim.

— Você é uma garota esperta. Precisa encarar a realidade para que possamos fazer um plano. Você disse que me ama. Eu preciso que você me prove isso.

Eu olhei para ele com a visão borrada pelas lágrimas.

— Pode falar. Diga como posso provar isso.

— Quero que você se case.

Eu estava tão atordoada que não pude nem me opor. Nós estávamos falando pelo telefone através de uma divisória de vidro.

— Eu quero que você me prometa que nosso filho terá um pai quando ele ou ela nascer. Prometa isso, Kit.

— Nosso bebê vai ter um pai, Grizz. você. Eu posso dar a ele o seu sobrenome. Talbot. — Então outra coisa me passou pela cabeça. — me casar com quem? Com quem eu me casaria? Além disso, já estamos casados.

Eu sabia que no fundo nosso casamento não era legalmente válido. Talvez Rick O'Connell e Ann Marie Morgan fossem casados, mas Jason Talbot e Ginny Lemon não eram. Mas em nossos corações, nós éramos.

— Kit, eu posso falar o nome de cinco caras que se importam o suficiente com você para se casarem com você amanhã. E sei que provavelmente dois deles já estão apaixonados por você. Porra, até o Fess se casaria com você se pedíssemos isso a ele.

— Você não pode estar falando sério. E por mais que eu adore a Sarah Jo, eu não quero ser madrasta dela. De quem mais você poderia estar falando? Além disso, acho difícil acreditar que você suspeite que não só um, mas dois homens estejam apaixonados por mim e que ainda estejam vivos. — peguei um lenço para assoar o nariz enquanto descansava o telefone no meu ombro.

— Você me disse uma vez que eu era um cara esperto. Você se lembra disso? Na noite em que você me disse que estava grávida pela primeira vez. Eu lhe contei que larguei a escola e você ficou surpresa com a forma como eu sobrevivi. Por eu ter começado do zero. Lembra?

— Sim, claro, mas o que tem a ver?

— Você estava certa, linda. Eu sou inteligente. Fui inteligente o suficiente para deixar esses caras se apaixonarem por você, porque eu sabia que esse dia poderia chegar.

Eu não podia acreditar no que estava ouvindo, mas depois de falar com Cary e tomar conhecimento sobre a seriedade da situação de Grizz, eu cedi.

Eu me casei semanas depois de ter tido essa conversa com Grizz. Um divórcio não era necessário, já que nosso casamento nunca foi legalmente válido. Assim como Grizz pediu, eu estava legalmente casada com outro homem quando nossa filha nasceu.

Ela era um bebê grande. Nenhuma surpresa nisso, dado o tamanho de seu pai. Fiquei em trabalho de parto por vinte e quatro horas até finalmente realizarem uma cesariana de emergência. Quando fui levada para a cirurgia, lembro-me do meu novo marido e dos amigos dizendo:

— Estaremos aqui quando você acordar .

Grizz insistiu para que ela recebesse o sobrenome de meu marido e que nunca soubesse que Grizz era seu pai biológico. Ele me fez jurar que eu nunca diria.

— Eu acredito em você quando diz que me ama, Kit. Se você realmente me amar, nunca dirá isso a ela.

— Se ela tentar, um dia ela poderá olhar para trás e descobrir a verdade, Grizz. Eu não vejo como eu poderia esconder isso dela.

— Então, minta. Diga a ela que você me traiu. Eu não me importo se você disser isso a ela. Não quero que ela saiba que sou pai dela.

Mimi se tornaria uma garota linda. Ela nunca perguntou, e eu consegui cumprir minha promessa para Grizz.

Cary me disse que Grizz queria se declarar culpado para proteger todos os outros envolvidos. O problema era que ele teria recebido a pena de prisão perpétua sem liberdade condicional. Não havia como Grizz concordar em ficar na prisão por toda a vida.

Então, ele se declararia culpado em troca de uma sentença de morte.

— Não! — Eu chorei quando eles me disseram.

— Não se preocupe — explicou Cary. — Eu não acho que o Estado da Flórida permita o suicídio assistido. Eles não permitiriam isso. Ele terá que ser julgado. Fazê-lo viver o resto da vida na prisão não seria bom, pois correm o risco de ele sair em algum momento com uma questão técnica. Não tenho dúvidas de que os promotores vão pressionar pela pena de morte. Ainda é muito cedo para saber se ele vai conseguir e você precisa se preparar para o caso de ele conseguir.

— Eu não me importo se ele quer a pena de morte. Estou contando com você, Cary, para ter certeza de que ele pegue prisão perpétua. E se ele conseguir, talvez haja um detalhe técnico para que ele seja solto ao longo do caminho, não?

— Ginny, claro que vou fazer o meu melhor para protegê-lo da pena de

morte. Mas você precisa saber que, mesmo que ele pegue prisão perpétua, não há garantia de que vá surgir algum detalhe técnico.

— Mas Matthew me disse que você era o melhor, Cary. Estou esperando que você o tire dessa!

— Você não entende, Ginny. Não há como sair dessa. E Jason sabe disso. Ele está me fazendo negociar com a acusação para que certas pessoas não sejam atingidas. Especialmente você. Eles vão cavar. Eles encontrarão um jeito de derrubá-la para chegar até ele. Ele está tentando evitar isso.

— Mas nós temos Sam! — gritei, aos prantos. — Sam vai testemunhar para nós. Ele vai falar sobre a síndrome de Estocolmo. Como era normal para mim tudo isso, ficar com Grizz.

— Você é o principal motivo, Ginny, mas eu preciso mesmo lhe dizer quantas pessoas estão envolvidas nisso? Quantos nomes foram parar na mesa da promotoria? Todos eles: Grunt, Fess, Blue, Chowder, Chicky. Até mesmo Eddie, o cara da tatuagem. Até ele será entregue. Claro, ele terá que voltar a apenas fazer tatuagens e nada além disso. Mas a lista é interminável.

Então ele respondeu a uma pergunta que não cheguei a fazer.

— Ele só está entregando seus informantes que aceitaram subornos. Ninguém que ele chantageou.

Fiquei secretamente aliviada ao ouvir que a rede interna de informantes de Grizz não era de todo ruim. Fiquei feliz em saber que a lei no sul da Flórida não era tão corrupta quanto eu pensava.

* * * * *

Foi mais ou menos assim que transcorreram os dois anos que antecederam o julgamento. Dois anos de negociações. Atrás de quem eles iriam? Quem eles deixariam em paz? Grizz insistiu para que Chowder, cujo nome verdadeiro era John Lawrence, permanecesse no motel o quanto quisesse. Sem problema. Chowder morreu de um ataque cardíaco antes que Grizz fosse a julgamento.

Nossa casa também ficou de fora. Consegui manter a casa e tudo na propriedade quando Grizz foi preso. Incluindo tudo de nossa casa, nossos carros e as motos dele. Eu também não precisava me preocupar com dinheiro. Havia o suficiente para pagar os advogados e viver confortavelmente por muito tempo.

Anos atrás, e sem o meu conhecimento, Grizz fez com que Fess e Grunt abrissem contas de investimento em meu nome verdadeiro. Nessa hora não

funcionou a regra da gangue de não usar nomes verdadeiros. Mas isso não foi problema. Desde o início, Grunt, Fess e suas finanças foram deixados em paz em troca da cooperação de Grizz em outros assuntos. Grizz entregou dois homens que lideravam seu império das drogas em troca da imunidade deles. Eles estavam livres e foi no início das negociações, então seus nomes nunca foram divulgados ao público. Fiquei contente. Isso teria afetado suas carreira. E além disso, havia tubarões entre esses peixes pequenos.

As negociações continuaram. Outro homem, acho que era o velho do depósito em Pompano Beach, foi entregue em troca da imunidade de Chicky. E foi assim até o dia do julgamento de Grizz. Assim como em um jogo de xadrez, Grizz calculou meticulosamente cada movimento. Ele entregou algumas pessoas para proteger outras. E até insistiu para que algumas das pessoas que ele protegeu testemunhassem contra ele no julgamento.

Ele estava fazendo o melhor que podia para convencer o júri de que deveria receber a pena de morte.

E recebeu.

Capítulo Trinta e Nove

Grizz esperava no corredor da morte em uma prisão no norte da Flórida, que ficava a cerca de cinco horas de carro. Eu tentei visitá-lo. Mas depois do primeiro ano ele não me disse mais nada. Eu tive que seguir em frente com a minha vida. Tive que criar nossa filha. Ser uma boa mãe. Ser uma boa esposa.

— Você o ama? — perguntou ele, um dia. — Pode me dizer, Kit. Tudo bem se você o amar. Ele a ama e cuidou de você e da Mimi. Meu tempo passou.

— Sim — eu respondi, enquanto olhava para minhas mãos em meu colo. — Eu o amo.

Foi a última vez em que vi Grizz até o dia de sua execução.

O ano depois dessa conversa foi o pior. Eu acho que foi quando mais sofri pelo Grizz. Havia muitas emoções envolvidas. E tanta culpa também. Por que eu havia guardado aquela carteira idiota? Por que eu não tinha me levantado e dito ao júri que ele era muito bom para mim?

Porque Grizz não me deixou fazer isso. A acusação não chegou perto de mim por causa das informações que Grizz lhes deu. Foi como o Natal para eles. Um presente após o outro. Além de me pedirem para corroborar as coisas que Grizz havia dito, eles mantiveram a palavra. Me deixaram em paz.

Eu liguei para ele anos depois para dizer que teria outro bebê. Pode ser surpreendente saber que um prisioneiro no corredor da morte possa receber um telefonema. Mas Grizz pôde. Estar no corredor da morte nunca mudou seu status como líder do Exército de Satanás. Ele ainda tinha uma grande influência sobre suas atuais circunstâncias.

Ele sabia que eu estava grávida. Mesmo na prisão, Grizz encontrou um jeito de ficar de olho no meu marido e em mim. Mas, naquele dia, eu disse algo que ele não sabia.

— Nós o chamamos de Jason. — Pelo telefone, ele fez silêncio por muito tempo. Eu não sabia ao certo se ele ainda estava ali.

— Eu te amo, Ginny. Sempre vou te amar.

Foi a primeira e última vez em que ele me chamou pelo meu nome verdadeiro. Comecei a responder que ainda o amava também, mas ele já tinha desligado.

Era verdade. Eu ainda amava o Grizz. Eu não estava apaixonada por ele

como já tinha sido, mas eu me importava profundamente com ele. Meu marido entendia isso. Não havia ciúme nem insegurança nele. Além disso, se não fosse pelo Grizz, eu não seria casada com o homem por quem eu estava completa e totalmente apaixonada agora.

Capítulo Quarenta

No dia seguinte à execução de Grizz, em casa, meu marido e eu decidimos reservar o dia para fazer algo especial.

— Ei, vocês dois. Há muito tempo não nos vemos — disse Eddie, enquanto nos abraçava.

Nós não tínhamos ido ver Eddie desde que ele adicionou o nome do nosso filho à tatuagem no braço esquerdo do meu marido. Ele me surpreendeu em nosso terceiro aniversário de casamento. A tatuagem era uma bela águia segurando um coração entre as asas. Dentro do coração estava meu nome: Ginny. Agradei a ele por não usar Guinevere. Ele brincou dizendo que achou que Eddie não teria tinta suficiente. Havia uma fita que envolvia o coração e pendia de um lado da tatuagem. Estava escrito Mimi . Quando nosso filho nasceu, ele voltou e mandou Eddie adicionar outra fita com o nome Jason. Foi uma bela obra de arte e um registro de nossa família feliz.

Eddie olhou para a minha barriga e brincou:

— Hora de adicionar outra fita?

— Não — eu respondi. Levantei a mão esquerda. — Eu preciso que você ponha sua criatividade nisso — falei, enquanto praticamente enfiava meu dedo anelar no nariz dele.

Desta vez, não desmaiei.

* * * * *

Era domingo de manhã. Dois dias depois da execução do Grizz. Meu marido e eu ficamos na nossa sala, esperando o telefone tocar. Nós tínhamos ido a uma missa ao raiar do dia para chegar em casa a tempo de esperar pelo telefonema. Pensando bem, gostaria que tivéssemos perdido a ligação. Assim como subir na garupa da moto do Monstro há vinte e cinco anos mudaria minha vida, o dano resultante desse telefonema era irrevogável.

Quando o telefone tocou, ele apertou o botão do viva-voz e disse:

— Estamos aqui, Leslie. Pode falar.

Leslie gaguejou um pouco. Ela deve ter percebido que estávamos cansados do processo de entrevista e estava hesitante em relação a sua primeira

pergunta. Eu sabia o que estava por vir.

— Eu acho que eu queria perguntar a Ginny o que foi aquela breve comunicação antes da execução de Jason — disse Leslie, cuja voz foi ficando mais firme. — Afinal, é óbvio que havia algo acontecendo entre vocês dois, e acho que provavelmente é importante e seria uma boa maneira de encerrar a entrevista. Sabe como é, o fim dessa épica história de amor.

— Aquilo não foi nada — eu disse com firmeza. — Grizz estava apenas tentando assumir o controle novamente. Uma velha piada. Ele estava brincando comigo. Não é importante e é totalmente irrelevante para essa história. Você não está perdendo nada.

Ela não disse nada por um instante. E então respondeu:

— Mas a história de amor. Isso é o que eu realmente quero exaltar. O amor entre o criminoso durão e a doce garota inocente. Isso é o que os leitores querem, uma história de amor, e eu preciso de algo para fazer a conclusão surgir. — ela pigarreou. — Aquele sinal que ele deu a você. Deve ter significado alguma coisa. Você não pode me falar nada em relação a isso, Ginny?

Suspirei e me recostei na cadeira. Eu não tinha percebido que estava tensa.

— A única coisa que posso lhe dizer, Leslie, é que passei três meses deixando você me entrevistar, e a verdadeira história de amor estava bem debaixo do seu nariz o tempo todo e você não a viu. Uma história sobre um homem que me amou desde o começo, desde o primeiro olhar. O homem que sempre foi e ainda é minha alma gêmea. Essa é a única história de amor agora. Sim, eu amei o Grizz, é verdade. Essa história acabou. Não romantize isso. Eu construí uma nova vida com...

Ela me cortou.

— Ela não sabe, não é? Você ainda não contou a ela. Eu sugiro que você faça isso antes que ela leia no meu artigo.

Com quem ela estava falando? Eu olhei para o meu marido. Ele não respondeu. Ele apertou o botão de desconexão do telefone.

— Bem, essa é uma bela maneira de terminar uma entrevista — falei para ele.

Meu marido, Tommy — eu nunca mais usei o nome de gangue, Grunt, assim como ele nunca me chamou de Kit — apenas sorriu e piscou para mim.

Mas então, ele ficou sério.

— Gin, eu preciso te contar algumas coisas. Algumas coisas ruins.

Eu quase ri. Que coisas ruins Tommy poderia ter para me dizer? Eu

sinceramente duvidava que ele pudesse me surpreender com qualquer coisa que dissesse.

— Está bem, estou ouvindo. Não pode ser tão ruim assim.

Mas era.

Ali, ouvindo Tommy me contar a história do acidente de Leslie três semanas atrás, fiquei chocada. Eu senti como se estivesse ouvindo a história em uma experiência extracorpórea, como se estivesse sendo contada para outra pessoa e eu estivesse ali, assistindo de cima.

Não sei explicar. Eu conhecia os principais envolvidos. Eu passei bastante tempo na companhia de Leslie para entender sua personalidade, para realmente saber como eram as coisas com ela e Grizz.

Conforme Tommy me contava os detalhes, eu me sentia como se estivesse assistindo a um filme se desenrolar. Senti vontade de vomitar.

Capítulo Quarenta e Um

Leslie Cowan sentou-se confiante à mesa de metal. Ela havia entrevistado centenas de pessoas e estava um tanto presunçosa em relação à próxima entrevista.

Ela soube da história através de um amigo de um amigo e pensou que ficaria ótima na *Rolling Stone*, na seção de motoqueiros celebridades. Ela havia passado a maior parte dos últimos meses entrevistando o outro personagem principal da história, e tinha exatamente uma hora para finalizar com a única pessoa que não estaria por perto para responder a qualquer pergunta nas próximas semanas.

Jason Talbot seria executado em uma questão de semanas. Ela não daria muita credibilidade ao que ele tinha a dizer. Ela achava que já tinha o principal da história. Estava ali por pura curiosidade.

Ela tinha ouvido falar de sua brutalidade, mas não era do tipo que se deixava intimidar por ninguém. Já tinha entrevistado membros de gangues de rua, traficantes de drogas, estupradores e assassinos. O pior que a sociedade tinha para oferecer. Aquilo seria café pequeno.

Ela queria perguntar a ele sobre seu relacionamento com Ginny Lemon, agora Ginny Dillon. Seria interessante perguntar ao homem que era tão cruel com os outros por que ele tinha sentimentos tão ternos por uma garota de quinze anos. Por que ele não a matou? Por que ele a manteve com ele o máximo de tempo possível? Por que tomaria uma injeção letal por ela?

Ela tinha certeza de que Ginny exagerara os sentimentos dele em relação a ela. Leslie queria descobrir o que ele realmente pensava. Ela seria capaz de arrancar a verdade dele. Era uma repórter investigativa top de linha. Conseguia levar o pior dos entrevistados no papo. Já tinha feito isso antes, e faria de novo.

Um homem que enfrentaria a morte em poucas semanas estaria vulnerável. Ele seria como um brinquedo nas mãos dela, e diria tudo em uma questão de minutos.

Ela olhou para a frente quando ouviu a porta se abrir. Um guarda entrou, seguido por um homem muito grande. Ela tinha visto fotos e sabia que ele era grande. Mas não esperava que ele fosse tão grande.

Atrás dele estava outro guarda. O prisioneiro, usando um macacão laranja da prisão, estava algemado e acorrentado ao redor da cintura. Ele deu pequenos passos, e ela ouviu os grilhões ao redor de seus tornozelos batendo. Seu olhar subiu até encontrar os olhos dele.

Os hipnotizantes olhos verdes que Ginny havia mencionado mais de uma vez. Ela só tinha visto fotos que não lhes faziam justiça. Ela também achava que aquilo tinha sido exagerado. Estava errada.

Sem tirar os olhos dos dela, ele se sentou no assento em frente a ela enquanto o guarda soltava suas algemas da corrente em torno da cintura e as ligava a uma barra de aço sobre a mesa.

Ela desviou o olhar e disse ao guarda:

— Obrigada, eu continuo daqui.

O guarda se recusou, disse a ela que sob nenhuma circunstância alguém poderia ficar sozinho em uma sala com Jason Talbot.

— Mas ele está algemado — respondeu ela com desânimo.

— Não importa. Se não aceitar, pode sair. Vamos ficar aqui com você.

O guarda mais alto trancou a porta atrás deles, e ambos se recostaram em paredes opostas.

Ela começou a argumentar, mas não adiantou; os guardas expressaram a regra mais uma vez com calma e firmeza.

— Isto é para sua própria segurança, independente das correntes — disse o guarda mais baixo.

Ela bufou como se ele estivesse sendo ridículo, e o guarda disse:

— Então considere esta entrevista finalizada.

Ele começou a soltar o prisioneiro, mas ela o impediu.

— Tudo bem. Fique. Tanto faz.

Ela olhou para Jason, e então um arrepio percorreu sua espinha. Ela nunca tinha sido o foco de um olhar tão penetrante. Os olhos dele eram frios e ela tentava não tremer.

— Obrigada por concordar em falar comigo, Jason — ela começou. — Você sabe que eu tenho entrevistado Ginny nos últimos meses. Parece que vocês dois têm um passado interessante. Gostaria que você me contasse mais sobre o seu relacionamento com ela.

— Tenho certeza de que a Kit contou tudo a você. Não tenho nada a acrescentar.

Ela estava começando a sentir algo que nunca havia sentido antes em uma entrevista. Estava ficando um pouco tonta. Havia algo na força e na

intensidade dele que era extremamente atraente, e ela estava perdendo o foco. Sentiu-se tola por ele conseguir fazer com que ela se sentisse daquele modo. Ele exalava uma sexualidade crua como ninguém que ela conhecia.

Ela tentou imaginar como seria ter apenas quinze anos e ter que lidar com ele. É um milagre que Ginny tivesse sobrevivido.

— Bem, por que você não me diz algo que Ginny não sabia? Surpreenda-me.

— Ah, seria ótimo surpreendê-la, querida.

Um arrepio percorreu sua espinha. Seria possível que ela estivesse gostando de flertar com aquele assassino?

Ela abriu seu sorriso tímido e continuou fazendo perguntas. As respostas dele foram monossilábicas. Eram perguntas cujas respostas ela já conhecia, graças a Ginny. Então Ginny estava dizendo a verdade. Muito bem.

— Jason, isso é tudo muito normal, coisas que eu já sei. Você não pode me dar outra coisa aqui? Algo para chocar meus leitores?

Ele olhou para ela por um minuto.

— Respondi a todas as perguntas. O que exatamente você quer saber?

Ela conteve o nervosismo.

— Primeiro, não consigo acreditar que durante todo esse tempo que você passou com Ginny, não haja um segredo que você tenha guardado para si mesmo. Algo que ela nunca soube. Que não saiba, até hoje. Eu já sei o segredo do nome verdadeiro. Isso obviamente tem que sair. — ela se inclinou provocativamente. — O que mais há?

— Não há nada. Por que eu guardaria um segredo da Kit?

— Hum, porque ela guardou um segredo de você? — aquele era o momento pelo qual ela estava esperando. Ela o estava atraindo o tempo todo para chegar ali. *Meu Deus, eu sou boa nisso!*

Isso levou à mudança nele que ela estava esperando. Ele era um egomaniaco. Não havia como ele tolerar que Ginny escondesse algo dele.

Em uma fração de segundo, a dúvida em seus olhos se foi, substituída por sua arrogância natural.

Ele gesticulou com as mãos, fez sinal para ela dizer. As mãos estavam algemados à mesa, mas ele ainda tinha algum movimento.

— Vamos ouvir, então, senhora repórter. O que é esse suposto segredo que a Kit escondeu de mim?

— Se eu lhe disser, você me dirá algo? Algo que você nunca contou a Ginny. Promete?

— Sim, claro. Vamos ouvir você primeiro.

— Tudo bem. Que tal Ginny ter perdido a virgindade com Grunt?

Ele riu alto.

— Cadela idiota. Eu sabia disso. Fui eu que mandei que ele fizesse aquilo!

— Você não está entendendo, Jason. Ginny perdeu a virgindade com Grunt. Não com aquele cassetete repugnante que você mandou que ele usasse.

Ela sabia que estava errada em contar isso a ele. Mas, como ela rapidamente lembrou a si mesma, prometeu a Ginny que isso não entraria no texto. Mas não prometeu a Ginny que não contaria a Jason.

Leslie sabia que o havia surpreendido. Ela soube instantaneamente que aquela era uma coisa que ele definitivamente nunca descobriu. Bem, dane-se. Idiota. Ela deixou que ele ruminasse aquilo por um minuto.

Com o olhar de alguém que acabara de devorar sua vítima, ela se inclinou para ele e, com o tom de voz mais arrogante, ronronou:

— Então, agora, você me deve...

Mais rápido do que um relâmpago e antes que os guardas pudessem intervir, Grizz usou os dois pés para derrubar a cadeira de Leslie. Essa ação rápida e o fato de ela já estar inclinada em direção a ele fez com que ela caísse de cara para a frente e ao alcance dele. Ele conseguiu agarrar a cabeça dela e esmagar seu rosto no poste de metal que mantinha suas mãos presas à mesa. Ouviu-se o som horrível de dentes quebrando enquanto o sangue jorrava por toda parte.

Os guardas chegaram o mais rápido que puderam. Um arrancou Leslie dali enquanto o outro começava a bater em Grizz com um cassetete. Ele não se encolheu. Apenas riu.

— Seu filho da puta! — ela gritou.

Ela sangrava muito devido aos cortes na testa, no nariz e na boca. Teve dificuldade falar. Ela estava bem ferida, mas não tinha começado a chorar. Estava em choque.

O guarda colocou-a de pé e começou a carregá-la, caminhando em direção à porta.

Quando ela estava saindo, ouviu Grizz gritar:

— Você quer saber de uma coisa? Vou falar. Volte para me ver.

Capítulo Quarenta e Dois

Eu olhei para o Tommy.

— É por isso que ela parecia estar se recuperando de um acidente no dia da execução? Grizz fez aquilo com ela?

— Sim, ele fez.

— Ah, Tommy. Ele soube. Ele soube antes de morrer o que aconteceu entre nós. — Cobri a cabeça com as mãos. — Ele deve ter ficado muito magoado. Deve ter se sentido traído por nós.

— Sim, ele se sentiu assim, Gin. É por isso que ele deu a ela mais uma entrevista por telefone antes de morrer. E disse algo a ela. Algo que ela vai colocar no texto. Algo de que você não sabe. Algo que vai doer.

Antes que eu pudesse perguntar o que era, ele acrescentou:

— Grizz estava arrependido, você sabe. Eu falei com ele depois que ele falou com Leslie. Ele disse que depois que a raiva passou, ele se arrependeu de ter dito a ela. Merda, ele encomendaria uma surra nela para que o texto não fosse publicado. Eu o convenci a não fazer isso. Eu não queria que ela morresse por causa de um segredo revelado. O tempo de matar acabou. Eu espero que você concorde.

— Meu coração dói sabendo que ele morreu se sentindo traído.

— Ele não morreu se sentindo traído. Falei com ele e você o viu acenar para mim. Ele entendeu.

Então algo me passou pela cabeça.

— Ah, não, não me diga que ele contou a ela que Miriam é filha dele. Por favor, não me diga isso.

Eu não achava que seria difícil descobrir se alguém parasse para pensar no período entre a data de nascimento de Miriam e meu casamento com Tommy. Ninguém parecia realmente interessado e, surpreendentemente, nunca me perguntaram. Só não queria que fosse impresso para que Mimi não lesse.

— Não, é...

Eu o interrompi.

— É a história real sobre a primeira vez que ele me viu? Não na garagem de Guido quando eu tinha treze anos, como contamos a todos? Eu tinha apenas seis anos. Você conhece essa história, não conhece? Grizz me disse que ele ficou louco quando Delia e Vince me levaram para Woodstock. Foi quando

ele colocou Guido na casa vizinha à nossa. Isso não é uma grande revelação. Não sei como isso pode prejudicar alguém. — eu estava divagando.

— Sim, conheço essa história. Não é isso.

Tommy respirou fundo e começou a me contar sobre a infância de Grizz. A verdadeira infância de Grizz. Sim, Grizz me contou a verdade sobre sua mãe, mas ele não entrou em detalhes. Não me surpreende. Os detalhes que Tommy estava me passando eram horríveis demais para eu imaginar. Acabou com a morte de seus pais, causada por ele. Seu pai e sua mãe. Isso explicava muito por que ele era do jeito que era. Não vejo como alguém pode ter tido a infância que ele teve e sair ileso.

Interrompi Tommy.

— Bem, é uma história horrível, mas não vejo como isso poderia me machucar.

— Não, Kit, também não é isso — disse Tommy, irritado. — Deixe-me terminar.

Eu fiquei chocada. Tommy nunca levantou a voz para mim, e também fazia quinze anos que não me chamava de Kit.

— Ele só queria que você soubesse de tudo. Do começo. Começou obviamente com a infância, mas não foi isso que ele disse a Leslie.

E então Tommy me contou.

Não apenas o segredo que Grizz disse a Leslie por raiva, mas outro também. Ele estava certo. Aquilo machucou.

Eu queria que fosse a história de Grizz ser o pai biológico de Mimi. Eu queria que fosse a história sobre Grizz me vendo pela primeira vez quando eu tinha apenas seis anos de idade na frente da loja de conveniência. Grizz me contou essa história no dia em que se casou comigo.

Não, foi muito, muito pior.

Como um cervo flagrado por faróis, ouvi em silêncio, atordoada, quando meu marido me contou sobre a traição de Grizz. Segredos que Tommy sabia desde sempre. Segredos que ele escondeu de mim. Segredos que me fizeram sentir meu coração arrancado do peito e exposto em meu colo.

O primeiro não me surpreendeu muito. Envolvia a Delia. Doeu, mas na verdade fazia algum sentido.

Mas do outro segredo eu tinha certeza de que nunca me recuperaria totalmente. Estaria no texto de Leslie.

E eu ficaria parecendo uma idiota.

Pela segunda vez na vida que pude lembrar, falei palavrões.

— Grunt, seu filho da puta. — olhei friamente para ele. — Você não deveria tê-lo impedido de encomendar uma surra em Leslie.

Epílogo

Os dois homens sentaram-se e olharam um para o outro sobre a mesa de madeira, que era simples, mas grande. Estavam em um escritório, embora o dono desse escritório específico, localizado em uma prisão de segurança máxima no norte da Flórida, fosse aparentemente um minimalista. Nenhum objeto adornava a única estante de livros. Nenhum prêmio ou graduação era exibido nas paredes. A escrivaninha contava apenas com o necessário. Um telefone. Um mata-borrão, que também servia como um calendário de mesa. Um recipiente com canetas e lápis. Sem plantas, sem fotos de família.

O único indício de que aquele escritório era usado regularmente estava em uma pequena mesa na altura do joelho encostada na parede. Sobre ela, um jogo de xadrez feito de marfim. As peças eram elaboradas e cheias de detalhes. Estava óbvio que havia um jogo em andamento. A pequena mesa sobre a qual ele ficava era flanqueada por duas cadeiras almofadadas com braços de madeira. Uma luz quente brilhava sobre a mesa e seu conteúdo era iluminado por um candelabro de parede. O pequeno cenário contrastava com o resto da decoração do escritório, a ponto de que alguém poderia querer piscar para ver se era mesmo verdade.

A cadeira atrás da grande mesa, que o maior dos dois homens ocupava, era enorme e confortável. A cadeira da pessoa de frente para a mesa era dura e pouco convidativa, provavelmente de propósito. Se alguém olhasse para aquela cena de um ponto acima, nunca saberia que um dos homens, o homem maior atrás da mesa, seria executado com uma injeção letal em menos de uma semana. Ele não parecia um prisioneiro. Não parecia alguém cuja execução estava agendada. Não estava usando roupas de prisão. Vestia jeans e camiseta. Exalava poder e confiança. Parecia estar em uma posição de autoridade.

— OK, o que você trouxe? — perguntou Grizz.

Blue olhou para ele sem responder. A expressão em seu rosto pegou Grizz desprevenido. Era uma expressão que ele não reconheceu. Blue parecia inquieto, hesitante, talvez. Eles se entreolharam. Nenhum dos dois desviaria o olhar.

Blue disse por fim:

— Você não vai gostar.

— Do que eu não vou gostar? — antes que Blue pudesse responder, ele retrucou: — Sabe de uma coisa? Não importa. Primeiro, as prioridades. Cuidaram de Leslie?

— Ela terá que ser mais convencida, mas cuido disso.

— E a outra coisa?

— Feito. Sem falhas. Assim como você disse.

— OK, agora do que é que eu não vou gostar?

— Eu a encontrei.

— Quem você encontrou?

— Jan. Eu encontrei meus meninos.

Grizz se recostou na cadeira. Ele estava inclinado para a frente, com os cotovelos na mesa. Ele inclinou a cabeça para um lado, pensando.

— Eu sabia que você ainda estava procurando seus meninos. Do que não vou gostar?

— Eu falei com ela. Eu a amedrontei. Ela nunca pensou que seria encontrada. Ela disse que me contaria tudo e me deixaria voltar à vida dos garotos se eu a deixasse em paz. — ele riu nesse momento, principalmente para si mesmo: — Como se ela tivesse uma escolha.

Grizz ergueu uma sobrancelha.

— Contar tudo? O que resta a ser contado?

Blue jogou um envelope enorme sobre a mesa.

— Essas fotos de Jan e dos meninos foram tiradas pelo detetive que eu contratei para encontrá-los.

Grizz abriu o envelope e olhou para as fotos, examinando cada uma rapidamente sem prestar muita atenção. Ele parou quando chegou a uma delas e perguntou sem olhar para a frente:

— Por que há uma foto antiga do Grunt aqui?

Blue não respondeu. Grizz olhou para a frente e perguntou novamente:

— Por que Grunt está nessa foto?

— Não é o Grunt. — a voz de Blue estava fria, mas havia intensidade em seus olhos. — É meu filho mais novo, Kevin. Parece que você não é o único cuja mulher Grunt comeu.

Grizz se recuperou rapidamente da surpresa. Ele se inclinou para a frente de novo, jogou as fotos na mesa e apoiou os cotovelos na mesa. Fez sinal para Blue continuar.

— Jan disse... ela disse que foi Grunt quem orquestrou sua prisão, Grizz.

Pronto. Revelado.

Grizz ficou ali por um momento, tentando entender. Ele acreditava no que Jan havia dito a Blue? Possivelmente. Talvez. Ele já sabia que Grunt o havia manipulado na noite em que tirou a virgindade de Kit. O cassetete tinha sido ideia do Grunt. Sim, analisando as coisas em retrospecto com perfeita clareza, ele entendeu tudo. Ele contraiu o maxilar.

A voz de Blue estava tensa, assustadora.

— Aquele seu irmãozinho de merda foi o inimigo o tempo todo. Não que Jan fosse um anjo. Aquela vagabunda deve ter dormido com ele quando ele era só um menino. O tempo todo a cadela achava que ele era meu irmão mais novo e ainda assim fez isso!

Grizz olhou para Blue e suspirou. Ele se lembrou de como ele insistira, na primeira noite de Grunt no motel, para que Blue fingisse ser seu irmão mais velho. Era uma ordem e Blue assumiu o papel de bom grado. Blue sempre pensou que Grizz era irmão de Grunt. Ele nunca questionou isso.

— Porra, Blue. Tem uma coisa que nunca lhe disse. Eu acho que você acreditou em algo e eu deixei que ficasse assim. Pensei que não tivesse importância, e achei que estivesse protegendo o garoto. Teria saído no texto daquela cadela. Graças a você, não vai, mas você ainda deve saber. — Grizz se preparou. — Grunt não é meu irmão mais novo. — uma pausa. — Ele é meu filho.

Novembro de 1966

O jovem motociclista acabara de entrar no Mindy's Market, no Davie Boulevard. Era uma loja de conveniência de propriedade privada semelhante a um 7-Eleven, mas com uma atmosfera mais acolhedora. O tipo de lugar que não se associaria a uma franquia, mas sim a uma empresa familiar.

Ele acabara de desligar a Harley e abaixar o suporte. Ele estava observando os nós dos dedos da mão direita, que ainda estava no guidão. Seus dedos estavam machucados, e havia grandes pedaços de pele faltando. Havia muito sangue. Depois de alguns segundos, ele pegou o último Lucky Strike do pacote amassado, jogou a embalagem vazia no chão e se perguntou se era cedo demais para tomar uma cerveja. Acendeu o cigarro, que pendia da boca, enquanto examinava a mão novamente. Era possível que ele a tivesse quebrado. Havia acabado de chegar do que acabaria sendo uma longa lista de lutas numerosas demais para contar. Usaria o banheiro da loja de conveniência para se limpar e avaliar melhor o estado de sua mão. Mas primeiro terminaria seu cigarro.

Foi quando ele a viu. Ela havia acabado de entrar pela lateral da loja. Não havia estacionamento ali porque ficava bem ao lado de uma calçada paralela à estrada. Ele não viu nenhum adulto. Ela deve ter ido até lá sozinha. Achou que ela parecia pequena para estar andando sozinha, e ficou tentando imaginar onde ela morava. Ela era uma coisinha fofa. Cabelo comprido castanho preso num rabo de cavalo desleixado. Franja quase cobrindo seus grandes olhos castanhos. Ela usava uma camiseta rosa amassada e um short jeans azul. Seus joelhos estavam ralados, mas não sangrando, e a brancura deles contrastava com as pernas bronzeadas e ossudas.

Ela usava tênis branco com pompons roxos amarrados a eles.

Pouco depois, um menino que parecia um pouco mais velho do que ela entrou correndo na loja. *Ótimo. Ela não estava sozinha. Ela tinha um irmão mais velho.*

Antes que o motoqueiro pudesse refletir por que ele se importaria com isso, o menino falou.

— Ei, Gwinny, sua mãe é uma puta hippie maconheira.

Aquele não era o irmão dela. Era um valentão. O motoqueiro ficou se

perguntando se ele a havia seguido de propósito.

Sem se virar para o garoto, ela disse:

— E vofê, Curtif Armfrong, quando for adolesfente, vai implorar para ela te dar maconha. — A resposta foi dada com uma voz muito calma e uniforme, como se ela tivesse língua presa. O motoqueiro percebeu então que ela não tinha os dois dentes da frente.

Curtis Armstrong não soube o que responder, então apenas acenou para ela, virou-se e correu de volta para o lado da loja. Ela entrou.

O motoqueiro se pegou sorrindo, algo que raramente fazia. *Coisinha corajosa*. Já quase tinha terminado de fumar o cigarro. Ele levantou os óculos escuros e enxugou o rosto com o braço. Estava suado e sujo por causa da briga.

Ele havia acabado de colocar os óculos de volta quando ela apareceu. Caminhou diretamente até ele. Carregava uma sacola marrom. Ele jogou a bituca de cigarro no chão e pisou nela. Ele ainda estava montado na moto e esmagando o que havia sobrado do cigarro com a bota pesada quando ela apareceu ao seu lado.

Ela enfiou a mão no saco marrom e tirou dali uma caixa de ataduras. Entregou a ele e disse:

— Pegue, ifo é para vofê. Fua mão parefe estar bem mafucada.

Ele não soube o que dizer ou fazer, então pegou a caixa da mãozinha dela. Ficou chocado com a observação da menina. Estava olhando para ela quando ela apareceu pela primeira vez e não conseguia se lembrar de ela ter olhado para ele. Como tinha visto sua mão?

Antes que ele pudesse responder, ela se abaixou e pegou o maço de cigarros descartado e amassado que ele havia jogado com tanto descuido. Ela se virou e caminhou em direção ao canto da loja onde tinha aparecido pela primeira vez. Ela jogou a embalagem em uma lata de lixo. Em seguida, parou e olhou para ele.

— Voffê não defia fumar. Vofê poder pegar canfêr de pulmão. — Então, depois de uma breve pausa, acrescentou: — E ninguém gofta de pefoas porcas.

E com isso, ela se foi.

Ele não conseguiu se controlar, sorriu novamente. Ele desceu da moto e deu a volta na esquina da loja de conveniência. Ele a viu andando, o rabo de cavalo balançando a cada passo. Ele não viu nenhum sinal de Curtis Armstrong, então se virou e entrou na loja. Ele caminhou até o balconista no caixa. Ele queria perguntar sobre a menininha, mas não queria que o cara atrás do balcão pensasse que ele era um pervertido.

— Acabei de ver uma criança maior perturbando aquela garotinha que saiu daqui. Parece que ela lidou muito bem com a situação, apesar de ser tão pequena. — ele esperou para ver se o cara diria alguma coisa. Ele disse.

— Sim, é a Gwinny. Ela vem aqui todos os dias, sozinha, para comprar cigarros para a mãe. É um docinho aquela menina. Inteligente também. O menino provavelmente era Curtis, e tenho certeza que ela deu a resposta que ele merecia. Ele está sempre mexendo com ela.

— Espero que ela more aqui perto. — e depois de pensar que aquilo poderia parecer estranho, logo acrescentou: — Se ela tiver que caminhar muito, a chance de ser perturbada é maior.

— Ela mora descendo essa rua — disse ele, apontando para o lado da loja onde Gwinny tinha aparecido pela primeira vez. — Mas não tenho certeza onde é. Você quer alguma coisa?

— Sim, um maço de Lucky.

O funcionário registrou a compra sem notar a mão do motociclista. Pelo menos, se notou não demonstrou. O motoqueiro pagou pelos cigarros e saiu pela porta. Ele jogou os cigarros recém-comprados na lata de lixo. Ele fumava desde os doze anos. Talvez fosse hora de parar.

Ele tinha se esquecido da dor na mão. Subiu na moto e deu partida. Ele contornou a loja do lado para onde Gwinny tinha ido. Olhou para a placa da rua. SW 23rd Avenue. Parou enquanto olhava para a rua e notou que era um belo quarteirão com pequenas casas dos dois lados. Conseguiu vê-la ao longe. Obviamente ela ainda não havia chegado à sua casa nem entrado em nenhuma rua adjacente.

Quando ela virou a esquina e sumiu de vista, ele desceu lentamente até a curva. Dobrou a esquina com cuidado. Ele não queria assustá-la se ela ouvisse a moto e pensasse que estava sendo seguida, e estava. Mas isso não importava. Ela não estava mais lá. Devia ter entrado em uma das casas.

Ele não conhecia muito bem aquele bairro e imaginou que, em vez de se virar, apenas seguiria a rua e veria onde dava.

Infelizmente, ele chegou a um beco sem saída. As casas no final do quarteirão de Gwinny eram mais chiques. Um pouco mais sofisticadas. Ele conseguiu ver através de alguns dos quintais que as casas ficavam na água, daí a razão para o beco sem saída. Ele virou a moto no pequeno beco sem saída e voltou pelo caminho pelo qual chegara.

E então, ele a viu. Ele captou um lampejo de cor à sua direita. Ela estava ao lado de uma casa tentando levantar um regador gigante para molhar

algumas plantas penduradas. Ela fazia um grande esforço por causa do peso. Se ela o notou, não demonstrou.

Ele descobriu que queria observá-la, mas não podia. Não seria certo e poderia assustá-la ou alertar alguém da vizinhança para sua presença.

Ele só ligou a moto quando se afastou da esquina e estava fora da vista de qualquer um que pudesse tê-lo visto passar pela casa de Gwinny. Ele ficou se perguntando se a mãe puta hippie maconheira cuidava dela. Não conseguia entender por que se importava. E então, algo lhe passou pela cabeça.

A menina lhe dar aquelas foi a primeira vez em sua vida em que alguém realmente fez alguma coisa por ele. Nunca, nem mesmo por um momento, alguém havia demonstrado se importar com ele. Ninguém. Aquela pequena boneca tinha sido a primeira.

Ele sabia que o que estava sentindo era um carinho fraterno por ela.

E jurou, ali, ficar de olho na menininha. Ele poderia passar sem que percebessem ao fundo e apenas observá-la. Para ter certeza de que ela estava bem. E foi o que ele fez. Pelos nove anos seguintes.

Ele não tinha como saber então que o cuidado fraternal e a preocupação com uma criança se transformariam em amor. Que ela se tornaria sua obsessão e o único amor verdadeiro de sua vida. Que ela acabaria sendo o motivo de sua morte.

Mesmo se ele soubesse de tudo isso, não teria mudado nada.

Fim.

Agradecimentos

Cresci no sul da Flórida, principalmente em Ft. Lauderdale, e fiz o melhor que pude para me lembrar de como eram as coisas nos anos de 1970. Não sei bem se fui fiel a tudo, mas tentei. Também dei alguns nomes fictícios a alguns lugares reais. A gangue de motoqueiros, especificamente – os nomes deles, o motel, os rituais, tudo – existe apenas na minha imaginação.

Há muitas pessoas para agradecer e reconhecer pela ajuda com este romance. É impossível relacioná-las em ordem de importância porque cada uma dessas pessoas contribuiu de um modo importante. Alguns serviram como leitores beta. Outros deram conselhos, que eu nem sempre segui, mas gostei de receber. Se há erros, eles são totalmente meus. Peço desculpas se, sem querer, deixei alguém de fora.

Meus sinceros agradecimentos vão para as seguintes pessoas:

Jim Flynn, que nunca duvidou da minha capacidade de dar vida a essa história.

Kelli Flynn, que me ligou da cidade de Nova York em um dia muito frio, enquanto caminhava pela First Avenue e me convenceu a escrever o livro que eu sempre quis escrever. Ela sempre me pedia para enviar trechos. Ela foi minha musa para criar Ginny e concordou em posar para a capa. Ela guarda o segredo do meu verdadeiro motivo para querer escrever esta história. Obrigado, primogênita.

Katie Flynn, que passou horas exaustivas pesquisando tudo, desde títulos de músicas populares nos anos de 1970 até mordidas de cascavel e tudo o mais. Ela fez tudo o que pôde, sem reclamar, inclusive administrar nossa casa quando eu precisava apenas... escrever mais um capítulo....

Jessica Brodie, editora extraordinária e amiga querida. Sua orientação e seu incentivo durante todo o processo me mantiveram focada e me deram confiança.

Cheryl Desmidt, que editou um dos meus primeiros rascunhos e fez o melhor para me manter fiel aos anos de 1970.

Mary Dry, uma das minhas primeiras leitoras betas, que ouviu pacientemente e oferecia conselhos quando eu mostrava minhas ideias. Foi Mary quem insistiu que Kit não poderia trair Grizz.

Kelli Blasi, outra das primeiras leitoras beta, ajudou-me a criar a

história de fundo de Matthew Rockman.

Michael Blasi, que me disse: — Jogue duas cobras corais na piscina vazia com Willow e Darryl. Sabe, se você realmente quer que Grizz seja tão podre quanto você diz que ele é.

Christy Waymouth, uma das primeiras leitoras beta, que forneceu um valioso feedback que realmente me fez reescrever alguns aspectos deste romance, para que eles pudessem conduzir facilmente para o segundo livro.

Tommy Cooley, que muito cedo me deu algumas dicas para ajudar com o personagem do Grunt. Para mim foi natural que Grunt recebesse seu nome, em sua homenagem.

Sarah Jo Morgan, que me deu sua imagem e o nome para Sarah Jo. Ela pesquisou nomes populares nos anos de 1960 e me disse que Grizz não podia fumar Marlboro. Tinha que fumar Lucky Strike.

Allison M. Simon, que gentil e pacientemente respondeu às minhas perguntas sem fim sobre autopublicação. Ela me guiou nos passos finais do lançamento deste livro e desde então se tornou uma amiga querida e para sempre.

Lasse L. Matberg e Kelli Flynn, que são meus musos perfeitos para Grizz e Ginny. Eles reorganizaram suas agendas e conseguiram agendar uma sessão de fotos de última hora para que meus leitores pudessem ver esses personagens através dos meus olhos. Eles sempre terão minha mais profunda gratidão.

Sommer Stein, que criou a capa dos meus sonhos. Obrigada por combinar sua visão criativa para esta série com seu incrível talento. Sou muito grata por sua paciência e gentileza durante todo o processo. Obrigada, Sommer.

Ashlee Rumery, cujo conhecimento em maquiagem e cabelo deu a Kelli (Gina) o look perfeito para a capa.

Obrigada também a Pat Blasi, Mary McGrath Connor, Carolyn Franz, Kaye Heller, Jennifer Hewitt, Joanie Kelly, Gail Milne, Susan Paine e Glenna Petryszak.

E por último, mas de jeito nenhum menos importante, meu agradecimento a Susan Anton, que não riu de mim quando lhe contei a real razão pela qual queria escrever este livro. Sua reação me deu coragem para escrever a primeira palavra.

Meus mais sinceros agradecimentos a todo mundo envolvido no processo de tornar o Nove Minutos realidade, e a todos que o leram. Obrigada.

[1] Grunt no literal é grunhido; mas aqui refere-se a esforço.

[2] A autora quer dizer: Nanico Adulto

[3] Retórica (Oratória), figura em que se combinam palavras de sentido oposto que parecem excluir-se mutuamente, mas que no contexto reforçam a expressão.

[4] O **Trans Am** é um automóvel fabricado pela extinta divisão Pontiac da GM. Seu auge foi na década de 1970, quando fez parte do filme *Agarre-me se puderes*.